

REVISTA DA ACADEMIA MATO – GROSSENSE DE LETRAS

ANO 98



**REVISTA DA
ACADEMIA
MATO – GROSSENSE DE LETRAS**

ANO 98

Cuiabá – Mato Grosso
2019

Expediente

Editor

Carlos Gomes de Carvalho

Capa

Moacyr Freitas

bico de pena

Diagramação

Alcides Pessoni

Ilustrações internas

Moacyr Freitas

Revisão

Carlos Gomes de Carvalho

Impressão e acabamento

Editora Kelps

Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon- CEP 74.560-460 — Goiânia — GO — Brasil

Fone: 55 (62) 3211-1616 - Fax: 55 (62) 3211-1075

E-mail: kelps@kelps.com.br / homepage: www.kelps.com.br

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1ª Região)3294

R454

Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. / Academia
Mato-Grossense de Letras – Goiânia: / Kelps, 2019.

342 p.

ISSN: 2447-021X

1. Literatura brasileira 2. Coletânea I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-080

Elaborada pela

Academia Mato-Grossense de Letras

Rua Barão de Melgaço nº 3.869 – Centro

78.005 – 500 Cuiabá MT.

A Academia Mato-Grossense de Letras não se responsabiliza pelas ideias expressas
pelos autores nos textos aqui publicados.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização
prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo
artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2019

Veículo atualizado das ideias

Revistas são o grande veículo das ideias, grande em literatura, em arte, em ciência – com essa citação de José Verissimo os fundadores da Academia encerravam o ciclo do Centro Mattogrossense de Letras, [na grafia da época], e davam início, em janeiro de 1933, a publicação da Revista da Academia Matogrossense de Letras com o anúncio formal de que a “*revista será o vehiculo das nossas idéas. Si estas são ou não grandiosas, o leitor podel-o-à julgar pelos textos dos nossos Estatutos*”. [ano 1 - nº 1 e 2].

E assim, ao longo desses anos todos, a nossa Revista vem, com altos e baixos e nem sempre com a periodicidade necessária, sendo publicada. A duras penas, diga-se. A publicação contínua desta Revista tem se transformado em autêntica façanha bandeirantina.

Quando as universidades eram, neste distante Oeste, apenas um sonho longínquo, eram nestas nossas instituições que se discutiam as questões políticas, históricas, geográficas, educacionais e culturais. Por muito tempo, foi a AML e o Instituto Histórico o ambiente propício e único para o debate intelectual em Mato Grosso. E, neste sentido, foram partícipes de ricos momentos da história cultural, educacional, social e - por que não? - política de nosso Estado. Eram, por assim dizer, as “universidades” da época. Para romper o círculo constricto que circunscreveu Mato Grosso por séculos é que o recém-fundado Centro Mattogrossense de Letras lançou, já em janeiro de 1922, o primeiro número da Revista tendo entre seus intuítos, na enfática afirmação do primeiro editorial, de Mato Grosso não continuar a ser apenas uma “expressão geográfica”.

Previsivelmente, a caminhada não foi nada fácil. Mas, os pioneiros mantiveram viva a chama. Infelizmente, os governantes, com exceções raríssimas e honrosas, não conseguiram aquilatar a importância de instituições como estas nossas. E, se naqueles primórdios a labuta foi árdua, ela se acentuou nos tempos presentes. A instituição cultural mais

antiga do Estado, ao lado do Instituto Histórico, de há muito não recebe qualquer auxílio governamental. Uma antiga dotação orçamentária vinda do governo de D. Aquino Corrêa, fundador e presidente de Honra, e depois reassegurada pela Constituinte de 1947, foi retirada em meados dos anos de 1960. Desde então, ambas as entidades vivem de pires nas mãos não somente para publicar suas revistas e livros, mas igualmente para assegurar a própria sobrevivência física. Vivemos das parcas contribuições dos associados.

Somos hoje testemunhas, certamente mais que em tempos pretéritos, de crucial contradição. É que, ao mesmo tempo em que cresce no conjunto da sociedade o entendimento de que a Cultura e a Educação são elementos fundamentais para a manutenção e o fortalecimento daqueles valores humanos que por séculos tem sido a marca registrada de nossa civilização, constata-se o inaceitável paradoxo de que a Cultura, a Ciência e a Educação venham sendo tão poucos prestigiados pelos poderes públicos. É assustador o quanto o dinheiro público, que ao fim e ao cabo é dinheiro do povo, deixa de ser destinado às obras educacionais e às atividades culturais. A queda nos índices da destinação orçamentária para a ciência, a educação e a cultura é significativa, evidenciando-se notório descaso. Os investimentos nessa área deixaram ter a prioridade que se requer. É triste ver como a cultura e a educação passaram ao longo dos últimos anos a serem vistos como gêneros de segunda categoria. Em Mato Grosso não tem sido diferente do restante do Brasil. Faltam recursos para a ação cultural e educacional e, o pouco existente, é mal direcionado.

Esquecem os governantes o que a História vem demonstrando ao longo do tempo: para um país se tornar influente no cenário das nações não basta se tornar destaque na produção de grãos, na área pastoril ou mineral, não é suficiente apenas o crescimento econômico e não são o bastante as riquezas naturais e o tamanho de seu território. Esquecem-se que a Cultura é instrumento visceralmente decisivo para a composição de uma identidade comum a determinada sociedade. E é essa identidade comum, ainda que multifacetada e diversificada como é nossa Nação, é que estabelece um liame enriquecedor entre o passado e o presente e que mobiliza a memória coletiva para a realização de um futuro harmônico e solidário. Não há, pois, como falar-se em crescimento econômico sem incluir a vigorosa dimensão da Cultura. E é só nesse âmbito que se poderá concretizar aquilo que, hoje tantas vezes erroneamente, denominam de

desenvolvimento. Em outras palavras, o verdadeiro desenvolvimento só se dá quando a Cultura e a Educação alcançam o mais alto patamar no interesse do poder público e da sociedade.

Quando refletimos sobre a queda na qualidade cultural da sociedade podemos, sem constrangimento, concluir que tal se dá como reflexo de crescente desvalorização do labor intelectual, do trabalho do professor e no pouco prestígio dos valores culturais. Quanto é desanimador ver hoje a destinação de dinheiro público para a realização de shows musicais pirotécnicos, cuja importância para a população se liquefaz tão logo terminam. Iniciativas estas que fazem os gestores, em incontáveis vezes, em total detrimento de recursos para a publicação de livros e para a criação e manutenção de bibliotecas. Atitudes que corroboram para a lamentável inexistência de uma política pública para o livro. Ora, não parece que esse desprestígio do conhecimento, da informação e do saber genuínos, venha contribuindo para o tão terrível fato de que as pessoas se assustem mais com a honestidade do que com a fraude e o escamoteamento da verdade?

É nesse lusco fusco, em que em nossos tempos se transformou a vida cultural e social, que a Academia Mato-Grossense de Letras, arrostando todos os obstáculos e dificuldades, com a absoluta falta de apoio dos poderes públicos, vem sobrevivendo. E, apesar de tudo, sobreviverá. Quando pouco se tem, esse pouco se faz muito.

Esta Revista deve continuar a ser, como prognosticaram os nossos maiores, o veículo atualizado dessas inquietações, tanto quanto o repositório da memória da produção acadêmica. Publicar uma revista dedicada às várias faces da cultura é um grande desafio. Sempre o foi em nossa realidade regional. Não que não tenhamos certa tradição nessa espécie de publicação. Com exceção das revistas das duas instituições que se abrigam na Casa Barão de Melgaço que, muito embora de periodicidade incerta, vêm se mantendo ao longo dos anos, tivemos algumas iniciativas que, embora a característica marcante tenha sido a fugacidade, são merecedoras de serem referenciadas. Entre estas, todas de meados do século passado e de iniciativa de particulares, o *Arauto de Juvenília*, de Silva Freire e Wladimir Dias Pino, dois estudantes mato-grossenses residentes no Rio de Janeiro, com existência entre novembro de 1949 e janeiro de 1951; de *Ganga*, de Agenor Ferreira Leão, João Antônio Neto e Rubens de Castro, com o primeiro número em janeiro de 1951; de *Sarã*, de Othoniel Silva, Rubens de Mendonça e W. D. Pino, entre março e agosto de 1951, e de *Japa*,

dos mesmos Silva Freire e Dias Pino, com um único número em setembro de 1953. Nessa diminuta constelação de revistas, e de pequenos jornais que destinavam espaço para a literatura, duas em especial nos chamam a atenção. *Novo Mundo*, criada, dirigida e mantida na pequena cidade de Guiratinga por Raymundo Maranhão Ayres. Com enormes dificuldades financeiras e materiais, por muitos anos esse abnegado e solitário amante das letras fez imprimir um jornal que reunia poetas sul americanos, estadunidenses e europeus, além dos nacionais, e os enviava para correspondentes e associações literárias em mais de cinquenta países. A curiosidade é que, em grande parte, os textos eram publicados na língua original. *Novo Mundo* durou até meados da década de 1950. Outra publicação igualmente notável, tanto pela duração como pela qualidade dos textos, devendo servir inclusive como referência nacional, foi sem dúvida, *A Violeta*. Sob a batuta de uma plêiade de senhoras, reunidas no Grêmio Literário Júlia Lopes, no qual se destacavam Maria de Arruda Müller, Francisca de Figueiredo, Tereza Amélia, Maria Dimpina Lobo e Mariana Póvoas, a revista circulou mensalmente, de forma praticamente ininterrupta, entre 1916 e 1950. Durante essas três décadas e meia, certamente um recorde não apenas regional mas nacional, a publicação se notabilizou não só por ser formada em sua maioria por mulheres, uma circunstância inovadora, quase diria “revolucionária” para a época, mas pelo fato de ter tratado de temas de interesse relevante e não apenas sob o aspecto cultural.

Em um tempo em que (quase) tudo está se tornando virtual, no qual diariamente se ouve o anúncio da “morte” da mídia impressa, publicar uma revista de cultura, ou um livro, torna-se um desafio adicional. Mas essa é a forma que continuará a ser o meio para celebrar a permanência da tradição civilizatória, do pensamento impresso. Apesar dos inúmeros percalços, uma forma multissecular e imorredoura. É por ela que a humanidade manterá a permanente e tensa questão: que obra ficará? Que obra, a ferrugem do tempo, com as revoluções que ainda ocorrerão na comunicação humana, não irá corroer? E lateralmente, para aqueles que pertencem às academias, poderem confrontar o tema subjacente da imortalidade. Ao nos situarmos ontologicamente diante da indagação em que consiste a imortalidade veremos que a resposta possível está na transcendência da memória, ou seja, na capacidade de lembrar, de relembrar, de rememorar. E, a partir daí, num vir a ser contínuo que atravessa as gerações. A palavra escrita tem esse poder transcendente. A literatura, a poesia, a música, a pintura, o teatro, a

linguagem tem esse poder de tipo diferente, especial, mágico, demiúrgico, porque é pura invenção do espírito humano. Desprezá-lo é uma forma sumamente grave de autodestruição.

O espírito coletivo de um povo, o que dá base para a sua prosperidade material, mas igualmente para a perpetuação de sua memória, é a cultura, a literatura. É isso que se chama patrimônio coletivo. As nações são erguidas sobre esse patrimônio. As civilizações, e desde a tradição greco-romana, são mantidas graças à força imanente do pensamento, fruto da cultura sólida.

A RAML não é somente uma exigência estatutária, mas uma imposição natural de nossa instituição como forma de manter viva a sua memória, como meio de preservar o conhecimento e de divulgar a cultura regional. Eis o nosso compromisso solene: o de sermos os arautos de um tempo em que a cultura e a educação, irmãos siameses, se colocarão no mesmo patamar que os interesses econômicos.

Noventa e sete anos depois, continuamos com o mesmo ânimo e na mesma trajetória traçada pelos fundadores, tão explicitamente exposta no Editorial, assinado por CP, do número inaugural da Revista do Centro Matogrossense de Letras, conforme o qual:

Tudo está ainda por ser feito: o elogio dos vultos da nossa galeria cívica, a publicação de inéditos de valor de conterrâneos desaparecidos, o estudo de nosso folclore, tudo ou quase tudo enfim. Maior diligência pois, e estaremos realizando o objetivo que nos traçamos, não obstante quanto fatores possam advir.

Sonhos compartilhados ao longo de quase um século e que, a cada número desta Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, partilhamos com as gerações presentes e futuras da sociedade mato-grossense.

Deste modo é que, ao lançarmos mais um número de nossa revista, celebramos a tradição mais nobre desta Academia de Letras e os seus membros tem a oportunidade de proclamarem o compromisso solene com os valores permanentes da cultura e da inteligência, com a Liberdade e com a Democracia. Talvez nisto consista a imortalidade acadêmica.

Casa Barão de Melgaço, em setembro de 2019.

O Editor.

SUMÁRIO

Editorial	5
-----------	---

PARTE I

Estudo	13
Crônica	123
Ficção	147
Poesia	195

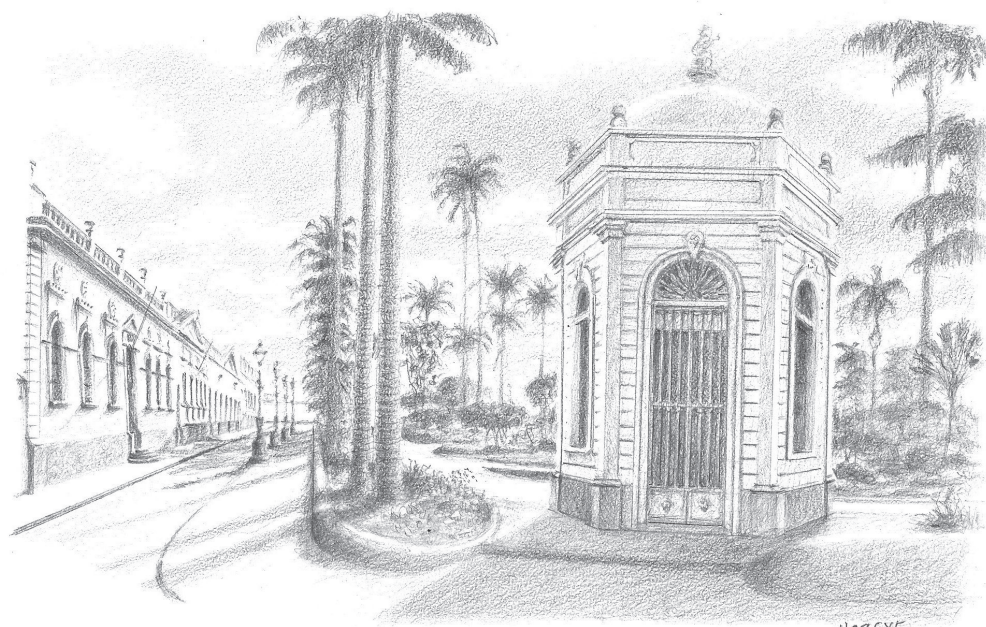
PARTE II

Tribuna Acadêmica	245
-------------------	-----

PARTE III

Colaboraram	295
A Academia	311
Os Patronos	316
As Presidências	319
Os Acadêmicos	320
Agradecimentos	326

ESTUDOS



O GASÔMETRO DO JARDIM ALENCASTRO - 1940

ÍNDICE

José de Mesquita	
- Espírito Matogrossense	17
Virgílio Corrêa Filho	
- Influência de Mato Grosso na Literatura Brasileira	35
Valério de Oliveira Mazzuoli	
- Elementos chave da pianística de Frédéric Chopin	52
Olegário de Barros	
- Nossos poetas à luz da Psicanálise	72
Lenine C. Póvoas	
- Cultura Matogrossense	81
Marta Helena Cocco	
- Uma das faces do contemporâneo na poesia de Lucinda Persona: a sacralização e celebração do espaço-tempo	86
Francisco A. Ferreira Mendes	
- O teatro em Cuiabá	99
João Batista de Almeida	
- Cuiabá, 300 anos. Um revival	102
Isac Póvoas	
- Os tropeiros do sertão	115

Espírito Matogrossense

A quem se proponha a fazer um estudo da história política de Mato Grosso, impressionará desde logo o fenômeno do inato amor à liberdade, associado ao respeito à autoridade constituída, que sempre vincou de forma indelével o espírito das populações do grande Estado oestino. Esses sentimentos manifestam-se como verdadeiras “constantes psíquicas” e afloram a cada passo, de forma golpeante, indissimulável, na evolução nítida e marcada, através dos vários períodos da sua vida.

Desde o alvorecer, sem descontinuidade, mesmo aparente, vemo-los alternarem-se, completando-se, como faces de um mesmo prisma. Aqui é o espírito conservador cristalizando-se em homens símbolos, como Luiz de Albuquerque, no período colonial, Leverger na fase monárquica, Pedro Celestino, na era republicana. Homens que assinalam uma época e espelham a mentalidade de um povo. Ali é o espírito revolucionário, nas reações nativistas do começo Do século XIX, nos Casos Navarro de Abreu, Poupino e Manuel Alves, figuras típicas também, noutro sentido, encarnando o espírito localista na revolta contra o centro, combatendo os elementos alienígenas. E nas lutas que assinalaram o advento da República, e se prolongaram por todo o vintênio quase, de 1890 a 1906, fase ainda não suficientemente analisada à luz da sociologia e da psicologia coletiva.

Tudo isso nos tem persuadido da conveniência de um estudo profundo da alma matogrossense, ou, para melhor dizer, do cuiabano, considerado homem do norte e do centro como sendo, até bem pouco, o único e verdadeiro biótipo matogrossense. Uma escavação bem encaminhada pelas galerias desse subterrâneo, ainda escuro e pouco arejado do espírito matogrossense, fora coisa muito interessante e instrutiva, para elucidação, em globo, do fenômeno social brasileiro. É o que nos acudiu fazer, em ligeiro esboço, nesta série de pequenos ensaios.

Estudos sobre o matogrossense

O que de mais notável se tem feito, nesse sentido, consta dos trabalhos de Virgílio Correia Filho, nos seus valiosos ensaios *De Magessi a Pimenta Bueno* e *A República de Mato Grosso*, vindos a lume nos volumes IX a XII e XXIX a XXXIV da Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, e das efemérides coligidas por Estevão de Mendonça sob o título *Datas matogrossenses*, elemento de paciente compilação, marginado, aqui e ali, de interessantes glosas aos acontecimentos registrados. João Barbosa de Faria nos promete nesse sentido curiosos estudos, dos quais já tivemos ensejo de conhecer tópicos bem expressivos, mas o seu estado de saúde nos tem impedido de ver divulgados os seus ensaios em torno de uma das fases mais características da história política de Mato Grosso, coincidente, no plano geral do país, com os dias tormentosos que vão da abdicação à maioridade.

O dúplice aspecto de seu espírito

Rápida visão panorâmica, num golpe de conjunto, permitir-nos-á, desde logo, frisar que espírito matogrossense se informa sob esse dúplice aspecto — extremado amor à liberdade, por um lado, e, doutra banda, acatamento ao principio natural da autoridade. Temperam-se e fundem-se, admiravelmente, na psique do homem do extremo oeste, essas qualidades oriundas do meio e da época em que se lhe formou a raça, de tal maneira que sabe, como poucos, cultivar a independência, sem excessos demagógicos e respeitar o poder, sem servilismos aviltantes.

Democrata por índole e educação, visceralmente amante das prerrogativas que fazem realçada a personalidade humana, sem detrimento dos direitos imprescindíveis ao bom funcionamento do mecanismo social, o matogrossense — e a sua historia no-lo põe em relevo mais uma vez — é um cultor da liberdade ao mesmo tempo em que cioso do prestígio da autoridade legal. Na esfera de suas relações com o Centro, sempre impregnado do sentimento da unidade nacional, já em 1821 afirmava, na expressiva *Exposição da Junta Governativa*:

o povo de Cuiabá se agitou e se moveu, mas foi somente para recobrar a sua felicidade, (...) e quizer ser livre daquela maneira por que o devesse ser, isto he, tendo uma segurança moral de suas pessoas, uma propriedade

constante de seus bens, *uma liberdade enfim, que não pudesse perder, senão nos casos previstos e determinados pelas Leys.* (o grifo é nosso).

E realizou a sua revolução autonomista, mais de um ano antes da independência Nacional, e

sem se entregar a dissensões internas sempre funestas, conseguiu criar uma nova forma de governo Provincial que lhe trabalhasse eficaz e ativamente em combinar a felicidade de cada hum com a felicidade de todos e a felicidade de todos com a felicidade de cada hum. (Exposição citada).

Reação contra os representantes do poder central

Não deixa, assim, de reagir contra os representantes do poder central, quando postos a serviço dos cerceadores da liberdade pública ou das garantias individuais asseguradas na lei. Além desse movimento de 1821, de extraordinário alcance como tentativa de *self-government* antecipação política do Brasil, são para notados os de 1892 e 1906, em que o matogrossense se colocou contra a corrente, combatendo, no primeiro, a força federal aquartelada em Cuiabá e que amparava a situação dominante e dirigindo-se, no segundo, francamente contra a política de Rodrigues Alves, que prestigiava o governo Antônio Paes. E triunfou, uma e outra vez, a sedição libertadora, esteada nas forças vivas da opinião, e a alta administração do país reconheceu a nova ordem de coisas, consagrada pela lógica irrefragável dos fatos consumados, como pelo sufrágio das simpatias nacionais. Nessas duas curvas fechadas da evolução matogrossense bem flagrante se mostra o sentimento democrático, o arraigado amor à liberdade e à lei, que saturam o espírito brasileiro das terras distantes do Oeste.

Comporta o tema amplíssima explanação e conclusões oportuníssimas para o movimento que vivemos. Não me sobram fazeres, porem, que permitam ir até onde devia e queria chegar. Apenas, em largas pinceladas, deixarei aqui, nesta série de ensaios, a matéria rascunhada por assim dizer. Para desenvolvimento ulterior, se possível. Para pista ou roteiro a outros, mais competentes ou menos sobrecarregados de encargos. Como quer que seja, o que aí fica vale por uma tentativa, um rumo que se esboça, numa boa intenção, meio objetivada ao menos.

A deposição do governo Francisco de Paula

A 20 de Agosto de 1821, o povo cuiabano insurge-se e apeia do poder o governador e capitão - general Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, substituindo-o por uma junta governativa, composta, na maioria, de elementos locais, na qual se viam representados, por figuras de real projeção, “as tropas de 1ª e 2ª linha, o Clero, a Nobreza e o Povo”. Os que, no fraseado desse interessante documento que é a já citada *Exposição*, “*declaração de ser de absoluto interesse comum depor-se do governo o Governador e Capitão-General*” e “*para o substituir efetivamente elegerão nove Deputados, que compozerem huma Junta Governativa Provisória, que na mesma ocasião foi instalada*” são os mesmos que, a 7 de Maio de 1892 e 23 de Junho de 1906, se erguem, de armas na mão, contra o Governo local, sabendo-o apoiado pela força de linha e pelo poder federal, e isso não obstante, conseguem, ao cabo de poucos dias, só com o concurso de tropas irregulares, completa e decisiva vitória. É que, no dissídio entre a autoridade e a lei, entre o poder e a liberdade, triunfam sempre as últimas, em nossa história política, desde que os primeiros, excedendo-se dos naturais limites, se convertem na opressão ou no autoritarismo desbragado.

Fama de truculento e revolucionário

Ganhou, por isso, o matogrossense fama de truculento e revolucionário. Nada mais injusto e errado. É preciso que se evidencie bem ao vivo que, em Mato Grosso, nas poucas vezes em que o principio da autoridade baqueou frente à arrancada revolucionária é porque aquele deixava de ser autoridade para se transformar em máquina compressora, e esta desfraldava a bandeira das justas reivindicações do povo oprimido e violentado. Assim foi em 1821. E assim se reproduziu em 1892 e em 1906. Fora disso, nenhum povo, talvez, se vá encontrar mais respeitador da lei e do Governo legal, o que é uma expletiva, pois para ser Governo há que trilhar os caminhos do direito, sob pena de ser apenas um simulacro de autoridade.

O movimento encabeçado por Generoso Ponce

Esse o “espírito matogrossense”, que desejo deixar bem caracterizado neste rápido esboço, espírito tão ignorado e, que é pior, tão mal compreendido. Esse espírito, sempre alerta na revolta contra a prepotência, faria que aqueles mesmos que conduziam o povo à vitória pelos princípios democráticos, fossem por ele abandonados, quando, por sua vez, se enveredassem pelo declive sinuoso e escorregadio do absolutismo e do capricho pessoal. Caso típico, muito de ser referido, como exemplo, o de Generoso Ponce, que, em 1892, encabeçou a reação popular contra o governo, e, dentro em pouco, viu alhearem-se de si as simpatias antes conquistadas, por se haver demonstrado personalista e pirrônico, em dois lances da vida política do Estado — o chamado “caso dos bondes” e o da candidatura João Félix. Ambos delatam o estrabismo de visão política, por parte de um chefe de partido que havia conseguido relativa popularidade e sacrificou-a aos seus impulsos de mandonismo. Valem referidos — sobretudo o primeiro — esmiuçadamente, por muito expressivos a fazer ressaír qualidades mestras do espírito matogrossense.

A renúncia de Antônio Correa da Costa

Governava o Estado Antônio Correa da Costa, cuja administração, quase a meio, corria sob os melhores auspícios. Homem culto, de ilustre estirpe e merecido prestígio, Antônio Correa pertencia à corrente que venceu a revolução de 1892 — o Partido Republicano. Em poucos meses de governo, introduzira sensíveis melhoramentos no aparelho administrativo, mostrando-se digno continuador de Manuel Murtinho, o primeiro presidente constitucional, a quem Mato Grosso deve as suas melhores leis. Amigo pessoal e correligionário político de Ponce, a cuja causa se integrara, com ardor, sacrificando-lhe até a sua liberdade, preso que fora no Governo Provisório e deportado, Antônio Correa iria, entretanto, inopinadamente sofrer uma agressão ao seu prestígio de governo, oriunda da vaidade caprichosa daquele chefe partidário. Por medida de segurança pública, determinara o governo o recolhimento dos carris de tração animal que faziam, a esse tempo, os transportes urbanos em Cuiabá. Chega a Capital, nesse ínterim, o chefe republicano, que, para alardear poderio, insuflado

por bajuladores que nunca faltam, e sem se preocupar com a situação falsa em que deixava o seu amigo, o chefe do Estado, manda sair o bonde, para conduzi-lo da estação a sua casa. Era um cheque evidente, espetacular, ao prestígio do governador, cuja autoridade dessarte se anulava ante a suprema vontade do chefe político. Demite-se, ato contínuo, o chefe de polícia, Frederico Josetti, o responsável direto pela determinação violada. E Antônio Correa, num gesto que bem lhe indica o temperamento nobre e são, renuncia o Governo, preferindo as incertezas e agruras do ostracismo à desmoralização. Não houve explicações possíveis, conquanto Ponce as procurasse dar ao Presidente, já então reconhecido o seu grande erro, de graves consequências que não medira nem esperava. Nesse dia, começa, na opinião sensata, o eclipse do seu prestígio.

E o Partido Republicano desce, de queda em queda, até a ruína final.

Novo atentado de Ponce à liberdade

Nas eleições presidenciais — depois de longa fase de agitação, em que o governo andou de mão em mão até ir para as dum suplente de vereador, Antônio Leite de Figueiredo — Ponce se revela, novamente, inábil, desastrado mesmo, pretendendo impor, contra o partido, um candidato pessoalmente digno e capaz, mas que trazia a eiva de ser apenas, politicamente, um homem de confiança do chefe republicano. Era, mais uma vez, ir de encontro ao “espírito matogrossense”, que ele afrontara, no caso Correa, em seu respeito à autoridade legal e, agora, no seu amor visceral à liberdade. E o chefe partidário que possuía inegáveis qualidades diretivas, mas a quem a fatuidade e o capricho mal inspiraram nesses dois incidentes, vê, da noite para o dia, desmoronar-se o seu prestígio, coma dissidência aberta no seio da facção que lhe obedecia ao mando.

Ascende ao poder o Partido Constitucional, para, sete anos após, cair, por sua vez, diante da ofensiva revolucionária de 1906, em consequência das tropelias aos direitos e agressões à vida e propriedade dos adversários. E assim tem sido sempre, toda a vez que os dirigentes tentaram contrapor-se pela violência ou pela fraude, às correntes dominadoras da opinião injulgável e poderosa do povo matogrossense.

Escravos da lei

Valeria, não fosse alongar, sem vantagens maiores, este *sfumato* político, focalizar aqui a incontestada legitimidade desses movimentos de opinião, que vão do levante vitorioso de Agosto de 1821, passando pela Rusga, ou revolução nativista de 1834 e ultimando-se com a revolução de 1916, contra o General Caetano de Albuquerque, na qual o povo, na sua maioria, ficou ao lado desse Presidente, que havia rompido com seu Partido por pretender enfreá-lo a conveniências e injunções que lhe viriam nulificar de todo a autonomia governativa. As exemplificações são abundantes e qual a qual mais expressiva, das mais antigas às mais recentes, quase de atualidade. Não há mister, porém, eis que o que aí fica basta a comprovar de sobejo a nossa assertiva inicial — o matogrossense é respeitador da lei, da autoridade constituída, ordeiro e pacato, como poucos, mas tremendo, irreprimível no reagir, até pelas armas, contra o sacrifício das suas liberdades públicas e garantias individuais.

Realiza por esta forma, no seu sentido profundo da ordem e no seu culto ardente da liberdade, esse tipo ideal da humanidade, constituído de indivíduos que se não escravizam senão ao império da lei. Bem lhe assenta aquele incisivo dístico — erigido em lema político dessoutro povo de gloriosas tradições, nobre, pacífico, mas sempre cioso de suas prerrogativas — o mineiro: *sub lege, et libertas*. A liberdade, sob o reinado da lei. Esse de fato, é o único regime que se harmoniza com o sentimento alto e nobre da dignidade humana.

Precoce manifestação autonomista e democrática

Bem claro vai, á luz de tais premissas, que o matogrossense, disciplinado como poucos, — e aí estão para comprovar à justa os fenômenos Antônio João e Batista das Neves — não compreende, nem se adapta a ideologias que começam por suprimir a noção da personalidade, erigindo em norma de vida a estatolatria — o poder onipotente e incontestável de um homem ou de um Partido. Repugnar-lhe-á ao paladar delicado como à sensibilidade moral e à estrutura jurídica, tanto o bolchevismo russo como o racismo alemão, marcados, ambos, posto, na aparência, contrários, pelo mesmo signo de violenta abolição da liberdade e pela supressão do primado

espiritual. Fugindo aos extremos, o “espírito matogrossense” só entende a vida no seio da harmonia serena e equilibrada que se encontra no plano da coordenação entre a liberdade e o poder, naquele vértice político em que se tocam e se fundem o sentido perfeito da ordem e a consciência cristã da liberdade — contidas apenas na lei. Fora disso, o que fica para lá das fronteiras é a anarquia, a servidão e a desgraça. A anarquia, oriunda da hipertrofia liberal, que descamba facilmente nos horrores demagógicos, tipo Terror francês de 93. Servidão, filha da hipertrofia autoritarista, produzindo esses regimes anti-humanos, que são a abolição da hierarquia dos valores morais e a anulação de todos os direitos, a começar pelo de pensar. Num e noutro caso — desgraça individual, angústia coletiva. Com isso é que jamais se compatibilizaria o “espírito matogrossense” — formado na escola saudável e arejada da democracia, que, só ele, bem entendida e executada, pode ser o instrumento da salvação dos povos. Lembremo-nos, na hora incerta que vive o mundo, que, há mais de um século, o “espírito matogrossense”, na sua primeira e precoce manifestação autonomista e democrática, já propugnava por uma feliz combinação sócio política — a que casa a “felicidade de cada um com a felicidade de todos” e a “felicidade de todos com a felicidade de cada um”.

II

O exame continuado e metódico dos fatos que, na sua sequência cronológica, constituem a história política do povo matogrossense, nos induz a crer — e nos fortifica nessa crença — que o homem da grande Interlândia é, como já foi explanado, amigo da lei e da liberdade, cultor da autoridade e ciumento da sua independência. Informa-se-lhe destarte a psique dentro dessas linhas mestras, em curiosa estruturação que, talvez, poucos, dentre os demais compatriotas, ostentarão em traços assim nítidos e claramente definidos. Episódios inúmeros, dos quais já referimos alguns bastante expressivos, ponteiavam-lhe a vida coletiva, demonstrativos do acerto. Longe fôramos, por sem duvida, se nos propuséssemos a dar, em larga escala, uma exemplificação ampla e completa do que vai exposto. A evolução social e política do matogrossense oferece, ora discretamente, ora em lances espetaculares, aqui em lento labor subterrâneo, ali de golpe, essa constante, persistente e invariável, que se pode a rigor chamar, no

sentido científico, uma lei. Se não vejamos: Constitui-se o mato-grossense primitivo de uma leva de aventureiros que a sede do ouro e da preá do escravo silvícola atirava ao sertão bruto, sem temor dos perigos de toda a sorte, numa verdadeira escola de sofrimento e heroísmos anônimos. O fenômeno bandeirante atingiu sua fase épica, de maior intensidade emocional, quando, transpondo o Rio Grande — de nome bem expressivo — se embrenhou pela selva através do meandro dos rios e das *varações*, rumo à Canaã distante, que se ocultava, misteriosamente, no mais profundo recesso das florestas. Era, assim, como um verdadeiro devassamento de um mundo novo, e esse contato do sertanista com a natureza virgem que, na sua arrancada, ia violar, tinha o encanto e o simbolismo dumas núpcias selvagens, em que o prazer meio bárbaro da conquista se casava à doçura quase mística de uma deliciosa aventura sentimental. Acasalavam-se homem e terra, numa simbiose admirável, em que esta se entregava no abandono de si mesma, ofertando ao preador os tesouros da sua garridice e da sua riqueza, e aquele, por sua vez, se rendia, em sua interessante rusticidade, aos enlços sem par da natureza impoluída e dadivosa.

Cuiabá é bem, na grande epopeia do século de setecentos, essa “bela adormecida” do bosque despertada, numa álaire manhã de Abril, ao eco dos passos rudes dos bandeirantes, que como Pascoal Moreira á frente vinham, nessa estupenda e primeira *Marcha para o Oeste*, chamá-la à vida, à civilização e ao progresso. Desse conúbio do bandeirante forte e másculo do século I, do homem das monções, com a raça meiga e vencida dos silvícolas e, ao depois, com a passividade nostálgica dos afros importados — surgiria esse tipo matogrossense, em que floresce, como a mais doce essência dos trópicos, o complexo estranho de aventura e de serenidade, oscilando entre o amor inato da liberdade e o desejo incontido de paz e de ordem, que faz o fundo psíquico e a base mental do espírito matogrossense.

Lutas sem tréguas desde os tempos coloniais

Isso desde os duros tempos coloniais, em que a luta fera se abria sem tréguas, contra o selvagem, contra o espanhol da fronteira e contra os próprios elementos hostis do meio e, ainda, os que tinham de adversar nos que vinham de fora, como eles. Ciclo magnífico de pugnas aguerridas, em que bravamente se enrijou, no duro cadinho do sofrimento, o caráter

do sertanejo oestino, foi esse em que, combatendo contra os paiaguás e os castelhanos, se viam ainda obrigados a abrir luta incessante contra as circunstancias do meio, as calamidades gerais oriundas da miséria, das secas, das pragas, quando não das extorsões do físico, das concussões dos funcionários e dos vigários da vara, formando, em conjunto, aquele quadro tétrico e desolante de que nos dão conta as crônicas primevas. Caldeou-se nessa têmpera o espírito matogrossense. Não poderia, pois, deixar de ser o que é, rijo e forte, conquanto lhe não transpareça em bravatas e gauchadas o aço inamolgável do caráter, que, ao contrario, sabe ocultar, prudente ou sagaz, sob essa máscara de displicente tolerância e que, aos que não o conhecem, pode, muitas vezes, deixar uma impressão não condizente com a realidade.

Duas componenciais dignas de relevo

Nograndedrama,querepresentaaformaçãodoespíritomatogrossense, a sua adaptação ao meio cósmico e ao ambiente sócio político, que em torno dele se criava, nós vamos encontrar desde logo duas componenciais dignas de relevo — o seu amor à terra que denominaremos *o nativismo*, e, como expressão antitética marcante, a sua natural desconfiança — quando não hostilidade indisfarçada pelos elementos alienígenas — *o bairrismo*. Fácil de explicar o primeiro fenômeno, pela profunda erradicação que o próprio isolamento opera, fundindo, em perfeita conjunção, a alma e o ambiente, homem e paisagem, é bem de ver que esse profundo amor à gleba natal deve manifestar-se ainda mais vivo nas raças, como a matogrossense, em que a falta ou escassez de aproximação com outras zonas vai plasmando como que uma fisionomia psíquica peculiar, e muito diferente das outras. Dá-se uma impregnação muito forte da terra — e quando digo terra, abranjo costumes, paisagens, modos de vida, alimentação, tudo o que forma o *habitat* do sertanejo — sobre sua mentalidade, um intenso e recíproco atuar do meio físico, com seus matizes e variante, sobre o espírito, e vice-versa. O matogrossense é destarte influenciado, como pouca gente, por aquilo que os franceses com tanta expressão chamam *l'âme du terroir* e que exerce um vinco tanto maior sobre o homem quanto menos diluído ao sabor das impressões estranhas e influencias exógenas. O interlandês, como talvez poucos brasileiros, “nascido e criado” no seu sertão — essa expressão é muito para notada — não lhe ocorre jamais possa mudar de ambiente,

sem uma grande luta de adaptação, à qual muitas vezes, sobretudo depois de certa idade já madura, não se resigna. Daí o seu nativismo às vezes exagerado, que projeta um jorro forte de luz sobre tantos capítulos pouco estudados e mal compreendidos da nossa história.

A prevenção contra o filho de fora

A par do nativismo, há que frisar, como decorrência dele ou o reverso mesmo da medalha, a prevenção acentuada — que só agora em parte vai diminuindo — contra o *filho de fora*, a *gente de baixo*, o *pau-rodado* ou o *gringo*, denominação esta reservada aos estrangeiros, enquanto as primeiras compreendiam, indistintamente, quaisquer elementos que não fossem do lugar. Carece de justificada essa aversão, pelo menos desconfiança.

O matogrossense foi sempre, nas curvas de sua evolução racial ou política, vítima de elementos estranhos, que, por sua audácia ou por falta absoluta de escrúpulos, dominaram o tablado, tirando proveito à custa da boa fé ou pouca malícia dos nativos. Assim foi no início, na fase dura do povoamento, em que vemos os representantes do fisco e até do clero, insaciáveis nas suas ambições, tripudiarem sobre a gente simples e laboriosa das minas. Assim na “Rusga”, obra, de um lado, da cobiça e prepotência dos bicudos, que garroteavam os naturais e só eles se enriqueciam, graças às facilidades da época. A terrível deflagração de 34 teve sua gênese no movimento de 21, provocado pela imoralíssima administração de Magessi, que, sem pudor, e com a conivência da própria esposa, se revelou um concussionário ávido e sequioso apenas de se enriquecer a custa da Fazenda e dos infelizes jurisdicionados. Depois de Rodrigo César, um século atrás, o matogrossense — ou, para melhor dizer, o cuiabano — via, de novo, na insensibilidade moral e na ganância fria do último Governador-Geral, um doloroso traço a marcar para sempre, como ferrete ignominioso, os delegados da Coroa portuguesa. E reagiu, na altura da sua dignidade ofendida pelo deslante dos que apenas visavam “se encher”, mesmo que a sua opulência lhes viesse a troco da penúria e do vexame do povo. O movimento de 21 de Agosto enobrece e eleva o espírito matogrossense. Legítimo golpe da opinião pública, orientado com habilidade, foi, como já tive ocasião de frisar, a primeira tentativa coroada de êxito de *selfgovernment*, no Brasil. Antecedeu de quase um ano a emancipação política do país,

a libertação de Mato Grosso das garras aduncas de Magessi, *pau-rodado* graduado e investido de uma delegação da Metrópole e a que, entretanto, o cuiabano cioso de suas prerrogativas de liberdade, mostrou, em momento de feliz inspiração, o caminho do feio — que é, no fraseado significativo do povo, *aquele por onde veio*.

Excessos condenáveis na “Rusga”

Na “Rusga”, movimento nativista, que se legitima perfeitamente à luz da época de reação, que foi a que se seguiu ao grito do Ipiranga e à abdicação — houve infelizmente, excessos condenáveis e verdadeiras atrocidades inexcusadas. Mas — e ainda aqui se acoberta o espírito matogrossense — o que se operou de mais grave e censurável nesse movimento se deve à ação impensada da plebe, movida por elementos estranhos, que, na sua inconsciência ou malignidade, insuflavam os instintos baixos da tropa e do povilêu, para tirar partido do seu desajaimo e dos seus destinos. À obra nefasta de Patrício Manso e de frei Nascentes — figuras que se projetam em negro no fundo dos acontecimentos de 34 — se juntou a ação dos célebres “periquitos” — soldados vindos de fora e que mais se destacaram na caça inclemente aos infelizes portugueses e na rapina dos seus haveres. E, assim, se formos acompanhando de ciclo em ciclo, através do tempo, a nossa evolução política, notaremos sempre em roda do poder, nos momentos agudos de crise partidária, a existência de elementos estranhos, nem sempre bem intencionados, antes, no mais das vezes, visando apenas tirar partido da situação, e que representam os corvejadores do patrimônio matogrossense — no seu duplo sentido econômico e moral. É muito lembrado, ainda, pelos contemporâneos o grupo chamado dos “alagoanos” pela predominância dos filhos desse Estado do Norte, que cercavam o infortunado Presidente Paes de Barros, e que, em boa parte, lhe causaram a ruída lamentável, desviando dele, desde logo, as simpatias do povo, antes acostumado a ver no cabecilha de 99 um homem probo, laborioso e digno de melhor sorte do que a que lhe reservou a política madrasta daqueles tempos. Esses fatos todos, em sequência impressionante, além de outros isolados, de juízes prevaricantes e venais e indivíduos aventureiros e escroques mascarados de homens de negócios que pontilham de páginas

escuras a nossa História, criaram, num sentimento natural de legítima defesa, a prevenção contra o *pau-rodado* ¹.

Justa, portanto, na sua origem, conquanto se não se possa negar o contributo eficiente e benéfico de muitos elementos estranhos para o nosso progresso, a surda idiossincrasia do cuiabano contra os chamados *filhos de fora*, vai presentemente desaparecendo, e já se esboça uma salutar reação contra esse misoneísmo exagerado dantanho. Ainda assim, fruto como já disse do nosso isolamento, do reduzido contato com o resto do mundo — só agora atenuado, posto ainda não resolvido — subsiste ele em parte, sobretudo no Norte — Cuiabá, Poconé, Cáceres etc. — dados os lastimáveis fatos que tem contribuído para manter, no fundo, a natural desconfiança da nossa gente contra elementos inescrupulosos e maus que por vezes surgem, turbando, com seu proceder, a plácida vida, regular e serena, do meio provinciano.

III

Fenômeno curioso, digno de relevo, é que jamais o caudilhismo tenha conseguido implantar-se e medrar por muito tempo em terras de Mato Grosso. As nossas próprias revoluções são disso uma prova flagrante. Elas representam, estudadas à luz da crítica histórica, como verdadeiras “reações” de um organismo forte e rígido, contra a invasão de bacilos deletérios. Assim foram todas elas, as revoluções matogrossenses, começando pelas de 1892, 1899, 1906 e 1916. Não aludo, claro, senão às que, tendo a sua gênese e etiologia dentro da própria política de Mato Grosso, foram movimentos de cunho acentuadamente local. Ficam de parte essas de caráter geral, com repercussão no Estado — a Rusga de 1834 e as revoluções de 1924 e 1932.

Rebelião vencedora

Nesses movimentos todos (exceção do de 1916) triunfou sempre a rebeldia, baqueando diante da insurreição o chamado princípio da autoridade. É que, naqueles casos, esse princípio claudicava, falecendo

¹ Curiosa, ainda que velha, esta expressão, que se não se explica bem ante a consideração de que o elemento estranho vinha de baixo, e não poderia assim ser um pau rodado, e sim pau subido.

àqueles que o encarnavam, no momento, esse halo de prestígio moral que informa a verdadeira autoridade, acima das contingências precárias ou efêmeras do poder ocasional. Tanto ao cúpido Magessi, como às situações apeadas em 1899 e 1906, faltava autoridade, essa autoridade que decorre da lei, igual para todos, da equanimidade, de outros elementos enfim que, articulados, fortalecem e dão prestígio ao poder. É preciso que se sinta no Estado a coordenação dos direitos individuais e no governo a lidima delegação — não importa muito o processo — da vontade do povo.

Não há autoridade fora da lei. Os violentos — em geral ou fracos ou dementados — não conseguem impor-se por muito tempo, e se permanecem nas posições de mando, encontram apenas essa tolerância que decorre das conveniências e da bajulação, filha bastarda do servilismo e da mentira. Logo, porém, que se lhes acelera a queda espetacular, são, no mais das vezes, aqueles mesmos que, junto deles, lhes conheciam as mazelas os primeiros a atirar pedras a esses deuses de fancaria.

Onde o caudilhismo não se aclima

O espírito de caudilhismo, repito, não conseguiu jamais se aclimar em Mato Grosso. João Poupino Caldas, que era bem um caudilho, na mais precisa acepção, cuja vida aventureira e cheia de lances impressivos deixei esboçada, quando foi do centenário da Rusga, tombou varado por uma bala de prata, em lôbrega travessa, permanecendo o mais denso mistério em torno desse crime. Manoel Alves Ribeiro, também por mim estudado, que pretendeu seguir nas pisadas do seu rival e antecessor, teve a carreira cortada em pleno fastígio. O segundo reinado não propiciou, entre nós, a eclosão desses tipos de aventureiros políticos. Os chefes eram homens morigerados, do estofo moral de um Barão de Diamantino ou de um Aguapeí, que se revezavam na “gangorra partidária”, conservadora ou liberal, movida na corte pelos dedos de sua majestade o Imperador. Veio a República, e os pruridos de mal entendida autonomia criaram logo, no Estado, em que se convertera a Província, o habitat favorável ao surgimento de caudilhos.

Fatos expressivos

O povo matogrossense, porem, não tolerou jamais explosões de mandonismo, nem conspirações de direitos, viessem donde viessem. Já vimos que Ponce, homem a que se não podem recusar qualidades de *condottieri*, sacrificou o seu prestígio, em lance impensado, que comprometeu o seu próprio Partido. O caso dos bondes — que é como toda a gente o conhece — deu-se a 25 de janeiro de 1898. Um ano após, a 16 de abril de 1899, o Partido Republicano se liquidava, capitulando com aceitar a anulação das eleições de 1º de março. Pelas mesmas forças caudinas passara, em 1892, o governo que havia usurpado o poder das mãos de Manoel Murtinho, e passaria, em 1906, o Presidente Antônio Paes de Barros, homem como Ponce, de cultura abaixo da mediana, mas dotado de invulgares qualidades, a quem a sede do mando e o autoritarismo excessivo se incumbiram de prematuramente anular.

Diagrama da política matogrossense

Enquanto em outros Estados, como Rio Grande do Sul, Ceará, Alagoas, se perpetuaram no poder determinados chefes ou oligarquias, em Mato Grosso a situação política mais sólida não resistia a sete anos, sucedendo-se as “viradas” partidárias com a completa substituição de elementos. Assim é que temos, neste ligeiro esquema as transições por que passou a política do grande Estado central, nos quarenta anos da primeira República:

- 1) Predomínio do Partido Nacional 1890 - 1892
- 2) Revolução de 1892 (7/05) - Predomínio do Partido Republicano 1892 - 1899
- 3) Revolução de 1899 (10/04) - Predomínio do Partido Constitucional 1899 - 1906
- 4) Revolução de 1906 (23/06 a 2/07) - Predomínio do Partido da Coligação 1906 - 1912
- 5) Predomínio do Partido Conservador 1912 - 1916
- 6) Revolução de 1916 – Predomínio do Partido Republicano Matogrossense 1916 - 1917
- 7) Governo do bispo D. Aquino, resultante do acordo de Conservadores e perrengues (PRMG) 1918 - 1922
- 8) Rompimento dos Conservadores - 1921

- 9) Fusão dos Partidos Conservador e Matogrossense 1921 - 1926
- 10) Predomínio do Partido Democrata 1926 - 1930
- 11) Vitória da Revolução de 24 de outubro 1930.

Isso para não mencionar as “dissidências” e “alianças” tão frequentes na política de Mato Grosso, como demonstrações de descontentamento pessoal deste ou daquele chefe, que saía do bloco partidário dominante e organizava uma facção à parte, quando não se unia à oposição.

Vitória do espírito matogrossense

O eixo político-partidário do Estado estava no Rio de Janeiro. Primeiro, os Murtinhos. Azeredo depois. Era lá que se decidia quase sempre, nos concílios dos cardeais da política, sobre as coisas do Estado. O grupo A se unia ao grupo B e dava por terra com o grupo C. Temos assim: Murtinhos e Ponce *versus* Nacionais — Revolução de 1822. Murtinhos e Constitucionais *versus* Ponce — Revolução de 1906. Azeredo e Costa Marques *versus* Pedro Celestino — questão da Mate, 1912. Pedro Celestino, apoiado em Caetano de Albuquerque, contra Azeredo — 1916. Azeredo e Pedro Celestino, com exclusão de Costa Marques — fusão de 1921. Um jogo interessante, verdadeiro *puzzle* político. As peças se articulam ora aqui, ora ali, mas o que é fato, e deveras notável, é que acima de pessoas e partidos, saía sempre, dessas fases tumultuosas, vitorioso o “espírito matogrossense”, amigo intransigente da ordem, da liberdade e do direito. E todos os que se lhe procuravam antepor eram inexoravelmente, mais dias, menos dias, sacrificados.

Novas demonstrações da tese

Quando se escrever — em me dando Deus tempo e disposição, é possível que ainda o faça — a história do caudilhismo em Mato Grosso, ver-se-á que essa planta, em que vai encontrar-se o chamado totalitarismo de hoje, não logrou deitar raízes profundas, nem frondejar largamente no clima político do grande Estado do Oeste. A nossa gente sempre recebeu com prevenção esses precursores dos *führe's de hoje*. E recorria, muitas vezes, ao princípio do *similia cum similibus*, indo buscar um caudilho para liquidar outro, que se antolhava mais perigoso. Valeu-se destarte o “espírito

matogrossense” de Poupino contra Patrício Manso, de Alves Ribeiro contra Poupino, de Antônio Paes contra Ponce e deste contra aquele, quando se tornou excessivamente autoritário. Os ânimos serenos, equilibrados, a guisa de Leverger, no regime imperial, e Pedro Celestino, na República, foram sempre os que mais se coadunaram com a índole do povo oestino. Voltaram ao poder, nele permaneceram largo tempo. Leverger governou a Província cinco vezes. E era apolítico, conquanto se lhe inculque ser simpatizante com o credo conservador. Pedro Celestino duas vezes galgou a suprema direção, em períodos longos de administração operosa e reconstrutiva.

“O caso Antônio Paes”

Antônio Paes é um exemplo flagrante. Homem de valor, como proclamou Virgílio Correia Filho, sofreu como muitos outros o influxo poderoso do meio em que se lhe formara a psique — a usina de açúcar, que, no Rio-Abaixo revivia por essa época o anacronismo do regime feudal. Industrial adiantado, filho do fundador da primeira usina e fundador do Itaici, estabelecimento que é o melhor índice de sua operosidade e capacidade de direção, naufragou lamentavelmente na política, em que outros entraram sem nada e saíram argentários, e ele, tendo ingressado rico e poderoso, perdeu haveres, prestígio e até a vida. É que resvalou pelo plano inclinado da violência, recorrendo, para se manter no poder, até à eliminação dos adversários, instigado, como sói acontecer, por falsos amigos, interessados em conservá-lo à testa do governo, não porque lhe fossem dedicados, mas pelas vantagens que daí auferiam. A sua mentalidade favorecia o fácil manejo da adulação, que avilta menos o bajulado, quase sempre uma vítima, e, nesse jogo ridículo, em que só os que se colocam fora e em plano superior veem o lado tragicômico da vaidade atuada pela velhacaria dos que a exploram, o senhor de engenho foi cognominado até “estadista”, qualificativo malbaratado por todas as penas mercenárias de todos os tempos ...

Tremendo talião fez sucumbir de forma brutal e inesperada, num *caapão* solitário do *Coxipó d'ouro*, aquela vida que ainda poderia ser tão útil aos seus e ao próprio Estado, de cujos méritos ímpares aí está, ainda hoje, documento de pedra a desafiar a ação dos anos, com a sua formidável chaminé dominadora e ereta, a grande usina que ele fundara no último quartel do século passado.

“O caso Mário Correa”

É de nossos dias o caso Mário Correa, típico para confirmação da tese desenvolvida nesta série de artigos. História contemporânea, sempre delicada e perigosa, mas, por isso que dos nossos dias, mais segura, com testemunhas à mão e fácil de contestar. Mário Correa, de ilustre estirpe, coração dotado de invulgares atributos, médico de alto merecimento, fundador do Centro Matogrossense do Rio, veio para a presidência do Estado em 1926, trazido pelo consenso unânime dos seus conterrâneos. A sua administração, impelida por vigoroso desejo de fazer progredir a terra natal, foi entretanto, desde logo, alvo de forte oposição dos mesmos que o indicaram e elegeram. Seguindo conselhos de fementidos amigos, que lhe exploravam o ânimo crédulo e arrebatado, deixou que, à sombra do seu nome e da responsabilidade do seu poder, se praticassem absurdos e violências inomináveis, que fizeram eclipsar a sua estrela e diminuir a enorme aura de popularidade que cercava o seu governo. Foi sempre assim. E será.

O “espírito matogrossense” reage sempre, contra a violência e a brutalidade. É infenso ao autoritarismo, ao poder que se não ampare na lei e na razão. Aplaudiva todo gesto nobre de independência e de altivez. A astúcia ou a solérica ainda consegue *tapeá-lo*. Mas a força e a arrogância causam-lhe imediata reação. Quando não lhe é possível o esforço ou a represália no momento, aguarda, calmo, com a filosofia do caboclo (“não há como um dia depois do outro ... não há mal que sempre dure”), a hora redentora da “virada”. Enquanto isso ... faz ironia. Apelida os “heróis de papelão”, os “manipansos”, e seteia-os com os epigramas de *Zé Capilé* e outros, satíricos e espontâneos. E quando os bonzos são projetados do seu pedestal de gloriola efêmera, reduzidos às suas proporções exatas, o matogrossense costume justificá-los com o seu desprezo implacável e frio, que não poupa os caudilhetes caricatos; de *mescla* ou de casaca de seda.

=====

In: Revista Cultura Política. [Revista Mensal de Estudos Brasileiros]. RJ. DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda [1941 – 1945]. Publicado nos anos I - 1941 [núm. 9, 10 nov., pg. 55-61]. II - 1942 [núm. 13, mar., pg. 60-64] III – 1943 [núm. 28, jun., pg. 89 – 93].

Influência de Mato Grosso na Literatura Brasileira

A pretensão do título, acaso excessiva, quando considerado em sua ampla significação, esbate-se, de pronto, com a atenuante justificativa da sua escolha.

Não se lhe apontará o influxo das letras regionais na evolução do pensamento brasileiro, presunção que transbordaria os limites da tolerância, mas simplesmente o reflexo literário dos céus e cenários de Mato Grosso, onde medrou o mais genuíno rebento dos povoados bandeirantes setecentistas.

Quando eles penetraram no território opulento, que abrasou, com o fascínio do ouro cuiabano, as ambições aventureiras, já o descreviam, enlevados, os escritores castelhanos, que lobrigaram em uma das ilhas do Paraguai matogrossense, emergindo na formosa Lagoa dos Xarayés, o maravilhoso Eldorado, onde cabiam todos os sonhos de riquezas deslumbrantes.

A fantasia, liberta de restrições, deformava a realidade para melhor estimular o entusiasmo dos conquistadores, cujas miragens se traduziam em lendas estonteantes, propagadas até São Vicente.

Empolgados, embora, pelo que lhes prometiam as narrativas maravilhosas, os mamelucos de Piratininga evidenciariam, na arrancada épica, através do planalto maracajuano, o mesmo pendor objetivista, que lhes permitia varar os sertões impervios como se estivessem palmilhando os rincões da sua querência.

Observadores argutos, sabiam adivinhar os segredos da Natureza bruta, de que tomavam os recursos que lhes pudessem valer, ao mesmo tempo em que lhe evitavam as hostilidades.

A conquista dos domínios assenhoreados pelos coxiponés e cuiabás e ulterior povoamento, estimulado pela exploração do cascalho aurífero

de suas lavras, excitaria a mente dos contemporâneos que soubessem manifestar por escrito as suas impressões e conceitos.

Ainda na primeira década, é o Capitão João Antônio Cabral Camello que desabafa as suas decepções nas *Notícias practicas das minas do Cuiabá e Goyaz* endereçadas ao Padre Diogo Soares. Aventureiro, que sacava contra o futuro, na compra de escravos a crédito, para indenização com o resultado das minas, não encontrou em Cuiabá o metal que o levava a empreender a travessia perigosa, através dos pantanais infestados de payaguás temíveis. Desiludido, gravam-se-lhe na retentiva, de preferência, os aspectos mais sombrios, que lhe sugerem comentários desanimadores. Regressou, como quem não mais queria tentar a fortuna varia nos garimpos, ao contrário de Barboza de Sá, arguto licenciado, que deitou raízes na vila sertaneja, onde sucumbiria a 30 de maio de 1779, menos de um ano depois de ter ultimado a sua pormenorizada *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios thé os presentes tempos*. É o iniciador da historiografia cuiabana, cujo ensaio mereceu as honras de ser adotado como a verdadeira narrativa dos sucessos contemporâneos.

Quando a Provisão Régia de 20 de julho de 1782 ordenou aos camaristas registrassem nos “*Annaes do Senado*” os fatos mais notáveis da localidade, bastou-lhes transladar para as páginas oficiais, rubricadas pelas autoridades, o manuscrito de Barboza de Sá, em que se espalhava o dramático viver daquela gente espicaçada pela cobiça do enriquecimento repentino. É o depoimento pontual de quem assistiu às lutas com os indígenas, implacáveis na vingança contra o invasor de seus domínios, e padeceu, como os demais, as consequências da fome, doenças, e irrefreável prepotência de governantes desabusados. Narrava singelamente, de tal maneira, porém, que os sabedores lhe acatariam as afirmativas, a começar de Toledo de Lara, a mais alta autoridade judicial, que endossou, com a própria assinatura, a transcrição, valorizada com as suas anotações marginais. A sua crônica além de oficializada, no limiar do livro, que deveria ano por ano, receber os acrescentamentos de futuros vereadores, ainda naturalmente andaria em mãos dos estudiosos, que lhe multiplicaram as cópias, uma das quais veio a volume nos Anais da Biblioteca Nacional. Desde então, indispensável se tornou a sua consulta a quem pretendesse conhecer as peripécias do povoamento de Cuiabá, e, portanto, de Mato Grosso. Assim, Capistrano de Abreu, autoridade insigne, especialmente

na história do período colonial, refere pormenores, que lhe denunciam a leitura meticulosa de Barboza de Sá.

Outros lhe seguiram o exemplo, embora nem sempre declarassem a fonte informativa, que se franqueou, ao uso dos doutos.

Ao continuador da crônica barbozeana, Joaquim da Costa Siqueira, diverso, ambiente se deparou, mais equilibrado em sua economia e trato social, que permitiria a quinzena festiva de agosto de 90 em homenagem ao Ouvidor benquisto.

Cavalcadas e contradanças, de que participaram galãs “vestidos à maruja”, alternaram-se com representações de comédias, óperas e tragédias em que o elemento feminino, tradicionalmente mantido na reclusão do lar, era substituído por figurantes masculinos. Aspásia na Syria – Irene – Saloio cidadão – Zenóbia no Oriente – D^a. Ignez de Castro – Amor e Obrigação – Zaira – O Tutor Enamorado – Ésio em Roma, entre várias peças teatrais, evidenciaram a vocação artística dos admiradores do magistrado, transfigurados em lances trágicos ou cômicos. E também a convivência de individualidades inclinadas ao cultivo das letras, que em breve prazo logravam improvisar apreciável espetáculo de amadores, gabado por Lara, depois que, transferido para São Paulo, já não necessitava dissimular as verdadeiras impressões causadas pelos seus jurisdicionados da ouvidoria matogrossense. Exaltou, a propósito, a “*habilidade dos filhos de Cuiabá, o gosto com que se empenham e a eficácia dos seus ensaiadores*”.

A vila sertaneja diligenciava compensar o primado administrativo, em que fora preterida pela finalidade política de Vila Bela, por maior dedicação aos problemas culturais, que lhe constituiria a mais interessante característica em qualquer época. Escassa, embora, de meios, à distância dos centros civilizados, jamais deixaria de cuidar da sua elevação intelectual que maravilhariam mais de um visitante ilustre.

Um destes, bretão de nascimento, companheiro de Barroso nas lutas platinas, tanto se enamorou de Cuiabá, aonde o levaram os seus afazeres de oficial da marinha imperial, que por lá se aprazia ancorar, chumbado ao seu destino, antes que a barreira, oposta pelo seu nome à invasão triunfante, lhe galardoasse a abnegação de sexagenário brioso com honras de Barão de Melgaço. Na época, ninguém o igualou em devotamento a Província adotiva, a que serviu com a pena e a espada. Contemporâneo de Victor Hugo seguiu-lhe, de longe, a trajetória maravilhosa, bem como a de Lamartine, cujas obras lhe deleitavam as horas de leitura naquele desterro

voluntário, em que se creditou à benemerência, não já de Mato Grosso, como do Brasil inteiro. Se não compôs nenhum poema, na prosa majestosa do seu conterrâneo Chateaubriand, deslumbrado diante dos panoramas americanos que se lhe deparassem soube transmitir as suas observações em monografias, que se tornaram fundamentais para o conhecimento da terra matogrossense. Quem não as tenha manuseado, não poderá avaliar a contribuição científica de Leverger, feito hidrógrafo abalizado e historiador, para corrigir a descrição do território imenso que palmilharia em grande extensão. Tanto fizera, e com tamanho senso de precisão, que despertaria a admiração do mais notável dos seus biógrafos, nada menos que o Visconde de Taunay, que lhe começou a descrever os feitos, em dramáticas circunstâncias.

Era ainda simplesmente Alfredo de Escragnolle Taunay, sem brasão, além do paterno, e tenente do corpo de engenheiros, quando, em Coxim, entra no conhecimento das decisões de Leverger, que, Presidente da Província, diligenciava, a todo seu poder, minorar os sofrimentos dos desventurados expedicionários da coluna Camisão. Percebeu-lhe a fama, de sabedor minucioso dos fastos regionais, que também haviam de seduzir o jovem militar, predestinado a ser o mais vibrátil cronista dos sucessos que tinham por inigualável palco as paragens encantadoras onde não lhe minguariam motivos de angustioso enfado. Simultaneamente solicitado por impressões antagônicas, do bucolismo envolvente, que lhe acariciava a apurada sensibilidade, às contingências brutais da guerra desencadeada insensatamente pelo vaidoso enamorado de Madame Linch, Taunay, pujante de mocidade, não atravessaria impunemente aquela quadra de experiência da vida.

Entre a contemplação das paisagens empolgantes, animadas pela gente simples que ali vivia, e a luta contra a água inundante, contra o fogo ateadado pelo inimigo e os aguerridos cavalarianos lopesinos, alternavam-se-lhe os dias, que seriam de sofrimento e de glória. Tanto se lhe impregnara a imaginação criadora do que via e sentia naquele ambiente sugestivo que, ao regressar, trazia delineadas no subconsciente as duas obras primas, que lhe granteariam repentina fama de escritor exímio.

Se, em verdade, *A Retirada da Laguna*, pela sua feição dominante de época militar, que narra as peripécias de uma arrancada imprudente, salva do aniquilamento completo, pelo heroísmo de lutadores destemerosos, escassa margem abriria ao contemplativo, para expandir as suas impressões,

a *Inocência* que se lhe seguiu, a breve trecho, permitia-lhe desforrar-se á larga das constrições que por ventura lhe impusesse à pena o assunto do poema bélico. Na rusticidade amena daqueles rincões que o narrador se compraz em fotografar, sem lhes tirar os tons reais, desenrola-se o idílio campesino, que a Natureza tece com a força dos seus impulsos.

Em qualquer parte, ao escritor poderia, sem dúvida, deparar-se análogo ensejo de patentear sua vocação literária, mal sufocada pela farda, que lhe restringia de certa maneira a liberdade de ação. Mato Grosso, entretanto com o poder sugestivo dos seus cenários singulares, diferentes de tudo quanto vira até então, avivou-lhe a fantasia, acaso ainda contida pelos regulamentos militares, com tamanha intensidade que o fez conquistar, de golpe, surpreendente nomeada. Associaram-se indissolivelmente, desde o primeiro lance, o talento descritivo de Taunay, hábil no manejar a sua palheta opulenta de tons, e a natureza matogrossense, que jamais deixaria de atuar-lhe na mente criadora. E por isso, a glória do Visconde de Taunay, Mato Grosso inclui em seu patrimônio intelectual, por força do quinhão que lhe cabe.

Só a *Retirada da Laguna*, dificilmente realizável em outro meio, com iguais episódios, e *Inocência*, caracteristicamente matogrossense, pelo cenário e pelas personagens e enredo, bastam para justificar a glorificação do autor. Esquecer essas duas obras primas, cada qual no seu gênero, e toda bagagem restante, apesar de numerosa, não alcançará a mesma valia. E interessante é que toda ela, com raras exceções, ainda reflete impressões gravadas em Mato Grosso. Em *Visões do Sertão*, *Mato Grosso Invadido*, *Cidade do Ouro e das Ruínas*, *Viagens de Outrora*, *Entre os nossos Índios*, predomina a mesma fonte inspiradora, que transbordaria até para escritos desenvolvidos em outras paragens. Ainda quando, enlevado, debuxa *Céus e Terras do Brasil* é quase exclusivamente Mato Grosso que lhe fornece os melhores quadros. Aí encontrareis o instantâneo de uma tempestade sertaneja, que vale a pena relembrar, em cotejo com a contribuição de outros ensaístas.

Descamba o sol: são as horas da tarde. Armada a trovoadas, não tarda que desabe. Às vezes, quando menos se espera, sem causa aparente, some-se, dissipa-se; outras vezes vem de súbito, precedida apenas de gotas de chuva, destacadas e grossas que, ainda sol fora, caem pesadas e largas, batem com força no chão ressequido, nele abrem manchas salientes e negras e, de envolta com tênue poeira, levantam um cheiro particular, ora perfumado

como se fora de olorosas pétalas, era desagradável e acre de ervas selváticas e terras ásperas.

Cerra-se depois o céu; ofusca-se a atmosfera, impregnando-se de vapores azulados que cambiam para o vermelho; zune sibilante o vento; amiúdam se os roncões do trovão cada vez mais próximo; fuzila a cada instante; relampejam coriscos; serpeiam os raios em deslumbrantes ziguezagues, ígneos como ferro em brasa, abalando os ares com o estrépito de enormes pilhas de porcelanas finas que se desmoronem por escadas abaixo, e despejam-se violentos aguaceiros com intervalos em que, não raro reaparece a luz solar, dourando os bojudos contornos das nuvens, e acordando em seu sombrio recesso um mundo das mais extraordinárias e fantásticas cintilações. [pg. 51].

Árvores, batidas pelas refregas, arfam, curvando-se e vibram; mas, ao mesmo tempo, sugam do chão estilante, com o renascimento da vida, a força de resistência Limpa-se, daí a nada, o firmamento de um ponto a outro, carregado em anil.

De todos os lados fogem nuvenzinhas flocosas com mil delicados matizes, que o sol a capricho lhes vai imprimindo; rumoreja aragem branda, sutil, amena, verdadeiro hálito de primavera: esplende a vegetação com renovado viço e vem se desdobrando a flébil tarde dos sertões. [pg. 55].

O mesmo aspecto dramático das convulsões meteorológicas nos sertões matogrossenses incitaria a pena de João Severiano da Fonseca, de heroica estirpe militar. Não será individualidade assaz lembrada pelas suas boas letras, como sem dúvida merecia, pelas provas que deixou dos seus pendores literários. Ainda quando somente houvesse elaborado a *Viagem ao Redor do Brasil*, sobejar-lhe-iam credenciais para ingressar na galeria dos escritores bem conceituados. Médico erudito participou dos trabalhos da Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia, mercê da qual percorreu extensos rincões estremenhos, dilatados do Paraguai ao Guaporé, ao som de cujas águas rodou em busca do Madeira, do Amazonas, e afinal, do Atlântico, para completar o circuito imenso que lhe daria assunto para o livro magnífico. Em suas páginas, tudo se espelha – a medicina, pelas referências a endemias, a botânica de suas preferências, a história e etnografias, a poesia, na composição consagrada à memória dos irmãos, que baquearam na guerra, e principalmente a corografia de Mato Grosso, que lhe toma a porção maior do volumoso livro. Atento ao que lhe tocasse a compleição vibrátil, que se maravilhava diante dos quadros naturais verdadeiramente arrebatadores, não deixaria de registrar o que se lhe afigurava manifestação habitual das forças cósmicas.

A aproximação das tempestades é de ordinário pressentida. A temperatura se eleva, ar parece fogo: não sopra a menor aragem. A natureza como que se abate, extática e assustada.

Os animais perdem o ânimo, murcham as orelhas, abatem caudas; se selvagens, embrenham-se nas florestas, se anfíbios precipitam-se nas águas, os domésticos aproximam-se do homem como que confiados na proteção dele.

Nem as grimpas das árvores baloiçam; as matas, numa quietude medonha, parecem sólidos inteiriços.

As aves achegam-se aos ninhos, suspendem os voos, e se escondem; algumas, como as gaivotas, enchem os ares de suas vozes assustadas e quase que lamentosas, prenunciando a tormenta: mas logo se calam.

O ambiente cada vez se achumba mais, e a respiração se torna mais difícil. Há uma espécie de dureza em tudo o que nos cerca; um torpor gradativo; um silêncio especial, só quebrado pelo rumor das correntezas que aumentam de estrépito e fazem ainda maior a ansiedade do homem.

Entretanto, nem uma nuvem no céu; -- somente o sol havia amortecido seus raios, ocultos sob em véu espesso e achumbado.

Daí a pouco denso nimbus surgia do horizonte, elevando-se de Sul ou Sudoeste, fazendo-se já ouvir o longínquo e surdo reboar do trovão. Em breve, cintilam os relâmpagos, amiúda-se o trovão, já com estridor medonho.

O ambiente modifica-se extraordinariamente e a temperatura decresce com rapidez. Sopra uma brisa, de ordinário do quadrante austral, que em breve se converte em violento tufão. Um grosso pinga de água, outro e outros, isolados, caem a grandes espaços no chão. São as avançadas de um aguaceiro diluvial que traz, por atiradores, um chuveiro de granizos e açoita a natureza por alguns minutos.

Meia hora depois, o sol resplende fulgurante. O céu está límpido e sereno; a brisa murmura suave; as árvores curvam-se levemente ao sopro fagueiro; a natureza sorri; os pássaros sacodem das asas as gotas de água que tiveram força de embeber-lhe as plumas, e cantam; os animais mostram-se contentes, e o homem sente-se reanimado e feliz.

Tudo respira com mais vida, somente a guardam por algum tempo o sinal do cataclismo a relva abatida dos campos, as folhas despidas e os galhos lascados das árvores da floresta e as correntes que, mais túmidas e tumultuosas, vão, contudo, pouco a pouco perdendo a sua soberbia e entrando de novo nos limites que a natureza lhes demarcou. Poucas horas depois só saberia do acontecido quem o houvesse presenciado. [pg. 199].

Tanto o engenheiro militar e paisagista admirável, como o cirurgião imperial e geógrafo acatado, contribuíram para excitar com o seu entusiasmo contagioso, a admiração de quem estrearia na literatura

com o trágico poema *Os Sertões*, graças ao qual empolgou, de súbito, a supremacia no gênero. Nada observaria pessoalmente, a oeste das raias paulistas, ao contrário dos seus predecessores, que presenciaram mais de uma vez os fenômenos descritos. Mas dotado de possante imaginação, que se ajustava às maravilhas à firme cultura científica, Euclides da Cunha, ao definir as peculiaridades regionais, que diferenciam o território brasileiro, generalizou os quadros desenhados por João Severiano, nos quais lobrigou a exata característica do ambiente matogrossense, sintetizada em página imortal.

Com efeito, a natureza em Mato Grosso balanceia os exageros de Buckle. É excepcional e nitidamente destacada.

Nenhuma se lhe assemelha. Toda a imponência selvagem, toda a exuberância inconceptível, aliadas à brutalidade máxima dos elementos, que o proeminente pensador, em precipitada generalização, ideou no Brasil, ali estão francas, rompentes em cenários portentosos. Contemplando-as, mesmo através da frieza das observações de naturalistas pouco versados a efeitos descritivos, vê-se que aquele regime climatológico anômalo é o mais fundo traço da nossa variabilidade mesológica. Nenhum se lhe equipara, no jogo das antíteses.

A sua feição aparente é a de benignidade extrema: - a terra afeiçoada à vida; a natureza fecunda alteada na apoteose triunfal dos dias deslumbrantes e calmos e o solo abrolhado em vegetação fantástica – farto, irrigado de rios que irradiam pelos quatro pontos cardeais. Mas esta placidez opulenta esconde, paradoxalmente, germes de cataclismo, que, irrompendo, sempre com um ritmo inquebrável no estio, rodeado dos mesmos prenúncios infalíveis, ali tombam com a finalidade irresistível de uma lei. Mal poderemos traçá-los. Esbocemo - los.

Depois de soprarem por alguns dias as rajadas quentes e úmidas do Nordeste, os ares imobilizam-se por algum tempo, estagnados. Então a natureza como se abate estática, assustada. (J. Severiano).

Mas, volvendo o olhar para os céus nem uma nuvem! O firmamento límpido arqueia-se alumiado por um sol obscurecido de eclipse. A pressão, entretanto, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida.

Por momentos, um acúmulo compacto, de bordas acobreadas - escuras, negreja no horizonte, ao sul. Desde ponto sopra, logo depois uma viração, cuja velocidade cresce rápida em lufadas fortes. A temperatura cai em minutos e momentos depois, os tufões sacodem violentamente a terra.

Fulguram relâmpagos; estrugem trovoadas nos céus, já de todo nublados e um aguaceiro torrencial desce logo sobre aquelas vastas superfícies, apagando, numa inundação única, o divortium aquarum indeciso que as

atravessa, adunando as nascentes dos rios e embaralhando-lhes os leitos em alagados indefinidos. É um assalto subitâneo.

O cataclismo irrompe, arrebatado na espiral vibrante de um ciclone. Descolmam-se as casas; dobram-se, rangendo, e partem-se, estalando, os carandás seculares; molham-se os morros; alagam-se os plainos E uma hora depois o sol irradia triunfante no céu puríssimo!

A passada irrequieta descanta pelas frondes gotejantes; sulcam os ares virações suaves – e o homem deixando os refúgios a que se acolhera, contempla os estragos entre a revivescência universal da vida.

Os troncos e galhos das árvores rachadas pelos raios, lascadas pelos ventos; as choupanas destruídas, colmos por terra; as últimas ondas barrentas dos ribeirões transbordantes; a erva acamada pelos campos, como se sobre eles passassem búfalos às manadas mal relembram a investida fulminante do flagelo. (Euclides da Cunha – Os Sertões).

Tanto fascínio exerce a prosa épica de Euclides da Cunha que a gente não se anima a contestar-lhe os conceitos luminosos, de que se causa a generalização descabida. O mesmo exagero, que se lhe deparou em Buckle, apressado em generalizar, repete-se lhe no quadro magistralmente colorido, que é pena, pela sua pomposa pintura, não constituir de fato, a feição individualizadora do clima de Mato Grosso, imenso demais para comportar uma única distribuição de componentes meteorológicos.

Não é, todavia, o momento de restringir o alcance da tese euclidiana, mas de lembrar a contribuição de Mato Grosso para o seu livro admirável, ao qual proporcionou assuntos para algumas páginas formosíssimas. Além da descrição dos cataclismos, inspirada pela leitura de João Severiano e ampliada pela sua imaginação trágica, o “estouro da boiada”, tão impressionantemente descrito, não teria por ventura, diversa origem. Contam os seus amigos que não lhe fora ainda possível observar nenhuma destas explosões de medo em meio de tranquilos bovinos arrebanhados pelos vaqueiros. Mas ouvira a narrativa de pessoas conhecedoras do episódio perturbador da marcha cadenciada de centenas de reses, e milhares, não raro que se deixam conduzir ordeiramente, até que de improviso, deflagra o pânico e soçobra a disciplina, na confusão fatal, em que perecem animais, pisoteados pelos mais espertos, que louvadamente forcejam por fugir do perigo imaginário ou real. Os boiadeiros que transitam entre Mato Grosso, Minas e São Paulo, incumbiram-se de espalhar pelos centros urbanos mais próximos ao litoral as lendas e episódios em que se espelhava a própria vida sertaneja, com as suas alegrias e pesares. E também os seus sócios de

aventuras, os tropeiros, cuja atividade sagaz assegurou o intercâmbio entre os portos atlânticos e as extremas ocidentais. Uns dirigiam a mercadoria viva que se transportava a si própria enquanto os outros atestavam os seus cargueiros do volume, em que iam artigos de toda espécie. Mas todos encarnavam o espírito aventureiro do sertanista, que se impregnava das particularidades matogrossenses, para propagá-las ao ouvinte curioso.

Assim foi que Afonso Arinos, elevado pelo que de contínuo lhe narravam, em Paracatu, aos enfeixar em *Pelo Sertão*, as suas histórias e paisagens reservou o primeiro lugar ao “Assombramento”, formosa evocação da vida do tropeiro, com que abre o volume encantador. Evitada pelos viajantes, que lhe temiam a fama assustadora, a tapera outrora imponente em sua vasta construção esboroava-se aos pedaços.

“*Arrieiro atrevido*”, o cuiabano Manoel Alves “*não estava por essas abusões e quiz tirar a cisma da casa mal assombrada. Tinha corrido todo este mundão sem topar coisa alguma em dias de sua vida, que lhe fizesse o coração bater apressadamente, de medo.*”

Em desafio às fúrias do ermo, escolheu para pouso o próprio sítio condenado pela voz popular. Ordenou que no velho salão de entrada, já esquecido de passos humanos, lhe armassem a “*rede cuiabana bem tecida, bem rematada por longas franjas pendentes*”. (Se Arinos tivesse conhecido Cuiabá em vez de franja diria varanda, mais acorde com a terminologia local, designadora do complemento decorativo das redes, em cuja confecção as tecelãs anônimas, realizavam, não raro, impressionantes obras de arte). Mas o admirável escritor mineiro não conheceu de perto a gente d’além Paraná, a quem n faltaria, entretanto, a sua simpatia, de amistosa generosidade para com os patrícios sertanejos.

Diversamente ocorreu com o seu conterrâneo, tmbm amante de viagens, que frequentes vezes o levariam dos mais cultos centros europeus ao recesso das florestas araguaianas. Era, em verdade, José Vieira Couto de Magalhães, digno mulo de Arinos na destreza com que sabia harmonizar as duas tendências antagônicas da sua personalidade. Tanto se movia galhardamente em qualquer salão de requintada etiqueta, como se nivelava, no trato, com o mais rude caipira, cuja estima n tardava a empolgar. Arinos, porém, confinou-se no jornalismo e nas boas letras por meio dos quais ingressou na imortalidade.

Couto de Magalhães, mais aventureiro e curioso, iniciou-se na literatura para atuar em seguida e com desembaraço na alta administração

provincial, na militância, donde lhe resultaram as honras de brigadeiro, e nas ciências cooperadoras da geografia.

Lembre-se, a propósito, de que os seus estudos de etnografia, de que foi um dos pioneiros do Brasil, com *O Selvagem*, obra que aflorou com a marca de perenidade, só foram elaborados depois de sua estada em Mato Grosso, onde se revelou a audácia das suas concepções.

Em meio de injunções belicosas, que transmontavam dos domínios lopesinos, no quinquênio trágico, decidiu nada menos que transportar um navio a vapor do rio Cuiabá ao Araguaia. Para o administrador andejo, que tanto se comprazia nas reuniões de seletos clube londrino como em devassar as paragens remotas, onde se lhe deparasse, ainda hostil ao contato da civilização, o índio bravio, não havia obstáculo que lhe não estimulasse a vaidade de superá-lo. Tomar uma embarcação utilizada no tráfego fluvial da rede paraguaia desmontá-la quanto possível, e transportar-lhe as peças componentes para cem léguas de sertões vigiados pelo índio intratável, afigurou-se-lhe perfeitamente exequível em Cuiabá, onde não lhe faltaram colaboradores para a empresa ousada que tamanha glória outorgara a Garibaldi, quando conduziu, por dez léguas, em carretas, os seus lanchões de guerra, Rio Pardo e Seival, da Lagoa dos Patos para o Tramandabí, através do arenoso albardão litorâneo. Mas ali, não era somente o percurso horizontal que se dilatava em proporções desanimadoras, engravecidas pelo perfil do terreno desconhecido. Entre as águas do Piquiri, alcançadas pelo casco do navio rebocado, e as do Araguaia, intercalam-se as elevações do maciço central brasileiro, nivelado em chapadão sem fim, ora encrespado de morrarias pertubadoras da marcha, ou fendido em vales variamente amplos.

O mesmo arrojo, que o impeliu a concretizar a sua estonteante obsessão industrial, levá-lo-ia a empreender eficaz plano de campanha contra o invasor, ideado igualmente em Cuiabá, como, ainda mais tarde, a aplicar o seu talento de improvisação ao estudo da etnografia brasileira, revelado na obra que lhe consolidou a reputação de escritor, cujos méritos Aureliano Leite não há muito relembrou em formosa conferência, da série em boa hora promovida pelo Ministério da Educação.

Empreendedor de rija têmpera, tanto em assuntos materiais, como em cogitações de ordem científica, somente seria o seu esforço ultrapassado pelo General Rondon, cuiabano do Mimoso, que, ao internar-se pelos sertões patrícios, de sextante em punho, para se cartear com as

estrelas, obteve o concurso de naturalistas de nomeada, cuja vista perspicaz devassou íntimos segredos da natureza matogrossense. Daí resultaram monografias de fino quilate que auxiliam a decifração dos problemas brasileiros, referentes à terra, e à sua flora e fauna.

Acostumado a investigar os fenômenos da biologia, elaborou então, Roquete Pinto, a Rondônia, que lhe satisfaria as aspirações científicas. A vocação do escritor, porém, que a sua profissão não sufocou, inspirar-lhe-ia *Samambaia*, obra constituída quase toda de motivos regionais.

O rio Sipotuba morreu no Alto Paraguai em Mato Grosso, depois de um curso acidentado e bonito.

Assim abre o conto denominado *A Canoa*, em que prossegue:

Não é muito largo, mas cavou um leito fundo nas terras baixas de vale e corre apressado, na maior parte do seu trajeto, apertando-se nos sulcos que traçou na diábase dos primeiros andaimes da serra dos Parecis. Nenhum rio as adorna de matas mais viçosas. E como é quase sem praias, quase oculto pelo arvoredor, parece um imenso igapé numa clareira das florestas.

[pg. 52].

A história do caboclo Genésio, sugere-lhe a *Mata Devoradora*, entremeada de reflexões a propósito:

Olhe, neste mundo as coisas todas vão passando como as folhinhas que o rio carrega. De vez em quando uma enalhada no barranco, parece que vai ficar ali mesmo. A água, logo depois, às vezes no dia seguinte, ou quando muito na primeira chuva, mexe com a folha ... e ela vai seguindo de novo – tudo, na vida, é como folhas que caem no rio.

[pg. 114].

Ultrapassaria os limites desta palestra qualquer referência às inspirações de que se embeberam doutos viajantes, em suas excursões rápidas, ou mais demoradas, através de Mato Grosso.

De um, Karl Von den Steinen, sabe-se, porque assim referem os anais mais afamados da ciência especializada, que lá colheu elementos, com que fundamentou a sua doutrina etnográfica.

A outro botânico da fria Suécia, Carl Axes Magnus Lindman, o sol cuiabano abrasou-lhe a simpatia amistosa de tal maneira, que jamais se esqueceria da terra promissora, lembrada em sua correspondência, redigida em francês, e nas cartas de uma das filhas do casal constituído

mais tarde em Estocolmo, e a quem mandou ensinar o idioma camoneano para melhormente escrever aos padrinhos cuiabanos, a palavra que lhe é peculiar: saudade.

Facilmente se alongaria o rol por dezenas de nomes conspícuos, mais ou menos arrevesados, se não minguasse o tempo, que a simples enumeração dos seus trabalhos reclamaria.

A terra matogrossense, que tão fortemente se impregnou na retentiva de forasteiros emotivos, não deixaria de inspirar aos seus próprios filhos o amor às letras, por meio dos quais a glorificassem, evidenciando logo progressivamente, à medida que a instrução lhes proporcionasse os meios adequados à expressão.

Assim, na era colonial, não obstante minguada de estabelecimentos de ensino, avulta entre os seus parceiros o Padre José Manoel de Siqueira, que, filho de sertanista, transpõe o Atlântico, em busca de ilustração, e, de regresso traz credenciais que o habilitavam a ser professor de filosofia, e escritor, além de naturalista, sócio da Academia Real de Ciências de Lisboa, a que enviou as suas memórias acompanhadas de aquarelas desenhadas a primor.

Quando sucumbe na Província, em que se transfigurara a Capitania, com a Independência, já seria maior o número de tonsurados de apreciável cultura, entre os quais sobressaía o padre Alves de Arruda, gabado pelos contemporâneos, como depõe Hercules Florence, que atesta em outra passagem, ao descrever Cuiabá e sua gente: *“conheci um padre de cor parda, muito eloquente no púlpito e na conversação; outro quase negro era um desses raros talentos modestos, cuja ambição única é instruir-se.”*

Por essa época, honrava-se o clero de contar em seu meio o padre José da Silva Guimarães, Comissário da Bulla, que o representaria, emparceirado com o vigário geral, e o bispo D. Luiz, na junta Governativa Provisória, que sucedeu ao último Capitão General, deposto do governo. Desde então, não se afasta duradouramente do tablado público, apesar das agitações contemporâneas. Elevado à Presidência da Província, patentearia a sua orientação em dois conceitos acordes com as ideias românticas do tempo. Ao pleitear a verba para organizar a tipografia oficial, afirma: *“A imprensa é, nos países constitucionais, favorável aos homens de bem e funesta aos maus; é o terror dos tiranos e a salvaguarda dos oprimidos”*. E em assunto correlato, quando patrocina o projeto da fundação de uma Escola Normal em Cuiabá: *“A educação é uma verdadeira natureza: ela obriga o homem a*

deixar as inclinações perversas, e prepara desde a infância o cidadão que deve um dia servir a sua pátria.” A atividade política não o privou de elaborar memórias que lhe dariam ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como autor do ensaio a respeito dos Apiacás, por ele enviado àquela sociedade de cultura.

Provou José Mesquita, baseado em documentos descobertos por Barbosa de Faria, que o estudo interessante dos índios dos Arinos, em vez do nome do cônego, deveria trazer o de seu irmão, Capitão-Mor João José Guimarães e Silva, que o compôs por ordem de Magessi, derradeiro Capitão General de Mato Grosso. Descontado, embora esse título, ainda sobejarão provas intelectuais, que justifique a admissão de Silva Guimarães, no sodalício dos sabedores da história brasileira e ciências correlatas, onde teria por colega, além do bispo D. José dos Reis, sagrado santo pela gratidão dos seus diocesanos, jovem cuiabano de mais recente geração.

Graduado em leis por São Paulo, em 35, Antônio Navarro de Abreu seria por ventura o primeiro da lista dos que honraram o nome de sua gente na incipiente Escola de Direito. Eleito Deputado, antes de findo o mesmo ano, impôs-se pela fogosa eloquência, à admiração dos pares, que o viram, no crepúsculo da regência, participar dos maiores debates da época.

Decorridos dois anos, completa o seu curso jurídico José da Costa Leite Falcão, que adquiriu renome de doutor e advogado sagaz, figura representativa em Cuiabá, onde fez de sua casa um centro de cultura.

Quando já ia em meio o século, conheceu a Academia paulistana Joaquim Mendes Malheiros, que sabia distribuir o seu tempo em serenatas, tentativas de pintura, torneios de esgrima, estudo de línguas e das disciplinas escolares, que o habilitariam a exercer o magistério na Escola Militar e no Colégio Pedro II, onde manteve a sua fama de orador consumado.

Aliás, não seria Malheiros o único representante da sua terra entre catedráticos do ensino superior, aos mais eminentes dos quais se emparceiraram Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, lente de direito civil e administração em São Paulo, desde 29, em torno de quem a lenda teceu episódios singulares, rememorados na biografia que lhe consagrou Palmyro Pimenta, em conferência primorosa.

Joaquim Murtinho, que, mais tarde, egresso da cadeira de biologia na Escola Politécnica, iria iluminar a política administrativa da República brasileira com suas doutrinas financeiras, esteadas em firmes convicções filosóficas.

Manoel Corsino de Amarante, contemporâneo de Benjamim Constant, que lhe respeitava o saber matemático, embora orientado por princípios opostos aos que professava, abrasando o entusiasmo da mocidade.

Souza Lima, que soube dignificar o ensino da medicina legal na Faculdade da praia de Santa Luzia.

Não haverá escola superior que não tenha premiado algum dia o saber dos matogrossenses, propagado pela palavra, com o qual manifestavam os seus pendores literários, por maneira diversa dos contrerrâneos, frequentadores da imprensa, a que também confiaram as suas fantasias os românticos, fiéis imitadores de Casemiro de Abreu, que punham em versos as suas mágoas, antes de se extinguirem em plena mocidade.

Com 20 anos apenas baqueia Francisco Catharino, cujas produções denunciavam formoso talento, mais três anos viveria José Thomaz de Almeida Serra o seu grande sonho poético, a que sobreviveram Amâncio Pulcherio, João Marciano, José Delfino, Pedro Trouy, cujo legado literário cuida a Academia Matogrossense de reunir para trazer à publicidade.

É o jornalismo, todavia, que empolga as mais vivas inteligências, tanto as forasteiras, cultivadas alhures, da têmpera do padre Ernesto Camillo Barreto, capaz de promover a demissão do Presidente da Província, com os seus editoriais, de J.J. Rodrigues Calháo, fundador do famoso jornal, que lhe cultuaria a memória, como os que não arredam pé de Cuiabá, e os nativos que andaram pelos centros litorâneos à cata de ensinamentos.

Aos bacharéis em Direito da valia de Corrêa do Couto, Caetano Xavier, Fleury, Aquilino do Amaral, Arnaldo Novis, Ferreira Mendes, J. M. Metello, Costa Ribeiro, parceravam - se os engenheiros do naipe de Manoel Esperidião, Antônio Corrêa, Caetano de Albuquerque, militar, doutrinário de preferência. Entre os demais, sobrelevou Pedro Celestino, cuja improvisação jornalística, alicerçada em firme cultura geral e bom senso atilado, lhe valeu mais de uma vitória contra abusos governativos.

Maior avulta a série dos autodidatas, que, desprovidos de diplomas, além do secundário, lograram acolhimento na imprensa, a que serviram com desvelo.

Ramiro de Carvalho, temido por sua mordacidade; J. Barnabé de Mesquita (sênior), que, ainda na monarquia, propugnava a educação da mulher, por meio da qual lhe previa emancipação, e pregava ideias sadias; José Magno da Silva Pereira, Generoso Ponce, na fase áurea

d'O Republicano, Francisco Agostinho, Vital de Araújo, José Estevão, constituíram a falange mais conhecida de polemistas ardorosos, a que se reuniram, em período ulterior, individualidades expressivas; Vieira de Almeida, temperamento literário, que andou por Santos e lá se distinguiu pelas suas crônicas, polvilhadas de poesia e alocuções inflamadas, ao tempo de fortes agitações populares; Frederico Prado de Oliveira, que - Béranger cuiabano, - preparou, com as suas canções ao gosto do povo, o ambiente propício à deflagração de triunfante movimento revolucionário, de que seria, depois, um dos mais eficientes colaboradores; João Cunha, a modéstia personificada, que só agia através dos seus escritos opulentos de seiva e boas letras.

A enumeração ainda que somente dos emudecidos pela morte, pois que os vivos constituem legião incontável, poderia sobremaneira alongar-se, caso se abranger todos quantos revelaram, pela pena, a capacidade clara de expressar os seus pensamentos ou emoção, em verso ou prosa. Em geral, porém, escasseia a documentação a respeito. Não enfeixaram em volumes as suas produções efêmeras. E as gazetas sumiram-se, com limitadas exceções.

Só neste século, firma-se a orientação propiciadora da divulgação dos trabalhos literários, que a revista Mato Grosso acolhe em suas páginas duradouras, onde afloram prosadores e poetas, á sombra do parnasianismo, então dominante, apesar da reação simbolista.

Sucede-lhe com breve interrupção, à sombra do prestígio de D. Aquino Corrêa, que a ampara, feito Príncipe das letras matogrossenses, a associação primitivamente denominada Centro hoje Academia, cuja revista de 22 tomos com aquele título, e 10 na fase atual, constitui nítido espelho da cultura regional, consoante evidenciou a palavra conceituosa de José Mesquita, perante o Congresso das Academias.

Dispensável repetir-lhe as apreciações, que sintetizaram a preceito as atividades mentais dos mais expressivos representantes da sua geração, a cujos anseios intelectuais deve o Estado a fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso, mantenedor de uma revista semestral, já que em seu 38º número, da referida Academia Matogrossense de Letras, de comprovado devotamento aos seus propósitos fundamentais de expansão cultural, e do Grêmio Julia Lopes, de iniciativa feminina, também destinado a análogos objetivos.

Já nas letras despontou outra, que lhe herdará os encargos de acrescentar as conquistas assinaladas, não obstante orientada ainda por imperativos antagônicos. Traz, como toda geração nova, que sente, em si própria, energia bastante para avançar, veleidades de reformas, que vão, das cogitações sociais repassadas de significativo sopro de revolta às expressões literárias libertas de contrições parnasianas.

As suas ideias e ilusões espelham-se às maravilhas no resumo elaborado para Anuário Brasileiro de Literatura, por Lobivar Mattos, poeta modernista, que já se tornou conhecido nos meios intelectuais cariocas, aos quais apresentou os seus parceiros, tocados da mesma inquietação irreverente, e aspirações inovadoras, que os encaminharão sem demora para as atividades políticas.

Ao passo que os veteranos de preferência concentram-se em Cuiabá, Capital de tradições bisseculares, ensaiam os jovens os seus voos em Campo Grande, cidade de ontem, gerada por assim dizer pela E.F. Noroeste do Brasil, que ali inaugurou o seu tráfego em 1914.

Enquanto a primeira mergulha as suas raízes na era do bandeirismo afoito, a outra surge na atualidade, para viver a hora que passa, despreocupada dos tempos idos e vindos.

Da conjugação dessas duas componentes, certo, romperá formidável resultante, capaz de imprimir ao destino de Mato Grosso as diretrizes intelectuais, que lhe glorificarão a fama de terra inspiradora de sábios, de heróis e santos, já algum dia denominada acertadamente “Coração do Brasil”, que ali palpita em reservas portentosas do mais vivo brasileirismo.

=====

Conferência realizada na Federação das Academias de Letras, em sessão consagrada a Mato Grosso, em 22 de outubro de 1937. Publicada na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, 1938. Republicada em *Panorama da Literatura e da Cultura em Mato Grosso* de Carlos Gomes de Carvalho [2004].

Elementos - chave da pianística de Frédéric Chopin

I Entendimento

Qualquer análise que se pretenda levar a cabo sobre a pianística e interpretação chopinianas não poderá jamais prescindir dos elementos-chave que marcam a sua estilística, como, v.g., a precisão executória, o uso do pedal, as potencialidades do piano-orquestra, os cantos-fantasma, os elementos-surpresa, o *tempo rubato*, a influência do *bel canto* italiano, a polifonia e a música *per se*.

Há, evidentemente, inúmeros outros detalhes da pianística chopiniana a serem estudados, pelo que apenas uma análise minimalista de cada conjunto das obras – *Estudos*, *Noturnos*, *Mazurcas*, *Polonaises*, *Scherzi*, *Valsas*, *Prelúdios*, *Sonatas*, *Improvisos* etc. – poderia demonstrar precisamente o que se há de entender por “pianística chopiniana”.

Uma coisa, no entanto, é absolutamente certa quando se estuda a música para piano de Chopin: todos esses elementos-chave vieram à luz pacientemente pensados, refletidos, tendo Chopin calculado e provado cada qual das experimentações inúmeras vezes, até chegar ao resultado final que passou à prova do tempo. Chopin, de fato, sabia bem que “[o] melhor dos críticos é o tempo, e a paciência, o melhor dos mestres”².

Frise-se, a propósito, que a pianística chopiniana é *exclusiva* por ter o piano como instrumento central e único, podendo prescindir de toda uma orquestra para ser, ele mesmo, a própria orquestra. Tal se deu, em grande medida, pela liberdade com que Chopin se autopresenteou desde

² Trecho de correspondência de Chopin (datada de 11 de outubro de 1846) enviada à sua família, em Varsóvia. In: Sydow, Bronislas Édouard (Org.). *Correspondência de Frédéric Chopin*. Trad. Zuleika Rosa Guedes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 559.

a adolescência, construindo uma linguagem só dele, em vez de servir aos seus maiores.³

Liszt, a esse propósito, bem observou que Chopin não se deixou levar pela tendência da época de apenas reconhecer como compositores dignos de um grande nome os que compunham, quando menos, uma meia dúzia de óperas, oratórios ou sinfonias, desvirtuando-se, portanto, desse pré-estabelecido e problemático critério, que impedia o reconhecimento sério e cuidadoso do valor do desenho provindo de seu delicado cinzel.⁴

É sob essa perspectiva que se vai analisar esses elementos-chave da pianística chopiniana, absolutamente determinantes para a correta execução das obras do compositor polonês.

II Precisão executória

Os concertistas não apenas concordam, como sentem fisicamente a diferença entre uma execução de Chopin e, v.g., de Liszt. Rubinstein, a esse respeito, dizia que poderia executar Liszt por horas e horas sem sentir qualquer cansaço físico, ao passo que ao final de uma *Polonaise* de Chopin – como, v.g., a *Op. 53*, conhecida como “Heróica” – sentia um peso e um cansaço sobre si que não guardava parâmetro. Tal, é certo, diz muito sobre a pianística chopiniana, marcada por um caminho de completude a cada compasso e na qual inexistem espaços supérfluos ou sem significação.

Em Chopin, de fato, não há notas que não sejam determinantes e não há períodos que não sejam contextualizados, levando o pianista a uma concentração sem igual de execução.⁵ Até mesmo as pausas são milimetricamente calculadas, especialmente para a formação do ambiente no qual se vai desenrolar a peça. Por não haver qualquer nota negligenciável, a execução deve perseguir uma precisão tal que cada toque passa a corresponder a um verdadeiro desafio. Daí dizer-se – Rubinstein, v.g., sempre dizia – que a execução chopiniana é desgastante, diferentemente da

3 Cf. Bourniquel, Camille. *Chopin*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 100.

4 Liszt, Franz. *Chopin*. Rio de Janeiro: Americ-Edit., 1945, p. 22.

5 Chopin não utilizava “notas de passagem”, razão pela qual cada nota (única que seja) tem um significado todo próprio em Chopin, que se há de observar com precisão.

execução de outros compositores, cujas peças podem apresentar certo grau de redundância e preenchimento meramente retórico.⁶

A execução perfeita de Chopin é um certificado para a glória na carreira de qualquer solista, e tal não poderia ser diferente, dada a complexidade técnica e o grau elevadíssimo de sentimento que há de ter o executor em cada compasso, em cada pausa e em cada período de qualquer peça chopiniana.⁷ É possível – diz Gide, com razão – interpretar mais ou menos bem Bach, Scarlatti, Beethoven, Schumann, Liszt ou Fauré, sem que eventual imperfeição falsifique o significado de cada qual; mas, no caso de Chopin, qualquer imprecisão, por menor que seja, pode levar a uma íntima e profunda desnaturação da obra.⁸

A precisão executória, portanto, deve ser perseguida a todo custo em Chopin, com meticulosidade e respeitando todos os detalhes da partitura, como, *v.g.*, acentos, *crescendos*, ligaduras, fraseados e acionamento e interrupção dos pedais. Esse estudo compasso a compasso é estritamente necessário para que se execute com precisão a obra chopiniana, sem o que haverá, repita-se, desnaturação completa da composição.

III Pedal Chopiniano

A descoberta que Chopin fez do pedal e de suas várias possibilidades técnicas revolucionou o modo de executar o piano desde então, pois o instrumento passou a ter uma potencialidade *cantabile*, em tudo lírica e poética, como jamais puderam imaginar os compositores das gerações anteriores. O pedal, assim, deixou de ser mero mecanismo de separação de harmonias díspares para se tornar instrumento de múltiplas possibilidades, permitindo, desde então, fazer do piano instrumento ao mesmo tempo único e plúrimo, capaz de descortinar paisagens e criar atmosferas jamais anteriormente pensadas.

6 Cf. Wisnik, José Miguel. Chopin e os domínios do piano. *Teresa – Revista de Literatura Brasileira*, vol. 12/13, São Paulo, 2013, p. 14.

7 Confira-se, a propósito, a afirmação de Martha Argerich, trazida por Nelson Freire, para quem Chopin é o autor mais difícil de se tocar, razão pela qual “[o]s pianistas erram nele mais do que com a obra de qualquer outro compositor” (Freire, Nelson. Com Chopin, em busca da voz do piano que canta. *Jornal O Estado de S. Paulo*, de 27.02.2010).

8 Gide, André. *Notes sur Chopin*. Paris: l’Arche, 1948, p. 20.

O ponto-chave dessa evolução foi a possibilidade de prolongamento das vibrações sonoras (sobretudo das cordas graves) nos modelos mais modernos de piano a partir de então fabricados, pela utilização do pedal *forte*; permitiu-se dedilhar toda a extensão do teclado sem perda sonora dos harmônicos sustentados pelo mecanismo.⁹ Além do mais, Chopin foi o compositor romântico que mais detalhadamente marcou os pedais nos manuscritos, quer para colorir diferentemente a sonoridade, para criar novas texturas, para ressaltar ornamentos determinados ou, ainda, para conectar partes ou seções da peça.¹⁰

Certo é que não há uma fórmula rígida para determinar o acionamento e a soltura dos pedais, somado ao fato de o uso do mecanismo variar de acordo com cada individualidade e interpretação particular que se pretenda atribuir à execução. Como destaca Kleczynski,¹¹ cada artista pode compreendê-lo diversamente para o fim de produzir um efeito novo, contudo, regra geral, “[c]ada emprego do pedal (falamos aqui do pedal forte) deve ter um fim que o justifique”.¹²

Seja como for, esse novo universo e essa nova atmosfera a partir de então surgidos com o pedal chopiniano permitiram explorar uma vasta gama de sons e vibrações, para o fim de obter tonalidades e harmonias então completamente desconhecidas, criando uma atmosfera lírica e colorida como jamais se viu, como que numa “alquimia de cambiantes”.¹³ A percussão dos martelos nas cortas tornou-se *deslizante, fluente, transpassante*; e o novíssimo *cantabile* nasceu da “voz” que passou a ter o instrumento, inclusive dotada de “respiração” no *tempo rubato*.

Toda essa técnica, contudo, é sofisticadíssima e absolutamente precisa, mais até do que se poderia pensar lendo por vez primeira qualquer composição de Chopin e as indicações de pedal ali estabelecidas. De fato,

9 Eigeldinger, Jean-Jacques. *Chopin vu par ses élèves*. Paris: Fayard, 2006, p. 30-31.

10 Cf. Rosenblum, Sandra P. Pedaling de piano: a brief survey from the eighteenth century to the present. *Performance Practice Review*, vol. 6, nº 2 (1993), p. 168.

11 Trata-se de um dos maiores conhecedores da prática pianística chopiniana, tendo estudado com muitos dos melhores ex-alunos do compositor.

12 Kleczynski, Jan. *Frédéric Chopin, de l'interprétation de ses œuvres*. Paris: Félix Mackar, 1880, p. 54.

13 Rubinstein, Arthur. Prefácio. In: Wierzinsky, Casimir. *Chopin*. Trad. Carlos Gomes da Costa. Lisboa: Aster, [19--], p. 10.

em Chopin o pedal merece um estudo à parte, de índole científica, para além da mera indicação na partitura, dado que as marcações dizem muito menos do que o necessário, prejudicando a correta execução da obra.

Não obstante Chopin ter sido mestre (mais do que qualquer outro) na marcação do pedal, indicando com esmero os momentos determinantes, certo é que, em muitos casos, a leitura dos trechos assinalados pode levar a incompreensões. Esse é um dos motivos, frise-se, pelos quais Schumann constantemente marcava *Ped* (ou *col Ped*) apenas no início das seções, deixando ao executante a liberdade para soltá-lo quando entendesse por bem.¹⁴

Por mais que as indicações sejam verdadeiras e pontuadas, ainda que com imperfeições, certo é que *há* certa liberdade interpretativa no uso do pedal e na ambientação sonora, especialmente quando o executante depende de fatores exógenos à execução e à respectiva interpretação, como, *v.g.*, a acústica local, o tamanho do ambiente, o número de pessoas na plateia, a ventilação e o modelo do instrumento.

No caso da utilização do pedal rítmico em trechos marcados com pedal contínuo, não haveria, seguramente, o *efeito* pretendido por Chopin na composição, pois haveria “quebra” rítmica em lugar inapropriado. Daí a técnica do pedal sincopado, que *liga* uma harmonia à outra (tal se pode nominar de *legato harmônico*) e possibilita o sequenciamento contínuo da execução sem quebras e/ou paradas sonoras.

Em outras composições, porém, Chopin induz à marcação do pedal rítmico, caso em que esta deverá ser respeitada. Aqui se está a referir apenas os casos em que a marcação é *continuada* no manuscrito, havendo alteração harmônica (ainda que ligeira) no decorrer do período. Em casos tais, o pedal sincopado (como fazia Chopin muitas das vezes) resolveria a questão, pois ligaria as harmonias diferenciadas por meio do *legato* em pedal.

Por outro lado, é de se lembrar que a marcação carregada dos pedais nos manuscritos originais de Chopin levava em conta os pianos do início do século XIX, que misturavam bem menos os harmônicos que os pianos atuais, razão pela qual a indicação do pedal deveria ser, efetivamente, mais marcada.¹⁵ Sabe-se, *v.g.*, que nos pianos Pleyel a ação das teclas era mais leve

14 Cf. Kleckzynski, Jan. *Frédéric Chopin, de l'interprétation de ses œuvres*, cit., p. 57.

15 Cf. Marun, Nahim. As pesquisas histórias na interpretação de Chopin. *Per Musi – Revista Acadêmica de Música*, nº 31, Belo Horizonte, jan.-jun. 2015, p. 178 (citando Maurice Hinson e Joseph Banowetz).

e controlável (por isso, era o preferido de Chopin) e que os pianos Erard (preferidos por Liszt) produziam sonoridade mais agressiva e potente; contudo, em ambos a sonorização dos harmônicos era sobremaneira mais fraca se comparada à dos pianos modernos, que ressoam com brilho e intensidade muito maiores, justificando-se, assim, a carregada marcação dos pedais nos manuscritos.¹⁶

Por sua vez, nas marcações de *pedal contínuo* feitas em momentos de *pausas* ou *staccatos* é também necessário adaptar o acionamento do mecanismo pelo uso (no mínimo) do meio pedal, salvo se a intenção for a de expandir a ressonância de harmônicos não confundíveis; ou pelo uso do pedal *una corda*, quando houver (a) alteração súbita de harmonia, (b) notas únicas de finais de frase, (c) transcrições (para maior expressividade do período) ou (d) realce dos diferentes timbres entre o acompanhamento e a melodia.¹⁷

Assim, ao mesmo tempo em que não se deve ignorar as diretrizes de Chopin na utilização do pedal, há que se adaptar a sua utilização (v.g., com soltura e novo acionamento do pedal, ou usando o meio pedal ou o pedal trêmulo) para os períodos em que possa haver mistura indesejada de harmonias, capaz de afetar a limpidez necessária à perfeita sonoridade do período.¹⁸

Dificuldade executória se apresenta, porém, quando é necessário dominar o *pedal forte* e o *pedal una corda* concomitantemente, como fazia Chopin (seus ex-alunos também são firmes nessa afirmação) para equilibrar a sonoridade, contrastá-la ou alterar o timbre de trechos importantes em linhas melódicas sutis, razão pela qual Chopin era tido como mestre inigualável no domínio dessa virtuosa combinação.¹⁹

Destaque-se, no entanto, que Chopin não costumava marcar *una corda* na indicação do pedal, não obstante assim o executasse na prática (à exceção das partituras do *Noturno Op. 15, nº 2*, pertencente à sua irmã

16 Cf. Rosenblum, Sandra P. *Some enigmas of Chopin's pedal indications: what do the sources tell us?* *Journal of Musicological Research*, vol. 16, nº 1 (1996), p. 46-47.

17 V. Marun, Nahim. As pesquisas histórias na interpretação de Chopin, cit., p. 183.

18 Em paralelo, cf. Vogas, Cristiano de Abreu Buarque. *Prelúdios Op. 28 de Chopin: uma análise das indicações do pedal do compositor*. Tese de Doutorado em Música. São Paulo: Universidade de São Paulo/Escola de Comunicação e Artes, 2014, p. 65 e 132.

19 Cf. Rosenblum, Sandra P. *Some enigmas of Chopin's pedal indications...*, cit., p. 42.

Louise e à sua aluna Jane Stirling); a marcação, no entanto, aparece, vez ou outra, na Edição Nacional Polonesa das obras de Chopin, inserida propositadamente pelos editores.²⁰

Muitas vezes, também, Chopin não fazia indicação do uso do pedal em trechos longos da partitura, indicando-os em apenas algumas passagens. Em inúmeros *Noturnos* – veja-se, v.g., a edição considerada definitiva, publicada pelo *Instituto Frédéric Chopin da Polônia* – não há indicação de pedal em várias passagens, certo de que, nesses trechos, eles são absolutamente indispensáveis. A explicação do Comitê Editorial do *Instituto* é a de que, em casos tais, ou a marcação do pedal é muito simples e, por isso, evidente a qualquer pianista, ou, ao contrário, tão complicada que seria impossível indicar. Em ambos os casos, dizem os membros do Comitê, o uso do pedal é muito delicado e, portanto, muito individual, a depender de vários fatores, como, v.g., o modelo do instrumento, o toque, o tempo ou a acústica local.²¹

Certo é que nada desse universo se compara à música produzida pelas gerações anteriores, como, v.g., as sonatas barrocas ou, mais à frente, às de Mozart ou Beethoven. De fato, se se toma como exemplo a música para piano a partir de Mozart, percebe-se facilmente tratar-se de um *meio-termo* entre o cravo e o piano, em que as teclas têm função cravística e o pedal funciona apenas como sustentação de pequenas frases, fazendo “evoluir” o cravo que Mozart buscava empreender no piano.²²

Em Chopin, revolucionou-se o uso do pedal e a influência nos compositores de gerações posteriores é absolutamente nítida até os dias atuais, guardadas as características (mais modernas) dos pianos contemporâneos.

20 V. Vogas, Cristiano de Abreu Buarque. *Prelúdios Op. 28 de Chopin...*, cit., p. 71.

21 Paderewski, I. J.; Bronarski, L.; Turczynski, J. (Eds.). *Fryderyk Chopin complete works: according to the autographs and original editions with a critical commentary* (VII – Nocturnes for piano). 20. ed. Warsaw: Instytut Fryderyka Chopina, 1980, p. 107.

22 Cf. Dal Fabbro, Beniamino. *Crepusculo del pianoforte*. Torino: Einaudi, 1951, p. 30.

IV O piano - orquestra

Antes de Chopin, os compositores não haviam ainda explorado todas as possibilidades do instrumento, bem assim os construtores de piano (como Pleyel e Erard) desenvolvido novas potencialidades para o instrumento. A Casa Erard, *v.g.*, havia desenvolvido (em 1821) novo mecanismo de escape duplo, que permitia notas repetidas e trinados muito mais velozes do que antes.²³

O piano, a partir de Chopin, cada vez mais substituía os instrumentos integrantes da orquestra (e a necessidade de se *ter* uma orquestra para se fazer música) para ser a *própria orquestra* em forma de instrumento único, agora com potencialidades sonoras ainda maiores. Daí, então, nasceu o que se pode nominar *piano-orquestra chopiniano*, de sonoridade com amplitude sinfônica e capaz de trazer a “orquestra” para dentro dos salões menores e das *soirées*.

Como exemplo dos efeitos do piano-orquestra chopiniano, tome-se a abertura do *Scherzo nº 2*, em si bemol menor, em que Chopin utiliza grandiosamente as várias possibilidades técnicas do piano (ataque, brilho, intensidade etc.) com dimensão sinfônica, em que “um curto motivo inicial, misterioso e insinuante, baseado em quatro notas arpejantes e oitavadas em *legato pianissimo*, cercado de silêncios milimetricamente medidos, é rebatido pela irrupção estrondosa de graves percutidos, grandes blocos de acordes e arpejos varrendo de alto a baixo o campo de tessitura, completados por escalas ascendentes e descendentes que conduzem a uma *apassionata* melodia cantante”.²⁴ Apenas o referido motivo inicial, envolto em completo mistério, as pausas em tempos calculados e os nervosos acordes que preparam as escalas ascendentes e descendentes que seguem e conduzem à bela e apaixonada melodia posterior já são, por si só, emblemáticos dessas potencialidades desenvolvidas sem precedentes na obra chopiniana.²⁵

23 Temperley, Nicholas. *Chopin*. Trad. Celso Loureiro Chaves. Porto Alegre: L&PM, 1989, p. 55.

24 Wisnik, José Miguel. *Chopin e os domínios do piano*, cit., p. 27.

25 Em paralelo, cf. Kleckzynski, Jan. *Frédéric Chopin, de l'interprétation de ses œuvres*, cit., p. 12.

Scherzo No. 2 in B \flat Minor

Fryderyk Franciszek Chopin

Opus 31

Frédéric François Chopin
(1810 - 1849)



Essa invenção pianística, inaugurada por Chopin, contribuiu enormemente para o desenvolvimento técnico dos pianos, que passaram, desde então, a contar com maior extensão do teclado, melhor precisão da mecânica e resposta mais ligeira ao toque.

Em suma, Chopin soube aproveitar cada qual desses detalhes para a criação de sua “atmosfera orquestral”, em que o piano (no papel de *orquestra*) acompanha o próprio piano (no papel de *solista*): efeito mágico que une num só instrumento efeitos até então possíveis pela ação de um conjunto instrumental.

V Cantos - Fantasma

Chopin foi mestre na utilização de recursos pianísticos jamais utilizados por compositores de sua geração e das anteriores. Trouxe para o piano o *bel canto* italiano (como se verá) e fez do teclado um instrumento em tudo *cantabile*. Há, no entanto, “cantos-fantasma” nas obras chopinianas, que merecem ser analisados.

Esses “cantos” podem ser, em Chopin, principais (a própria melodia) ou secundários, estes últimos se perfazendo *entre* a melodia principal e a harmonia, escorregando por entre ambas. Trata-se de uma linha intermediária que, de um segundo a outro, simplesmente “aparece” em meio ao canto principal e o contraponta ou o complementa, às vezes, até mesmo, desviando a atenção da voz que age como solista.

Observe-se, v.g., o detalhe sutil que se nota em obras como a *Balada nº 1*, em sol menor, em que Chopin acrescenta à melodia principal um fio melódico autônomo proveniente da harmonia, como se um observador externo penetrasse no canto e fizesse sobressair *terceira* linha melódica a partir da harmonia. Essa terceira linha – nominada *canto-fantasma*, dado o seu aparecimento repentino – ou nasce a partir de notas acentuadas da harmonia ou de notas autônomas saídas também do conjunto harmônico.

Perceba-se, nos compassos abaixo, a sequência decrescente *ré bemol*, *dó bemol* e *si bemol* na linha intermediária, a formar um canto completamente autônomo e, aparentemente, desconexo com o gracioso motivo principal, a complementá-lo de maneira reflexiva e, de certa maneira, misteriosa. Interpretação perfeita dessa passagem encontra-se na execução de Horowitz no concerto televisionado do *Carnegie Hall* de 1968.²⁶



A mesma ideia se repete no emblemático *Noturno Op. 27, nº 2*, em *ré bemol*, no primeiro retorno ao tema principal, quando novamente se entra *a tempo*. Aqui se percebe ligeira alteração no quarto compasso em comparação com o quarto compasso do tema inicial, em que Chopin ordena iniciar *dolce*. No retorno *a tempo*, Chopin exige seja o tema melódico executado *cantando* (além, evidentemente, de *dolce*, como na introdução) e, no referido quarto compasso, acrescenta uma linha de escalada singular

26 Horowitz, Vladimir. Ballade nº 1 in G Minor, Op. 23. *The Complete Masterworks Recordings*, vol. 4: The Legendary 1968 TV Concert [Sony Music Entertainment].

– *ré bemol, ré bequadro e mi bemol* – provinda da harmonia, bem marcada e firme, criando nesse pequeno trecho um canto *singolo* formidável.



Chopin soube como ninguém contraporar diversas linhas melódicas com cantos cruzados, dada a grande influência de Bach em seus estudos, especialmente dos dois volumes de *O Cravo Bem Temperado*.

Esse complexo polifônico bachiano acompanhou Chopin desde os seus tempos de estudante em Varsóvia, e também durante a vida profissional, sendo conhecido o fato de que Chopin os executava antes dos concertos, para fins de aquecimento.²⁷ Dessa influência nasce, no entanto, uma polifonia completamente própria, a que se pode nominar *polifonia chopiniana*.

Não tardaria, portanto, para que desses contrapontos viesse à luz a ideia dos cantos-fantasma (não presentes nas obras de Bach) e seus múltiplos desdobramentos, notados em Chopin especialmente a partir das obras de maturidade.

VI Elementos surpresa

Chopin utilizou como ninguém o que se pode chamar de *elementos-surpresa*, correspondentes na utilização de quebra melódica ou harmônica que surpreende o ouvinte com um sequenciamento não natural (não esperado) de determinado período, quer para romper com a melodia de então, para modular inesperadamente ou para trazer novo colorido harmônico em tudo inesperado ao ouvinte.

²⁷ Cf. Eisler, Benita. *O funeral de Chopin*. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Planeta, 2005, p. 79.

No *Noturno Op. 27, nº 2*, por exemplo, o fator surpresa ultrapassa, em certo ponto, todos os limites possíveis com uma quebra de sequenciamento realmente inesperada ao ouvinte. Trata-se do quarto compasso do retorno final do tema principal, em que Chopin, em vez de entoar o *lá bequadro*, como nas duas vezes anteriores, mantém a harmonia em ré bemol e entoa na melodia um *dó bemol* marcado que o ouvinte jamais imaginaria fosse cabível naquele lugar. A partir daí, Chopin oitava o mesmo *dó bemol*, ainda com a harmonia em ré bemol, criando harmônica cadência preparatória para o tema final, rumo à conclusão.



Também no *Noturno Op. 62, nº 2*, em mi maior, uma surpresa aparece já no décimo terceiro compasso, quando, após o *lá* oitavado no baixo, vem a sequência de *sol bequadro* oitavado e de *fá sustenido* oitavado, ingressando já no décimo quarto compasso com pequeno clima de suspense, que vai se manter até a retomada do tema principal compassos depois. Também a caída melódica do *sol* para o *mi bequadro* (junto ao *dó bequadro* no baixo) do vigésimo sétimo para o vigésimo oitavo compasso toma o ouvinte de assalto, em belíssimo “corte” melódico (aqui, modulatório) a ser executado em *pianíssimo* pelo intérprete, tal como ordenado por Chopin. E, no trigésimo compasso, outro inesperado (em tudo cênico) aparece na caída do *mi* (no vigésimo nono compasso) para o *dó sustenido*, abrindo um belíssimo *crescendo*...

Em todos esses exemplos, portanto, há surpresas em períodos cuja imaginação do expectador não atinge (por qualquer modo) o pretendido por Chopin antes da revelação do efeito, é dizer, previamente à nota (ou harmonia) inesperadamente lançada, levando o ouvinte a uma sensação estranha de perdimento, de afastamento, certo de que, logo após, clarificam-se a continuidade e o sequenciamento lógico perfeitos, agora já intensificados, modulados ou cromatizados.

Seria possível citar inúmeros outros exemplos que os estudiosos das obras de Chopin (e os ouvintes, em geral) já sentiram ou podem sentir *prima facie*, mas tal seria desnecessário se se pensa que na maioria das obras de Chopin tais elementos aparecem de modo claríssimo, imune a dúvidas.

Por se tratar de uma expressão *sonora* e não de uma questão de *forma*, certo é que, em Chopin, os elementos-surpresa servem menos ao estudo melódico ou harmônico que à análise da intensidade (ou impacto) das composições nos expectadores.

VII Tempo Rubato

Em Chopin, a utilização do chamado *tempo rubato* (“tempo roubado”, em italiano) é frequente e exige do pianista extrema autonomia das mãos esquerda (ritmo e andamento) e direita (melodia). Trata-se de exercício fino e requintado (também muito sentimental, em termos de interpretação) de independência motora, apenas corretamente executado com imersão profunda no mundo e no espírito chopinianos.

Sob a influência da *Da Capo Aria* barroca, Chopin soube trazer para o piano esse elemento de expressão e de emoção líricas, para o fim de transformar a melodia percutida em melodia *cantabile*. Ao assim proceder, Chopin transformou por completo o modo de se tocar o piano, de dele retirar o som sem perda da base rítmica orquestral. Com isso, no entanto, nasceu também o perigo da má compreensão (e execução) do *rubato*, capaz de desvirtuar todo o conjunto da obra quando mau empregado, levando a uma interpretação sem naturalidade ou exageradamente arbitrária, tornando-a, portanto, artificial.²⁸

Em Chopin, o *tempo rubato* se executa, como o próprio nome está a indicar, “roubando” o tempo de algumas notas da melodia dentro do compasso, pela sua aceleração ou desaceleração, com a compensação do tempo “roubado” em outras notas ou pausas, a fim de que o compasso se conclua dentro do tempo real do ritmo (que permanece fixo) marcado

28 A propósito, cf. especialmente Kleckzynski, Jan. *Frédéric Chopin, de l'interprétation de ses œuvres*, cit., p. 72-78; com menor desenvolvimento, cf. Bourniquel, Camille. *Chopin*, cit., p. 165; Himelfarb, Constance. *Interpréter Frédéric Chopin aujourd'hui? Musicologie*, Montreuil, Décembre 2009, p. 8-11; e Marun, Nahim. As pesquisas histórias na interpretação de Chopin, cit., p. 176.

pontualmente à base, independentemente do andamento que a peça possa ter.

Assim, enquanto o ritmo (mão esquerda) é bem marcado e temporalmente perfeito, a melodia (mão direita) brinca com o tempo, roubando valores de algumas notas e compensando em outras, sempre com um ajuste mental da completude do compasso (que envolve ritmo, andamento e melodia, conjuntamente) e da ideia de que, ao final, o tempo necessita matematicamente “fechar”, isto é, não ultrapassar a marcação metronômica.

Talvez a melhor definição de *tempo rubato* em Chopin seja aquela (como fez, v.g., Liszt) que o compara ao balanço de uma árvore por ação do vento, em que o tronco (ritmo) permanece fixo ao chão enquanto os galhos e as folhas (linhas melódicas) balançam de um lado ao outro livremente, seguindo o fluxo e a direção do vento. Para Liszt, os raios de sol que passam por entre tais galhos e folhas, e a luz trêmula que resulta dessa passagem, seria pianisticamente o *rubato*.²⁹

Certo é que para a execução do *tempo rubato* chopiniano é premente manter firme o ritmo na mão esquerda (sem atrasos) enquanto se “rouba” a marcação para a melodia (pela mão direita) e se a executa livremente, a destempo da marcação rítmica que está à base, mas sempre dentro do universo metronômico completo, isto é, do(s) compasso(s) como um todo. A explicação é confirmada pelos ex-alunos de Chopin, como, v.g., por Carl Mikuli, que chegou a ser professor-assistente do compositor. Segundo Mikuli, Chopin era inflexível com a marcação temporal, tanto que mantinha o metrônomo sempre ao lado do piano; e no que tange ao *tempo rubato*, Chopin ordenava que a marcação do acompanhamento (mão esquerda) fosse executada em “tempo estrito”, enquanto a outra mão (mão direita) pudesse cantar a melodia com liberdade de expressão musical.³⁰

Por outro lado, não há dúvida de que o *rubato* se executa diferentemente de pianista a pianista, pois cada qual tem sua própria sensibilidade musical. Da mesma forma que um cantor interpreta uma canção diferente do outro, um pianista executa o *rubato* também à sua maneira.

29 V. Kleczynski, Jan. *Frédéric Chopin, de l'interprétation de ses œuvres*, cit., p. 75; e Bourniquel, Camille. *Chopin*, cit., p. 166.

30 Mikuli, Carl. Chopin, pianist and teacher [Foreword]. In: Mikuli, Carl (Ed.). *Frédéric Chopin: complete Preludes & Etudes*. New York: Dover Publications, Inc., 1998, p. ix-x.

A falta de regras específicas para a execução do *tempo rubato* não autoriza, porém, recusar as fórmulas antes colocadas, notadamente aquela segundo a qual o ritmo deve manter-se firme e bem marcado enquanto se canta na melodia uma determinada frase. Contudo, é de se concordar completamente com Kleczynski de que “uma boa execução do *rubato* exige uma certa intuição musical, em uma palavra, um certo talento”.³¹

Pianistas sem sensibilidade podem ter técnica impecável, mas não lograrão transmitir o sentimento adequado na execução do *rubato* chopiniano; essa sensibilidade é inata e impossível de ser transmitida ou ensinada por qualquer professor.

VIII Influência do bel canto italiano

Outra característica nítida presente nas obras de Chopin é a influência direta do *bel canto* italiano (ou “italianismo”) como conectário lógico do piano cantante já referido quando da análise da pedalização e do *tempo rubato*.

Em Chopin, o italianismo se confirma tanto pelo seu amor à ópera italiana – nele advindo desde a sua formação em Varsóvia até as visitas posteriores a Berlim e Viena – quanto pelo seu conhecimento aprofundado sobre música vocal, bem assim por sua destacada amizade com Vincenzo Bellini, com quem várias tardes de domingo passou fazendo música e aprendendo mais sobre as características intrínsecas do *bel canto*.³²

Como leciona Eigeldinger, a “grande escola de canto” próxima a 1830 – que uniu harmoniosamente a arte da declamação e sua expressão dramática na música – representou em Chopin o modelo ideal e definitivo de interpretação, no estilo de um Rubini e à maneira de um Pasta, ficando aí calcado o modelo chopiniano de “declamação pianística”, chave para o seu desempenho e pedra angular de seu ensinamento.³³

31 Kleczynski, Jan. *Frédéric Chopin, de l'interprétation de ses œuvres*, cit., p. 76.

32 A esse respeito, cf. Rubinstein, Arthur. Prefácio. In: Wierzinsky, Casimir. *Chopin*, cit, p. 10; Pahlen, Kurt. *Diccionario universal de la música*. Buenos Aires: El Ateneo, 1959, p. 102; Bourniquel, Camille. *Chopin*, cit., p. 167; Samson, Jim. *The music of Chopin*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 81; Eisler, Benita. *O funeral de Chopin*, cit., p. 64-65; e Joseffy, Rafael (Ed.). *Frédéric Chopin: complete Preludes, Nocturnes and Waltzes*. New York: G. Schirmer, Inc., 2006, p. 3.

33 Eigeldinger, Jean-Jacques. *Chopin vu par ses élèves*, cit., p. 24-25.

Foi na *melodia* e nos *ornamentos* que a influência italiana mais se destacou na obra chopiniana, notadamente (no que tange a estes últimos) pela corrente transposição dos vocalizos do *bel canto*.³⁴ De fato, os ornamentos de Chopin para o piano são, para falar como Liszt, pequenos grupos de notas sobrepostas que caem, como gotilhas de uma rosa matizada, por sobre a figura melódica, certo de que seu luxo, porém, não sobrecarrega a elegância das linhas principais.³⁵

Os ornamentos chopinianos são, por assim dizer, imitações do ornamento do canto operesco para o “canto” do piano, com a mesma graça e leveza daquele, só corretamente executáveis se se tiver em mente o *bel canto* e todas as possibilidades ornamentais que dele provêm.

Note-se, porém, que há nítidas diferenças entre o piano que “canta” (*cantabile*) e aquele que simplesmente “liga” (*legato*). Em Chopin, para além das indicações de *legato*, o que se pretende em várias das composições é o *cantabile*, ao estilo do *bel canto* italiano; o que se almeja é trazer para o piano as regras da voz humana, que guardam em si fatores únicos, como, v.g., respiração e tomada de fôlego. Daí a crítica que se faz à equivocada utilização do *legato* em vez da correta utilização do *cantabile* no fraseado respectivo.

Em Chopin, portanto, a cada final de fraseado marcado deve haver (como na voz humana) uma “respiração” melódica antes do início do fraseado subsequente, pois entendia o compositor que, assim como nos textos escritos, também na música há um sistema de pontuações, de parágrafos, de frases e de períodos (com sílabas longas, curtas etc.) que há de ser observado.³⁶

Tout court, passou-se a ter no canto um elemento fundamental de compreensão pianística, certo de que o *cantabile* representa, em Chopin, a figura da voz transportada ao piano. Esse canto pianístico foi possível graças à (re)utilização do pedal e, em certa medida, pelo desenvolvimento do *tempo rubato*. Pelo pedal – junto ao roubo do tempo, à guisa do que se faz na voz quando é necessário respirar – logrou-se, então, dar o sequenciamento das notas em modo *cantabile*, ainda que distantes umas das outras, a permitir o efeito do *bel canto* em seu melhor estilo.

34 V. Bourniquel, Camille. *Chopin*, cit., p. 170.

35 Liszt, Franz. *Chopin*, cit., p. 24-25.

36 Idem, p. 24.

IX Polifonia Chopiniana

Nas obras de Chopin há uma tessitura polifônica característica que está a merecer referência.³⁷ Não apenas em Chopin, mas na maioria dos românticos, o recurso ao paradigma anterior (notadamente barroco) e às lições de Bach são frequentes. Contudo, em Chopin, a tessitura polifônica se diferencia, dado o acréscimo de originalidade que sobre o paradigma se coloca, tanto sob o aspecto formal (de escrita) quanto à luz do substancial (melódico).

Da íntima relação com a tessitura barroca advém, não é de se estranhar, a polifonia chopiniana, não obstante seguindo um fio composicional inteiramente próprio. Certo de que na polifonia (em toda ela) não há voz a ser menosprezada ou negligenciada, mister, portanto, notar como em Chopin esse diálogo entre vozes se consuma, até mesmo, em vários casos, com mais de dois interlocutores (mais de duas vozes) conversando autonomamente. Investigar a polifonia chopiniana é comporender mais do que as relações entre os fraseados e as “conversas” entre as (várias) melodias: é entender a metamorfose por que passou a técnica da interlocução, junto à dinâmica e à pontuação.

A primeira e mais notória constatação que se faz ao analisar a composição chopiniana liga-se à transmutação que faz Chopin da tessitura polifônica (bachiana) adotada como paradigma, em contexto agora romântico, é dizer, mais *dialógico* e menos *dialético*. Nesse sentido, em vez de adotar duas *guias* (direita e esquerda; superior e inferior; desdobradas ou não etc.) contrapontadas entre si, Chopin inova em fazer dialogar as melodias com *tons* (ou *tônicas*) de diálogo diferenciais, isto é, com “conversas” concomitantes, em vez de “respostas” à(s) pergunta(s) inicialmente realizada(s) por uma delas. Assim procedendo, Chopin substitui o contraponto formal pela articulação (em união) das duas melodias que parecem autônomas e espontâneas *per se*.³⁸ Tal é bem nítido, *v.g.*, nos *Noturnos* e em vários *Estudos*, ainda que em passagens particulares.

37 A propósito, cf. Costa, Diana Daher Lopes da. *Polifonia em F. Chopin: análises e procedimentos de estudo para a interpretação da Sonata nº 2, Opus 35*. Dissertação de Mestrado em Música. Brasília: Universidade de Brasília/Instituto de Artes (Departamento de Música), 2018, 91p.

38 Cf. Temperley, Nicholas. *Chopin*, cit., p. 59.

O que se nota em Chopin é uma polifonia com níveis e melodias diferenciais que transfigura a ideia bachiana para o romantismo; percebe-se um distanciamento da fórmula da perfeição simétrica para, em vez disso, estabelecer dois (ou mais) cantos melódicos com diálogos autônomos em termos de fraseado e respiração, quase sempre alheios ao esquema clássico de pergunta e resposta.

Destaque-se, v.g., a polifonia presente no tema principal do *Estudo Op. 10, nº 3* (“Tristesse”) e seus desdobramentos, bem assim a iniciada no segundo compasso³⁹ do *Estudo Op. 25, nº 7*, e sua sequência posterior, a revelar a influência de Bach na obra de Chopin. Aqui, basta a observação de que Chopin, com mão de mestre, metamorfoseia a polifonia bachiana sob um tratamento intrinsecamente pianístico, em que a mão esquerda canta lentamente com a mão direita num diálogo defasado e medido por acordes que dão às vozes o apoio harmônico.⁴⁰

Em suma, a polifonia está presente em Chopin de forma transcendente, pois capaz de transmutar o estilo bachiano para outro do próprio Chopin, com intensidades e matizes diferenciados, especialmente no que tange ao paralelismo. Sua polifonia foi, pode-se dizer, única na literatura pianística de seu tempo e paradigmática para as futuras gerações de compositores, reforçando o caráter *per se* de suas composições, como se verá a seguir.

X Música per se

Todo o conjunto composicional da obra de Chopin guarda a característica comum de ser música *pura*, é dizer, não obrigatoriamente ligada a uma cena poética ou literária *lato sensu* (v.g., uma poesia, um conto, uma crônica etc.). Chopin, de fato, não pretendeu, *a priori*, comparar (ou basear) suas composições em temas dessa índole,⁴¹ não obstante alguns autores, como Gide, igualem algumas de suas composições a obras

³⁹Estamos contando o 2º compasso a partir do tema principal (subtraindo-se o primeiro compasso com a melodia livre na mão esquerda).

⁴⁰ V. Wisnik, José Miguel. Chopin e os domínios do piano, cit., p. 38.

⁴¹ A única exceção é feita, evidentemente, às *17 Canções Polonesas*, Op. 74, para piano e voz, uma vez que, nesse caso específico, a própria *finalidade* da composição era musicar os poemas poloneses de Mickiewicz, Witwicki, Zaleski, Krasiński, Osiński e Wincenty Pol.

poéticas, como, v.g., a *Balada nº 1*, em sol menor, a trechos de Baudelaire em *As Flores do Mal*.⁴²

Para Chopin, portanto, a sua música teria validade *per se*, independentemente de fenômenos extramusicais, como, v.g., a literatura. Assim entendendo, Chopin se distanciava de vários de seus contemporâneos, como Liszt, Schumann ou Mendelssohn, que frequentemente usavam elementos literários para a conclusão de suas obras (veja-se, v.g., os “Romances sem Palavras” de Mendelssohn). Por isso, Chopin relutava em dar “títulos” ou nomes descritivos às suas composições, especialmente os ligados a elementos cenográficos, sentimentais ou textuais (as raras exceções são a *Marcha Fúnebre* da Sonata em si bemol menor, a *Berceuse* e a *Barcarola*).⁴³ Mesmo assim, certo é que muitas das composições de Chopin passaram a ser conhecidas por títulos alegóricos ou nomes-fantasia, como o estudo “Tristesse” (*Estudo Op. 10, nº 3*), o estudo “Teclas Pretas” (*Estudo Op. 10, nº 5*), o estudo “Revolucionário” (*Estudo Op. 10, nº 12*), o prelúdio “Gota d’Água” (*Prelúdio Op. 28, nº 15*), a polonaise “Militar” (*Polonaise Op. 40, nº 1*), a polonaise “Heróica” (*Polonaise Op. 53*), a valsa do “Adeus” (*Op. post. 69, nº 1*) etc.

Portanto, quanto mais se interpretar a obra de Chopin como música *per se*, melhor se irá atender ao espírito de suas composições, uma vez que, além de indesejada, a comparação com elementos extramusicais não advém da vontade própria do compositor, senão da intenção de editores (ou do público desavisado) em fazer prevalecer a *sua* imagem literária ou poética como sendo a “correta”, a deflagrar o gatilho mental na interpretação de dada composição.

XI À guisa de conclusão

Certo é que não há “conclusão” possível sobre o conjunto da obra e da complexa pianística chopiniana, senão apenas impressões musicais de quem procede à sua análise, tomadas a seu gosto e à sua maneira, ainda que com método, de certa forma, previamente conhecido. Conosco, nada de diverso poderia ocorrer, dadas as impressões obtidas e seu impacto no

⁴² Gide, André. *Notes sur Chopin*, cit., p. 28.

⁴³ Nesse sentido, cf. Piano, Anna. *La vita di Chopin*. Milano: Giovanni De Vecchi, 1969, p. 120; e Temperley, Nicholas. *Chopin*, cit., p. 54.

conjunto dos nossos interesses, ainda que a visão global da obra permita desvendar características em tudo gerais.

Tout court, a pianística chopiniana não guarda paralelo em seu tempo e além dele, por mais que outros compositores (como, v.g., Liszt) pretendessem superá-la. Tanto em termos de criatividade musical quanto sob a ótica estritamente técnica, certo é que a obra pianística de Chopin só é bem compreendida quando se conhece a fundo elementos importantes (fases, fatos, momentos etc.) de sua vida pessoal, desde a saída da Polônia até o auge de sua carreira em Paris.

Ademais, para além do sabor mítico que envolve todo o universo chopiniano, certo é que suas composições são obras de notória superioridade intelectual, elaboradas como que sem dificuldade e com toque de mágica, capazes de ir da alegria à tristeza, do amor ao ódio, do brilho ao lúgubre, da serenidade à ira, do bucólico ao urbano e da paz à guerra sem fugir ao âmago interior (sempre doce, expressivo, nobre e cortez) do compositor, como se um caule único, fixado à terra, sustentasse galhos com milhares de folhas de diversos matizes e intensidades.

Essa pluralidade de atmosferas, somente possível pela mão de um gênio, transforma a obra de Chopin em *única* na face da Terra, a brindar todos nós e as gerações futuras.

Nossos poetas à luz da Psicanálise

Vim, meus companheiros e amigos, como da outra vez que vos falei, trazido pela mão de José de Mesquita, o nosso ilustre presidente. Foi essa têmpera de mentalidade artística de tão erguidos lineamentos que me trouxe, novamente, até vós, cuidando, talvez que minha palavra pudesse contribuir para o acabamento do quadro admirável que ides compondo nesta encantadora tertúlia.

Foi, repito-vos, esse esbelto cavalheiro das letras, vencedor, pela flama viva do estilo e pela fidalguia dos conceitos, que me conduziu para este posto, cuja honra aceitei porque, confesso-vos, jamais pude rebelar-me contra seus pedidos sem me assaltar o coração o sentimento de uma injustiça E a força irresistível da sua delicadeza e da sua brandura E conseguiu conquistá-la José de Mesquita na elegância impecável com que soube fixar em nosso meio cultural a sua personalidade preeminente, sempre a voar, como um pássaro de altíssimo remígio, entre as nuvens e as estrelas, nessa parábola brilhante, em que se lhe desdobra o talento sem nunca, nem ao de leve, conspurcar a pureza da clâmide que veste. Eis quem me impeliu para este cenário. E aqui estou, não para ser o rasgão de luz, o fulgor da apoteose, mas tão somente o fundo, a sombra em que se debuxe e se mova a alta poesia da paisagem. É sem duvida, também, um modo, embora humilde, de contribuir E ai de vos se desaparecesse a sombra, se fugisse à penumbra, que, é nada, sozinha, mas que, entanto, denuncia todas as luzes, aviva todas as arestas, empresta alma, vibração e esplendor a todos os quadros

Há de parecer-vos imperdoável ousadia de minha parte vir eu e falar-vos do sonho na poesia matogrossense à luz da doutrina do Freud. É que a psicanálise se debate na zona de indisfarçável aridez científica. Armada, engenhosamente, por um gênio, profundo investigador das nevroses que sacodem o espírito humano, as suas raízes descem através de todas as camadas até o lodo dos instintos, mergulhando-se no pansensualismo

– concepção singular que reduz as mais nobres ambições do homem aos impulsos grosseiros do inconsciente.

Não fora, assim, feliz a ideia de discuti-la numa hora amena como esta, em que, como um derivativo, procuramos antes um sorriso em que a arte lampeje, uma espécie de entremez alegre que nos faça esquecer os aborrecimentos e as mágoas comuns de nossa vida. O que precisamos, certamente, ao em vez de uma tirada científica, inevitavelmente sudorífera para o ambiente das letras, é de um oásis de canto, de versos e de sonhos que, ao menos, num instante fugitivo, nos amortença as inquietações da alma. Bem não o sei, meus prezados amigos.

Não vos direi, por isso mesmo, senão duas palavras. Apenas um ligeiro toque no original edifício do grande sábio de Viena, procurando surpreender os pendores de alguns dos nossos poetas em face da bizarra e curiosa teoria.

I

A contribuição do sonho na psicanálise é imensa. Foi um clarão auroral caindo no abismo do subconsciente, afirma vitoriosamente o grande pensador. Mas que é o sonho? Uma fuga do espírito, durante a embriaguez do sono, para o alto, a procura de outros seres, a força da atração do amor ou será, simplesmente, o eco dos acontecimentos que nos preocuparam a consciência durante a vigília?

Não será aqui a ocasião para apreciar a controvérsia erguida entre os que investigam o assunto. Basta que afirmemos que Freud vê, no sonho, a realização de um desejo recalcado no subsolo da consciência. E que palpitam no inconsciente os mais escandalosos, hirsutos e bárbaros pensamentos, anseios intimamente ligados aos instintos, que a mente, em estado de vigília automaticamente, repele, tangendo-os para as suas camadas obscuras. Quando, porém, adormecemos, essa vigilância diminui. E o momento azado, em que se assanham os desejos recalcados, e assim, ora um ora outro, tentam atingir o limiar da consciência; então, mascaram-se, deformam-se para mais facilmente ganharem liberdade. Bem se vê, portanto, que, através mesmo das suas deformações, a análise pode fixar a tendência, o traço fundamental que caracteriza, realmente, o caráter do sonhador. Mas, não sendo o sonho uma afirmação admirável da onisciência divina, e não

sendo, também, uma anarquia mental desvinculada do subconsciente, como poderíamos compreender, por exemplo, o lindo sonho de Jacob?

Jacob ia de Bersabé para Haran. Cansado da caminhada, logo que foi baixando, do céu violeta, a sombra crepuscular, deita-se, acomodando a cabeça veneranda sobre uma pedra. Em torno, no silêncio morno daquela véspera, paira um ar de fadiga e aspereza nas coisas. O campo se desdobra ressequido, ainda quente da soalheira, alargando-se ainda mais no imenso abandono que o envolve. A única nota suave para o solitário caminhante está naquele céu, curvo e amplo, onde começam de brilhar as estrelas e as nebulosas. Jacob devia ter sentido a sensação do horrível no desamparo daquela longa travessia em demanda do oriente iluminado. Foi ali que adormeceu e sonhou: *“E viu em sonhos uma escada sobre a terra e a sua sumidade tocava no céu e também os anjos de Deus subindo e descendo por ela”*. Gênesis – cap. 29.

Ora, se os sonhos são os nossos desejos recalcados, sopitados no inconsciente e, se este, que vos acabei de repetir, colhido nos próprios termos de bíblia simboliza, inegavelmente, o futuro do espírito através da ascensão moral atingindo a sumidade do bem que é Deus, a passagem de Jacob não encontra classificação na teoria de Freud. Eu vos poderia referir outros episódios, porque os que estão adormecidos num passado longínquo, como a visão narrada no Gênesis, são contestáveis e contra eles se levantam descabeladas censuras. Seria, entretanto, desviar-me do objetivo que me tracei. Afinal, quem, ainda, não teria tido durante a vida um sonho feliz que não se transformasse em realidade palpitante?

Não resta dúvida que, durante o sonho, há uma diminuição da atividade psíquica, por efeito da diminuição funcional do cérebro; mas, esta obnubilação da vontade consciente normal não impede completamente que outras formas da atividade psíquica surjam e tomem vulto a meia luz da consciência. A prova disso está em que há sonhos que nos fazem ri ou chorar e, muita vez, é tão viva, é tão intensa a vibração emocional, que, ao acordarmos, temos os olhos cheios d' água. A maioria deles se forma no subconsciente. Compondo o edifício da sua teoria através de um número considerável de observações, de análise em análise, Freud chega a ponto de afirmar categoricamente a sua sistematização como ciência positiva. Medeiros e Albuquerque assim no-la descreve:

O cérebro humano pode ser considerado uma casa com três andares. O andar térreo é um porão escuríssimo, um cárcere em que estão prisioneiros incomunicáveis. O dono da casa para aí os atirou a tanto tempo que já não se lembra de nenhum, nenhum conhece e não pode, por si só, embora faça os maiores esforços, entrar em relação com eles. O andar seguinte, a sobreloja, é também muito habitado, não tem janelas, não tem comunicação para fora, mas a todo instante o dono da casa chama alguns dos que ali moram e o que é chamado sobe então ao pavimento superior. O porão é o inconsciente, a sobreloja é o subconsciente. O pavimento superior, muito pequenino, mas muito bem iluminado, é a consciência.

A formação do sonho tem o seu início num impulso do inconsciente, num anseio, num desejo que está encarcerado no porão escuríssimo. Vencida a primeira resistência, ei-lo que sobe até a sobreloja onde se funde e se mascara com outros elementos da nebulosa dos sonhos. Enfeita-se com os materiais, roupagens que esse compartimento lhe oferece, cúmplice que se torna com a evasão do prisioneiro que pretende alcançar o último andar do edifício. E o consegue afinal. O sono afrouxou a censura, espécie de diafragma, que, consoante o estado psíquico do indivíduo, dá maior ou menor abertura para a passagem dos habitantes inferiores. A ligação dos compartimentos superiores se faz, assim, mais ou menos, franca; e o instinto, como uma víbora num ramo de flores, num alto sarcasmo, vingasse da censura. Está realizado enfim o desejo há tanto sopitado.

Dentro dos sonhos, vamos encontrar fragmentos da vida psíquica abandonados do inconsciente durante a meninice; partículas, vibriões que dormitavam no subterrâneo esconso e que sobem, boiam a tona da consciência, a luz pálida. Eles sobem, numa luta surda, silenciosa, do passado, encerram um mundo de desejos, desde a torpeza mais hedionda até a sublimação da energia psicosssexual, transformada em sentimentos de nobreza, de dignidade e de honra. Podemos comparar o sonho, assim considerado, com o instante em que o poeta compõe os seus versos. Há, então, no artista um estado de êxtase. A sua atenção desvia-se dos estímulos ordinários que o cercam, concentrada, absorvida como está na concepção da arte. Só, subjugado ao fascínio da fantasia que se evola do seu interior iluminado, o poeta sonha, criando as visões cinemáticas que lhe encham e sobem do subconsciente.

A censura, como no sonho, afrouxa-se, e no turbilhão dos sonhos, desenha-se mais ou menos disfarçada, a linha do seu instinto. A situação é mais bem definida no poeta lírico porque em tudo ele plasma e transfunde o seu ser. Podem ser vários os motivos fenomenais, dispersos na materialidade

ambiente, ou, tão só, uma criação interior que desdobre da vertente, por assim dizer, de outro mundo, o fato é que em tudo ficará impregnado um modo de ser do seu estado afetivo, na canção de um pastoreio ou no hino triunfal do amor sensual.

Encarado sob esse ponto de vista o pansensualismo fundamental de Freud estaria transformado na realização da arte, na satisfação afinal de um imenso desejo. A dor, como o prazer, transpassa-se da sensibilidade para a imaginação e esta, laboriosa e fecunda, funde-os em imagens, em cores e sons, que a poesia perpetua, dilatando-os no tempo e no espaço, e o poeta atinge a volúpia sublimada.

II

Façamos agora, à luz dessa concepção curiosíssima, uma rápida análise da alma lírica de Tolentino de Almeida. Tolentino é esse mavioso poeta que escreve os seus versos, quando os sente, quando eles querem. Vivendo quase sempre arredado dos centros urbanos, elegeu, como um panteísta, para confidências, a amizade das matas, das aves e dos rios. Desse bucolismo contemplativo partem os seus cantos, gritos de guerra ou suspiros do coração, mas, sempre versos que fazem vibrar porque espelham um aspecto especial no quadro infinito das emoções.

Sonho Acordado é uma poesia em que o inspirado vate descreve a sua aspiração máxima no momento em que a grande guerra fazia estalar de angústia o coração do planeta. A sanha, então, atirava a humanidade para as trincheiras. Decepcionada, a piedade fugira, indo para o céu, quando viu que o ódio enfurecido, em maré crescente, submergia os mais altos monumentos da civilização. Nessa emergência singular, em que todos deliravam, presos às correntes que se enroscavam na luta horrível, ergue-se o poeta sobre essa alucinação generalizada e evoca, do seu interior, radiosas verdades. Sobre o mar revoltado de imprecações, profético e transfigurado, Tolentino de Almeida prega a paz e a justiça, a união e a concórdia. Dentro do seu grande sonho, o cantor propõe que fosse:

Criada permanente uma assembleia
Onde cada nação por seu representante
Manifestasse a sua ideia.

E desse modo

ficasse extinta e não voltasse mais
essa diplomacia revoltante
Causadora de males infernais.

Exalta-se, em seguida, vendo que o mundo inteiro está redimido, aceitando a sua orientação político filosófica, e exclama à humanidade:

Consegui o geral desarmamento,
E cada praça bélica ou caserna
Prestes se transformará em monumento
Sólido e forte de instrução moderna.

E arremata, cheio de justo orgulho:

A paz universal era completa,
Sendo eu por todos a dedo
Ostentava os meus louros de poeta
E princesas amavam-me em segredo.

E por aí vai, entoando essa música, esse alto canto de paz entre os homens, depois de haver feito bater o último minuto naquela hora do Horto do mundo. Consequira a harmonia entre as nações, afinal.

O sonho de Tolentino, interpretado à luz da teoria de Freud, revela no poeta uma inteligência capaz de compreender as grandes verdades que o ambiente, naquela época delirante, não podia comportar. Através do artista, que canta o amor secreto das princesas, por entre a pompa maravilhosa dos palácios europeus, surge o profeta antecipando de mais de um decênio o pacto de Kelog e as preliminares fecundas da paz universal que constituem as ideias arrojadas de Briand. E essa aspiração, de impulso universalista atingindo a culminância suprema, idealizando o reino do amor a unir todo mundo dentro de um sonho de poeta, resume, sem dúvida, a floração musical de uma nobre e grande alma.

III

Passemos, agora, em rápido exame, a alguns versos de José de Mesquita. Vamos tocar as pétalas sonoras de uma das mais altas expressões literárias de nossa terra. Por onde quer que palpите, senhores, a visão do poeta, encontramos uma faceta brilhante do seu espírito.

Submetidos os seus sonhos na composição poética ao crivo da psicanálise, José de Mesquita, a cada instante, se nos revela trazendo para a música do verso o mundo maravilhoso que lhe entoa dentro da alma. Quem lhe conhece as obras facilmente concluirá que, em toda sua evolução literária, José de Mesquita se manteve ininterrupto, homogêneo, coerente.

Estude-se o poeta à luz de qualquer das escolas que pensam melhor interpretar o belo na poesia e encontrar-se-á, no cantor que analisamos, um traço invariável e predominante: foi, sempre, o delicado poeta do sentimento e do coração. Não conheço, de José de Mesquita, mesmo quando a puberdade viçosa costuma influenciar fortemente o estro dos cultores do verso sob as forças do organismo pretório da seiva, uma composição que possa enrubescer uma virgem. Não. Sonha e canta, e eleva a mulher sem jamais levar o frêmito exaltado da volúpia ao requinte. Para o nosso glorioso cantor não é ela somente a flor de carne, é, também, o anjo, a cujos pés, reverente, oferece as suas preces. Não uiva, como um felino sensual, nesses gritos profundos da natureza, mas solta, apenas, ao sol da manhã perfumosa, a sonoridade angelical dos seus cantos que a envolvem, como o incenso azul e aromático envolve, no seu altar, uma santa. No sonho do noivado, por exemplo, que é o arrebatamento supremo do amor, José de Mesquita modula:

Sinto-me igual de tudo o que ama e que trabalha,
da flor linda que se abre ao sol primaveril
nas núpcias vegetais e o pólen de ouro espalha
no ar diáfano e sutil;

Igual da ave que vai seu ninho construindo
e de tudo o que vive e sofre e goza, enfim,
aos casais, nesse enlevo encantador e lindo
de um noivado sem fim

E bendigo-te, estrela em meu céu tenebroso,
Flor de carne e de sonho, aurora, rosicler,
alma casta e gentil num corpo primoroso
Misto de anjo e mulher.

O nosso poeta é uma organização muito delicada. Percebe, muita vez, a fuga das verdades maravilhosas, que habitam o seu mundo interior: motivos vagos, estímulos remotos, visões diluídas, fantasmas, como se passassem sob uma camada de água, rápidas, cruzam-se, mas, antes de se perderem, as ressonâncias musicais ficam encastoadas nas rimas sonoras. Meditai bem no alto espiritualismo destes tercetos:

Ouçó, na aragem leve, que perpassa,
Vozes de outrora e vejo, na vidraça,
Visões de um doce sonho enganador

E nas coisas reais apenas vejo
Na incerta nevoa fosca do desejo
Vagas visões dum mundo interior...

A introspecção alcança afirmações radiosas, senhores. Na devassa, que a emoção, entreabrindo, como uma flor, a alma do poeta, favorece, o analista colhe apenas uma alma boa, uma alma cândida, que não compromete o sonhador. E, se, sobre o lodo da sensualidade, abre as brancas asas, qual a garça do poeta, não o tocam nem de leve, as suas penas alvinitentes. Cantando a mulher, reveste-a de rimas, orna-a de festões, e, quando, porventura, solta, a todo o pano, o impulso ardente da sua paixão, não se encontra a libido inferior, mas pervaga, insatisfeito, torturado, sob a névoa de um pessimismo suave e digno. Ei-lo:

Ignota Déa

A que eu amo, a que eu quero, a que eu procuro,
e que, sozinha, me era o mundo inteiro,
que podia fazer doce e fagueiro
este viver que levo triste e obscuro,

A que tem no sorriso feiticeiro
o dom de abrir-me o mais feliz futuro,
a que podia ser, qual sempre a ouro,
o meu primeiro amor e o derradeiro,

A que pudera dar-me, num momento,
a crença, a glória, o amor, o esquecimento
de tudo o que sofri e sofrerei,

A mais bela, a mais pura, a mais querida,
não há de nunca, em toda a sua vida,
saber que a amei, que a quis, que a procurei

Descreve a mulher amada, ou, como um panteísta, exalte a natureza nos estos da sua maternidade fenomenal, desdobrando-se em flores e frutos, a larva do sensualismo grosseiro, em José de Mesquita, está substituída pela intensa atividade artística, transfigurada, nobremente, na alta dignidade dos sentimentos. Verme, ontem, hoje, pássaro livre a cantar, a cantar

Eis, terminada a minha missão. Procurei, quanto me foi possível, amenizar a dureza do assunto. Melhor fora discutisse questões mais práticas da vida, como a crise, o câmbio ou a impertinência dos credores. Ou o jogo do bicho, por exemplo. Sim, a instituição inabalável do bicho. E aqui está, muito propósito, o baixo perigoso onde frequentemente sobra a galera dos sonhos do sábio vienense. Porque o bicho mata na cabeça a teoria de Freud. Pelo menos aqui em Cuiabá. Exemplo: sonhou com políticos, em ciranda eleitoral, esqueça Freud e compre imediatamente o urso que o palpite leva o banqueiro à falência na certa.

=====

Palestra feita no Centro Matogrossense de Letras. Publicado na RCML – 1932 e republicado por Carlos Gomes de Carvalho em Panorama da Literatura e da Cultura em Mato Grosso [2004].

A Cultura Matogrossense

A capital de Mato Grosso sempre gozou da fama de ser uma cidade culta. Tal assertiva passou a constituir, para todos que a conhecem, um axioma indiscutível. O grande escritor Monteiro Lobato, ao visita-la, em 1936, escreveu: “*A elite de Cuiabá é muito fina. Cuida bastante da educação. Abundam homens de linda cultura, até filosófica.*”

Esse fato, quase estranho numa cidade que vivia isolada pelas distancias do resto do Brasil e do mundo, deve ter uma explicação. E é justamente isso uma das cousas que se tenta fazer nesta História da Cultura Matogrossense.

A análise dos fatos, na perspectiva do tempo, demonstra uma curiosa e paradoxal anomalia: enquanto Cuiabá esteve isolada dos grandes centros do país, com os quais só se comunicava pelos precaríssimos meios da navegação fluvial e do telégrafo (a notícia da Proclamação da República só chegou na madrugada de 9 de dezembro), - isso no período que medeia entre o término da Guerra do Paraguai e a Revolução de 1930 – viveu ela a fase mais brilhante de seu desenvolvimento cultural. Foi nessa quadra que se registrou a criação da maior parte das entidades de ensino, das associações culturais e dos órgãos de imprensa que geraram o grande brilho de sua vida intelectual.

Realmente, nos 60 anos que se intercalam entre esses marcos históricos, foram criados em Cuiabá cerca de uma dezena de estabelecimentos de ensino, entre os quais, o Liceu Cuiabano e o Colégio Salesiano São Gonçalo, que formaram as gerações que pontificaram no cenário social, político e cultural do Estado; foram fundadas mais de quinze associações culturais de marcada influencia na vida cultural da terra, entre elas, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Matogrossense de Letras; circularam nada menos que 95 órgãos de imprensa, que contribuíram, de modo decisivo, para a formação intelectual do nosso povo.

A partir da Segunda Guerra Mundial, justamente quando a maior facilidade de comunicações e de transportes, pelo rádio, pelo telefone, pelas rodovias e pela via aérea colocaram Cuiabá mais próxima dos grandes centros, segue-se um período de relativa estagnação em suas atividades culturais.

Tal situação começou a ser modificada em 1970 com a criação da Universidade Federal de Mato Grosso, que assumiu a liderança das atividades culturais no Estado e, posteriormente, com a criação da Fundação Cultural de Mato Grosso pelo Governo Estadual e da Casa da Cultura pelo Governo Municipal.

Ao mesmo tempo, notou-se um renascimento das atividades do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de Letras, que tiveram também o seu período de estagnação após o desaparecimento dos grandes homens das nossas letras, Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita, Estevão de Mendonça, Firmo Rodrigues, Franklin Cassiano da Silva, Ulisses Cuiabano, Virgílio Correa Filho, Nilo Póvoas, Isac Póvoas, e muitos outros.

Associações Culturais

As associações culturais fundadas em Mato Grosso exerceram um papel importantíssimo no desenvolvimento da cultura mato-grossense, já pela ação pioneira, já pela preparação de um ‘clima’ propício ao cultivo das cousas do espírito, e, principalmente, pela revelação de valores e estímulo de vocações.

Surpreendente, mesmo, que numa cidade como Cuiabá – a célula mater da cultura estadual – de reduzida população e situada geograficamente a uma distancia imensa dos grandes centros culturais do país, tenham surgido tantas associações com tais finalidades.

Nada menos de dezoito delas conseguimos catalogar, mas é provável e quase certo que muitas outras tenham escapado ao registro da história, tal a precariedade das fontes de informação, dada a facilidade com que se permitiu, em nossa terra, a criminosa destruição de arquivos e o pouco caso com que quase sempre foram tratados.

Não fosse o zelo de homens como o Barão de Melgaço, Virgílio Correa Filho e, mais recentemente, Rubens de Mendonça e o autor destas

linhas que, como Secretário de Estado de Administração, salvou, com o auxílio de D. Vera Randazzo, da destruição certa, o preciosíssimo Arquivo Público do Estado, recompondo-o em acomodações próprias, no Centro Político Administrativo (CPA), e a nossa memória histórica estaria toda ela perdida. Por isso dizemos que as informações que prestamos são, por certo, incompletas mas justamente o objetivo desta obra é contribuir para salvar do olvido o pouco que se conhece da história da cultura matogrossense. Nota-se que esse movimento se inicia e se intensifica após o término da Guerra do Paraguai.

Em 1867 – durante os anos do conflito – foi fundada a Sociedade Teatral, organizada pelo Dr. De Lamare.

Em 1874 – com o advento da paz – era instalado em Cuiabá o Gabinete de Leitura, sociedade da qual faziam parte o Presidente da Província José de Miranda Reis e o advogado Antônio de Paula Corrêa. Essa associação possuiu uma Biblioteca, a cuja organização Paula Corrêa se dedicou, como Diretor.

Em 1877 foi fundada, sob a presidência do Comendador Henrique José Vieira, a Sociedade Dramática Amor à Arte.

Em 1882 surge a associação denominada Clube Literário, com estatutos aprovados pelo Presidente da Província, Cel. José Maria de Alencastro, e objetivos semelhantes aos de uma verdadeira Academia, visando à realização de sessões literárias e à publicação de uma revista.

Em 1883, por iniciativa do Barão de Batoví, foi fundada a Sociedade Terpsicore Cuiabana, que oferecia, além de reuniões dançantes, saraus lítero – musicais. Ainda em 1883, e ainda sob os auspícios do Barão de Batoví, surge a sociedade intitulada Instrução e Recreio.

Em 1884, era fundada a Associação Literária Cuiabana. Contando com muitos sócios, ótima biblioteca e sede própria, antes na rua Pedro Celestino e depois na atual rua Antônio João, foi das mais longas existência e das mais atuantes.

Em 1893 foi fundada a Escola Dramática, iniciativa de Joaquim Bartholino de Proença, que ofereceu à plateia cuiabana diversos espetáculos teatrais, os quais, segundo Estevão de Mendonça, eram “concorridíssimos”.

Em 1897 nasce o Clube Minerva, sociedade lítero – musical, em movimento liderado por Virgílio de Araújo, entidade que teve presença marcante no movimento cultural matogrossense.

Em 1899 (10 de janeiro) surge a Sociedade Internacional de Estudos Científicos, destinada a realizar conferências e estudos sobre temas de geografia e história do Brasil e Mato Grosso, presidida pelo pastor evangélico Dr. John W. Price e da qual fizeram parte, entre outros, os professores João Pedro Gardês e Estevão de Mendonça.

Em 1904 (12 de abril) é fundado em Cuiabá o Clube Internacional, sociedade recreativa que, segundo o depoimento de Estevão de Mendonça, *“congregou em seu seio todos os elementos de destaque da sociedade cuiabana”*, organizando conferências literárias, concertos, partidas de danças e muitas outras manifestações de cultura. Marcou uma época que não durou muito, porque surgiram no cenário as agitações partidárias de 1915. Segundo ainda o autor das *Datas Matogrossenses*, *“poucas sociedade têm sido criadas em Mato Grosso sob tão belos auspícios como o Clube Internacional, a começar pelo número e qualidade dos sócios, pela confortável instalação, pelo elegante mobiliário diretamente importado de Hamburgo, pela ornamentação das salas e pelo apurado serviço interno. Possuía biblioteca”*. Sua Diretoria era constituída pelo Dr. Manoel Joaquim dos Santos, Presidente, Dr. Antônio Fernandes Trigo de Loureiro, Vice Presidente, Contador Antônio Fernandes de Souza, Secretário, e Sr. Henrique Hesslein, Tesoureiro.

Em 1908 foi fundado o Grêmio Olavo Bilac, também de curta duração.

Em 1911, por iniciativa de um grupo de jovens que estudavam no Liceu Salesiano foi fundado o Grêmio Literário Álvares de Azevedo, de fecunda existência, integrado por 19 moços, entre os quais Leônidas de Matos, Lamartine Mendes, Nilo Póvoas, Mariano Augusto de Figueiredo, Albano Antunes de Oliveira e Antônio Ribeiro de Arruda. Os jovens do Grêmio Álvares de Azevedo publicavam seus trabalho na Revista Mato Grosso, editada pelos Salesianos desde 1904.

Em 1918 surge em Cuiabá o Grêmio Feminino Júlia Lopes, congregando as moças e senhoras da sociedade cuiabana que se dedicavam ao cultivo das letras. O Grêmio Júlia Lopes passou a editar a revista A Violeta, sob a responsabilidade da escritora Maria Dimpina Lobo Duarte, que circulou por longos anos, até à morte de sua Diretora.

Em 1919 nasce o Instituto Histórico de Mato Grosso, mais tarde, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, e, a 7 de setembro de 1921, foi solenemente instalado o Centro Matogrossense de Letras, fundado por inspiração do Arcebispo Dom Aquino Corrêa, então Presidente do

Estado. O Centro Matogrossense de Letras foi transformado, em 1932, na Academia Matogrossense de Letras.

Em 1925 é fundado o Grêmio Castro Alves, que era integrado, na sua maioria, por estudantes do Liceu Cuiabano, entre eles Deocleciano Martins de Oliveira, Rubens de Mendonça e outros.

Em 1936 outro grupo de alunos do Liceu Cuiabano, do qual faziam parte Lenine C. Póvoas, Caraciolo Azevedo de Oliveira, João Batista Martins de Melo, Nelson Leite de Barros e outros, fundou o Grêmio Literário José de Mesquita, que editou a revista estudantil O Abecê.

Todas essas associações deram a sua contribuição, maior ou menor, ao desenvolvimento cultural de Mato Grosso.

=====

Capítulo de História da Cultura Matogrossense. Cuiabá: ed. do Autor, 1982.

Uma das faces do contemporâneo na poesia de Lucinda Persona: a sacralização e celebração do espaço- tempo

Ezra Pound (1990) disse que os artistas são as antenas da raça e Michel Maffesoli (2003) aconselha a ouvir os místicos e artistas porque conseguem captar as forças naturais e secretas que penetram o espírito de certa época. Que forças naturais e secretas a poesia brasileira contemporânea revela? Não responderemos a essa questão inventariando parte significativa da produção nacional, marcada pelo signo da diversidade, mas recortando a produção de uma autora que reside em Cuiabá e faz parte do quadro da Academia Mato-Grossense de Letras, ocupando a cadeira nº4, Lucinda Nogueira Persona.

Se pensarmos a contemporaneidade a partir de um período denominado pós anos 80, podemos situar a poesia dessa autora num grupo de escritores que se dedicam a uma escrita introspectiva, meditativa, de reflexão existencial a partir de um imaginário de seres e coisas simples e triviais, ou consideradas triviais pelo sistema de produção capitalista e tecnologicizado ao qual pertencemos. Nesse grupo, situam-se as vozes expressivas do modernismo brasileiro como Manuel Bandeira e Mario Quintana e, mais recentemente, de Manoel de Barros e Adélia Prado, entre outros. Sobre Bandeira e Quintana, Carlito de Azevedo, em orelha do livro *Ser Cotidiano*, de Lucinda Persona (1998), é quem inspira a referência ao dizer:

A capacidade de retirar a poesia mais límpida das coisas mais simples, banais e cotidianas situa a poesia de Lucinda Nogueira Persona na família poética de Manuel Bandeira que se perguntava num poema famoso, que importavam a Glória a paisagem e a linha do horizonte, se o que ele via era o beco, e de Mário Quintana (que escreveu que descobrir continentes é tão fácil como esbarrar num elefante e que poeta é aquele que acha uma moedinha perdida).

A aproximação de Persona com tais poetas procede, com a diferença de que ela não traz em seus textos temas do cotidiano popular encontrados nas poéticas de Bandeira e Quintana, nem marcas da variante linguística coloquial. A semelhança fica por conta dos elementos espaciais do cotidiano doméstico e do próprio cosmos, a serviço de uma temática reiterativa que é a finitude da matéria ou o seu contrário, a celebração da vida presente. Nesse ponto, embora sem as semelhanças do trabalho formal com o verso, uma análise comparativa cuidada talvez devesse apontar para um vínculo mais profícuo com a poesia de Cecília Meireles. Cecília trabalhou, com mestria, temas ligados ao vazio, à morte e à solidão e “norteia os processos imagéticos para a sombra, o indefinido, quando não para o sentimento da ausência e do nada” (Bosi, 1994, p.461). Já com Manoel de Barros a familiaridade fica por conta da atenção dada a seres que, antes do modernismo, na literatura brasileira, eram praticamente desprestigiados pela poesia, como rã, lesma, entre outros. Com Adélia Prado, há semelhanças quanto à valorização de eventos cotidianos, objetos da casa e uma mística cristã. Certamente há outras aproximações, mas não avançaremos nesse sentido para não nos desviarmos do objetivo deste estudo que não prevê comparação com outros escritores, e sim apenas um esboço situacional numa linhagem criativa que reconhecemos no contemporâneo, embora suas raízes possam alcançar o passado modernista.

Na poética da autora, salta aos olhos a recorrência de imagens espaciais, conforme demonstramos em tese defendida na Universidade Federal de Goiás, da qual este artigo se origina, com adaptações. Há uma articulação entre o efeito do tempo sobre esses itens espaciais e materiais, por isso as categorias de espaço e tempo são reunidas numa só. Percebemos, no conjunto da obra, que os espaços comuns são dotados de um valor sublime, como se, por meio deles, o eu lírico empreendesse a tentativa de triunfar sobre o tempo.

No campo da poesia, para Bachelard, o espaço é “sujeito do verbo crescer” (o que só é possível em conjugação com o tempo) e conferir espaço poético a um objeto é “dar-lhe mais espaço do que aquele que ele tem objetivamente, ou, melhor dizendo, é seguir a expansão de seu espaço íntimo” (1988, p. 206). Essa expansão, nos poemas de Lucinda, ocorre por meio da valorização, da sacralização e celebração do espaço-tempo, o que interpretamos ser um gesto revelador, consciente ou inconscientemente, ou as duas coisas, de que a exaltação da plenitude da vida se dá pelo seu avesso, a iminência da morte. Essa percepção, como dissemos, seja consciente ou

não, remete a discussão para o campo do trágico, entendido aqui como o da iminência da morte.

Ao nos referirmos ao sentimento do trágico, tornam-se relevantes as contribuições de Michel Maffesoli sobre o tema. O teórico faz um importante estudo da contemporaneidade, assinalando justamente esse aspecto, ou seja, a valoração do cotidiano que, normalmente, tem sido vivido despercebidamente, de modo que são notados apenas alguns episódios não rotineiros. Analisando o comportamento de diferentes grupos sociais, ele anota que, com a sensibilidade do trágico, o tempo fica mais lento, as pessoas desejam viver intensamente o presente. Assim, em vez de o “eu” ser o centro do mundo, o local e o instante, o aqui- agora passam a ser o centro e tiram do sério a seriedade do sistema, ensejando a dominância da figura de Dionísio, no lugar da dominação do homem pela natureza, característica da modernidade. Disso decorre a “importância do festivo, a potência da natureza e do entorno, o jogo das aparências, o retorno do cíclico acentuando o destino, coisas que fazem da existência uma sucessão de instantes eternos.” (MAFFESOLI, 2003, p.12). Em outras palavras, o estilo de viver a morte em doses homeopáticas, todos os dias, é que faz com que a vida se torne intensa.

Ao considerar a criação artística, nesse contexto, o teórico afirma que ela se cristaliza, condensa-se em um só momento de existência plena. Esse procedimento é perceptível na poesia de Lucinda em que a vida é, ao mesmo tempo, abundante e finita, por isso requer intensidade nas experimentações:

Hotel em Veneza

Nunca
nunca mais se repete
qualquer instante vivido.
[...]

De fato, ele dormia a sono solto
enquanto eu (no tempo vago)
velava as coisas mortas
os espelhos revelando
a natureza íntima das horas.
[...]

(*Sopa escaldante*, p.56)

No centro da questão do aqui-agora está a vida, a experiência e não as teorias sobre a vida. A consciência sobre a não repetição dos momentos pede, no entanto, uma atitude de detenção do tempo, mesmo para os instantes considerados banais. Velar é verbo destinado aos eventos da morte, mas no poema acima é invertido, pois os espelhos é que são velados, por refletirem uma perenidade que é apenas superficial. No íntimo de cada ser ou coisa espelhada, as horas trabalham, mas isso não é revelado, tal qual a sombra das coisas, elemento variável:

Frutos são ovários

O que pode variar
entre o simples e o simples
é a sombra das coisas.
Ali, na bandeja, descansam frutos redondos
que me encham de graça e desejo
Posso, sem susto, examiná-los de todos os lados,
pois cabeças degoladas eles não são
Frutos são ovários amadurecidos
[...]
É tão cômodo estender as mãos
ao que me basta para conservar a vida
e assim alcançar a razão

A vida requer cuidados especiais
Guardá-la da morte (comendo)
é o que me consome.

(*Leito de acaso*, p.83)

Nesse poema, captura-se o que há de vivo, o fruto (*posso examiná-lo de todos os lados*), e, não bastasse, consome-se (o fruto) para cuidar da vida que já está passando. O eu lírico empenha-se em negar aquilo que poderia ser indicativo da morte: *cabeças degoladas eles não são*, enfatizando o aspecto vital, mesmo que latente: *Frutos são ovários amadurecidos*.

O verdadeiro sagrado, segundo Maffesoli, reside justamente nessas atitudes, mais do que qualquer forma estritamente religiosa. Há, na poesia de Lucinda, uma percepção do cotidiano diferenciada, é como se o eu lírico visualizasse certa aura nos móveis, nos alimentos, nos animais, nos objetos,

enfim, nas coisas e nos seres. Devemos anotar que, em certos momentos históricos, esse tipo de percepção é apagada, especialmente naqueles em que não é possível, por questões de sobrevivência, dar as costas aos apelos do mundo exterior. Portanto, esse gesto deve ser interpretado à luz do contemporâneo, em que o trágico volta com força, depois do apagamento imposto pelo século das luzes e das máquinas. A celebração do instante, do cotidiano é uma forma de iniciação, é uma forma de sacralizar o espaço-tempo, nos dizeres do teórico:

Todas as situações da vida cotidiana são, assim, formas de iniciação naturalmente vividas. Os lugares e os jogos da infância, o cenário das primeiras emoções, a aprendizagem das maneiras de pensar, a interiorização das posturas corporais, a integração das formas linguísticas e, sobretudo, todas as comunicações não verbais que, por sedimentações sucessivas estruturam a solidariedade orgânica sem a qual não há sociedade possível. (MAFFESOLI, 2003, p.54),

e de Lucinda Persona:

[...]

Mas que alegria
Encolher-me até a infância
é um crescimento
Reencontro minha casa
Revejo minha sala
Reparo minha vida
São cinco horas da tarde
e todos saíram
Não posso perder
esse tempo comum
Bem calmamente
em malfeita cadeira
estou frente à mesa
que a renda familiar
não permite mais fina
Não tiro os olhos do papel
estou a ler e a escrever
Talvez demore uma hora
Talvez demore a vida inteira.

(*Tempo comum*, p.58)

A imagem do encolhimento sugere a adaptação ao tempo da infância, possível pela memória e pela poesia. Quando isso ocorre, há uma simultaneidade entre “o espaço da intimidade e o espaço do mundo” conforme Bachelard (1988, p.207), uma inclinação da alma, trazendo o distante para o presente. O resultado dessa viagem é a serenidade que o instante fixado e celebrado traz ao sonhador, além da sensação de imensidão e eternidade propiciadas pela contemplação. Em outras palavras, “em certas horas, a poesia propaga ondas de tranquilidade” (BACHELARD, 1988, p.214), sensação que os quatro últimos versos do poema parecem traduzir, quando o conteúdo semântico é reforçado pelo uso de verbos no infinitivo e pelo uso de anáfora e paralelismo sintático nos dois últimos.

Quando Maffesoli diz que o verdadeiro sagrado está nessas contingências, nos permite desfazer aquela imagem de sagrado circunscrita a um Deus soberano e longínquo, abstrato e racional. A concepção de sagrado que se expressa aqui, tanto pelo teórico como pela poeta, é a de um sentimento de pertencer a este mundo e a este tempo, é a de uma percepção da transcendência que é, ao mesmo tempo, imanência. *A poesia está além das circunstâncias. / Quase nada se sabe a respeito/daquilo que une palavras rumorosas/ nem sobre os elementos convenientes/ à legítima oração cotidiana.* (PERSONA, 2009, p.29). Maffesoli aponta para a própria natureza do símbolo e para outro reconhecimento do ser, não mais o ser do mundo moderno, separado da natureza e do vizinho. Esse fundamento, aliás, para o teórico, foi basilar para a lógica da dominação.

Há, em certa vertente da crítica, uma tendência de ver nessas formas de expressão, uma espécie de alienação. Na poética do cotidiano não está um ensurdecimento diante dos grandes problemas da vida, mas, justamente o contrário, está a manifestação do que é a vida nos seus detalhes, na sua intimidade, naquilo que é realmente vivido no dia-a-dia e se encaminha para a morte. As questões sobre a vida e a morte, são, afinal, um dilema comum e coletivo. A celebração nada mais é do que uma intensidade que não anula o ritmo progressivo do tempo, o constitui, mas modifica o sentido de história, porque modifica a noção de individualidade.

Modificar o sentido da história não significa anulá-la, mesmo porque o poema é sempre um produto social, como bem asseverou Octavio Paz (1982), e por sê-lo, torna-se histórico. Também é histórico por ser uma criação que, apesar de transcender a história, precisa dela para se encarnar. Para Paz, o poeta não foge à história, nem quando a nega ou ignora, pois

suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem. Essa revelação é o significado último de todo poema e quase nunca é dita de modo explícito, mas é o fundamento de todo dizer poético. (1982, p.230).

Retornando a Maffesoli, é preciso reconhecer na celebração e sacralização do cotidiano, da rotina, da consideração daquilo que é normalmente julgado como não importante, maneiras

idênticas de expressar e de viver o retorno do mito. [...] Em cada um desses casos, há absorção do indivíduo, da história, da funcionalidade, por uma espécie de eternidade vivida no dia-a-dia. Esta eternidade cotidiana talvez permita compreender o assombroso romantismo das novas gerações, sua indiferença também, frente a um mundo social e econômico cada vez mais hostil, enfim, seus desejos e seus esforços para viver em uma realidade mais global, que não se reduz à realidade comercial que quer impor o filisteísmo moderno. (2003, p.66).

Em Lucinda Persona, não só esses aspectos, mas a onipresença da imagem é uma marca da descrição do contemporâneo. Na poética da autora, a imagem fulgura, brilha, produz revelações ao ser, e é quem garante a epifania da língua: *De repente/ num modo velho de acordar/ abro a úmida casca noturna. (Ser cotidiano, p.45); Floresce/ na pia de aço/ um enorme buquê/ de couve-flor (Ser cotidiano, p.48); Na cebola que corto/ a visão turva/ o esvoaçar de minúsculos pássaros/ de água. (Sopa escaldante, p.87)*. Devemos anotar, entretanto, que o gesto de viver intensamente o aqui-agora, em Lucinda, não se dá nos moldes da extravagância e do extravasamento irresponsáveis e que aceleram a chegada da morte, em alguns casos. Viver intensamente é dar atenção a todas as coisas, até as mínimas e invisíveis a olho nu, porque nelas estão as epifanias que podem nos ensinar a buscar, na brevidade, o sentido do eterno, como bem ilustra este poema:

Dois maços de alface

Infinito
é o tempo de que preciso
para cada coisa que faço

são dez horas da manhã
lavo
com fé religiosa
dois maços de alface
a dimensão da atividade
é pequena
mas
enquanto desfaço
os rosários de bactérias
dá tempo de pensar na vida
dá tempo de pensar na morte
e ainda muito mais

ai daqueles que não pensam na vida
ai daqueles que não pensam na morte
ai daqueles que não pensam em nada.

(*Sopa escaldante*, p.81)

Os seres aparecem na poesia de Lucinda, primeiramente, na sua condição usual. Depois, são submetidos ao olhar minucioso e atento da poesia, que sempre quer mais do que se mostra à primeira vista. Por conta desse hábito, o tempo de que o eu lírico precisa tem uma medida diferente daquela do relógio. Em nosso mundo capitalista, conforme o modo de atribuirmos valor às coisas, a atividade doméstica pode ser considerada pequena, mas não para quem nela descobre reflexões fundamentais para a existência. Esse olhar atento chega ao ponto de, nesse poema, visualizar na folha da verdura um rosário de bactérias. Prestar atenção nessas minúsculas formas invisíveis a olho nu é, segundo Bachelard, ter o “olhar engrandecedor da criança [...] O pormenor de uma coisa pode ser o signo de um mundo novo, de um mundo que, como todos os mundos, contém os atributos da grandeza.” (1988, p.164). Para ele, prestar atenção a um detalhe é, de certo modo, possuir uma lupa. Nesse caso, convém destacar a forma rosário, que está combinada com o sentido de devoção dedicado à atividade. Pensar na vida, na morte e em muito mais, requer devoção para com nossa natureza humana – finita, e para com nossas crenças que vislumbram o transcendente. Na última estrofe, podemos estabelecer uma relação implícita com uma parábola bíblica (Mateus 25: 1-13) que fala da

necessidade de se estar vigilante, pois não se pode prever a morte. Assim, temos, nesse gesto de celebrar o espaço-tempo e sacralizá-lo, a medida do trágico que vislumbramos nas orgias pagãs e no imaginário cristão, marcado pelo signo da advertência. Esse poema ilustra como a introspecção, traço que em nossa cultura foi sendo associado ao princípio feminino, realiza-se diante de coisas que pensamos banais, mas que, pelo olhar da arte recebem a valoração do sagrado. Enfatizamos que essa valoração é dada pela arte, pois o modo de vida do ser humano moderno distingue-se do arcaico por uma espécie de profanação da vida, conforme Eliade:

Para a consciência moderna um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade, etc - não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva [...]. Mas para um primitivo um tal ato nunca é simplesmente fisiológico. Não é ou pode tornar-se um “sacramento”, quer dizer uma comunhão com o sagrado. (2001, p. 20)

Com a poesia, há uma recuperação desse sentido primitivo, em que o sagrado está nas coisas, nas cores e formas, na perspectiva de uma divindade que não está distante ou isolada, mas presente em todos os seres, ou, quando o sentido é de transcendência e não de imanência, a divindade manifesta uma predileção por aqueles que possuem uma alma inquieta ou poética, como nos faz perceber o poema:

Um pêssego fora da árvore

Já aprendi que Deus gosta dos aflitos.
Há formas e cores
repletas de inquietação
realidades comuns que me põem
em estado de alerta
seriam restos de vida?

Um pêssego fora da árvore
ao ter a morte à flor da pele
mantém intacta a potência luminosa.
Daí a tragédia.

Quero o fruto (fruto de observação)
não apenas para dar
um pouco de substância ao plasma
antes o quero
para o gozo de uma certa realidade
desconstrução muito diversa daquela
de romper em qualquer ponto
o equilíbrio
provocar o estado diferente da matéria.

Libertar-me
do insuportável excesso de imagens
é deste único modo.

(Leito de acaso, p.55)

A aflição do eu lírico pelo fruto fora da árvore e à beira da morte é eufemizada pela presença da semente, a “potência luminosa”, que está protegida. É assim que “Deus” se faz presente, como uma imagem mítica coletiva que corresponde à entidade divina responsável pela criação e pela perfeição da natureza capaz de voltar a viver depois da morte. A tragédia a que se refere o eu lírico é essa ambivalência de morte e vida num mesmo ser. Esse é o verdadeiro fruto que deseja o eu lírico e não o alimento material, com seus nutrientes que, uma vez ingeridos e digeridos, vão desembocar na corrente sanguínea, que contém o plasma. A realidade que o eu lírico deseja “gozar” é a do estado que contém a ideia de perpetuação (semente = ciclicidade) e não a da matéria, que é finita. Por isso a concentração na realidade comum do pêssego é um modo de libertar o ser do excesso de imagens que o oprimem, de submetê-lo a uma espécie de limpeza e purificação para, livre do excesso, permitir a introspecção, a reflexão e uma possível conclusão libertadora. Aí talvez resida o sentido de viver a imagem em seu devir e não em uma anterioridade, preconizado por Bachelard.

Em outro poema da autora, também a ideia de ciclicidade, de que a árvore é um dos principais arquétipos, aparece em meio a sentidos repletos do semantismo da morte:

Meu verde é amargo

Queria explicar-me
através de uma árvore (completa)
- da raiz à copa –
mas não é fácil.
A palavra copa tem um outro sentido
nenhum destaque:
é apenas um lugar familiar
onde a favor me circunscrevo
e minha raiz nervosa é
um emaranhado de dúvidas
sepultadas no vazio.

Queria explicar-me
através de uma árvore (completa)
porém
não tenho frutos não tenho sementes
e o meu verde é amargo
interno e restrito a uma vesícula.
As folhas, realmente, são
de um branco bem formatado:
nelas escrevo e apago.
Uma influência de flores
me dá um ar desarvorado (isto sim)
e ao mesmo tempo ganho a metáfora
de um caule que no meu íntimo
se consolida.
Um pássaro frio, pousado, me ensina
o que é morrer em vida
e o dobro disso
ainda

(*Ser cotidiano*, p.15)

O poema inicia com a manifestação de um desejo: o de ser como uma árvore, que nasce, cresce e dá frutos que contém sementes que darão nova vida: ciclo completo. Mas essa possibilidade é negada para um eu lírico cujo verde, que poderia conter os sentidos de vida, é restrito ao verde

líquido da bílis. Até o 17º verso, a comparação com a árvore é estabelecida com a enumeração das desvantagens do eu lírico em relação a ela. Os aspectos positivos começam a aparecer quando um dos produtos da árvore - a folha, o papel - permitem a escrita do eu lírico, beneficiado também pela influência das flores que imprimem um jeito de ser desarvorado (desorientado, menos rígido, descontraído) e oferecem a metáfora do caule, parte da planta responsável pela sustentação, por onde passam os nutrientes absorvidos pelas raízes. A imagem inusitada é a do pássaro pousado e frio. A palavra *frio* comporta pelo menos dois significados: indiferente (a quem?) e morto. Em qualquer dos casos a imagem remete a um ser fora do voo, parado, desfuncionalizado. Isso reforça o desejo do eu lírico de ser como a árvore - funcionalizada - e não como algo que parece morto mesmo estando vivo. Ressaltamos que o uso dos parêntesis para o adjetivo “completa”, qualificando o nome árvore, em vez de apenas acrescentar uma informação, salienta o sentido de ciclicidade ausente para o eu lírico, aspecto reforçado pela falta de ponto final no poema.

Dentre as múltiplas faces da poesia brasileira contemporânea está a celebração e sacralização do espaço-tempo, o que se pode ler também em outros autores, embora neste artigo tenhamos mencionado apenas Lucinda Persona, autora premiada nacionalmente e que reside em Mato Grosso.

Com a sacralização e celebração do espaço-tempo, o eu lírico dos poemas de Persona propõe o encontro de similitudes entre o humano, as coisas, os seres. Uma dessas similitudes é a de que a matéria é finita. Há como reverter o processo? Não, pois a matéria está sujeita ao tempo. O que resta a fazer é viver cada momento e cada espaço intensamente, especialmente aquilo que está mais próximo, mais íntimo. Em outros e outras poetas, talvez se vislumbre um “politeísmo de valores”, termo que Maffesoli toma emprestado de Max Weber para ilustrar que todos os “modos de ser e pensar são admitidos” (p.63) no contemporâneo. O espaço cotidiano se afigura, para esse pensador, como um refúgio “ao qual voltamos quando a vida nos fere, ou quando as pressões políticas, econômicas, profissionais, tornam-se muito fortes.” (p.63). Celebrar e sacralizar o espaço-tempo, o aqui-agora do cotidiano, é um rito que a poesia contemporânea realiza para se refugiar, também, na importância do que não pode ser reduzido à utilidade pragmática e seja constituinte da nossa natureza.

Referências bibliográficas

BACHELARD, G. A poética do espaço. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: O Antigo e o Novo Testamento. Tradução de Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Novo Brasil Editora, sd.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.

ELIADE, M. O sagrado e o profano. Trad. Rogerio Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAFFESOLI, Michel. O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Tradução de Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

PAZ, Octávio. O arco e a lira. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. Ser cotidiano. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

_____. Sopa escaldante. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

_____. Leito de acaso. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

_____. Tempo comum: Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

POUND, Ezra. ABC da Literatura. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

O teatro em Cuiabá

O povo cuiabano foi sempre apreciador dos espetáculos de palco. Já a 7 de outubro de 1807, por ocasião da visita do oitavo governador de Mato Grosso, a Cuiabá, Capitão-general João Carlos Augusto d'Oeynhausen Gravemberg, conforme as crônicas da época, o povo cuiabano dava excelente prova de gosto pelas representações teatrais. Nessa ocasião, segundo os *Anais do Senado da Câmara*, regozijando-se o povo com a honrosa visita, “na seguinte noite – 8 de outubro – o capitão Juiz-de-Fora Joaquim da Costa Siqueira ofereceu um pomposo carro todo iluminado em que ocupavam com propriedade os seus lugares Apolo, Júpiter, Marte, Cupido, Juno, Vênus, Minerva e as nove musas, o qual tendo rodeado a praça, parou em frente das janelas da aposentadoria de S. Excia. a quem se dedicava aquele obséquio. Repetiram os atores que ocupavam o carro um drama poético, que assaz agradou a S. Excia. e que se repetiu a 18, havendo nova adição poética que mereceu maior aplauso”. Insulada no sertão do oeste pátrio, as comunicações de Cuiabá com a Corte eram demoradíssimas, e a sociedade da época improvisava os espetáculos para seu deleite.

A 11 de agosto de 1877 inaugurou-se em Cuiabá a Sociedade Dramática Particular Amor à Arte, “contando 62 sócios de camarote e 98 sócios de plateia”, e que fora fundada a 23 de maio do mesmo ano. O primeiro espetáculo de Amor à Arte realizara-se a 1º de julho seguinte, levando-se à cena as comédias *A torre em concurso* e *O novo Othelo*. Foi uma das mais duradouras, assinala Estevão de Mendonça, das que existiram em Cuiabá, instalada em confortável prédio cedido pela antiga Sociedade Teatral, e que marcou época em Cuiabá, pois do seu corpo cênico faziam parte senhorinhas do escol social, tais D. Elvira Josetti, D. Ana Rivani, Dona Corsina Peixoto Pitaluga e os jovens Antônio João de Souza, Eulálio Guimarães, Generoso Paes Leme de Souza Ponce, Carlos Vandoni e outros, da sociedade cuiabana.

A 18 de agosto de 1883, no sobrado da praça da República, onde hoje se ostenta o maior prédio da cidade, o Centro América Hotel, instalou-se a sociedade Terpsichore Cuiabana, que teve pouca duração. A 27 de agosto de 1885 estreou-se em Cuiabá, no Teatro São João, a primeira companhia de zarzuelas que veio a Mato Grosso. Era o antigo prédio do Teatro São João, o que depois se chamou Amor à Arte, e ficava situado na esquina da rua Formosa, hoje Dr. Joaquim Murtinho, com a avenida Presidente Vargas, no mesmo local onde hoje se vê o prédio do Grande Hotel. A construção do Teatro São João teve início a 22 de junho de 1827. Devido, porém, a desinteligência entre os promotores da ideia de constituição da Empresa do Teatro, foram suspensas as obras até que, anos mais tarde, o comendador Henrique José Vieira conseguia, dirigindo pessoalmente a construção, *“quase completar a edificação. (...) Por anos sucessivos realizaram-se no palco da Empresa de Teatro, apreciados espetáculos”*. Entregue novamente ao abandono, em 1893 o mesmo comendador Henrique José Vieira transferiu seus direitos sobre a quase totalidade das ações da Empresa do Teatro à Sociedade Dramática Amor à Arte, de que era presidente, conseguindo assim, concluir a obra que desapareceu na manhã de 14 de setembro de 1894, com o desabamento do prédio.

O Dr. Karl Von den Steinen, na sua obra *Durch Central Brasilien* refere-se à representação a que assistiu em 1885, em Cuiabá, do drama Caim e Abel, que julgou bem representado pelos artistas amadores. O que lhe causou estranheza foi à presença na plateia, à hora da representação, de um bode *“ao qual os garotos puxavam pelo rabo para verem o animal se por em pé, com atitude ameaçadora”*.

A 5 de agosto de 1893, Joaquim Bartolino de Proença fundou a Sociedade Escola Dramática, erguendo o palco ao ar livre, no quintal onde hoje está o prédio da esquina da rua Barão de Melgaço com a rua Campo Grande, construído por Vicente Orlando, que então pertencia a Manoel Ribeiro, e que ora é sede da Agência da Companhia de Seguros Sul América. Entre os artistas amadores figuravam o próprio Joaquim Bartolino que, diz-nos Estevão de Mendonça, deleitava a plateia com suas piadas, Antônio Petrocelli, Ciríaco de Toledo, João Barbosa de Faria e as senhorinhas Almira e Palmira de Mendonça, Leonídia Fernandes de Souza, Antônia de Figueiredo, Orsina Mamoré, Lídia Evangelista, Delmira de Figueiredo e outras, todas da melhor sociedade de Cuiabá.

Na primeira década do século atual, o teatro do Ginásio Salesiano São Gonçalo, ali à rua Nova, hoje avenida Dom Aquino, marcou era com as representações dos dramas cristãos, extraídos da história da antiga Roma dos Imperadores, pelo padre José Solari. Tomavam parte como atores Vespasiano Martins, Fenelon, Júlio e Frederico Müller, Estevão Gomes, Filogônio Corrêa, Cesário Prado, Antônio Luiz da Costa Campos, Olegário de Barros, Aristides Osório, Hipólito José de Oliveira, Paulino de Assis Moreira, Lamartine Mendes, Nilo Póvoas e o autor destas linhas, então alunos do Colégio Salesiano São Gonçalo. A venda dos cartões de ingresso era feita antecipadamente pelos próprios componentes do corpo cênico e os espectadores tinham a incumbência de enviar as cadeiras, que devidamente marcadas com os nomes dos proprietários, eram numeradas cronologicamente e colocadas segundo a ordem da remessa, cabendo pois a melhor posição local na plateia aos mais previdentes. Com a ausência do padre Solari continuou o teatro salesiano a cargo do padre Luiz Montuschi. A extinção, em 1911, do curso ginasial seriado, pela reforma do ensino do ministro Rivadávia Corrêa, extinguiu-se tacitamente o Teatro do Liceu Salesiano.

Como tudo o que é bom tem pouca duração, o gosto artístico do povo vai aos poucos desaparecendo com o evoluir da civilização sempre em mudança. Com o aparecimento do cinema em 1896 e sua introdução em Cuiabá, em 1908, trazido pela iniciativa de Salvador Teixeira, vai à filmagem absorvendo tudo. O partidarismo político, com as incompreensões do regime democrático, influiu também para o esmorecimento do teatro em Cuiabá. A estirpe, porém, ainda é a mesma, continuada nas gerações que orgulham a tradicional sociedade, e a união da família cuiabana continuará viva através dos tempos para honra da memória dos maiores que fizeram e conservaram a querida e bicentenária Cuiabá.

=====

Publicado na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, tomos XXV – XXVI, anos 1957-1958. Republicado em Panorama da Literatura e da Cultura em Mato Grosso de Carlos Gomes de Carvalho [2004].

Cuiabá, 300 anos. Um revival

O mundo é grande pra nós tudo. Cada um recorda na cabeça o que vem, o que pode falar pro outro. O sujeito pega, fica com ele ali. Pode contar.

(na., apud, Maria Francelina I. Drummond, in, Do Falar Cuiabano).

Os fatos quando registrados não sucumbem sob a névoa do esquecimento. De modo que, olhos, mente e ouvidos são como um relicário a guardar o tempo e os fatos nele vividos, de maneira a perpetuá-los, pela oralidade e pela escrita, para que possam ser transmitidos às gerações futuras.

Lugar e tempo compõem, com os fatos, aquilo que chamamos de história. Portanto, é a história desse lugar chamado Cuiabá e desse tempo de trezentos anos de sua existência que, de maneira fragmentária, buscarei rememorar.

Transcorria o século 17. A busca do ouro fazia com que bandeirantes paulistas adentrassem a vasta hinterlândia brasileira. Destarte, no transcurso das décadas de 1670 a 1680, o bandeirante Manoel de Campos Bicudo, na confluência dos rios Coxipó e Cuiabá, fundou um pequeno povoado, ao qual deu o nome de São Gonçalo.

Mais tarde, atraídos pela notícia da existência de grande população indígena (coxiponés, guaicurús, bororos e os destemidos paiaguás), a bandeira paulista comandada por Pascoal Moreira Cabral, aportou ao local visando a captura de indígenas a fim de submetê-los a mão-de-obra escrava e, principalmente, a busca do ouro. Tendo ele, a fim de garantir o domínio da capitania de São Paulo, em 8 de abril de 1719, lavrado e assinado a Ata de fundação de Cuiabá, a princípio com o nome de Arraial de Nossa Senhora da Penha de França, mais comumente chamado de Arraial da Forquilha. Posteriormente, em 1722, outro bandeirante, Miguel Sutil, descobriu quantidade ainda maior de ouro às margens do córrego da Prainha, no entorno da colina do Rosário, denominando-a Lavras do Sutil,

o que acarretou intenso fluxo de pessoas à região. Isso durou cerca de uma década.

No início de 1727, foi o Arraial elevado a Vila, com o nome de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Tendo sido a Vila elevada à condição de cidade em 1818, tornando-se capital da província de Mato Grosso em 1835. (fontes: Sônia Regina Romancini, in, *Cuiabá: paisagens e espaços da memória*, Ed. Cathedral, 2005; Maria Auxiliadora de Freitas, in, *Cuiabá, Imagens da cidade*, Ed. Entrelinhas, 2011; site Portal Mato Grosso-Brasil, verbete *História de Cuiabá*, acessado em 04.02.2019; João Carlos Vicente Ferreira, site Portal Mato Grosso, verbete *História de Cuiabá*, acessado em 14.02.2019).

Cuiabá é considerada como sendo o marco geodésico da América do Sul, situado no antigo Campo D'Ourique, onde hoje está localizada a Câmara Municipal. Ali eram realizadas as famosas touradas em Cuiabá. “As touradas realizavam-se depois das festas do Divino. No campo de Ourique ou no Largo da Forca, construía-se enorme curro com cerca de madeira, tomando quase toda a extensão da praça. (...) Naquele tempo as touradas eram o maior acontecimento social de Cuiabá. Ocasão para estrear roupa nova, para exibição de chapéus femininos. Fora da cerca, mesas e cadeiras rodeavam tendas de comida e bebida armadas pelo comércio da cidade.” (M. Cavalcanti Proença, in, *No Termo de Cuiabá*, MEC – Instituto Nacional do Livro, 1958) [sic].

O seu nome deriva-se, provavelmente, da palavra bororo *ikiuapa*, que significa “lugar da ikuia” (flecha-arpão), ou seja, lugar no qual os bororos costumavam pescar com esse tipo de flecha no córrego da Prainha. (cf. César Albisetti e Ângelo Venturelli, *Enciclopédia Bororo*, v. 1, 1962, *apud*, Claudio Quoos Conte e Marcus Vinicius De Lamônica Freire, in, *Centro Histórico de Cuiabá – Patrimônio do Brasil*, Ed. Entrelinhas, 2005).

Com a decadência da exploração aurífera, o Arraial regrediu populacionalmente, estacionando no tempo e no espaço na sua existência como Vila e como cidade, durante dois séculos. Isolada do restante do país, seu dia a dia transcorria na velocidade de uma moenda de engenho movida por tração animal. Esse isolamento fez com que surgisse um dialeto próprio, o falar cuiabano.

Esse falar cuiabano, conforme Franklin Cassiano da Silva, é originário da pronúncia de caipiras do interior paulista e transplantado para cá pelos bandeirantes. Pronúncia na qual se carrega na entoação das letras *x*, *j*, *g* e

ch, antecedidas das letras *t* e *d*. (*Subsídios para o estudo de Dialectologia em Mato Grosso*, apud, Maria Francelina Ibrahim Drummond, in, *Do Falar Cuiabano*, Cadernos Cuiabanos nº 5, 1978). De modo que, exemplificando, a seguinte frase popular cuiabana seria pronunciada dessa forma: dJuca, não detxa catchorro tchupa cadjú, catchorro que tchupa cadjú arrasta o cu no tchão.

Embora muito receptivo e amigável com as pessoas que aqui chegam com disposição de permanência ou não, o cuiabano adquiriu certo preconceito em relação àqueles não nascidos em Cuiabá (provavelmente em face das zombarias deles aos costumes e ao falar do cuiabano), fato este que originou a expressão “pau rodado”, para contrapor à expressão “de tchapa e cruz”, esta, atribuída aos cuiabanos nativos e, reza a lenda, seriam aqueles nascidos na Santa Casa de Misericórdia, à época administrada pelas freiras salesianas, que colocavam nos recém-nascidos um cordão com uma pequena chapa de metal inscrita com o nome para evitar trocas e, ainda, um cordão com um crucifixo, daí a expressão “tchapa e cruz”. Muitos forasteiros sentiam-se discriminados com essa expressão “pau rodado” (que no fundo era dita como gozação em contraponto às chacotas aos cuiabanos). Essa expressão encontra-se bastante difundida pela bela música de “protesto”, de autoria de Pescuma e Pineto, na interpretação de Pescuma e Henrique e Claudinho, intitulada “Rasqueado do pau rodado”:

Não aguento mais ser chamado de pau rodado
Já tomo licor de pequi, já danço o siriri
Como bagre ensopado
Sou devoto de São Benedito
Até já danço o rasqueado
Adoro banho de rio, vou direto pra Chapada
Na noite cuiabana tomo todas bem geladas
Sou viciado no bozó, pescaria e cururu
Tomo pinga com amargo
Como cabeça de pacu
Eá, eá, eá, eá, só não nasci em Cuiabá
Mas no que eu cresci
Meu bom Jesus mandou buscar.

No campo da música, Cuiabá viveu intensa atividade de artistas nas décadas de 1950/60 e que se estende até hoje, e nelas se destacaram e se destacam, Ivonildo Gomes de Oliveira, o Mestre China, o rei do saxofone, reconhecido como um dos maiores músicos de Mato Grosso. Francisco José Penha, o Chico Penha, exímio no pistom ou trompete, criou a Ordem dos Músicos do Brasil, em Cuiabá. Roberto Lucialdo, compositor de lindas músicas de rasqueado, como “Cuiabá-Cuiabá”, “Caximbocó” e “Paçoca de Pilão”. Moisés Martins, escritor, compositor de diversas músicas que enaltecem as coisas cuiabanas, entre elas: “Pichê” (grafada “Pixé” no original), “Furrundu” e “Cidade Verde dos meus amores”. Sobressaem, ainda, Vera Capilé, Dunga Rodrigues, Guapo, João Eloy, Vera e Zuleika e os já mencionados Pescuma e Henrique e Claudinho. Na década de 1960 surgiu a primeira banda de rock de Mato Grosso, “Jacildo e seus Rapazes”, composta pelos instrumentistas Jacildo, Neurozito, João Bolinha e Formiga e os vocalistas Juarez Silva e Marcinha.

O humor cuiabano sempre se ressaíu, seja pelos apelidos dado às pessoas, seja pela formação de humoristas que fizeram e fazem sucesso, destacando-se Liu Arruda, irreverente e sem papas na língua, com a personagem “Comadre Nhara”. Foi homenageado pelo Tribunal de Contas do Estado que deu ao seu auditório o nome de “Espaço Cultural Liu Arruda”. A dupla Nico e Lau, formada por Lioniê Vítório e Justino Astrevo, lançada com esse nome em 1995, no programa Revista da Manhã, da rádio Gazeta. Ivan Belém, que foi um dos fundadores do primeiro teatro de rua de Mato Grosso, o Grupo Gambiarra.

Na área de comunicação, instalou-se em Cuiabá, em outubro de 1939, a Rádio A Voz do Oeste (RVO), através de Jericy Jacob, sendo a primeira rádio AM (ondas curtas e médias) da cidade. Foi a pioneira em implantar programas de auditório ao vivo, com o “Domingo Festivo da Cidade Verde” (cf. Aníbal Alencastro, *in, Cuyabá, Histórias, Crônicas e Lendas*, Ed. Yangraf, 2003). A RVO apresentava também, o programa preferido das famílias cuiabanas: “A Crônica das doze e cinco”, nas possantes vozes de Alves de Oliveira e Adelino Praeiro, com o fundo musical *Moonlight Serenade*, de Glenn Miller. Depois vieram a Rádio Cultura, hoje em FM (frequência modulada) e pertencente ao grupo Gazeta de Comunicação e a Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá, pertencente à Arquidiocese de Cuiabá. Posteriormente, surgiram outras emissoras: a Rádio Vila Real, a

Rádio Centro América, a Rádio Gazeta, todas em FM, entre outras. A Voz do Oeste e a Difusora são as únicas que ainda operam em AM.

A primeira emissora de televisão inaugurada em Cuiabá ocorreu em 1969, a TV Centro América, do Grupo Zahran, e que foi inaugurada pela dinâmica Antonieta Ries Coelho, que ficou à frente de sua direção por algum tempo, hoje, emissora afiliada a Rede Globo, Surgiram depois, a TV Rondon, a TV Brasil Oeste, a TV Pantanal e a TV Record (inicialmente como TV Gazeta), entre dezenas de outras emissoras.

O jornalismo cuiabano viveu um período fértil em termos de órgãos periódicos, semanais e diários. Alguns deles: A Cruz; O Social Democrata; O Combate; Folha Mato-grossense; O Estado de Mato Grosso; Equipe; Jornal do Dia; Diário de Cuiabá; Diário de Mato Grosso; Folha do Estado; Correio da Imprensa e A Gazeta. À exceção de O Estado de Mato Grosso e de A Gazeta, todos os demais com suas atividades encerradas.

No setor teatral Cuiabá é bastante profícua. Um grande nome, como teatróloga e musicista, é o de Zulmira Canavarros, uma mulher à frente do seu tempo; foi uma das fundadoras do Mixto Esporte Clube (1934) e do Clube Feminino (1940). Hoje é nome do belo teatro da Assembleia Legislativa de Mato Grosso e personagem principal do livro “Zulmira Canavarros, a Egéria Cuiabana”, de autoria do escritor e historiador Benedito Pedro Dorileo. Outros nomes de destaque: Amaury Tangará, com a produção “Pobre é quem não tem jipe”; Glorinha Albuês, com a produção “Rio Abaixo-Rio Acima”; Lúcia Palma, que participou de três curta-metragens, sob a direção de Marithê Azevedo, dentre os quais “Licor de Pequi” (2016); Luís Carlos Ribeiro e Flávio Ferreira, criador e diretor da Associação Cultural Cena Onze, com as produções “O louco nosso de cada dia” e “O último circo do mundo”. Nas artes plásticas, Cuiabá conta com um grande nome, Gervane de Paula.

Cuiabá também teve uma fase áurea no campo cinematográfico. Um dos primeiros cineastas de Cuiabá foi Lázaro Papazian, mais conhecido como “Cháu”, apelido a ele atribuído pelo costume de despedir-se das pessoas com a expressão italiana “ciao”. Nascido na Armênia em 1906, veio para Cuiabá em 1926 (cf. Márcio Moreira, *in*, *Cuiabá na lente do Foto Cháu*, 2000).

Nessa área de cinema, tivemos ainda, Nívio Lotufo, o primeiro cineasta genuinamente cuiabano. Comerciante, proprietário da bicicletaria Motosblim e do pequeno cine Motosblim, na rua 13 de junho, centro,

era um tremendo “pé de valsa”, foi fundador da Cruz Vermelha em Mato Grosso e divulgador do escotismo em Cuiabá. Além disso, apreciava carros antigos, sendo proprietário de dois deles, que ficavam permanentemente estacionados em frente à loja.

Um dos maiores conhecedores da sétima arte em Cuiabá é o escritor, produtor cultural e historiador Aníbal Alencastro, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Foi projecionista nos cines São Luiz, Teatro Cuiabá e Bandeirantes; é autor dos livros “Anos dourados dos nossos cinemas” (1996) e “Cuyabá-Histórias, Crônicas e Lendas” (2003).

Os cinemas de rua, antes do surgimento dos Shoppings, foram abundantes em Cuiabá, contados em dezenas, entre os quais cito os principais: Cine Teatro Cuiabá (1942), ultramoderno para a época, Cine São Luiz (1958), Cine Bandeirantes (1963) e Cine Tropical (1965), este, um dos melhores do país, quicá o melhor enquanto esteve em funcionamento. Destes, apenas o Cine Teatro Cuiabá continua em atividade.

Há em funcionamento, o Cineclube Coxiponés, da UFMT e o CineSesc do Sesc Arsenal (local onde funcionava o Arsenal de Guerra), no Porto, local aprazível e onde são vendidos doces e comidas típicas cuiabanas e objetos de artesanato local, aliados às agradáveis apresentações musicais e de dança ao ar livre.

Os carnavais de rua e dos clubes cuiabanos eram famosos e muito concorridos. Nos clubes, tínhamos animados bailes carnavalescos no Clube Feminino, nos clubes Náutico e Antônio João (ambos no Porto), no Clube Dom Bosco e no Tênis Clube, hoje não mais. O carnaval de rua era animado e atraía grande público na avenida Generoso Ponce e depois, na avenida Getúlio Vargas, para assistir o desfile dos blocos carnavalescos, entre os quais: “Marinheiros”, “Sempre Vivinha”, “Estrela Dalva” e o “Pega no meu”. Um fato interessante ocorreu no final da década de 1960, consistente na formação da escola de samba, denominada “Deixa Cair”, e na qual havia uma ala formada por prostitutas da “Carminha” (cabaré localizado no Ribeirão da Ponte), e apesar de a escola ter apresentado coreografia inovadora, arrojada e de grande beleza, foi desclassificada pela comissão julgadora, em razão da dita ala, o que fez com que o excelente jornalista Ronaldo de Castro redigisse um editorial no jornal Correio da Imprensa, com o título “Vestais paridas”, no qual teceu ácida crítica à hipocrisia de determinado segmento da sociedade cuiabana.

Na década de 1960 e o início da década de 1970, as noites cuiabanas eram efervescentes. Após assistir algum filme em um dos cinemas do centro da cidade, a juventude se dirigia ao Beto Lanches, um bar moderno para aquele período, com uma grande área ao ar livre e outra coberta, ou então, indo ao Jardim Alencastro, local de paquera, onde as pessoas ficavam dando voltas em torno do chafariz com espelho d'água (demolido para a construção da fonte luminosa) e do coreto (mais tarde transferido para a praça Ipiranga para dar lugar a um coreto de concreto), e vez por outra tomando café em um gasômetro remanescente situado na esquina da Av. Vargas. Alguns rapazes iam ao bar do Bugre para tomar cerveja ou jogar sinuca, onde sempre estavam presentes dois profissionais de sinuca, “Taquarinha” e “Bosta Seca”, à espera de incautos a serem “depenados”. Havia o bar Internacional, na avenida Getúlio Vargas e era *point* dos literatos e dos boêmios. Em 1974 foi inaugurado o bar e restaurante Choppão e constitui-se na atualidade ponto de concentrações política e carnavalesca. Ali é servido o já famoso escaldado.

Tinha Cuiabá as animadas noitadas na famosa boate Sayonara, casa de shows e balneário, situada à margem direita do rio Coxipó, idealizada e montada por Nazi Bucair. Anos mais tarde, foi construído nas proximidades, o Balneário Santa Rosa, pelo dinâmico empresário João Celestino Cardozo Neto, o “João Balão”, que concorria com o Sayonara. Ambos trouxeram inúmeros artistas famosos do país.

No imaginário cuiabano, são muitas e variadas as lendas e as crendices. Entre elas está a do *minhocão do Pari* (região ribeirinha do Cuiabá, rio acima), um monstro do rio com formato de minhoca, mas de grande dimensão, com cerca de vinte metros de comprimento e dois de espessura, que apavorava ribeirinhos e pescadores daquela região. A lenda da *alavanca de ouro*, segundo a qual existiria enterrada na colina do Rosário uma alavanca toda de ouro, que aguçava a cobiça de muitos mineradores, os quais usavam a mão-de-obra escrava nessa aventura de buscar apanhá-la, e à medida que cavavam mais a alavanca se aprofundava no solo, gerando um trabalho inútil e desgastante.

Tivemos aqui vários personagens, que divertiam e por vezes amedrontavam crianças. Destaco: Peteté, um homem pequeno por deficiência física, que andava pelo centro da cidade mexendo com as pessoas e por elas sendo importunado; Ezequiel e sua cachorrada; Zé Bolo Flô; Xande; Jandira louca e, ainda, Maria louca, uma jovem mulher

negra que perambulava pela Praça Alencastro, divertindo-se e divertindo os presentes ao passar a mão na bunda de circunspectos senhores que ali conversavam; o susto e a reação destes era motivo de muitas risadas.

Havia a figura enigmática da Maria Taquara, andarilha, mulher magra e muito alta (daí o apelido Taquara), pioneira em Cuiabá no uso de calça comprida pelas mulheres. Por inúmeras vezes eu, adolescente, e minhas irmãs de mais idade, presenciamos as suas idas e vindas pela frente da nossa residência na avenida Getúlio Vargas, ao lado do antigo Lord Hotel; pela manhã, vindo de sua moradia (um casebre feito de folhas-de-flandres e pedaços de tábuas, localizado num matagal no bairro Lava-pés, nas proximidades de onde está hoje o Shopping Goiabeiras), levando sobre a cabeça uma enorme trouxa, em direção ao centro da cidade e, no final da tarde, ei-la de volta em sentido inverso ao da manhã. O que tinha feito e por onde andou durante o dia, só Deus sabe. Dizem alguns, que ela era negra. Não era. Tinha a pele morena clara, queimada pelas andanças sob o sol. Dizem outros, que na trouxa que levava sobre a cabeça eram roupas para serem lavadas no córrego da Prainha. Não era bem assim. Mesmo porque, à época, o córrego da Prainha já começava a ser um esgoto a céu aberto e mais, se isso fosse verdadeiro, de ser ela uma lavadeira, com toda certeza iria lavar essas roupas no ribeirão da Ponte, muito mais perto de onde ela tinha sua moradia e que possuía naquele tempo água abundante e cristalina. Na verdade, naquela trouxa ela levava todos os seus pertences, seus sonhos e delírios.

José Jacinto, mais conhecido como “Jejé” ou “Jejé de Oya”, figura exótica e irreverente. Negro e homossexual, rompeu barreiras do preconceito e da discriminação. Foi colunista social em jornais da capital; costumava-se apresentar nos bailes e blocos carnavalescos com fantasias extravagantes. Outra personagem enigmática e motivo de controvérsia, foi a chamada Mãe Bonifácia. Uma negra descendente de escravos e que tinha sua morada em densa mata, onde praticava benzeduras e curas com rezas e ervas medicinais, notadamente de outros descendentes de escravos. O local da mata e o bairro onde estava situada sua moradia receberam o nome de Mãe Bonifácia, e onde está situado atualmente o maior parque da cidade, com o seu nome.

Temos a história do cemitério do Cai Cai, localizado onde é hoje a praça Manoel Murtinho (entre a av. São Sebastião e a rua Coronel Barros), construído em 1867 para enterrar as vítimas da epidemia de varíola que

assolou Cuiabá naquele ano, matando milhares de pessoas (cf. Paulo Pitaluga Costa e Silva e Moacyr Freitas, in, *Quadros Históricos de Mato Grosso – Período Provincial*, Ed. Buriti, 2002). Dizem os mais antigos, que o transporte dos cadáveres para o cemitério era feito em redes amarradas em um grande pedaço de madeira e carregado por dois homens, um em cada extremidade, os quais, exauridos pelo cansaço ou pela doença, caíam, derrubando o cadáver ao solo, advindo desse fato a denominação “Cai Cai”.

No cenário histórico cultural cuiabano, merecem menção o Museu da Imagem e do Som, com grande acervo musical, cinematográfico e fotográfico, situado na rua 7 de setembro, no centro histórico; o Museu de Arte Sacra, felizmente reaberto em 7 de fevereiro do ano em curso, depois de ficar fechado durante dois anos. Localizado no Seminário Nossa Senhora da Conceição, anexo à Igreja do Bom Despacho, nele encontram-se obras religiosas históricas, a maior parte delas que foram pertencentes à antiga Catedral de Cuiabá, demolida em 1968, com o emprego de enorme quantidade de dinamite; o Museu da Caixa D'Água Velha, no local onde funcionou o primeiro sistema de abastecimento de água de Cuiabá, construído em 1882; a Academia Mato-grossense de Letras (AML), fundada em 22 de maio de 1921, instalada oficialmente em 07 de setembro de 1921, inicialmente com o nome Centro Mato-grossense de Letras, transformado em Academia Mato-grossense de Letras em 7 de setembro de 1932, localizada na rua Barão de Melgaço.

Ainda, no espaço cultural cuiabano, contamos com a Casa do Artesão, no Porto, onde são encontrados objetos culturais artesanais elaborados por artesãos ribeirinhos e indígenas mato-grossenses. Merecendo referência na música, a Banda do Mestre Inácio, que fazia retretas no Jardim Alencastro e animava as festas do Senhor Divino e de São Benedito; a Orquestra de Flautas, do Instituto Flauta Mágica, fundada em 1998 e que ensina canto e flauta doce às crianças e jovens da periferia de Cuiabá; a Orquestra Sinfônica da UFMT e a Orquestra do Estado de Mato Grosso, criada em 2005.

Com referência ao patrimônio cultural material, podemos citar a viola de cocho, as redes de renda, os objetos e esculturas de artesanato em argila dos ribeirinhos do rio abaixo; os pilões de socar e as cadeiras de balanço confeccionadas de palha, e outros. No que concerne ao patrimônio cultural imaterial, destacam-se o Cururu, o Siriri (dança com emprego da viola de cocho, do ganzá e do mocho) e, na representação do Siriri, merece

menção honrosa o grupo Flor Ribeirinha, hoje reconhecido nacional e internacionalmente e, ainda, as festas de São Benedito e do Senhor Divino.

Quanto ao patrimônio histórico cultural material, é de se lamentar no que diz respeito à questão do tombamento de imóveis em Cuiabá. Pelo que temos visto em Cuiabá, a expressão tombamento está mais para o sentido de “por abaixo” do que para o de preservação. Basta um breve passeio pelas ruas Barão de Melgaço; Voluntários da Pátria e 7 de setembro, no centro histórico, para que se constate isso, dado o número de imóveis tombados ao chão. O mais recente, foi o imóvel onde funcionou a Gráfica e Papelaria Pêpe, do século 19, na rua 7 de setembro, a primeira de Cuiabá, que desabou no dia 29 de janeiro deste ano. E, provavelmente, não será o último.

No que se refere às cruzes pretas de Cuiabá, quase não há registro. Provavelmente foram elas construídas por escravos ou descendentes de escravos, não se sabendo em que época. A versão popular mais plausível a respeito do porquê das suas construções é a de que elas foram erigidas para comemorar a abolição da escravatura, ocorrida em 1888. Das três que se tem notícia, apenas duas resistiram a sanha do “progresso”. As que dão nome ao bairro da “Cruz Preta”, localizada na esquina das ruas Benedito Leite e Comandante Costa, é a única que ainda preserva sua característica original; a outra, fica no bairro Santa Helena, é conhecida como “Cruz do Chilon” e, atualmente, de maneira absurda, pintada na cor branca. Concernente a terceira, então localizada no bairro Lava-pés, em frente ao portão principal do antigo 16º BC, hoje, 44º BIM, foi destruída para a construção de uma agência do Banco do Brasil. Como “compensação”, construíram mais adiante, na praça ali existente, um arremedo, uma cruz feita de concreto, que nada tem a ver com a história de Cuiabá. Não se sabe porque somente essas três cruzes foram erigidas, ou se houve outras que teriam sido destruídas, a exemplo do que aconteceu com a cruz preta do bairro Lava-pés. Existiu a chamada “Cruz das Almas”, que dava o nome ao córrego Cruz das Almas, localizado nas atuais ruas 13 de junho e Generoso Ponce, contornando a Praça da Força, hoje, Praça Ipiranga. Essa denominação Cruz das Almas originou-se, provavelmente, do fato de ali naquela praça ser costumeiro o emprego de execução de criminosos na força. Não havendo registro de que essa cruz fosse preta ou não.

A culinária cuiabana é bastante diversificada e apreciada: o maria izabel, o escaldado, a paçoca de pilão, o arroz com pequi, o revirado, o

ensopado de pintado, cachara, bagre e pacu; o pacu e a piraputanga fritos ou assados. E, para a sobremesa, o furrundu, o arroz doce, a canjica e o doce de caju. Tem o licor de pequi, a cachaça com raízes amargas, como a chamada “nó de cachorro” (afrodisíaca, dizem), o bolo de arroz e de queijo, principalmente os da Dona Eulália. O piché, uma paçoca feita de milho torrado e socado no pilão, acrescido de açúcar e canela em pó.

Na política cuiabana, destacaram-se na Câmara Municipal, Aecim Tocantins, Ana Maria do Couto, a “May”, Benedito Pedro Dorileo, Evaldo de Barros, Estevão Torquato da Silva, Gilson de Barros, entre outros. Ainda na política, destacaram-se nacionalmente, Filinto Müller, Eurico Gaspar Dutra, Roberto Campos e Dante de Oliveira.

Merece menção a figura ímpar de Cândido Mariano da Silva Rondon, responsável pela construção das linhas telegráficas e de infraestruturas de estradas na vasta hinterlândia brasileira, ligando-a ao restante do país. Nascido em Mimoso, distrito de Santo Antônio de Leverger, em 1865, veio para Cuiabá aos oito anos de idade. Sobre ele, escreve o brasilianista Todd A. Diacon: “Célebre foi o seu trabalho com os povos indígenas da bacia amazônica. Quando Rondon embrulhava uma criança índia na bandeira brasileira, sua intenção era mostrar que, tanto no sentido literal, quanto no simbólico, o Brasil cobria também aqueles povos. A língua, a religião e o vestuário indicavam, cada vez mais, que a nação a que toda aquela gente pertencia era agora o Brasil.” (*in, Rondon, o marechal da floresta*, Ed. Civilização Brasileira, 2006).

Na literatura cuiabana temos vários nomes exponenciais, entre eles: Rubens de Mendonça, pertenceu a Academia Mato-grossense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; escreveu diversos livros, dentre os quais, “Igrejas & Sobrados de Cuiabá” (1978), “História de Mato Grosso” (1967) e “Dicionário biográfico mato-grossense” (1953). Manoel Cavalcanti Proença, nascido em Cuiabá, em 1905, romancista e crítico da literatura brasileira, seu livro “Roteiro de Macunaíma” (1950), é o melhor estudo sobre a famosa obra de Mario de Andrade. Escreveu também, “No Térmo de Cuiabá” (1958). [sic] É nome da Biblioteca Municipal de Cuiabá. Ricardo Guilherme Dicke, nascido na Baixada Cuiabana, em Chapada dos Guimarães, escritor e artista plástico, reconhecido nacionalmente pelas suas obras “Deus de Caim” e “Madona dos Páramos”, é considerado um ícone da literatura brasileira. Outro escritor de grande estatura poética e intelectual, Manoel de Barros é conhecido no país como o “Guimarães

Rosa pantaneiro”, e também, como o “Poeta das miudezas”, dada a sua capacidade de extrair beleza das pequenas coisas. Como esta:

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia de formiga e musgo – elas podem um dia milagrar de flores. (*in, Livro sobre Nada*, Ed. Record, 1996).

Nascido em Cuiabá, em 1916, é considerado um dos principais poetas brasileiros e reverenciado nacionalmente. Nos meses de janeiro e fevereiro deste ano, teve a sua obra “Livro sobre Nada”, levada ao palco por Cássia Kiss, sob a direção de Ulysses Cruz, na peça “Meu Quintal é maior que o Mundo”, no teatro Sesi, em São Paulo e foi tema da 43ª edição do programa Ocupação Itaú Cultural, na av. Paulista, em São Paulo, no período de 13 de fevereiro a 7 de abril deste ano. É autor, entre outros, dos livros “O Guardador de águas” (1989) e “O Livro das Ignoranças” (1997). E, ainda, Benedito Sant’ana da Silva Freire, nascido em Mimoso, Santo Antônio de Leverger. Consagrado poeta em Mato Grosso, foi também professor e brilhante advogado do júri (atuei na acusação no último júri feito por ele, na comarca de Rosário Oeste), teve seu nome dado à Escola Superior de Contas, do Tribunal de Contas de Mato Grosso. Autor de diversas obras, sendo algumas delas: “Meu Chão”, “Pássaro Implume” e “Águas de Visitação”. Da sua obra “Canto-murmúrio para minha cidade” (*in, Fragmentos da alma mato-grossense*, Ed. Entrelinhas, 2003), extraio os excertos adiante transcritos:

Não, Cuiabá, não são as crianças quem lhe sangram de agulhas envenenadas a veia jugular da vida...

- Não são elas quem lhe entopem as flautas da respiração...
- Quem enforca seu sono-sonho com gritos de – assalto!
- não são suas crianças.
- Não são elas que poluem a convivência familiar de suas praças-sem-folguedos-de-criança...
- Quem encaixota sua qualidade de vida, não são as crianças.
- Não são elas que estão garroteando seus santos de festas, suas lendas e mitos. As crianças não car-navalharam seu carnaval...
- Quem ordenha suas tetas maternas, para traí-las depois, não são as crianças. Elas só sabem amar sua bondade ferida.

- Não são as crianças que debicam de sua história-orgulho-nacional.
- Quem entristece o poema sonoro que seu povo fala, não são as crianças.
- Quem povôa de poluição sonora, verbal, escrita e visual seu espaço público, não são as crianças.
- Quem desorganiza a higiene de seus rios, não são as crianças.
-
- Não são as crianças que borram a imundície da vida em suas paredes seculares.
- As crianças, suas crianças, Cuiabá, sabem pintar de alegria a cidade-útero-materno.

Fico por aqui. *Se non é vero é ben trovato.*

Cuiabá, abril de 2019.

Os tropeiros do sertão

O notável publicista patricio Gustavo Barroso, na introdução do seu livro *Ao Som da Viola*, que compendia um dos mais completos estudos folclóricos, divide a poesia sertaneja em dois grandes ramos distintos: o repentista e o tradicional.

No primeiro, incluem os improvisos, as quadras oriundas dos desafios, quadras estas que fazem lembrar, a despeito da sua feição mais humilde, as ‘tensões’ provençais e as disputas dos foliões romanos; no segundo, faz agrupar todas as outras produções em que o sertanejo tem guardado, tem perpetuado todos os fatos desenrolados no sertão, desde a época heroica das suas arrojadas entradas pelo seu interior, os primeiros perigos e as primeiras lutas, as festas religiosas e profanas, a vida dos vaqueiros, as proezas dos novinhos mocambeiros, das onças devastadoras dos rebanhos, etc...

Ramo muitíssimo mais vasto e mais importante, este segundo, conforme afirma o festejado escritor acima citado, é nele que se encerra a maior parte e a melhor porção do nosso folclore; é nele que se vê estereotipado os usos e os costumes do sertão; é nas produções nele contidas, nesses agrestes cantares, que se desenha, que se retrata nitidamente a alma sertaneja. O primeiro ramo, objeto da primeira parte deste trabalho, tão distanciado do outro pela sua extensão, não deixa de ter, entretanto, a sua importância e de despertar a nossa atenção pelo valor inestimável que dão de si os humildes, mas intrépidos habitantes do sertão.

Valor inestimável, digo bem, tendo em vista a rudez de seu espírito, ainda imerso nas trevas da primitividade, sem nunca haver recebido os influxos benéficos da instrução. Provém, necessariamente, dessa ausência de instrução esse estado de consciência em que vivem as almas ingênuas do sertão, cujo cérebro abriga toda uma legião fantástica de lendas misteriosas, de crenças exóticas transmitidas de geração em geração e perpetuadas nesses cantares que vem atravessando galhardamente as idades, sem se perderem, entretanto, na tenebrosa noite dos tempos.

O sertanejo é um poeta, na acepção ampla do termo. Os seus versos, as suas modinhas, as suas endeixas, apesar das arestas grossas que apresentam os seus processos literários rudimentares, como rudimentares são os seus processos empregados na lavoura, não deixam de ter a sua graça, o seu sabor peculiar. A ausência do buril do artista, não diminui a sua beleza. As poesias sertanejas são como as flores que vicejam e perfumam essas paragens remotas. Os lírios inebriantes do vale, as açucenas mimosas do deserto, não têm menos graça nem menos perfume por não terem sido cuidados carinhosamente por mãos de jardineiro hábil. São flores que, como disse o primoroso vate patricio,

Ninguém a cultiva, ninguém a namora,
Ninguém colherá!
Só tem a carícia das brisas que a aurora,
Piedosa, lhe dá.

A beleza da poesia sertaneja está em si própria, na sua essência, na sua simplicidade primitiva. O sertanejo, dedilhando a sua lira amorosa, revela, não poucas vezes, inspiração, delicadeza de sentimento e força de expressão. Há versos em que se encontra verdadeiro sabor anacreôntico. Ouçamo-lo a cantar a beleza, a graça e a ternura das morenas faceiras e provocantes e a expandir-se em declarações amorosas:

Se vires a tarde triste
E o ar a querer chover
Diga que são os meus olhos
Que choram por não te ver.

Vancê diz que amor num dóe
Dóe dentro do coração
Queira bem e viva ausente
Veja lá se dóe ou não.

Minha morena é dengosa
Quando vem lá do roçado,
Cantando toda catita,
Com seu olhar azougado;

Pisando no capim verde,
Com seu pesinho mimoso,
É tão dengosa a morena,
Que o capim fica cheiroso!

Capim verde da lagoa
Num dá flor e nem semente,
Por causa desta morena
A gente fica doente.

Eu num gosto do luar
Porque todo o mundo vê
Quando ponho as minhas vistas
Na carinha de vancê.

Vi o teu rasto n'areia,
E puz-me a considerá:
Que encantos não tem teu corpo
Si teu rasto faz chorá.

Nas festas religiosas e profanas que fazem por ocasião do São João, do Natal ou do padroeiro da povoação, é que o estro sertanejo se expande, se manifesta em toda sua exuberância. É, precisamente, nessas ocasiões que extravasam os seus sentimentos de bem e de mal querer. É de um espírito volúvel, desses que ainda não elegeram definitivamente quem deva ser a companheira dos seus dias na solidão agreste do sertão, a seguinte confissão:

Cigarrinho de papé
Fumo verde n'um fuméga
Onde tem moça bonita
Meu coração num sucega.

Um outro, vendo-se desprezado pela morena que outrora lhe fazia girar mais apressado o sangue nas artérias, atira-lhe com toda a serenidade este verso:

Eu tenho um lencinho branco,
Marrado nas quatro ponta;
Eu tenho meu amor novo
Do véio num faço conta.

Com a mesma habilidade com que tece as suas quadras românticas, apaixonadas, o sertanejo mostra-se também exímio satírico. A sua ironia fere profundamente como os cardos dos cerrados. Mais comum este gênero nos desafios, surgem, entretanto, com frequência, nas suas quadras isoladas, ressaibos de crítica, de chiste, como que as que damos de amostra:

Moça morena é quitute
Moça branca é canja fria
Quero a morena prá sempre
E a branca nem para um dia.

Mulheres há para tudo:
Para o amor e para a taca,
Umas acabam no altar
Outras na ponta da faca.

Varzearia não é vila,
E também num é cidade;
É somente uma chapada
Onde reina a farsidade.

Dizem que a muié é farsa
Farsa como papé
Mas quem vendeu Jesus Cristo
Foi home, num foi muié.

O negro é sempre mal visto pelos cantadores. A inferioridade da sua raça o faz constantemente alvo predileto das suas chacotas, das suas ridicularias. É chegar um negro na roda do folgado, toma logo pelas ventas versos como estes:

Negro não vai no céu
Nem que seja Imperadô
Tem cabelo encarapinhado
Que arranhô nosso Senhô

O anum é pássaro preto
Pássaro de bico rombudo
Foi praga que Deus lhe deu
De todo negro ser beijudo.

Pepino maduro é que dá semente
Moça bonita é que mata a gente
Cabelo de negro, quando vê pente
Abre a cara, arreganha o dente.

Interessantes são estes improvisos, mas os desafios prendem-nos mais a atenção. Neste gênero é que o sertanejo mostra-se mais senhor de si; revela a sua habilidade, o seu saber, a sua presença de espírito, como se vê:

- Da palma nasce o palmito,
Do palmito nasce a palma;
Vem dizer-me agora em verso
Quem entrou no céu sem alma?

- Do palmito nasce a palma,
Da palma nasce o palmito;
Quem entrou no céu sem alma
Foi a cruz de Jesus Cristo

- Vou fazer-lhe uma pergunta
Prá você me destrinchá:
Quero que me diga a conta
Dos peixes que tem o ma.

- Você vá acercá o má
Com moeda de vintém,
Que eu então lhe digo a conta
Dos peixes que nele tem.
Si você nunca cercá,
Nunca eu lhe digo também.

- Eu sô cabra perigoso,
Quando pégo a perigá;
Eu mato sem fazê sangue,
Engulo sem mastigá.

- Eu sô cabra perigoso,
Quando pégo a perigá;
Sô caboco sem catinga
Se quizé vem me cherá.

Nessa disputa prosseguem os sertanejos pela noite fora, degenerando esses desafios, as mais das vezes, em grossa pancadaria. Não raro, é ver-se ao fim de certo tempo de folgança, surgirem provocações do jaez dessa última ou mais formais ainda como a que vai a seguir, dirigida a um toureiro poconeano por um colega cacerense:

- Caboco do Poconé
É caboco matadô;
Iscondido atrás do tôco,
Quando assusta, já matô,

Mas a resposta não se fez esperar:

- Verdade, num é mentira;
Que eu sou mêmto matadô
Mato branco – faço crime;
Mato negro – faço frô.

Naturalmente acanhado no trato com as pessoas estranhas ao seu meio, o sertanejo torna-se, entretanto, galhofeiro quando se diverte, procurando constantemente meter a ridículo os cidadãos que assistem aos seus folguedos:

- Estes moços da cidade,
De gravata e colarinho
Põe a mão no bolso deles
Não tira nem um cinquinho.

Encontrou, porém, o satírico trovador, entre os do grupo da cidade, um espírito alegre que, aceitando o desafio, toma da viola e enfrentando seu adversário, responde-lhe no diapasão sertanejo:

- Meu amigo cá do mato,
Que anda de calça e camisa,
Ponha a mão na consciência,
Diga lá quanto precisa.

As festas tradicionais são celebradas no sertão com o resultado das esmolas tiradas por grupos de pessoas a que dão o nome de folias. O chefe de cada folia é denominado folião. Percorrem estas folias, levando a bandeira do santo à frente, todos os sítios, povoações, freguesias e vilas vizinhas, tirando esmola para o santo, cuja festa vai ser realizada. Às vezes dá-se o encontro de duas folias, caso em que se tornam necessários os cumprimentos. Estes cumprimentos, ou são simples quadras de saudação e de agradecimento, ou é um desafio, como o seguinte, que presenciamos:

- Encontrando duas bandeiras,
Numa campanha sem fim,
Eu quero que vancê diga:
Em uma légua de terra,
Quantos pés tem de capim?

- Encontrando duas bandeiras,
Duas bandeiras sinceras,
Eu devo lhe declarar:

Eu ando tirano esmolos,
Não ando medino terras.

Tem-se encontrado, igualmente, entre as poesias sertanejas, espécimes outros de versos que escampam às classificações estabelecidas pelos competentes no assunto. São versos em branco, às vezes exóticos, que Marinetti e seus epígonos não poriam, talvez, dúvida, em subscrevê-los. Darei deles umas amostras:

Eu queria sê sereno
Prá caí naquela frô
É madrugada morena
Quando vai amanheceno.

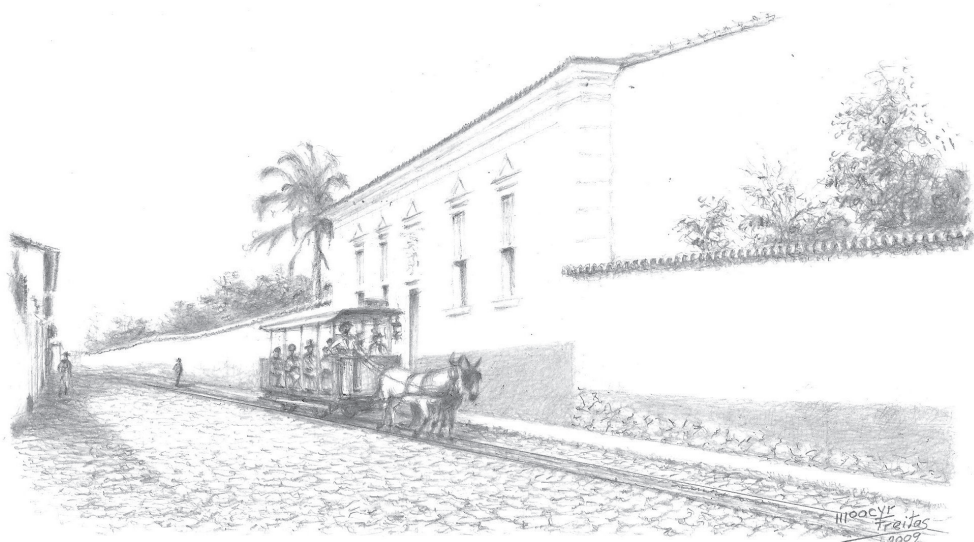
Cousa que eu arrenego
É moça feia namorá;
Ela chega no meio da gente
Começa a oiá de meu lado,
Eu faço a cara fechado
P'rela num gostá de mim.

Ai como padece um fio aieio, gente,
Anda no mundo a pená;
Imaginano seu pensamento
Ora então,
Que vida mais triste passa
Quem tem amor.

=====

Publicado na Revista do Centro Matogrossense de Letras, ano 1930. Está dedicado a Arnaldo Addor. Republicado em Panorama da Literatura e da Cultura em Mato Grosso de Carlos Gomes de Carvalho [2004].

CRÔNICAS



CUIABÁ - RUA 13 DE JUNHO - VÊ-SE O "COLÉGIO SANTA RITA" (ASILO) - 1894

ÍNDICE

Dunga Rodrigues	
– Aspectos da Vida Cuiabana	127
Marília Beatriz de Figueiredo Leite	137
– Para o Futuro	
Pedro Dorileo	
- O Amassa-Barro	139
- Peleto	141
Vera Randazzo	
- Pagmejera, pagmejera!	142
- Manelantônio	144
Francisco Leal de Queiroz	
- Cuiabá não é de ninguém	146

Aspectos da vida cuiabana

I

Vizinhança

Nem o conceito de Comunidade, nem o de Sociedade, abrange a definição de vizinhança, que se alargam em dimensão e profundidade como uma ampliação da família. Em nossa capital, principalmente para os que passaram já por três estágios de moradas, pode sentir facilmente na pele essas mudanças que vimos sofrendo: o período das casas ombro a ombro, geminadas, à beira da rua; o das casas se isolando entre muros, cercando imensos terrenos, (começo da invasão migratória a esta cidade), e a atual morada vertical, que se propaga rapidamente, movida pela falta de segurança e ausência de mão-de-obra para manter em ordem os novos casarões ou palacetes.

Quem viveu o delongado estágio do começo do século até a instalação de Brasília, em 1960, determinando o início da era de interiorização do país, refiro-me ao Centro-Oeste, por mais que se esforce por ignorar, salte-lhe aos olhos a grande diferença do sentido da palavra vizinhança entre o antes e o depois, agora.

A vizinhança representava, por assim dizer, um elo forte, alimentado por pequenos deveres e obrigações, não explícitos ou especificados em código, mas tacitamente aceitos por pessoas que habitavam casas que se comprimiam num quarteirão, pedaços de rua, podendo até se encompridar por travessas e largos adjacentes, como acontecia conosco. A nossa vizinhança atingia os limites da antiga praça Aquidabã, alongava-se pela rua Treze, até a casa do sr. João Venâncio de Arruda, atravessava o Largo do Arsenal, arrebanhando as casas de Alexandre Addor, a do João Febrônio, a do Gonçalino de Barros e de dona Adalgiza, indo até o Chico Mecchi.

As crianças, então, se incumbiam de levar mais longe as raias da vizinhança: chegava até Nhá Vitu, no Capim Branco, à Chácara do Bicho, pelas jabuticabas, aos quintais do Joaquim Pinto, pelos cajueiros. Pequenas obrigações mantinham acesas as chamas da amizade ou da simples tolerância.

II

Cumprimentos

As saudações “*Bom dia ... boa tarde ... boa noite*” deveriam vir acompanhadas de algo mais: “*Como tem passado? ... Como vão todos? ... Por que anda sumido?*” - para não ser tida como pessoa secarona, de poucas amizades ou metida à besta.

Lembra-me certa-vez, ao regressar da escola, esgotada de falar durante quatro aulas consecutivas, com fome e preocupada em voltar para outro colégio e continuar o mesmo programa, cumprimentei distraidamente uma vizinha, que me fez ouvir um sermão daqueles: “*Está orgulhosa? Ganhou na loteria? Não conhece mais os pobres? De grande, como gente importante? Ou veio de algum velório, com essa cara mais sisuda? Ou está com a avó atrás da porta, (isto é zangada), de mal com o mundo?*” E toda uma ladainha de indiretas e diretas que me deixou mais zonza e mais faminta. O jeito foi mesmo abrir a cara e perguntar detalhadamente por todos da casa, um por um.

Era isso aí, o cumprimento seco não valia. Deveríamos destacar pessoa por pessoa. Isto valia um ato de gozação, com uma outra vizinha da tia Nenê. Quando nos aproximávamos da sua casa, e a turma era grande, transformávamos o grupo em fila indiana espaçando-nos em distâncias que comportavam o habitual interrogatório: “*Como vão todos? Sea Dita? ... Seu Firmo? ... Ritinha?*” E lá vinham todas as tias maternas e paternas, filhos, crianças e achegos, escapando mesmo só os três cães e os gatos. Em vão procurávamos exauri-la de tanto falar. A minha irmã Helena dizia que esta senhora sofria de uma doença original: “Fala recolhida”, e procurava uma brecha para pôr a fala em dia.

III

Sentar à porta da rua

Outros hábitos contribuía para aproximar cada vez mais os vizinhos: sentar à porta da rua, colocando cadeiras no passeio formando uma roda, esticada com aproximação de outras pessoas que moravam ao lado, trazendo cada qual a sua cadeira de casa. Aliás, este hábito eu observei em Madrid, no verão de 1950, onde vi vários grupos sentados à porta.

Terminado o serviço caseiro, era logo servido o jantar para que se formasse a roda de conversa antes de o sol se pôr. A iluminação a querosene era precária e os últimos raios do poente permitiam apreciar o quase nenhum movimento da rua. Esta só começou a se agitar com o aparecimento dos ônibus e da luz elétrica, nos idos de 1920, após o bicentenário da cidade.

Às nove horas, a roda se desfazia. Dormia-se cedo e o despertar era quase pela madrugada com as vozes do padeiro, peixeiro e carrinho de verdura. Se nas esquinas houvesse uma venda ou botequim, atraía *habitués* de longe, como na esquina do Caetano, onde não faziam falta o João Nunes, que vinha da Cidade, muito temido como redator de O Cacete, não poupando, nas suas colunas, cacetadas pouco fidedignas. Era até um homem bonito, de olhos claros, mas pouco simpatizado pelo teor do seu jornal. O infalível Acelino Carneiro, muito magro, mas saúde de ferro, não contrariava ninguém. Acidentalmente, um ex-marinheiro, o Cabo Boi. Ganhou o apelido ao chegar à cidade, que rebatizava todo mundo, pelo seu físico grandalhão, obeso. Andava balançando pelos lados, equilibrando uma cesta, vendendo bucho (dobradinha). Calçava umas alparcatas que mais pareciam duas chalanas, adernando para lá e para cá. Apesar da aparência brutalhada, era um homem respeitoso e cortês. Todo o mundo gostava dele. Certa vez, ao passar pela roda, meu pai ouvira-o contar uma passagem de sua vida como marinheiro, quando fora buscar a fragata Cuiabá, na Europa, a mando do então presidente Floriano Peixoto. Meu pai, que parava a escutá-lo, completou o fato, o qual ambos conheciam. Coincidência, um como marinheiro, outro estudante-cadete, vieram a reencontrar-se tão longe, aqui nesta capital.

Uma das rodas de conversa mais alegres e divertidas era a do coronel Luís Pedroso de Barros. Só da família, oito pessoas. Aos poucos, vinham chegando dona Teresa Lobo e sua afilhada Belita, acidentalmente minha mãe, dona Aninha Bueno, às vezes dona Nhanhá. Um comandante do 16º. BC, a quem o coronel Luís Pedroso contava e recontava as suas bravatas da guerra, enquanto o comandante dormia e roncava, mas, de vista curta, o coronel nem desconfiava da desatenção.

O início da instalação elétrica da cidade foi feito em condições precárias. A qualquer vento mais forte, os fios se arrebetavam, chegando a matar algumas pessoas. Por algum tempo, os grupos temerosos se recolhiam, nos corredores, à beira da porta da rua, mas aos poucos se

esqueciam dos acidentes e iam retomando os seus lugares, colocando as cadeiras nas calçadas.

Com um destes desastres mortais, surgiu até trocadilho. Um ‘anjinho’, (criança defunta), na esquina do Venceslau, (esquinas e becos sempre tomavam o nome do habitante de suas proximidades), atual conjuntura entre a rua Treze e a rua Major Gama, necessitava de apetrechos para sua indumentária. Ofereceu os préstimos um soldado de apelido Carretel, (baixinho e preto, tipo marca elefante), que saiu a comprar agulhas. Por azar, um fio de luz arrebentou e colheu-o num choque mortal. Ironicamente disseram: “O Carretel foi procurar agulha, emborrou no fio e morreu”.

IV

Visitas

Outro hábito obrigatório, principalmente com os vizinhos novos era a visita de cordialidade para oferecer os préstimos, ensinar os hábitos da terra aos que chegavam de fora, para aplainar-lhes as dificuldades e facilitar-lhes a ambientação.

O sr. Frederico Pedro de Figueiredo era um exemplo de pessoa que não relaxava esse modismo, marca da tradicional hospitalidade cuiabana, às vezes mal interpretada, julgada como servilismo pelos que não tiveram uma orientação familiar sadia, baseada nos rudimentares princípios da educação. Ilustrando estes dizeres, lembra-nos o que se deu com um freguês da mesa de certa família que, empolgado com as atenções recebidas, começou a exigir pratos finos, menosprezando a nossa hortaliça, reduzida à mandioca, abóbora, maxixe e quiabos. “*Legumes de porco*”, dizia ele, suspirando um chuchu com molho branco. A esperta anfitriã, não teve dúvida. Um dia após, ofereceu-lhe o almejado prato, à custa de mamão verde cortado em tiras, imitando o chuchu, coberto de molho branco. E o faminto engoliu satisfeito o prato do engodo.

As outras visitas, também em caráter obrigatório, se dividiam em visita de alegria ou de tristeza. No primeiro escalão: nascimentos, comemorações de aniversários, agradecimentos, retribuições, visita feita, visita paga. Tristezas: doença, morte, acontecimentos desagradáveis em família.

V

Empréstimos

Outro uso gerado por esta incrementação da amizade foi o dos empréstimos, que às vezes atingia os cúmulos da inconveniência.

Isolados pelas dificuldades de transportes, nem por isso a nossa gente se desinteressava pelos acontecimentos e usanças da Corte, depois a Capital Federal. Assim, todos os aniversários reais e datas históricas eram festejados com as galas de estilo, tais como Te Deum, luminárias, danças, folguedos para todas as classes sociais, representações teatrais, saraus lítero - musicais, etc. Haja vista, como citamos em outro ponto deste livro, o atraso com que a proclamação da República foi comemorada, logo após as festas de aniversário do Imperador, a 2 de dezembro de 1889.

Nem por isso o povo queria andar desatualizado. Os poucos felizardos, que tinham tempo e meios de visitar outra cidade adiantada, tinham quase por obrigação prestar todos os informes para os seus conterrâneos, num relato minucioso dos seus giros. De como andava a política, a moda, os programas de diversões, os pratos especiais, os hotéis de luxo, o cacoete ao falar, enfim, queriam saber tintin-por-tintin do que se passava no Rio, assim como os cariocas procuravam imitar o Velho Mundo, Paris em particular. Se no guarda-roupa do recém-chegado, havia alguma novidade, a sua roupa andava de mão em mão, por empréstimo, mesmo antes que o dono a tivesse usado. E o traje que ele trazia pra dar o seu ar de novidade, saía à rua antes de o original, em cópias, muitas vezes, deturpadas, depreciando o modelo.

Foi assim que se alastrou aqui a “moda almofadinha”, de costas franzidas, nos paletós de homens, a “Melindrosa”, com franjas acompanhadas até nos cabelos, que eram repartidos ao meio com o “pega rapaz”, (uma vírgula feita de mecha, bem no meio da testa) para as mulheres. Para não falar nas remotas “anquinhas”, e “cintura de vespa ou de retrós”, que as moças conseguiam à custa do espartilho. E a moda de se tomar emprestado se estendeu da copa à cozinha, aos salões e aos objetos mais disparatados.

Conhecemos certa moça que, prevendo a onda de empréstimos de que seria vítima, trouxe, entre os seus modernos maiôs, um de qualidade inferior, para enfrentar os empréstimos. Às primeiras investidas, lá se foi o maiô de empréstimo que, minutos depois, foi rejeitado com um bilhete, pedindo o “maiô de cor azul, que era o mais moderno.”

Utensílios de cozinha e de mesa trançavam rua em dias de aniversários, saindo de uma casa para entrar na outra. A habilidade de fazer doces com fartura, em tachadas, era também motivo de se pedir o vasilhame que comportasse grande quantidade. Foi assim que uma família, vinda de fora, se apegou aos nossos hábitos e danou-se a fabricar doces, ora para aproveitar as goiabas, ora os cajus, tão bonitos do quintal. O nosso tacho de cobre não tinha mais parada em casa, a tal ponto que, quando minhas tias dele necessitavam, mandavam pedir de empréstimo o próprio tacho, incorporado já à tralha dos ádvenas. A minha família também não passou imune a esta doença. Querendo fabricar uma quantidade razoável de sabão caseiro, como era chamado, minha mãe resolveu utilizar-se do tacho da minha avó que era mais avantajado. Um dos garotos foi buscá-lo, repetindo as palavras tradicionais de empréstimos, para atenuar o incômodo, mas ele se dirigiu erradamente a casa da vizinha nova. Quando o menino, desfilando pelo corredor, atingiu a porta da rua, a tempo que o marido implicasse com a saída do objeto, atalhou este:

- Você vai emprestar, mulher?!

- Que fazê, Mané! - respondeu esta com um gesto de desconsolo.

Garoto esperto e observador, chegou dizendo: *“da outra vez eu não vou lá, mande outro, acho que ela estava com muita má vontade”*, e repetiu as palavras do diálogo e os gestos do casal.

Retomando ao tempo em que as damas se adornavam com o toucado, ornato para a cabeça das mulheres, no feitio de touca, entremeado de rendas e fitas, deu-se o seguinte fato, entre duas amigas. Querendo acentuar a sua faceirice, enviou uma delas à casa da outra um antigo escravo que, embora alforriado, continuava a prestar-lhe pequenos e grandes serviços, com a humildade de um cativo, obediente e serviçal. A incumbência era de trazer-lhe o toucado da amiga por empréstimo. No seu linguajar desleixado de negro da mina, como o estigmatizavam, ele repetiu solícito: *“Sinhá mandô buscá o seu tocadô”*. A amiga não vacilou. Amiga é como irmã, tem direito a tudo. Encarapitou o seu toucador, (espécie de cômoda, encimada por um espelho: a penteadeira atual), e soltou o negro, que foi suando ao peso do móvel, que, para aumentar a sua desdita, era talhado em jacarandá! Claro que ele voltou no pé de trás, devolvendo o toucador e pedindo o toucado, (entrelaçado de fitas!). Isto poderíamos denominar: empréstimo por etapa!

A vizinha chegou, sem preâmbulos, pedindo a máquina de fabricar massas de pastéis. Saiu com o objeto desejado, vindo logo após uma criança

pedir dois ovos, igualmente emprestados. Volta novamente à vizinha, com uma xícara vazia para que enchessem de trigo, para inteirar o pouquinho de que dispunha em casa. Vem novamente a criança pedindo uma dose de óleo bom. Para coroar, vem o chefe da casa pedir a carretilha. Esta cena foi presenciada por nós que acrescentamos diante de tanta boa vontade da amiga emprestadeira: “*Por que é que você não vai pessoalmente fazer os pastéis?*”.

Havia pessoas cujos escrúpulos acentuados eram um entrave para praticar o esporte do empréstimo. Dizemos esporte, porque muitas vezes pedia-se apenas pelo hábito de pedir, sem a mínima necessidade.

Nas casas, cujos quintais separados por muros de taipa, que apresentavam, de distância em distância, um buraco, feito pela forma dos caixotes, onde se colocava a terra, havia a facilidade de passar através daquele buraco o material solicitado. Ouvimos de certa feita uma criança dar conta do recado. Naturalmente, a dona de casa havia pedido à vizinha uma dose de café em pó para hospedar a visita. – “*Mamãe, a vizinha já colocou o café no buraco de empréstimo.*”.

Voltando à timidez de outras pessoas, lembramos um parente que, pretendendo viajar até Santo Antônio do Leverger, e não havendo outro meio de comunicação que não fosse o cavalo, foi, dominando o seu extremo acanhamento, pedir um animal a um amigo poconeano. Eram seis horas da tarde quando foi introduzido na ampla sala de jantar do senhor em questão. Eram nove horas da noite e o parente não voltava. Soaram dez horas, dez e meia, onze horas e ele não aparecia, meu pai, preocupado, pois então só se visitava até às nove horas da noite, disse: - “*Naturalmente o Mandinho está tomando coragem para entrar no assunto.*” E resolveu telefonar para se inteirar do ocorrido. Dito e feito. Só então, onze e meia já, o pessoal ficou sabendo da intenção do visitante.

O hábito de empréstimo é tão enraizado que uma cuiabana o transportou para o Rio de Janeiro, onde fixou residência. Querendo estar muito faceira, para ir à festa, resolveu completar o seu traje, pedindo de empréstimo bolsa e sapato que combinassem com a sua fatiota domingueira. Foi de tanto peso que, ao saltar do carro em frente a um palacete, encravado junto ao morro, onde havia resíduos de uma favela, foi bruscamente assaltada por um rapaz ainda jovem, que lhe roubou a linda bolsa emprestada. Não se incomodou com a ocasião: pôs a boca no mundo, gritando que ficassem com tudo, mas lhe devolvessem a bolsa que

era alheia. Tratando-se de um assaltante muito cavalheiro e cortês, minutos depois, um garoto do morro, lhe trazia a bolsa, devidamente esvaziada.

Por que, ao invés de invocarmos casos de outros, não contarmos o que se passou conosco? O difícil estava em conseguir um traje a rigor para tomar parte do recital de gala festejando uma data qualquer. Os tempos andavam bicudos para se gastar tantos metros de fazenda com uma roupa que se iria usar poucas vezes, por falta de oportunidade. Uma amiga veio em nosso socorro oferecendo com toda a boa vontade o seu vestido de baile emprestado. Não hesitamos em aceitar a gentil oferta. Para dar um toque diferente, fizemos um cinto verde e minha mãe confeccionou um lindo buquê de violetas, que foi muito bem com a cor do vestido. Para felicidade maior, havia umas cortinas cor de vinho, como fundo decorativo. O certo é que, no dia seguinte, foi um traje muito comentado e algumas amigas vieram a minha casa para ver de perto o lindo traje. Eu havia saído. Quando voltei, encontrei minha tia muito humilhada, mostrando o cinto e as flores, dando uma desculpa qualquer a respeito da roupa. Eu, que não guardo nabos em sacos, fui dizendo logo: *“pessoal, acontece que o vestido sumiu, há esta hora já está com a sua verdadeira dona, minha amiga Rina Figueiredo, que gentilmente me cedeu para aquela noite”*.

Culminando estes relatos, citarei um fato que se deu, envolvendo pessoas conhecidíssimas de nosso meio, lá pelos idos de 1968. Uma senhora bonita, rica, prendada e consciente de seus deveres conjugais, enfim o protótipo do bom partido, residia temporariamente nesta cidade, aonde viera acompanhando o marido, ilustre médico, que aqui ocupava cargo político de relevo. Era de seu feitio aproveitar o máximo os lugares que visitava, aprendendo coisas da terra, enriquecendo cada vez mais com conhecimentos novos, somando a tudo que havia aprendido, desde Portugal, a sua terra de origem. Era apreciadora de nosso peixe, que aprendeu a fazer pelas maneiras requintadas, que trouxe fama a este nosso produto. Como o seu esposo não fosse adepto de peixadas esperou que ele saísse numa das costumeiras diligências, fora da cidade, para pôr à prova a sua habilidade culinária, em matéria de peixe de rio. Querendo desfrutar de uma companhia, convidou um casal amigo, acreditando que também fossem adeptos de peixadas. Esta família era formada de dois filhos que só comiam feijão, arroz e bife. O pai das crianças tinha o fígado traçoeiro, que não lhe deixava apreciar pratos fortes. Ele se servia, como se estivesse beliscando os alimentos. Comia pouquíssimo. Quanto a sua senhora, era

um garfo negativo. Achava que tudo lhe fazia mal. Como sair da enrascada sem melindrar a amiga, que caprichara, trazendo à mesa peixe assado, frito, ensopado com mandioca e banana, pirão, farofa de couve no recheio? Não hesitaram: uma colega de trabalho seria a salvação. Enfrentaram-na, dizendo: *“hoje queremos que nos empreste a sua boca e o seu apetite. Fomos convidados para comer peixe e nenhum de nós está em condições de fazer uma boca”*. A colega relutou, alegando não conhecer ninguém na casa e por certo iria sentir-se acanhada. Mas ao ver tanta iguaria afivelou uma cara de pau e, fazendo jus ao empréstimo da boca, passou ao ataque, secundando a anfitriã, a única a fazer-lhe companhia. Foi assim que participei do almoço, comi, bebi muito bem, ainda dormi, fazendo a sesta, de quebra.

VI

Parede e meia

O modelo de habitação cuiabana, de casas geminadas, também era chamado de “casas de parede e meia”. Este tipo de construção meava até os muros dos quintais, o que diminuía as despesas de sua construção, dividido pelos vizinhos o seu custo. Se trazia vantagens financeiras, a margem de indiscrição era dobrada, pois deveriam ter muita cautela com as palavras ditas em voz alta. O que se conversava numa casa em tom mais elevado era invariavelmente ouvido no vizinho. E, se o tema era interessante, era só colar o ouvido à parede para não se perder o fio do assunto. Foi assim, quando o Merico começou a entrar no mundo da esclerose.

Seu Américo, chamado carinhosamente de Merico pela esposa, certa noite, entrou em parafuso. Quando a mulher desfez a cama para arrumá-la de modo aconchegante para o casal se deitar, ele estrilou: *“Arrume direito essa porcaria!”* Mesmo estranhando a rispidez do marido, ela pacientemente refez a cama e perguntou: *“Assim, Merico?”* – *“Não”*, estrondou o marido, *“arrume-a outra vez”*. Com serenidade, ela caprichou em estender os lençóis e a ajeitar os travesseiros e tornou a inquirir-lhe: *“Assim, Merico?”* Outro *“não!”* mais forte e nova tentativa de satisfazer o exigente marido que, à pergunta de *“Assim Merico?”*, escutava, cada vez mais energético e decisivo, um *“Não!”* inapelável. Esse diálogo absurdo viu raiar a madrugada. Do outro lado, a vizinha e comadre, com os ouvidos pregados à parede e meia, procurava adivinhar o que se passava. Os não se sucediam e a fila de

ouvidos colados aumentava: marido, filhos e outros achegos, movidos pela curiosidade, nem pensavam em dormir. Faziam conjecturas, procurando deduzir soluções, enquanto a pobre mulher, já com a voz de choro e de cansaço, via a noite se acabar repetindo: “*Assim, Merico?*”. Simplesmente seu Américo inaugurava a sua esclerose.

Por outro lado, traziam certas vantagens estas casas ajoujadas. Na praça da Bandeira, os filhos do seo Quinco, (Joaquim Pinto de Oliveira), e do Didito, (Benedito Leite de Figueiredo), encenavam teatrinhos: representações infantis de comédias, recitativos e cançonetas, enfim, era a maneira de se reunir e se divertir, numa época em que não havia rádio, televisão, e o cinema, bastante precário.

Certa vez, a Sinhá, sobrinha da família, declamava uma poesia em casa de seo Didito e empacou na fase “... *debaixo do laranjal*”. Repetia a frase, como disco defeituoso, sem conseguir recordar-se do resto. Dona Mariana, sua avó, que acompanhava o espetáculo pela parede e meia, ao perceber o embaraço da neta, disse: “*vamos salvar a menina, tirando-a debaixo destas árvores*”. Incontinentemente soprou-lhe o resto da poesia e a pequena artista pode dar cumprimento do seu papel. Estava salva a situação embaraçosa.

=====

Publicado em Obras Raras de Mato Grosso, vol. 9, sob a coordenação de Carlos Gomes de Carvalho

Para o Futuro

*Não há força tão grande
quanto a dos olhos
que viajam o infinito ...*

in Pássaros Sonhadores, Carlos Gomes de Carvalho

Diante da poética de Carlos Gomes de Carvalho sinto feliz e, é com alegria que venho aqui parabenizar o confrade pela vitória na eleição para presidir a Academia Mato-Grossense de Letras com confrades e confreiras de escol, que o acompanharão na futura tarefa de gerir os destinos de nossa instituição até 2019.

Sem dúvida nossa casa ganha em Força, Talento e Competência pois, sob a égide de notáveis companheiros, a Presidência sob a batuta de Carlos Gomes irá imprimir o que toda Mansão de Letras precisa: motivos, objetivos e arrojo para criar, transmitir e solidificar os verdadeiros cânones das letras deste lado brasileiro, sem medo de desgaste, sem amarras para criatividade e, sobretudo, com crença que as letras e as artes fazem de todos nós melhores seres humanos. Certa da contribuição que Carlos Gomes trará para nossa Academia fará jus a tudo aquilo que ele já fabricou em nossa terra tanto como homem público, mas como artífice de importantes legados para a literatura.

Ao trazer a lume “*Obras Raras*” entesourou o cofre das letras, ao escrever “*A Poesia Em Mato Grosso*” apontou, com raro brilho, questões ainda não descortinadas e relembrou autores alguns até esquecidos. Para citar apenas alguns de seus contributos para nosso Estado. Porém o que me faz encantada é a originalidade que encontro nas veredas poéticas de nosso futuro Presidente. Tal originalidade chama para este Autor uma complexidade de determinantes, uma integração que não encontro em muitos estros poéticos! Assim venho aqui deixar minha celebração pela

certeza de que a Casa Barão de Melgaço com a direção segura, criativa e competente de Carlos Gomes de Carvalho & Cia vai ser o Farol na imensidão do Cerrado.

Desde já agradeço pelo trabalho profícuo que irá realizar! Tenho como certo que veremos as artes e as letras erigidas em obras com o sabor de lidar com a realidade. Vitória e sucesso para Carlos Gomes de Carvalho e sua grei!

Em noite calorenta e linda de setembro/primavera de 2017.

In: Diário de Cuiabá – DC Ilustrado.
Terça-feira, 26 de setembro de 2017 [edição nº 14.827].

O Amassa-Barro

Outrora, minha bucólica e acolhedora Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá mais compreensiva, mais humana. ...Hein?

- Verdade, é brusca a mudança sócia tecnológica, as famílias veem-se separadas pela televisão, pela informática avassaladora, audaciosa, quebrando todos os lindes, rompendo todas as paredes protetoras das tradições e dos costumes. Nada mais está protegido, nada mais está resguardado, nenhuma criança recebe a dose gradual de informações de acordo com a idade: o escândalo chega-lhe em turbilhões e os pais ou tutores vencidos, incapazes e cediços. Reações isoladas já brotam abafadas, mortas pelo poderio da mídia, cujo deus é o lucro. Apenas.

Apoio-me em Vargas Vila para quem: *“todo o nosso coração está no passado; o passado é o sol que ilumina a extensão solitária daquele horizonte de passado.”* Absolutamente, não se contesta, mas se aplaude a tecnologia no que tem de conforto e progresso, porém as rosas da manhã de hoje, não me fazem esquecer as pétalas de ontem.

Por isso, é bom curtir o passado. Haverá sempre o passado, é ele o hoje envelhecido. Em cada sorriso juvenil estão, sutilmente, escondidas as pregas marcantes do amanhã.

Comunicação é vocábulo usual do momento e, na virtual, carregada de mil formas neológicas imprescindíveis nestas horas.

Antes o vocabulário era simplificado. Separadamente, falávamos: telégrafo, rádio, telefone. E depois, pouco e pouco, televisão...

Forma descontraída, familiar, íntima era a ligação telefônica na província. Ah, os nossos telefones cuiabanos: ... “Alô” - liguei para a casa do Dr. Zelito. A resposta da telefonista:... *“passou por aqui agora, não está em casa, depois tá?”*

Pelas ruas, cumpridos postes de madeira sustentavam dezenas de linhas, presas em botões brancos ou verdes de vidro ou porcelana.

Raros os postes em cujos travessões não sustinham uma casinha do alegre e cidadão João – de- barro, ou amassa - barro, como o cuiabano o conhece. O ninho consiste em uma bola de barro com dois compartimentos, isto é, uma antessala e uma alcova. É uma obra sólida e muito bem acabada, normalmente, considerando que o pedreiro só pode trabalhar com o bico, ajudado pelos pés. A entrada acha-se sempre na face comprida e permite à delgada ave entrar sem se abaixar.

O forneiro, oleiro, hornero para os argentinos, é um dos elementos mais populares e bem vistos da nossa avifauna. Também os índios gostam deste pássaro; tantas são as lendas, como as dos Caxiunás, em que a ave lhes ensinou o artesanato do barro.

De repente, começa sumir o amassa-barro. É claro, a transformação das áreas urbanas, o ruído; porém o grande expulsador cigano foi o indesejável pardal, do qual Hornaday falou: “ – *deixai-me molhar a pena em ácido corrosivo; ferve-me o sangue ao pensar que devo escrever seu nome*”.

Exatamente, o pardal é antipático, uma ave estrangeira que chegou e aclimou-se. Onde ele domina, não admite que outros pássaros do seu porte vivam a sua vidinha e principalmente útil. Sem cessar, ele atormenta aqueles seus pretensos rivais e, para eliminá-los de vez, lança mão de recursos baixos, próprios só de um pássaro desalmado. Indo aos ninhos dos outros pássaros, joga ao chão os ovos ou mata os pintainhos e toma conta da casa alheia. Em breve, elimina da região o passaredo alegre, bem agradecido, que até então, nos pagava com ótimos serviços a simples tolerância com que costumávamos manifestar-lhe a nossa simpatia.

Meu saudoso amassa-barro, músico de curiosos duetos do córrego da Prainha, “*onde estás que não respondes*”, ao chamado do menino envelhecido?

Senhor, nesta fauna combinada com a antropologia, evitai-nos da tentação da xenofobia, mas protegeí dos perigosos pardais os ingênuos joões-de-barro.

Peleto

Ora, que engraçado tenho escrito sobre a bicharada da minha angélica meninice, lembrando-me deles como personagens muito importantes e hoje o menino-velho está contristado diante do amado Peleto, douradamente inerte, vendo esgotar-lhe o sopro da vida. Uma lágrima quente desmentiu a coragem de resistir.

Ganhei Peleto da minha mãe, com uma montagem biológica muito tenra e desproporcional, mal andava. Aos poucos já estava ronronando, a voz fazia parecer um cruzamento de felino com canário. Que estranho! Nem tanto, a extravagância genética produziu um animal sofisticado: pelos dourados, pupilas douradas, porte grande e nobre.

Não foi um murador, alimentava-se em casa, compartilhando da nossa ceia, não foi um gato gatuno, mas dócil e honesto – jamais furtou.

Então, meu Peleto, partiu do nosso meio, na mocidade dos seus quatro anos; faz tanta falta! Era bom chegar em casa e vê-lo languidamente derramado no sofá ou no chão da sala, onde se confundia mimeticamente com o piso. Os seus passos elegantes no muro dava-me a inspiração de equilíbrio e tranquilidade.

Leio na ficha do médico veterinário: nefrose, a sua “causa-mortis”. Uma infecção na uretra propiciou a subida dos germes e foi de balde o nosso esforço para salvá-lo. Ah, morte inexorável!

Há dias, lembrava-me de Cholo e dizia: foi bom conviver com você, Cholo. Isto, na minha infância. Hoje, repito para Peleto, o meu amado gato, foi bom, deu-me até uma lição. De fato, a nossa mudança nervosa para uma casa, que por hora mais pertence à financiadora do que a mim, preocupou-me: gato não muda com o dono, fica na casa. Foi tudo diferente, Peleto veio, acomodou-se, gostou. Quis a proximidade dos seus afetivos companheiros de vida.

E por isso, Peleto, eu o amo. Proclamo-o fiel, tal como o cão. E como há cão infiel!

Demonstrou na sua existência a fidelidade de grupo, não saiu do seu meio. Peleto era nobre e não um “felis pajeros”, habitante dos sapezais e dos charcos. Ele requeria nobreza e não a inversão da convivência com um possível “homo pajeros”.

Está o jovem Peleto fundindo-se na argila do morro, e, na saudade, fica marcada uma imagem esguia e não a de um marraxo decrépito. Mas a imagem maior é a da beleza e da amizade.

Pagmejera, pagmejera!

Era uma vez um pequenino Menino de olhos levemente oblíquos que morava na grande casa campesina de seu avô, pois seus pais tinham morrido e ele era então o enlevo do velho. O menino sem mãe tinha, porém uma porção de tias com longos vestidos e luzidios cabelos atados com coques. Todas as noites acendiam uma lamparina e imploravam à Virgem que protegesse o sobrinho.

A casa feita de adobes escuros ficava na sesmaria do Morro Redondo e tinha na frente uma frondosa mangueira que dava sombra para o descanso de jovens morenos, em suas lides diárias. Muitas vezes o Menino ao lado do avô, seguia com o olhar atento o arriscado trabalho dos tios que domavam os ligeiros corcéis, famosos em toda aquela vasta região. Depois, quando o avô tomava guaraná ralado que uma das tias trazia, tinindo com a colherinha de prata, o Menino brincava de domador e amansava os bezerros que depois montava para ir nas roças vizinhas. Então em alegres algazarras com os primos, atirava-se do alto de um barranco e nadava vigorosamente nas plácidas águas do Ibitiraí.

Mas uma noite em que o Menino dormia na alva rede que sua madrinha tecera com as próprias mãos, muito em silêncio, um Manitô saiu das lendas antigas de sua doce Mãe, acercou-se dele e sussurrou:

— *Serás o orgulho da tua Pátria e da Humanidade. Tua presença, tua perfeita distinção, teus amplos conhecimentos e tua valentia te destacarão sempre dos demais companheiros. Unirás tua vida a uma empresa considerada impossível e saberás realizá-las com perfeição acima do esperado. Serás dotado de imensa energia vital e terás também uma voz de admirável ressonância, pois que serás um grande condutor de homens e de idéias. De tua ascendência materna, princesas das raças terenas e guanás filhas dos outrora senhores absolutos da terra em que nasceste, raça hoje perseguida e à beira do aniquilamento final, tu, filho dileto, foste o escolhido para protegê-las e redimi-las. Teu coração puro e nobre saberá compreender e encontrar meios para que os teus outros irmãos, os civilizados, possam ver a desumanidade*

que praticam com o simples e nobre povo indígena. Terás, como todos os grandes inimigos que dificultarão os teus trabalhos, farão surgir obstáculos e sobre ti levantarão calúnias, mas passarás incólume e sobre tudo, já que tens no sangue que herdaste de teus antepassados, a chama da persistência e da honestidade. Amarás uma meiga moça que fará do teu lar, um pedaço de céu e o encherá de crianças e te esperará sorrindo cada vez que voltares. Durante as tuas ausências, será a guardiã incomparável da tua casa e da tua felicidade. Viverás quase um século. Vai, filho, e luta pela paz dos teus irmãos.

E assim falando, o espírito do sonho afastou-se, pois eis que chegava a rósea claridade matinal.

Passaram mais alguns dias suaves e calmos, mas num entardecer, quando o avô e o Menino estavam recolhendo o gado, um cavaleiro chegou. Era o tio paterno que após muitos diálogos feitos à distância e através de amigos comuns, tinha afinal conseguido permissão para levar o Menino aos Centros do Saber. O avô fitou tristemente as campinas pontilhadas de bois gordos que sempre tinha pensado serem suficientes para criar o filho de sua filha e depois pousou a mão calosa sobre a cabeça do seu neto. Tinha afinal compreendido que o Menino tinha inteligência invulgar que não poderia se coadunar em ambiente de simples vaqueiros. E assim deixou-o partir.

Assim entre lágrimas de saudades, o pequeno órfão partiu daquele rincão paradisíaco, deixando a grande casa e o plácido Itibirai; deixando os campos verdejantes onde os tios e primos, centauros alados, cortavam o vento; deixando as doces tias com os negros olhos mais escuros pela dor da partida; deixando o avô com o rosto pregueado de amargura, fitando a estrada vazia

Foram passando os anos e o Menino ultrapassou todos os mestres que o tio contratou para que lhe ensinassem matemática e geografia, línguas e ciências e chegou assim o dia em que, transformado num jovem altaneiro e de olhar audacioso, seguiu para outras plagas, descendo o rio Cuiabá. Foi para a cidade mais linda do mundo onde o mar beija amorosamente a areia mais alva que as nuvens e onde poderia encontrar mil divertimentos, que, porém jamais o tentaram. Todo dedicado aos estudos nunca olvidava as palavras que seu pai dissera ao irmão quando pressentira a morte, antes mesmo do nascimento do único filho: *“Se eu não viver, e se a criança que nascer for homem, leve-o para a cidade, para que estude e assim possa servir a nossa Terra”*.

E com o tempo o jovem estudante ficou um valoroso Militar e recebeu incumbências, arriscadas e difíceis que cumpria sem nunca medir sacrifícios. Desenrolou gigantescos carretéis de fios e ligou florestas e montanhas, sertões

e pantanais com o litoral onde estava o Governo de sua Pátria. E percorreu milhares de quilômetros de fronteiras onde sempre resolvia litígios e afastava mal-entendidos. E às vezes era chamado para pacificar revoluções e em toda a parte usava somente a justiça, a bondade, a retidão e a disciplina. Mas acima de tudo dedicou-se com afinco sem esmorecer nunca um só instante, à grande campanha de salvar os seus irmãos indígenas da incúria, do abandono, das injustiças, das atrocidades e da usurpação dos seus direitos. E por meio da bondade e da persistência chegou mesmo aos mais ferozes que viviam em tribos longínquas e levou-lhes a Esperança, a Fé e a Caridade. E sua bandeira levava o lema: “Morrer, se necessário for, matar nunca”. E reis e chefes estrangeiros vinham de longe, atravessando mares e oceanos para conhecerem o Harmonizador, o Pacificador dos Sertões.

Por isso hoje, quando o vento tange as liras dos rios por onde ele navegava, murmura suavemente: — Cândido Mariano da Silva Rondon! E as cachoeiras que ele descobriu e batizou, ao caírem em catadupas sonoras, cantam: — Cândido Mariano da Silva Rondon! E os pássaros em revoadas alegres pelas matas e serras: — Rondon, Rondon! E os índios, de cujo sangue descendia, do norte ao sul dos sertões brasileiros, unidos na saudade, relembram seus feitos e cantam sua vida:

— Pagmejera! Pagmejera!

Manelantônio

Desde cedo se ouve na fazenda o nome dele:

- *Manelantônio! Vai busca o leite. Vai tratar dos pintos.*

E lá vai ele, preto, baixinho, com paletó esfiapado quase pelos joelhos, camisa nenhuma e botinões acalcanhados. E volta com o latão de leite nos ombros e solta os bezerros, ou corre a procurar casca de angico para o ferro de engomar ou arrancar uma mandioca para o almoço. E sempre com um amplo sorriso na cara que é puro beijo!

Ninguém nem sabe mais desde quando mora na fazenda o Manelantônio. Mas às vezes ele recorda e conta:

- *Eu era morador lá na Ca-a-ambada* - separando bem as sílabas e dando um profundo suspiro.

Pois a Cambada, dez léguas adiante, nada mais sendo que um córrego maleitoso que corre em volta dos cinco ranchos onde vivem os parentes dele, é para o Manelantônio, o próprio paraíso terrestre. Lá não se trabalha mesmo e à noite todo o mundo senta-se no terreiro em volta duma fogueira fumacenta, que é por causa dos mosquitos, e cada qual conta estória de assombração a ufa!

Verdade que lá passava muita fome ficou por isso esmirradinho e papudo. Bem, mas esta última parte ele já esqueceu há muito. Mesmo que agora Manelantônio é muito ocupado e mal tem tempo para recordações. Por exemplo, é ele o cozinheiro da cachorrada onceira, bem uns doze, fora os filhotes. Pois as onças pelo Rio Preto são muitas e atrevidas e estão sempre fazendo estragos na criação. Assim sendo, os cães são tratados com muita atenção pelo pessoal da fazenda. E ninguém melhor que o Manelantônio, para isso. Todas as tardes põe ossos numa lata de querosene cheia de água e depois quando estão se desmanchando engrossa tudo com fubá de milho. Mais tarde, quando estiver bem frio e endurecido, ele repartirá em ta Empunhando a pesada colher de pau, Manelantônio, estará atento aos mais esganados que levarão uma paulada na cabeça. E quem não obedece assim?

Fora tudo isso, ele é também o contador de certas novidades:

- *Tem um ninho de periquitos no buriti grande da Lagoa dos Veados; a leitoa que foi comprada domingo pulou o chiqueirão; a perua velha está chocando perto da cerca do pasto* - e assim por diante.

Não faz tempo, chegou todo alvoroçado, contando que tinha encontrado um pato selvagem com uma asa partida, lá para o lado da internada grande. Assim, durante uma semana, mal trazia o leite do curral para a cozinha, lá ia o Manelantônio com o seu passo desajeitado para a internada, levando farelo de milho.

E numa manhã, todo orgulhoso, trouxe o enorme pato e o soltou no terreiro. Que foi dando logo suas confusões, pois queria ser ditador absoluto e ainda à força de bicadas em tudo quanto era galo ou pato civilizado. Coitada das galinhas, andavam numa indecisão louca, não sabiam a quem obedecer e a quem seguir! Isso durou até o dia em que avisado pela ordem imutável da vida, o grande pato sentiu que tinha chegado à época de arribar em buscas de outras terras: sei lá se eram da Patagônia ou do Pantanal. O certo é que não foi sozinho, pois contrariando a própria natureza, levou ele todas as ingênuas patas do galinheiro que acompanhando o valdevino devem ter caído logo adiante sob as garras dos lobos maus.

- *Manelantônio, ah, Manelantônio, não me invente de aparecer com outro pato!*

Cuiabá não é de ninguém

Todos cantam a sua terra ... eu também vou ...

Certo, mas acontece que não é mais privilégio do cuiabano recitar como seu o delicioso versinho do poeta verde amarelo exilado.

Sim, o cuiabano que viveu confinado (esta palavra está na morda) desde que Pascoal Moreira, de passagem, tanto tropeçou nas pepitas d'ouro, que se cansou, tirou as botas de bandeirante audaz, desistiu das andanças, e possuiu essas plagas que a Natureza enfeitou e, generosamente, a nossa gente emoldurou com a própria alma, banhada com o seu suor e sangue, com o seu amor e zelo, com o seu sacrifício e angústia.

Hoje, Cuiabá sorri para o Brasil. Se era tédio, agora é alegria; tímida, audaciosa; sonolenta, trepidante; desengonçada, de minissaia

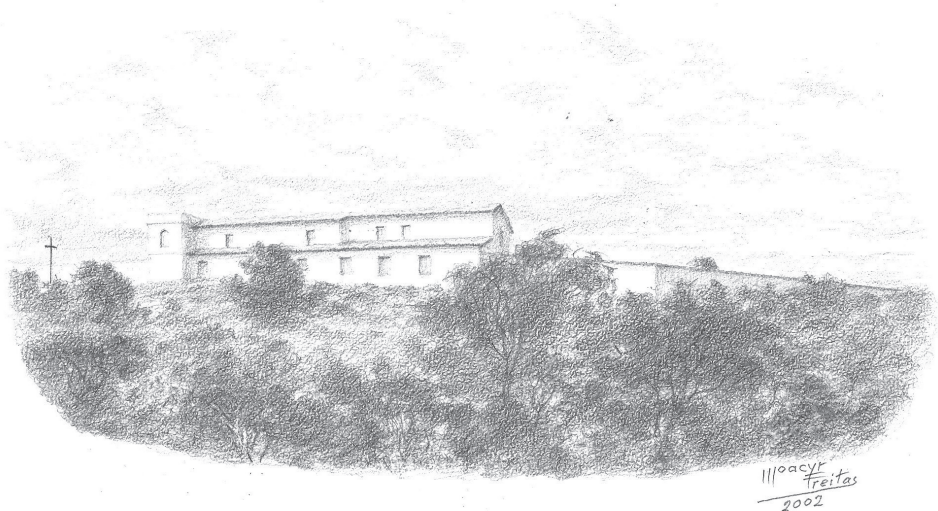
Flor que desabrochou.

Deixa de ser besta, cuiabano, a tua Cidade Verde ducinquentona não te pertence mais; ela é minha, é nossa, já é de todo mundo Cuiabá não é mais de ninguém!

=====

Publicada no opúsculo “De Cuiabá e em seu Louvor – 1719-1969”, Imprensa Oficial do Estado, 1969. Republicado em “Cuiabá: Corpo e Alma”, de Carlos Gomes de Carvalho.

FICÇÃO



CAPELA DE NOSSA SENHORA DO BOM DESPACHO - 1869

ÍNDICE

Hélio Serejo

- Capitoa 151
- O peão que viu Jesus 163

José C. Carrara

- Como a morte acaba com a vida da gente! 165
- Ah...esse velório!!! 166
- E o Cridemar morreu... 168
- Será que há recuperação?! 169
- Fui deformado II 170
- As filas ...uma delícia! 171

Carlos Gomes de Carvalho

- Quatro microcontos 173
- Os tormentos de uma virgem insone 173
- As agruras de um casamento feliz 177
- O melhor amigo do homem 183
- O tênis ou a vida 191

Capitoa

Manoel do Nascimento Holsback, residente na cidade de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso, que peleou na revolução do célebre Gumerindo Saraiva, no ano de 1893, nas coxilhas abertas do Rio Grande do Sul, conheceu Maria Aparecida guerreando, com lealdade e bravura, ao lado do marido capitão Belmonte.

Certo dia, bem próximo a Caruvi, num tremendo corpo a corpo, viu o esposo tombar por terra varado por uns espadaços para logo morrer sem dizer palavra. Não vacilou. Tirou-lhe a farda, o revólver e a espada e continuou comandando a tropa. Mereceu o respeito de todos, pois lutava com entusiasmo, inexcusável coragem e sangue frio sem igual.

Dois dias após este “entreveiro” morre Gumerindo Saraiva. Finda-se a guerra fratricida. Embainham-se as espadas. Capitoa recorda-se do companheiro. Volta pressurosa. Reza ante o corpo já em decomposição. Escolhe um lugar. Não podia conduzi-lo. Muitos eram os cadáveres estendidos pelo chão. Sepulta-o, então, num cômodo da coxilha ensanguentada.

Semana após, com mais alguns irmãos de luta, envereda-se rumo a Mato Grosso. Ao aparecer na zona de Nioaque, já envergava a farda do falecido: bombacha grande, túnica de soldado, espada, revólver etc. Com o tempo substituiu a túnica (talvez por comodismo) por um paletó confeccionado à sua moda.

Eis os traços característicos da mulher que encheu de pavor muitos lares da região circunscrita entre os rios Brilhante, Perdido e Imbirussu: estatura baixa, morena- clara, cabelos negros compridos, olhos levemente esverdeados, voz grossa, autoritária e rompante, andar nervoso demonstrando constante insofreguidão. Mantinha, invariavelmente, o rosto pintado com carmim vermelho-violeta. Além da sua inseparável espada e do 44 de cabo preto, usava uma faca e um belo rebenque, ambos com cabo chapeado de prata; lenço cobrado no pescoço; bombacha enfeitada

com botões de várias cores; bota, esporas tinideiras; fita de cor no cabelo; e um chapelão de vistosa barbeia, bem quebrado à testa, completava a sua indumentária. Possuía um isqueiro de chifre circundado por uns anéis da cor amarelada, imitando ouro, com o qual acendia o seu grosseiro cigarrão de palha, pois era inveterada fumante. Dava a vida por uma musiquiada, e na qual sempre tomava parte como destra e hábil sanfoneira. Puxando a “chorona”, na execução de um xótis ou de uma valsa, lá do Rio Grande, punha quentura de fogueira de São João no coração de todo mundo. E era de se ver como se divertia nesses arrastas-pé afulemados. Era um gozo para todos quando ela, imponentemente metida em seu traje masculino, tirava uma donzela e saía valseando pela sala de chão batido. Com macho não gostava de bailar, por isso o seu amante, um tal de Antão (talvez o décimo) um sujeito magricela, alto, moreno, de faces bexigasas, olhos vivos, ficava sempre jururu num canto, segurando nos joelhos a rústica oito baixos.

Muitos “quartéis-generais” teve essa estranha figura feminina. Entre eles podemos citar: Cabeceiras do Santo Antônio, Passo do Taquarussu, Vale do Canindé, Brilhante, Urumbeva e Nioaque. Dentre todos, porém, preferiu sempre a Fazenda da Boa Esperança, de propriedade do sr. Antônio Francisco Rodrigues Coelho, que ficava na Estrada Real de Nioaque, a Vacaria e Campo Grande. Entre 1909 e 1913, rondou essas paragens, tendo até, segundo muitos, feito umas rocinhas nas matas de uma cabaceira. Nessa estância, algumas vezes sacudida, violentamente, por invasão de malfeitores procedentes do Paraguai, organizava grandes bailes, com muito churrasco e alguma bebida. Costumeiramente, já em hora bem adiantada da festa, ordenava que encilhassem os cavalos e sem dizer a ninguém para onde ia, ganhava o chapadão banhado de orvalho. Sua permanência por esses êrmos não deixou de ser grandemente benéfica.

Sobre a sua exótica personalidade teciam-se as mais variadas lendas. Muitos criam na existência de mais de 50 homens, ocultos em misterioso esconderijo, que viviam sob suas ordens e que, na época oportuna, se incorporariam a milhares de paisanos, para a deflagração de uma revolução, cujo objetivo seria o de separar o Norte do Sul, fazendo-se de Nioaque a imponente capital do vastíssimo e virgem território desmembrado. Pura invencionice. Pobre e infeliz Capitoa! Como poderia aspirar tal coisa, mulher boçal e tão rude como essa? Por que haveria, logo ela, de se meter em tão delicado e absurdo empreendimento político-social. Ela, que mal conhecia o “O” e que somente possuía aquela mania doida de comandar

homens armados, fazer bailes, tocar sanfona, amar animalescamente, dar ordens drásticas e sair, noite a dentro, trotando pelos descampados, soltando para o ar grossas baforadas do seu cigarrão de palha.

Mas as lendas iam crescendo, dia por dia, correriam mundos. Transporiam fronteiras... . Com isto os quateiros (malfeitores, ladrões e assassinos que operavam nas proximidades da fronteira) rarearam suas periódicas e nocivas incursões, até desaparecerem de todo. Em consequência disto, durante muitos anos, paz absoluta reinou no planalto. Um Rei, somente, passou a mandar: Capitoa.

Maria Aparecida Belmonte não gostava de que cristão algum menosprezasse a sua pessoa. Usava indumentária de homem, mas tinha os seus aprofundados melindres femininos. Andava ela, os seus comparsas, pela “orilha” da fronteira fazendo estrepolias. Soube, na ocasião, que um pobre andejo rira muito de vê-la metida naqueles trajes de gaúcho. Foi ao seu encalço e o prendeu. E sem piedade nenhuma, para que o exemplo ficasse, mandou fazer-lhe a barba a facão. O fraco maior da Capitoa era organizar “carreiradas” e quando as organizava, determinava que se jogasse no trilho e não nos cavalos. Era tremenda feiticeira. Para preparar o feitiço sabia onde ir buscar o sapo mais apropriado. Usava, juntamente com o couro deste, cera de vela queimada em velório, besouro de chifre cor de ouro, osso moído encontrado na passagem de algum ribeirão, raiz de planta arrancada na encruzilhada, cabelo de negro, bico de tucano. Para feitiçaria de amor mandava roubar ou adquiria, por compra, uma peça de roupa que a virgem usou em sua primeira noite de núpcias. Certa ocasião - contam - apaixonou-se, perdidamente, por um moço vindo de longe e obrigou-o a viver consigo, maritalmente, sob terríveis promessas, em caso de abandono. Odiando-a, profundamente, passou o rapaz a fazer vida com ela.

Num belo dia, o rapagote aventureiro conheceu, na cidade de Bela Vista, uma linda paraguinha e, tal como a feroz mulher-macho, ficou apaixonado. Passou muito às escondidas e, astuciosamente, a viver com ela, em furtivos e cuidadosos encontros. Capitoa soube. Incendiou-lhe o coração de fera. Armou-lhe uma cilada. E mandou fazer, naquele que muito amava, um serviço feio. Três desejos mórbidos possuía Capitoa: furar sanfona com a ponta da espada, acabar com bailes entre gritos e sapateados e acarinhar mocinhas despontando para a perigosa fase fisiológica Neste último tomava, invariavelmente, uns ares de embevecimento de

monge em penitência. Diziam os que a conheceram de perto que, quando agarrava a uma moçoila donzela, seus olhos sinistros pareciam lançar fogo. Retorcia a boca, rilhava os dentes, soltava profundos suspiros e caía numa espécie de êxtase de odalisca apaixonada. É sabido que, durante longo tempo, manteve em sua companhia, meninas bem fornidas de corpo. E com elas dormia. E com elas, numa estúpida carícia de macho, rebolcava-se na cama, beijando-as num verdadeiro delírio. As vezes desnudava a infeliz e indefesa jovem e se punha a admirar os seus contornos, o sexo e os seiozinhos endurecidos. E os acariciava com sofreguidão selvagem. Era uma doente, em suma. Um misto grotesco de humano e de besta.

Entretanto, tinha a sua decência a mulher bestial: jamais consentiu que homem algum tocasse em suas “afilhadas”. Em defesa das mesmas morreria, se preciso fosse. Tinha-lhes, assim, desvelo de mãe. São fatos que unicamente a ciência e ou doutos podem caracterizar.

- *Moço dêxe disso que um dia ocê si istrépa; a coisa aqui é diferente - dissera-lhe alguém.*

Mas o moço mineiro, afoito e cheio de vida, que surgira no planalto de repente, dava de ombros e avolumava ainda mais a voz, todas as vezes que recebia uma admoestação:

- *Isto é uma vergonha, sim senhores. Nesta terra parece que não existe homem macho! ... Onde já se viu uma mulher fardada, de revólver e espada rodeada de bandidos, provocando todo mundo, surrando, prendendo e acabando com os bailes das famílias! Isso é um desaforo! Essa mulher-monstro precisa ser expulsa para o Paraguay. Com a sua horrorosa feiura vive matando as crianças de susto ...*

Capitoa soube das bravatas do implicante filho das Gerais. Pôs olho nele. Seguiu-o durante meses, de largo em largo. Teve-lhe ódio de morte. Espumava-se toda, rangia os dentes, quando lhe vinham ventar aos ouvidos as maroteiras do aventureiro atrevido. Marcos sabia que estava sendo trilhado pela Capitoa, mas confiava em sua agilidade no gatilho e nas patas do seu pretão de cara branca bem amilhado. Por isso andava, de pouso em pouso, aprumadito, de boas vestes gaúchas, jogando o seu truco, vendendã e berganhando quinquilharias e enfeites. Sua estrela brilhava. Ganhava no jogo e fazia boas tramas. Fez amizades. Tinha bom coração, era serviçal, possuindo excelente gênio, muito galhofeiro, sempre alegre. Mas possuía aquele mal que era, ao mesmo tempo, um capricho doentio: falava por todas as bibocas por onde passava contra a Capitoa, condenava os seus atos, a

sua arrogância, a covarde obediência dos seus asseclas, ridicularizava a sua grotesca indumentária, comparava o mau cheiro de seu corpo com o mijado da jaratataca, criticava os fazendeiros que, temerosos, lhe davam pousada. Um dia alguém, por brincadeira ou maldade, esparramou pelo sertão esta notícia: Marcos seria o novo inspetor de Quarteirão do Taquarussu. Era homem de coragem e poderia reprimir o banditismo que se ia alastrando assustadoramente pela região, ameaçando a povoação de Nioaque. Capitoa ouviu a nova. Amargurou-se-lhe o coração. Manteve-se calada durante alguns momentos. Logo em seguida ordenou aos seus comandados:

- *Bâmo viajá!*

E os sete cavaleiros, grotescamente vestidos, seguiram a sinuosidades da estrada, levantando para o ar o pó vermelho da chapada. Nunca mais teve descanso aquela mulher de espírito diabólico. Trazia gravada no pensamento uma só coisa: prender Marcos. Não para matá-lo. Não queria vê-lo morto, assim tão jovem, falador, avalentado, comido pelos corós da terra. Guardava para o mineiro uma grande surpresa. E que terrível surpresa!

Uma tarde o grupo estaca num rancho próximo ao Perdido. Capitoa apeia. Sempre montava e apeava em primeiro lugar. Era rigorosa ordem sua. Também ninguém cumprimentava o dono da morada antes do seu: *ôoooooooo de casa!*

Nesse rancho pobre teve uma grande alegria: ficou sabendo do paradeiro de Marcos. Estava perto. De grito. Duas léguas apenas Jantou bem, contou uns “causos”, palitou os dentes com a pena de galinha que trazia sempre presa à fita do chapelão de aba larga, esperou avançar bem a noite, agradeceu a hospedagem, despediu-se e partiu. Alcançou o Passo virando de meia-noite. A casa ficava do outro lado da subida. Amarraram os cavalos e seguiram rastejando pelos buracos das enxurradas. Um cachorro pressentiu. Ladrou furiosamente. A morada, porém, já estava cercada. Capitoa desta vez não quis falar. O momento angustiante não podia ser denunciado por voz de mulher. Foi essa a primeira e única vez que quebrou a sua ordem imperiosa. Mas tudo saiu bem. Não houve resistência nem sangue, portanto. O moço foi pilhado na rede, dormindo. Quando quis se mexer, quatro cabras o subjugaram, num relance. Recebeu a ordem e a ordem foi cumprida. Reuniu todos os seus pertences. Fez a mala do poncho. Fechou o alforge. E, bem escoltado, puxou o cavalo da soga.

Capitoa, seu bando de fantasma e mais o Marcos partiram. Era madrugada. Quando o dia amanheceu de todo estavam nas cabeceiras de uma nascente, num matagalzinho, pouso costumeiro e preferido pela endiabrada gaúcha, temida e respeitada. Marcos tinha as mãos amarradas. Era preciso agir assim nos primeiros dias. Não conheciam bem o moço. Todo cuidado seria pouco. Defrontando o rapaz, robusto e simpático, Capitoa falou:

- Sabe, eu sei das coisas que você fala de mim pur aí tudo, me rebaxando, me desmoralizando, e até me comparando com uma bruxa-feiticeira. Eu sei de tudo, porque tudo que falam de mim, me contam; não sei si é por medo ou por bajulação; mas eu não vô matá você, não, como os meus soldados estão pensando A gente nunca deve matá um moço como você e só por ser prosa, conversador. Não mato, não! Vô te dá um castigo pior! Sou fêia, baxota, horrível, tenho cheiro de jaratataca, tenho parentesco com bruxa e feiticeira, mas não faço essa malvadeza. Não faço, não! Vô fazê você sofrê de ôtro jeito, tá uvindo?

E Capitoa fulminou o moço:

- Di hoje em diante você vai ser meu home... bâmo durmí junto sintindo o chêro um du ôtro... bâmo sonhá na mesma cama ou prurriba dos bacheros mesmo. Tá uvindo, sêu Marcos?

Os homens do grupo, espalhados e em silêncio, ouvem e acompanham a dura cena. Marcos está mudo. Vermelho como brasa. Nada contestou. Ante tamanho infortúnio, só mesmo a mudez. Se caísse, nesse dia, no fogo grande do inferno, não seria mais desgraçado!

A gaúcha, de 44 e espada, resolveu encerrar a sua odiosa preleção:

- E sabe de uma coisa, sêo Marcos? Num pense em fugi!... Si você arribá uma noite quarquê, mando tí pegá até nu inferno., mando tí capá, sêo porquêra. Tá uvindo?

Marcos, o filho das Gerais, potoqueiro e bravatador, não teve outro recurso. Passou a ser amante daquela mulher-pantera que tanto espezinhará. Sofreu duríssimo castigo. Fez-lhe todos os gostos. Matou-lhe, em noites de tranquilidade, a sua sede de amor. Odiou-a muito intimamente. E maior foi o seu ódio, a sua revolta e o seu asco, quando viu, naquele monstrengo, uma mulher perdidamente apaixonada

Mas veio a Revolta do Gomes. O sul se conflagrou. Formavam-se batalhões de voluntários. Escoltas, espalhadas pelo sertão, aliciavam gente. O cheiro de pólvora já envenenava o ar. Nioaque estava em pé de guerra!

Capitoa mais se avizinhou da fronteira paraguaia. Tinha receio de uma emboscada. Segundo informações, o “tenente” Gomes a odiava. Podia ser pilhada de surpresa. Distribuiu seus homens, a pé, manhã cedo, para uma cuidadosa exploração do terreno. Ao anoitecer se encontrariam no acampamento. Marcos seguiu a sua rota. Era vaqueano naqueles caminhos. Poderia perceber, com facilidade, aproximação ou passagem de tropa. Mas nunca mais voltou. Ganhou o ermo e, vencendo a pé mais de 20 léguas, foi alistar-se, como voluntário, nas tropas do “tenente” Gomes. Ia morrer, como morreu, no campo de luta, mas havia-se libertado daquele martírio indescritível, ocasionado pela presença daquela mulher má, asquerosa, imunda, perversa, satanizada, sempre cheirando a carniça.

Pedro Ozório de Brito, o pernambucano de fala macia, amante número um de Maria Aparecida Belmonte, está carreando no sertão. Vai apanhar um sal em Porto Murtinho. Ao passar por Margarida, propriedade da Empresa Mate Laranjeira, pede pousada. Não lhe negam, proporcionando-lhe, sim todas as comodidades possíveis, pois haveria festa no outro dia e seria mais um para gastar e animar o arrasta-pé. Durante três dias Pedro aí permaneceu, bebendo, gastando e jogando. Quando a festa terminou, brochou os bois e despediu-se de um por um com forte e agradecido aperto de mão. Fora bem tratado e não lhe ficava bem sair assim sem uma despedida sincera que comprovasse a sua gratidão.

Mas não seguiu só. Dentro da carreta ia alguém. Alguém de brincos argolados nas orelhas. Era Anita, paraguaia moça e faceira, vinda de Campanário, fugida do perverso marido. Num baile da fronteira, certa feita, cravaram-lhe um punhal no joelho direito, andou morre não morre, sarou por fim, mas ficou aleijada: rengueava de fazer dó. Mas Pedro caíra de amores por ela assim mesmo. Resolveu juntar os trapos e fazer vida com a capenga. Porém, contou-lhe, em minúcias, sua vida com a Capitoa. Pensava em abandoná-la, mas não tinha recursos, por isso estava aguentando. No entretanto, nutria esperanças de reunir umas economias e fugir, um dia qualquer, em companhia de Anita para as fronteiras de Ponta Porã ou, quem sabe mesmo, se para Pernambuco, lá para seu arraial, onde o cangaço e os homens sem entranhas dominava tudo. Como não podia trazer a nova companheira para Nioaque, abrigou-a em casa de um amigo. De quando em vez, furtivamente, muito às pressas, por ali aparecia. Matava as suas saudades, fazia novas juras de amor e arquitetava novos planos. Anita vivia radiante. Encontrara, por fim, após tantos anos de vida martirizada pelos

ervais, o companheiro ideal, carinhoso, sincero e de voz macia, conversa silabante.

Um dia Pedro deu para renguear. Mancava como cachorro com espinho de bacaiúva na pata. Capitoa perguntou-lhe o que tinha:

- Deve ser reumatismo dus brabos!

O tratamento foi rigoroso. Tudo fizeram para que o pernambucano se curasse. Mas nada Cada vez pior. Durante a noite gemia e como lhe faltasse o sono punha-se a fumar. E fumava dezenas de cigarros de palha até que a madrugada rompesse. Maria Aparecida Belmonte, a amante brutalhada, condeou-se dele. Tomou uma atitude pouco comum em sua vida de mulher turbulenta e mandona:

- Fica por aqui mesmo e vai se tratando, que eu vou fazer as viagens e resolver as festas. Logo você fica bom!

Pedro Ozório de Brito quase endoideceu com a notícia, porém, nada deixou transparecer. E para que ninguém desconfiasse de nada, gemeu a noite toda e fumou mais algumas dezenas de cigarros. Quando o dia rompeu, Capitoa o abraçou, meio comovida, e partiu para organizar a festa, na qual, se tudo corresse bem, gastaria uns dez dias. Já cavalgada, recomendou ao amante que tivesse cuidado, que não se banhasse em água muito fria e que evitasse, também, o sereno da noite, pois é este que encaranga as pernas reumáticas, mormente quando o reumatismo está atacando mais os joelhos. E a terrível Capitoa, de espada à cinta, partiu com o seu bando sinistro.

O pôr do sol não mais encontrou Pedro em sua casa, ou melhor, na casa da amante. Foi para os braços da fogosa e perfumada Anita, que aquilo de manquitola era só desculpa para ver se viajava pras bandas de Margarida onde, diziam, havia uma bugra velha que curava tudo, sapecando o corpo do enfermo com labaredas de erva, por quatro vezes, no espaço de noventa dias. E Pedro Ozório de Brito passou, como sempre desejou, a gozar de um amor livre, sem temores e sem sobressaltos. Quem madrugasse haveria de ver, palita espanejando ao vento, um vulto a trote largo em direitura ao rancho da Capitoa. Era o pernambucano que, primeira vez em sua vida, queria bem, amava doida e desmedidamente.

Capitoa regressou. As chuvas intermitentes prejudicaram a sua tarefa. Quinze dias bem trabalhados levou para ultimar os preparativos, que a festa era sua, mas a casa não, razão pela qual tudo precisava ser

estudado, discutido e, por fim acertado, até mesmo potreiro para os cavalos dos festantes.

Capitoa desceu à porta do rancho. Atirou, violentamente, o rabo-de-tatu sobre o banco tosco da ramada. Não cumprimentou ninguém. Os presentes entreolharam-se. Conversara a linguagem muda, mas expressiva, do olhar. Maria Aparecida Belmonte sabia de tudo. Talvez que, ao passar por Machorra, alguém lhe segredasse aos ouvidos os rumores que corriam a respeito da paixão furiosa de Pedro pela renga. Capitoa não puxou prosa como costumeiramente acontecia ao regressar de uma viagem. Arquitetava planos. Deitou-se cedo. Não conseguiu, porém, conciliar o sono. Esperou o raiar do dia. Levantou-se. Abatida. Olheiras profundas. Rilhando os dentes.

Pedro Ozório de Brito, desta vez, como sempre o fizera, não cortava os ermos pela madrugada fria, procurando despistar, procurando encobrir o seu amor criminoso. Porque crime - e crime monstruoso - era um cristão viver com a Capitoa e ter o coração amolecido por outra fêmea. Isso havia acontecido por duas vezes já; e o sertão presenciara ambas as tragédias, sem reprimir o mandante.

Pedro, o pernambucano apaixonado, voltava cantando. Ia entardecendo. Perdera o medo de todo. Que falasse o povo! Amava Anita e com ela na garupa arribaria num amanhecer qualquer. Haveria de se livrar da Capitoa, mulher asquerosa que tinha voz de macho e cheirava a carniça. Pedro estacou o ruano. Estava na porteira da invernadinha. Alongou o olhar. O rancho da Capitoa ficava logo ali, na volta do caponete. Mil e duzentas braças marcadas pela cerca de arame. Ia, mais uma vez, amarrar o pingo no palanque de cerne de aroeira que Maria Aparecida mandara fincar junto à ramada de pindó. Recordou-se desse dia. Sacudiu os ombros. Parece ter ouvido, novamente a voz rouquenta daquele tarde fatídica para ela:

- Quando este palanque de cerne de aroeira apodrecer, você será livre, Pedro; a partir desse dia você poderá trocar juras de amor com outra mulher. Antes não! Nunca!

Aquele “nunca”, ameaçador e terrível, estremeceu- lhe o corpo mais uma vez. Lembrou-se de que ainda estava montado. Apeou-se. Correu as varas da porteira. Ficou indeciso do outro lado. Parecia não ter vontade de prosseguir. O seu degredo era ali. Sem saber porque, a frase torturante arrebatou-se- lhe no peito: “Isso não! Nunca”. Pedro Ozório de Brito arfou o peito. Sentiu nojo de tudo que rodeava o rancho. Abraçou o pescoço

do pingo. E largou o grito de desabafo. Grito que andava enroscado na garganta, oprimido, sufocado.

- *Vou meter fogo no palanque hoje. De madrugada sairei. Ninguém conhece o “passador das antas”; em três dias estarei com Anita, em Ponta Porã.*

Ia pondo o pé no estribo. A voz veio, tronitroante, de uma moita de bamburro:

- *Num vai pô fogo em nada, seu peste!*

Pedro esfregou o rebenque na virilha do ruano; este arrancou para frente, num salto de tigre. O pernambucano estava junto à porteira, olhar embugalhado, com a peixeira na mão. Quando ergueu o braço e ensaiou a arremetida recebeu em pleno rosto a descarga dupla da chumbeira. Caiu de borco, gemendo, lavado de sangue, meio morto. Capitoa - contam muitos - foi sua enfermeira até o derradeiro instante. O remorso corroía-lhe a alma. Jamais dera ordens para matá-lo. Instruíra, sim, os seus homens, para surrá-lo, impiedosamente, ali na porteira. Dada a sova, o cabelo seria aparado a facão e, ato contínuo, o seu retorno aos braços da capenga, com o corpo lanhado de laçassos, completaria o serviço. Mas os homens se assustaram. Viram a disposição do rapaz. Previram o perigo. Tinham pela frente um tipo corajoso. Daí, para a pesada descarga, foi um instantico só

Capitoa possuía as suas perversidades. Era vingativa e cruel, mesmo numa desforra. Mas o coração - vez que outra - sabia ser dócil, ser meigo, ocasião em que a mulher - fera exteriorizava ternura de mãe! Perdoava tudo e se apiedava dos próprios inimigos. Quando Pedro Ozório de Brito morreu, entre postemas e gemidos convulsivos, Maria Aparecida Belmonte verteu copiosas lágrimas. Reuniu, carinhosamente, os trastes do defunto o seu cavalo, revólver, capa, punhal cabo de prata, três novilhas e tudo mais e mandou um peão de confiança entregar ditos pertences a Anita.

Anita recebeu a dádiva. Emocionou-se. Chorou de alegria. E num gesto inopinado arrancou do pescoço uma medalha de Nossa Senhora, todinha de ouro, pedindo ao portador que a entregasse a Capitoa. Maria Aparecida Belmonte jamais se separou da medalhinha, presente sincero da capenga agradecida. Representava para ela o desfecho de um romance que foi, ao mesmo tempo, infidelidade, vingança, sangue, sofrimento, bravura, agonia, morte, piedade, ternura, arrependimento e perdão!

Uma tarde uns cavaleiros, vestidos de capa oriental, brotam de surpresa no terreiro da fazenda Boa Esperança. Eram “soldados” do tenente

Gomes. Perguntaram pela Capitoa. Esta, arrastando pesadas esporas chilenas, com o relho de cabo de prata na mão direita, pois estava de saída, apareceu num repente. Não esperou por mais nada, foi indagando:

- *O que desejam os senhores?*

Um deles responde secamente:

- *Trago uma ordem do tenente Gomes.*

- *Pode falá moço, contestou, impertubável, a audiciosa andarilha.*

- *O tenente manda lhe dizer que, a bem da moral, não use mais roupa de homem; se desobedecer sofrerá castigo na cadeia de Bela Vista.*

Capitoa, ignoranton e atrevidaça, respondeu ao pé da letra:

- *Isso, não! Era senhora de seu nariz e naqueles rincões não recebia ordens de ninguém; que o tenente Gomes tratasse da sua vida que era melhor.*

Gomes recebeu em cheio, no rosto chamuscado pelo sol ardente, a afronta humilhante. Mas não quis reagir. Era homem prudente. Sabia que quem ri por último ri melhor. Esperou pelo tempo. O momento para a vindita chegaria. E chegou mesmo. Meses depois, com o seu Destacamento que policiava a fronteira por ordem do governo do Estado, chega inopinadamente a Nioaque. Teve imediato conhecimento da presença, aí, da mulher que o desmoralizara perante os seus comandados. Mandou prendê-la. E a todos de seu grupo. Embora aliciando gente (brasileiros, bugres, alguns índios cadiués, terenas e até paraguaios) não quis incorporar aos seus os cinco transviados da sua prisioneira. Tirou-lhes somente as armas. E a Chefe? Que fez o tenente com a Capitoa? Meteu-a no tronco. Surrou-a? Não! Nada disso. Chamou um barbeiro da vila de Nioaque. Mandou cortar - lhe o cabelo bem rente ao couro cabeludo. Logo depois, ordenou que lhe passasse o pincel ensaboado pela cabeça e corresse a navalha filosa em todas as curvas. Trocou-lhe as vestes masculinas deixando, porém, em seu poder, a sua sanfona e a velha espada por ser esta relíquia de família. E assim, hediondamente transformada, soltou-a campo afora

Um grupo exótico e mulambento, formado por uma mulher e quatro homens - um ficara enfermo na vila - segue entristecido pela vastidão deserta. E ela vai, de coco raspado, porém, protegida por um grotesco chapéu de feltro que a acompanharia até a morte.

Para onde se destinava o grupo? Para Campo Grande. Capitoa possuía, aí, um compadre. Prestara-lhe bons serviços em época não muito remota. Este encontrava - se bem de vida. Pedir-lhe-ia auxilio. Não queria dinheiro. Precisava somente de armas. O seu armamento estava reduzido,

unicamente, à sua espada. Não lh'a tiraram; era arma branca e, acima de tudo uma relíquia de família. Capitoa encontrou o apoio esperado. Armou seus homens. Conseguiu até uns clavinotes. Tornou-se forte belicamente. Mas não criara juízo. Na povoação nascente iniciou suas arruaças. Onde sabia existir um baile, lá estava. Querendo dançar com as jovens formosas, que sempre fora um dos seus maiores fracos, abria briga, o tempo fechava, lampeões se apagavam ... e o sanfoneiro fugia.

O bando comandado por aquela mulher estranha rondava os arredores de Campo Grande. Ronda sinistra, porque ninguém mais teve sossego. Diziam que sua gente era numerosa. Para disfarçar, andava dividida em grupo: um em cada canto da cidade. Por isso o fraco contingente policial jamais se sentiu encorajado em enfrentar a horda comandada pela ex - amante do fugitivo Marcos. Contavam, até que ela possuía “o corpo fechado”; que bala ali não entrava, nem com pancada de olho de machado.

Um dia veio uma ordem de Cuiabá ao Delegado de Polícia. Uma ordem incisiva: destroçar o grupo da Capitoa por qualquer meio. E o paupérrimo Destacamento da Milícia do Estado não teve outro remédio senão o de cumprir a rigorosa determinação superior.

Numa manhã, pelas voltas das 10 horas, num matagal, possivelmente onde hoje se ergue o majestoso Colégio das Irmãs de Caridade, houve o encontro, após muitas e muitas escaramuças. Capitoa foi habilmente envolvida. Reagiu, mas fracamente. Segundo notícias, vagas e imprecisas, perdeu dois homens no “entreveiro” e saiu ferida na coxa. Curou-se numa chácara à margem do Prosa. Meses e meses andou desaparecida. Certo dia surgiu na cidade. Parecia estar mudada. E estava mesmo. Os continuados fracassos, a idade, o reumatismo que a acabrunhava, a fuga dos seus companheiros, a morte do cavalo de estimação, quebraram-lhe o ânimo forte. Mudou de vida

Na Rua Dom Aquino, numa miserável choça, próximo à morada do sr. Manoel do Nascimento Holsback, armou uma tendinha e ai vendia saborosíssimo curau, doce de amendoim, mamão, garapa e pamonha. Quando veio a revolta do general Izidoro Dias Lopes, ela ainda se encontrava à frente de sua tenda. Depois desapareceu. Dizem que acompanhou um preto cambaio lá para os lados de Camapuã.

E dela nunca mais ninguém teve notícia.

In: Contos crioulos

O peão que viu Jesus

Suas atitudes - sem dúvida - que eram esquisitas, profundamente, esquisitas. Trabalhou na ranchada ervateira do paraguaio, Francisco Rojas, que não conseguiu suportar o maníaco por muito tempo. Deu-lhe, certa manhã, boa e farta matula, e apontou-lhe a estrada. Era a “lei” dos ervais. Foi parar na ranchada “Porto Baunilha” de “Don Chico Serejo”. Falava pouco e, quando falava, tossia e gaguejava. Fazia qualquer serviço. Era bem mandado, obediente. Nunca, na ranchada, conseguiu a afeição das mulheres e das crianças. Nele, entretanto, jamais viram uma atitude agressiva ou gesto de revolta. Executava a sua tarefa, comia e ia dormir na cobertura feita com carpa. Madrugação estava de pé. Para esperar pelos demais companheiros, sentava-se num tronco de árvore e ficava batendo os dedos na madeira como se estivesse acompanhando uma música.

Ficou na ranchada cinco meses. Não fez amigos, viveu a sua vida, sem malquerência e atritos. Era, em suma, um cristão, até certo ponto feliz. Uma tarde quando voltava de um goiabal nativo, disse ao “Capataz - Rancho”, que vira Jesus Cristo ... que chegou bem perto, e que Ele, não tocava os pés no chão. Viu, claramente, que era o Filho de Deus. O “Capataz - Rancho” ouviu tudo em absoluto silêncio. Como contrariar um ser humano nessas condições? Seria um ato ignóbil, uma agressão a pureza do sentimento cristão. Desmenti-lo, seria ofendê-lo violentamente. Melhor - pensou o capataz - deixá-lo reafirmar que, Jesus Cristo, ficou à sua frente, bem pertinho, sem tocar os pés no chão. Foram dormir após o encontro de poucas palavras. Só que o peão não amanheceu na ranchada.

A cobertura de carpa estava dobradinha em cima do tronco da árvore, que lhe servia de banco. O luar clareava a imensidão, o que facilitava sobremaneira a caminhada pelo “trilheiro” de muitas curvas. Não foram procurá-lo. Em uma noite inteira de luar, repleto de magia, um cristão, a pé, vence muitas léguas sem castigar o corpo. Na ranchada, durante dias e dias, não se falava em outra coisa, a não ser na “aparição de Jesus Cristo”, e na fuga do peão. Alguns acreditavam, piamente, na “visita” de Jesus. Cercaram o lugar e ergueram uma cruz. Os mais afoitos arriscavam palpite: - Podia ser mesmo o Filho de Deus; viera - quem sabe! - para abençoar a ranchada oculta na mataria escura, que não tinha fim.

Assim, com esta e outras manifestações, iam lembrando a figura exótica do andante de muitos ranchos ervateiros e vilarejos esquecidos. Para localizar o fugitivo, só houve mesmo o “pergunta-pergunta”, insistente, de um grupo de ervateiros da região. Tudo, porém, sem notícia satisfatória. Nem o sinal da plantilha (*plantilia*) de pneumático, ou indício de rasto nas *carreteras*, cabeceiras arenosas, brejos e varjões, por onde o fujão, forçosamente, teria que passar. Nada. Nenhum rasto. Nem galho verde quebrado, distração de todo *caminero*, que viaja a pé.

Passados cinco anos, o mistério foi desvendado. Pescadores do “baixo-paraná”, a uma distância de trinta quilômetros de “Porto Mendes”, encontraram uma pequena curva arenosa do rio, um crânio humano, com profundo corte pouco acima da orelha direita. O crânio - opinião unânime - era, sem nenhuma dúvida, do peão que vira Jesus Cristo. Tinha ele, um “rebaixamento” na cabeça, que a peonada chamava de buracão. E a causa da morte? Todos tiveram o mesmo pensamento: foi tomar banho, teve uma síncope e morreu afogado. Viável, sim!

Como a morte acaba com a vida da gente!

Estava o Percílio a jogar palitos por telefone com o Placídio, quando são interrompidos pela Cinefrina Chupa Dedo que queria saber se água parada em pneus pode hospedar o mosquito da dengue? Claro que pode, respondeu Percílio e quis saber por que? Sabe o que é “seo” Percílio, a mulher do Però Belo Rollo, está com dois pneus, um em cada lado da cintura, e o Però já pediu pra ela emagrecer, pra não virar depósito de mosquito da dengue e ela teima em dizer que não vai tirar os pneuzinhos, que são o charme das mulheres gordinhas. É, a senhora Bruxacov Fedor está mesmo bem gordinha e com os pneus bem cheios, afirma o Percílio. Outra coisa que quero saber do senhor. O senhor e o “seo” Placídio, não vão no velório do Taturana? Como? O Taturana, meu amigo, morreu? Perguntou o Percílio. Pois é, “seo” Percílio, veja como são as coisas. É engraçado como a morte acaba com a vida da gente! O Taturana está sendo velado lá na funerária do Bairro da Minhoca. Me diz “seo” Percílio, o que é velório? Vou dar a explicação que recebi do Placídio. O nome velório surgiu das velas. Como assim “seo”Percílio? perguntou a Cinefrina. O fato é que naqueles tempos antigos, não havia luz elétrica, então, as pessoas passavam a noite segurando velas enquanto vigiavam o falecido, o morto. Daí a expressão “velar o corpo ou velar o morto” Aproveitando sua presença e sua sebadoria, vou lhe contar uma coisa. A senhora Bruxacov, disse que quando morrer, ela vai morrer de vergonha de ficar nua na frente do Espiga quando ele for lavá-la. “Será que o Espiga precisa me ver nua, pelada para fazer o trabalho dele, me dar banho? Esta a pergunta que ela me fez semana passada. Ela disse que se isso acontecer ela vai morrer de vergonha, pois acha que é uma mulher muito recatada. Aí, eu disse: fique calma, porque você já estará morta. Ah...amiga Cinefrina, mas eu sou tão azarada, tão ruim de pontaria, que se eu jogar uma pedra no chão, eu erro e se o Espiga me ver nua, mesmo morta eu não sei onde enfiar a cara. Meu Deus, como

a morte acaba com a vida da gente. Não sei se é melhor morrer ou virar vagabunda. É melhor ser vagabunda! Já trabalhei demais e morrer agora... nem morta! A Bruxacov se despediu e foi pro bar do Furúnculo, tomar uma cerveja escura e encorpada, daquelas de fazer o sangue correr mais rápido nas veias e deixar a gente mais gordinho. A Bruxacov vai ter toda a eternidade para ser só osso. Pra quê dieta?

Ah...esse velório!!!

- Vamos comemorar o dia do “esculacho”, ou vamos participar do campeonato, ou melhor do festival de argolinhas? Indaga Percílio. Penso que não haverá sol esta noite.

- Caramba Percílio, não vamos comemorar e nem participar des-ses eventos. Vamos sim no velório do Coriolano Tudo Azul.

- O Tudo Azul, morreu? Quando e de quê ele morreu?, quis saber o Percílio.

- O pobre do Coriolano, percebeu que nada estava Azul na sua vida, na noite de sábado, lá no bar do Furúnculo. Começou a sentir câimbras na língua e cólicas nos pés e uns apertões na bunda. Estava também encatarrado, com tosse e indisposto, e aí começou a chamar sua mulher Lentes Clara, para que o ajudasse e o levasse ao Pronto Atendimento. Você sabe que dona Lentes é uma mulher normalmente comedida, discreta e emocionalmente estável e de uma visão privilegiada em casos como o do Coriolano. Lentes viu logo, que Tudo Azul estava mudando pro amarelo-roxo e não titubeou e quis garantir qualidade de vida na reta final do Coriolano, pois, a morte é parte fundamental da nossa existência e tem que ser planejada e humanizada. Lentes entendeu também, que, Coriolano realmente não estava bem e por isso quis garantir o direito dele de se despedir dos amigos, ter uma morte digna com seus valores e crenças respeitados. Não aguentou as câimbras na língua, as cólicas nos pés e os apertões na bunda, a tosse, e morreu. Morreu feliz o pobre do

Coriolano Tudo Azul, que agora deve estar vendo a “coisa preta”. O velório vai ser na casa dele mesmo, lá do Condomínio “Minhocão do Pari”, rua dos Pecados Mortais, 44 esquina com a rua dos Imortais Pecadores, logo abaixo da Rua Cruz Preta. Pra quem não puder comparecer, a dona Lentes avisa que o todo o velório será transmitido ao vivo via internet para os parentes e amigos que moram distante. É bom dizer, caro Percílio, que nós conhecíamos o Coriolano Tudo Azul, e conhecíamos também seus últimos desejos que dona Lentes não sabe. O Coroiolano dizia para os amigos e inimigos que “quando eu morrer, não quero choro e nem vela. Quero no caixão, uma coleção da revista Play Boy, para servir como travesseiro, uma dúzia de cerveja e as fotografias do meu fusquinha e que o meu amigo Jesuíno me dê o ultimo banho, e, ainda, que utilizem uma bomba de aspiração pra retirada dos gases e me façam a barba e as unhas. Que sirvam café, cachaça e sanduiche para todos. Que o Guilhermano seja o rezador oficial e que meu corpo seja abençoado e purificado. Não deixem o safado do Perciliano, tomar pinga e jogar um pou-co pro santo e depois cuspir no pé do suporte do caixão. Quero que meu enterro seja uma festa, com a criançada comendo san-duíche de mortadela, chupando sorvete e os homens e mulhe-res bebendo cerveja, cachaça, comendo torresminho, bananinha frita e bolo de milho. Durante o percurso, de casa ao cemitério, os acompanhantes deverão portar velas acesas e cuidado pro vento não apagá-las e se concentrem bem no que estão fazendo. Não se esqueçam de colocar dentro do caixão, meu jogo de futebol de botão, que está numa caixa de pó-de-arroz “Casheme Bouquet”, lá no guarda-roupa, perto da gaveta das cuecas. São esses os meus pedidos”.

Tudo será concretizado, conforme Coriolano Tudo Azul quer. Seus amigos não o abandonarão e segurarão as alças do caixão até ...tudo ficar azul.

E o Cridemar morreu...

O Cridemar Liviano, jovem educado, adepto do amor, da paz universal, da boa música, da boa leitura, bom filho, mas extremamente tímido. Cridemar estudava à noite e durante o dia trabalhava na Borracharia “Vaca Lambeu”. Sempre rezava pra Nossa Senhora dos Borracheiros, pra livrá-lo dos pneuzinhos e que o ajudasse a arrumar uma namorada. Conseguiu a namorada, mas os pneus e pneu-zinhos não o largavam. Aprendeu que a beleza não está no que vemos, e sim no que sentimos. Começou a sentir um forte amor, ou uma forte caída pela Creosméria Fofote. Amor quase a primeira vista, como acontece nas novelas. Assim como “a chuva obriga as pessoas a usarem guarda-chuva”, começou a pensar na Fofote já como sua namorada, deixando de lado sua timidez e sua mala-xofobia –medo de amar e a sedução. Engatou, depois de muito pensar, o seu namoro que já dura 3 anos Ficou íntimo da família, a ponto de passar os finais de semana na casa da Fofote. Comia, bebia e só não dormia junto com sua namorada. Os pais severos, não permitiam. No domingo passado, Credimar Liviano, depois de beber duas cervejas e tomar um copo de garapa, sentou-se pra almoçar com a família da sua Fofote. O almoço foi servido ao meio-dia, como era costume da família. Credimar comeu e comeu bem. Logo depois do almoço, começou a passar mal. Seu corpo pedia pra soltar ou lançar gases. Mas a boa educação recebida de seus pais, impedia que ele soltasse os gases e também sentia-se com muita vergonha de fazer “pum”. Foi controlando, controlando, suando frio, e suportou até a noitinha. Já por volta das sete da noite, Credimar não suportou as dores e caiu no chão, segurando o estômago. Foi levado para o hospital, mas não resistiu. Credimar morreu. A causa da morte, foi revelada pelo médico dr. Saturno Mercúrio: divertículo no intestino grosso, que é causado por retenção de gases por longos períodos de tempo, que causou uma Peritonite e, posteriormente a morte. Resumindo: Credimar Liviano, morreu por segurar “pum”. E a Fofote não segurou o “tchan do Credimar. Placídio, é verdade que as pessoas saudáveis soltam de 12 a 25 puns por dia?

- Segundo estudos científicos provam isso. E o pobre do Credimar com certeza não leu o livro “A Arte de Peidar”, escrito em 1751 pelo francês Pierre Thomas Nicolas Hurtaut. Um livro destinado aqueles

(as) que insistem em permanecer escravos dos preconceitos, inclusive senhoras austeras, melancólicas e românticas. Seja o “pum” silencioso e mortal ou arrasa-quarteirão, nunca deixe de soltá-lo, senão você poderá fazer companhia ao educado Credimar. Quando a regra é clara, não existe preconceito.

Será que há recuperação?!

Percílio, ontem encontrei-me com o amigo Jair Precioso Quintal, lá no bar do Furúnculo, e ele estava assim como o Brasil, com a respiração suspensa. Estava sugerindo “boicote” a todos os poli-ticos safados e corruptos deste nosso Brasil.

- Mas aí, Placídio o “boicote” vai ser total. Mas por que essa atitude, essa sugestão do Jair Precioso Quintal?

- Segundo ele, está desempregado, sem dinheiro, devendo aluguel, água, luz e até na mercearia. Pensou em suicidar, porque no cemitério há vagas, muitas vagas e lá ninguém vai cobrá-lo. Para ele, os mortos tem a mesma religião, todos são iguais e as nuvens tem o mesmo céu. A terra cobre todos igualmente. E ele, coitado, perdeu a motivação com a vida amorosa, profissional, religiosa, sexual e quer encurtar a distância entre sua vida e o cemitério e quer saber o que aconteceu com a alegria e a satisfação que sentia antes desta crise. Será que há recuperação para este caso? Eu acho que sim!

- Percílio, a gente conhece bem o Jair Precioso Quintal. Tem um bom nome, boa reputação, escreve bem, tem boas poesias. Podemos sugerir pra ele voltar a escrever seus pensamentos, seus versos e tentar vender pra revistas, jornais, sites, blogs e outros veículos de comunicação.

- Por falar em versos, poesias, pensamentos, acho que este pensamento é do Precioso Quintal: “Dizem que o fio dental é o mai-or símbolo da democracia. Ele separa a esquerda da direita, protege o centro. Faz mudar o ponto de vista de cada um e põe o povo todo a olhar para o mesmo objetivo.” Outro pensamento do Jair: “Nunca compre terra enrolada, sem

documentos, nunca case com mulher feia e nunca pague dívidas dos outros. Isso é burrice mesmo”. Outro do Jair: “acredite que entre a verdade e a mentira não pode haver acordo”. “Neste mundo há dois tipos de pessoas: as que amadurecem e as que apodrecem”. “Será que minha felicidade ainda está no ventre do futuro?” O Jair Precioso Quintal é um bom pensador e tem uns versos não muito reco-mendáveis para salas de famílias ou de aulas. São assim...meio tortas: Qual mulher nunca apertou / o pé no sapato para caber/ A barriga para emagrecer/ ou um ursinho para não enlouquecer? Qual mulher nunca penou// para ter a perna depilada,/para atu-rar uma empregada/ ou trabalhar menstruada?/ Qual mulher nunca sonhou/ Com a sogra morta, estendida/Em ser feliz na vi-da/ ou com uma lipo na barriga? Qual mulher nunca teve:/ um sutiã furado,/ um primo meio tarado,/ ou um amigo viado- (variado.) São essas coisas Percílio, que podem ajudar o amigo Jair Precioso Quintal, recuperar a vontade de viver. Sejam os solidários sempre!. Solitários nunca!

Placídio, tens certeza, que a Casa Barão de Melgaço, vai ser entregue dia 15 de abril de 2017? Peçamos ajuda a São Félix II, a São Albino, São Rudesindo e Nossa Senhora Desatadora de Nó.

Fui deformado II

- “Ninguém entra ou está em nossa vida por acaso.” A pessoa que vem e entra na nossa vida é a pessoa certa”. “Em terra onde não há carne, urubu é frango.” “As neces-sidades unem, as opiniões separam.” “Funcionária do açougue é demitida, por deixar a maminha de fora.” “A ternura do meu coração impede que eu tenha ódio, raiva ou medo das pessoas, especialmente das mulheres”. Que frases bonitas! Paulo Relâmpago, estava procurando explicações para entender, porque sua mulher Adgerdenes Faísca o tratava de maneira a deformá-lo. Relâmpago di-zia no Furúnculo Bar, que sua mulher o tratava de forma a desfigura-lo, tirá-lo da forma original: bonito, sarado, cobiçado, corpo atlético, para um sujeito gordo,

feio, desengonçado.- Não é bem assim, Paulo Relâmpago, entendo que sua mulher quer o melhor pra você, dizia Placídio, para contornar aquela “quase” difamação da Adgerdenes.

- Claro que é Placídio. Ela agora resolveu me seguir, me policiar, me vigiar. Tudo que faço ela quer saber. Não pos-so comer, nem beber sem que ela olhe, fiscalize. Não te-nho mais liberdade, nem pra limpar a boca. Eu sei que o guardanapo está caro. Penso até em separação. Mas on-de que eu vou assim todo deformado, pesado, gordo? Agora começou a vigiar o que estou lendo. Ela está viran-do uma perseguidora, além de deformadora.

- Calma Paulo, que tudo na vida gira em torno do amor. O amor perdoa tudo, inclusive o casamento. A Adgerdenes faz isso tudo por amor a você, aconselha Percílio. Lembro aqui, que a Rebeca, pediu pro Cesar Torrico, falar pra ela algo bem profundo. Ela esperava uma frase de amor, algo que firmasse ainda mais o casamento deles. Foi aí que o Torrico, lascou essa: “querida Rebeca, vá profundo do in-ferno!”. Acabou o casamento deles.

- É, mas o meu caso é diferente. Minha mulher, além de me deformar, agora está se tornando uma verdadeira “reduzora” de felicidade. É como estar na estrada e ver a placa “REDUZA A VELOCIDADE”. Minha mulher virou uma REDUTORA de felicidade. Quando estou com os amigos bebendo, conversando, em fim muito feliz, aí chega ela e...pronto chegou a Redutora de Felicidade e eu como bom marido, mas de saco cheio, pego minha felicidade enfio entre as pernas e vou...querendo ir pra Pássargada. Agora tenho em casa uma DEFORMADORA de corpo e uma REDUTORA de felicidade.

As filas ...uma delícia!

Nesta sexta-feira, o Placídio e o Percílio, decidiram ir à Caixa Econômica, a procura do FGTS inativo, que acreditam existir por lá, uma graninha, que vai ajuda-los a saldar alguns compromissos. É bom dizer que ambos adoram filas. Quanto mais longas, mais aproveitam para conversar, ouvir e opinar. Cada um pegou sua senha e entraram na fila. Um fila mista

de idosos, jovens e de todas as idades. Enquanto as portas da agência não abriam foram escutando os “fileiros”. O senhor Climério, dizia que estava ali pra receber o seu FGTS inativo, porque precisa de dinheiro pra pagar a farmácia e comprar mais remédios. Mas, o que o senhor tem “seu” Climério? Perguntou Percílio.

- O médico, disse que é “tracoma”, uma doença inflamatória dos olhos causada por uma bactéria, respondeu Climério. E os remédio custam caro e ele receitou dois colírios que tenho que pingar todos os dias, e, se não pingar posso ficar cego.

- Mas, “seu” Climério, o que dói mais os olhos ou o bolso? perguntou o fileiro do lado. Depende do dia, respondeu Climério.

Falando-se em cego, diz Jorge Rambo, olha esta notícia aqui no meu celular, e mostra o aparelho pra todos da fila e lá está mesmo: “Namorada de cego é morta em uma suruba e ele não vê nada”.

- Meu Deus, onde é que vamos parar! exclama dona Agripina. Esse país está tão desorganizado, que é preciso organizar o “dia do esculacho”, disse uma jovem chamada Guilhermina.

- Espero que não seja, o 8 de abril, porque nesse dia é aniversário de Cuiabá, afirmou seu Expedito do Poção. O seu Divino Carmo, entrou na conversa, pra dizer que lá no Pedra 90, onde ele mora, seu amigo Badaró, estava comendo uma “quentinha” no Boteco da Ondina Online, engoliu um garfo, após tentar coçar a garganta com o objeto. Mas eu acho que foi de susto que engo-liu o garfo, porque na hora que ele comia, apareceram dois ma-landros numa mota e gritaram “a quentinha ou carteira, pra não entrar numa fria”. E acho que foi neste momento que ele engoliu o garfo. Mas o Badaró tem garganta estreita, e o garfo ficou meio-a-meio, ou seja meio pra dentro e meio pra fora.

E a fila começou a andar e logo parou. Os que já estavam na boca do caixa, se enroscaram com a falta de documento. “Eta povo arigó, bocó, num sabe que tem que trazê tudo os documento”, gritava dona Grinaldina, já reclamando de dores na coluna. “Vamos ter paciência, porque esse dinheirinho vem na hora de pegar peixe pela bunda, nesta semana santa”, acalentava dona Eunápia, que imaginava ter lá uns 1.623,00 reais de fundo inativo. Quero que a crise continue, porque só assim “crise de cartei-ra cheia”, representa mais chocolate na boca, o que vale mais que no bolso, ou no prato e ainda vou acabar com a ditadura da cerveja lá em casa. Lá só se fala em crise e se esquecem do precioso líquido que alegra a vida dos que querem ser felizes. E Percílio e Placídio continuam na fila...

Quatro Microcontos

que surpreendem a realidade sendo invadida pela ficção ou em que a ficção é superada pela realidade.

Os tormentos de uma virgem insone

A noite foi muito tumultuada. Pelas frestas da memória uma vida inteira penetrava. Insônia. Rola na cama. O travesseiro é apertado com força, amarfanhado, o lençol não se segura nas bordas do colchão e se desloca tão inquieto como sua dona. Com o avançar da noite, a broca do tempo foi abrindo espaços e já não era mais uma fresta, uma trilha, mas a cada volta do corpo insone maior era o buraco negro que se abria na memória. Do coração ao cérebro, era uma alma em tumulto. Um frio fino como um fio de navalha afiada percorria o corpo. E revolta e desejo, e remorso e desespero, e angústia e paixão se misturava rapidamente no liquidificador da memória. Ela sentou-se na cama. Mãos crispadas segurando o rosto, como para impedir que ele se lhe escapasse.

De que adiantou, meu Deus! Tanto tempo guardando. Oh! quantos desejos sufocados. Quantas ânsias, quantos tremores suportados. Quantas vontades amordaçadas, quantas, quantas

Revolta soluçada. Gemidos perdidos no breu do quarto. E Joviana procurou ordenar as ideias, confusas e tumultuadas.

Por que foi confiar em Xixo? Por que, meu Deus, por quê? Por que a ele se entregou, assim sem mais nem menos? E precisava motivo, por acaso? Afinal, ele havia se aproximado todo cheio de palavras de mel. Bem que haviam lhe dito: “Ele só tem metade da tua idade. É um rapaz sem maior responsabilidade, Jô, cuidado.” E as velhas tias: “Que namoro

é esse? Onde tá seu juízo? Toma jeito, siá”. Mas ela não quis ouvir. Desta vez parecia diferente. (Interessante, lembrava agora, que todas às vezes ela sempre pensava que daquela vez seria diferente). Um ano de namoro, uma promessa de casamento. Que mais ela queria meu Deus?

Joviana aperta a cabeça com força, como se assim pudesse fazer parar o turbilhão de pensamentos. Tinha já 45 anos. 45 anos e ainda virgem. Virgíssima. 45 anos e virgem. Até que lhe apareceu Samuel, o Xixo. Príncipe Encantado? Não. Não

era não. Ou era?

Ela só sabia que tinha se entregue ao Xixo. Completamente. Inteiramente. Um turbilhão. E foi bom e foi diferente. Tremores nunca sentidos. Aos 45 anos, emoção jamais como aquela. Alguma coisa aquele safado tinha feito à sua pele, ao seu esperançoso coração, embalado sua envelhecida emoção. Mandinga? Reza forte? Ou simplesmente o feitiço de um sorriso terno, de uma mão carinhosa, mais leve que a de todos os outros, se bem que não foram muitos, foram poucos ao contrário, que dela haviam se aproximado em todos aqueles anos. Anos de aridez, um corpo sáfaro, uma alma deserta, porque o rio do amor nunca lhe havia embebecido, mas com ele, ah! doce bandido, com ele havia se sentida invadida por uma ternura sem par, por um desejo formado de tremores e de frios na barriga. Assim era, assim havia sido. Então ela dera àquele sujeito – “safado, safado sim, ah! mas que safado” – o que negara a tantos outros, e durante tanto tempo. 45 anos e virgem. Um tesouro guardado durante tantos anos, perdido, definitivamente perdido, numa única e decisiva noite. A troco de que? De palavras, de palavras, nada mais que palavras. Afinal, com juras de amor e beijos - ah! os beijos ... - muitos e sôfregos beijos - “hummmm... como foi bom” – quem iria duvidar que casamento não saísse? Quem?

Claro. Não faltaram avisos, alertas, chamamentos à razão. Mas quem pode dirigir um coração, esse cavalo indomável, que movido pelo fogo da paixão é incontrolável e costuma sair cavalgando desembestado pelos campos infindos dos sonhos. E ademais, como saber se esses avisos eram realmente honestos e não movidos pela inveja? E depois é fácil falar, recomendar, aconselhar quando você está de fora, mas vá para a prática, para o centro do furacão, e você vai sentir o quanto é difícil fazer tudo certinho, como manda o figurino, como lhe aconselham. (Se conselho fosse bom, era vendido – dizia-lhe todas às vezes o danado do Xixo).

Sim ... e ela caiu. A resistente muralha tão longamente protegida desmoronou. E ela se deixou levar. A vertigem da sofreguidão marcou

encontro com a languidez do tesão e então tudo foi arrebatamento, estrelas e eclipses. E ainda dizem que os anos dão experiência! Qual o quê, siá! E também as amigas, e as novelas na televisão, não vivem dizendo que essa estória de virgindade é besteira? que é coisa do passado? que é conversa fiada e que “não compensa”? E aquela que disse pra ela, na maior sem-cerimônia: “que era daquela vez ou nunca? Que na idade dela já tava tudo encruado?” E que “a vida só se vive uma vez, e essa vez tem que ser vivida no agora, que quem sabe como vai ser o amanhã” – não é isso mesmo o que muitos dizem e assim até agem? Quem entende a humanidade? Antes falavam uma coisa, agora, que aconteceu, dizem outra. Então ela foi As palavras do Xixo, com aquele sorriso jovem e maroto que só não era mais bonito porque apareciam alguns dentes cariados, as palavras de Xixo, ah! Xixo e suas palavras fizeram ninho em seus ouvidos. Aquela fala macia, caprichada, embrulhada em promessas de veludo, e ela se foi deixando levar. Anos e anos guardando um tesouro, “o seu tesouro”, segurando tensões e emoções, carinhos reprimidos, olhares furtivos reprimidos, os pretendentes se afastando e escasseando, o tempo escorrendo. E ela arredia e arredada, sem conhecer os encontros e os desencontros de que todos os amores são feitos. A vida passando como a mansidão do rio Cuiabá, o tempo cobrando do corpo as suas pesadas dívidas enquanto ia erodindo a rigidez da pele e a agilidade dos gestos, e ela já avara de sentimentos, o destino tendo começado a fazer a sua curva. E ela sem saber que mistérios existem além do túnel - se precipício, se paraíso. Então ela foi

Jô caminhou rumo ao precipício e ao paraíso. E ela foi para Samuel uma gota passageira, quando se entregava como torrente caudalosa.

No dia seguinte, exausta pela noite insone, não era o cansaço físico que lhe incomodava, que lhe vincava o rosto de olheiras fundas. Naquela manhã o que lhe pesava era o filme de sua vida que fora forçada a assistir durante toda a tumultuada noite. E aí, pingando como uma insistente goteira em final de chuva, repetia-se-lhe mecanicamente: “De que adiantou esperar tanto? Sufocar todas as vontades, conter num fundo poço tantos amargores? As amigas contando as estórias de cama, dizendo das habilidades ou das incompetências de seus companheiros, das suas alegrias e das suas insatisfações. Mas, ela não. Ela se sentia sempre escanteada quando vinham

tais assuntos. Mas ... daquele dia em diante, quem sabe? Guardou o tesouro tão ciosamente. E agora? Mas esse desgraçado ia ver ... ”

Acordou decidida. Não eram ainda oito horas quando saiu de casa. Com o velho pai indignado pelo ultraje, fera ferida pela violação do tesouro, foram diretos para a Delegacia Distrital. Pacientemente o delegado registrou a queixa. (Enquanto a ironia bailava na sua cabeça: 45 anos e virgem? Será?) Não houve qualquer tipo de violência, nem mesmo aquela às vezes admitida pelos parceiros no intenso do prazer, nada. Ela mesma o dissera. Não, Xixo continuara o mesmo terno e suave, todo entrecortado de sorrisos e meneios. O que a polícia poderia fazer então? Sem violência, sem qualquer forçada de barra, uma dúvida de profundidade jurídica provocou os nem tanto atualizados conhecimentos jurídicos do experimentado delegado, enquanto o solerte escrivão olhava de soslaio para a pobre denunciante: afinal houve ou não sedução?

O fato de a senhorita Joviana ter já 45 anos lhe retirava, ou não, a presumida inocência que caracteriza a sedução? Ou, a só virgindade já por si seria, ou não, atestado de inocência? Pelo menos – pensou o delegado - da incompreensão dos mistérios da vida, não tinha dúvida. E também, virgem ou não, quem pode escapar das armadilhas do amor? O argumento, uma vez exposto, teve a força caudalosa da paixão derrotada. Nada havia a fazer contra o sedutor Don Juan.

Joviana saiu cabisbaixa, tal como entrara. Mas o rosto estava sereno, embora o olhar perdido e divagante. O velho pai deixou a delegacia muitos anos mais velho do quando chegara minutos atrás. O poder da realidade – ele que falara em vingança, em honra violada e em cadeia para o malandro – pesara tanto sobre os seus cansados ombros que seus passos foram os passos da desolação.

No dia seguinte o jornal publicou uma pequena nota na página policial:

Virgem de 45 anos, seduzida por rapaz de 22, encontra a morte ao pular da ponte sobre o rio Cuiabá.

As agruras de um casamento feliz

Alfredo estava numa sinuca de bico danada. Mas é nesses momentos que costumam surgir as idéias geniais. De repente, acende uma luzinha e uma ideia começa a fazer morada e, como quem não quer nada, planta raízes. O fato é que ele já estava disposto até à medida mais extrema. Isto mesmo, a separação. Não queria, é verdade. Os filhos, a comodidade e o conforto do lar, a comidinha, a chatice de ter que montar uma nova casa, o carinho da mulher, escasso, mas carinho, como não? Enfim, aquelas boas coisas que o casamento costuma proporcionar, tudo isso contrapesava na decisão que germinava. Uma pequenina planta deitava raízes em solo diariamente regado. E ele era um pêndulo de relógio em sua indecisão. Sim, de relógio. Um vai-e-vem intermitente a apontar a hora decisiva. Não desejava mesmo se separar da mulher. A vida em comum, quase trinta anos, havia se transformado num hábito morno, com altos-e-baixos suportáveis. É claro que já estão longínquos os arroubos dos primeiros anos, mas quem? se justificava, não conhecia ninguém, ninguém que conhecesse, que mantinha a mesma flama, passados tantos anos juntos, dividindo a mesma cama, o mesmo banheiro, a mesma mesa, quem? Sim, lera em algum lugar, o casamento é o tumulto do amor. Ele comprovava e se convenciam disso a cada dia. Depois do amor sobrava a amizade, com tonalidades variadas, ufa! de respeito. E então ... ? Mas o ciúme da Luzia começara a desequilibrar tudo. E o que o deixava mais doido da vida é que esse ciúme não tinha sentido. Não, não tinha. Não tinha mesmo motivo para que sua mulher criasse o inferno. As labaredas que faltavam no casamento agora alimentavam o fogo daquele inferno em que passara a viver. Não se cansava de repetir isso para si mesmo, como um moto contínuo, todos os dias, a cada hora mais silenciosa. Não, não havia motivo qualquer. Sim, ele reconhecia que também ela vivia um inferno. O ciúme é um monstro, um monstro impiedoso que esmigalha o coração e introduz nuvens negras no cérebro, setas venenosas na alma do pobre indivíduo que, sem motivo ou com algum, deixou penetrar o primeiro fiozinho da cruel desconfiança. O ciumento perde a bússola, a direção, o rumo. E as palavras, as explicações, de nada adiantam. Você diz uma coisa, o outro se esforça para entender diferente. E assim vai.

- Mas já te falei, mulher. Dei uma passadinha no Chopão. Tava com os amigos. Os de sempre. Você conhece todos eles ... colegas de trabalho, o Luis Cláudio, o compadre Tico, o Wilson motorista, o Zico, tá o Zico, teu irmão, fale com ele

- Olha aqui, de conversa fiada já tô cheia. E nem me fale no Zico, esse meu irmão é um vagabundo de marca maior, coitada da Célia que tem que aturar esse malandro, o compadre Tico você tá é pondo ele perdido

- Mas Lu, você ...

- Que Lu que nada, seu safado. Agora que chega fedendo a cachaça vem com Lu prá cá, Lu prá lá. Tu tinha que tá era em casa, isso sim, invés de vir com mentirada Fica metido com essas sem-vergonha, num precisa voltar pra casa não. Fica com elas pra lá mesmo... Tu te atipa, cara.

E o ciúme ia erguendo um muro intransponível. Nesse dia em quartos separados, ele sempre na sala, no sofá. No fundo, pensava, até que não era tão ruim assim. Ele chegava mesmo cansado. E ela podia descansar dos roncoss dele. E vice-versa.

No dia seguinte, bem ... era outro dia, era como se a tempestade não tivesse nem existido. Uma palavrinha aqui, outra ali, um sorriso surgia tão tênue como o vôo de um beija-flor e devagarzinho as almas se abriam em cascatas de palavras doces e, pouco a pouco, os sorrisos se escancaravam. A paz estava celebrada, a guerra já era coisa do passado. E isso era o bom da briga, a reconciliação, fazendo superar os gritos e soluços da véspera, os tênues tremores a relembrar a paixão de outrora fazendo esquecer os esgares do ódio. Isso era o bom - Alfredo dizia sempre a si mesmo, quando as lavas do vulcão esfriavam. Isso, supunha, ajudava a manter o casamento ainda que morno. Graças a isso, supunha, podia quase sempre manter o seu próprio equilíbrio. Mas aquela situação vinha se acentuando, não podia mais continuar. O tempo para a esperada reconciliação estava se espaçando a cada briga. Antes os amuos não vingavam uma noite, o dia seguinte era outro dia, costumavam repetir. Agora os emburros estavam se encompridando. Às vezes ficavam até uma semana mal se falando. Nesse entretempo o ar para ele ficava tão rarefeito, insuportável mesmo. Ele achava que também Luzia não iria agüentar por muito tempo aquele clima tenso e pesado que se repetia a toda semana. A coisa iria explodir a qualquer momento, sem possibilidades de retorno, calculava. Não só era o tempo em que durava o entrevero, mas as palavras duras como a mais áspera das grosas que o compunha, que por sua vez o retroalimentava,

tornara o ambiente do lar cada vez mais irrespirável. Por melhor e por mais esperada que seja a reconciliação, as palavras duras deixam sempre farpas na pele da alma. E quando você menos espera, a memória se deixa infiltrar por esse dardo de chamas, lançado no meio da discussão. A pessoa não diria jamais aquelas palavras dardejantes, em outra circunstância. Na realidade, nem acha mesmo que se aproxima da verdade o que disse e ... logo em seguida, já está arrependidíssima, ah! mas no meio da tormenta, lá vem o pontapé no estômago em forma de sílabas, de palavras picadinhas, ferindo, ferindo Era essa situação que Alfredo não estava mais suportando. E que injustiça a Luzia lhe fazia.

É nessa inquietude que Alfredo se achava quando lhe veio a luzinha Por sua parte, Luzia não se conformava e nem poderia adivinhar das melhores intenções do marido, que ela sempre achava a cada vez que estava perdendo um pouquinho. Para quem? Por quê? Essas solitárias interrogações verrumavam seu cérebro e fazia descer a noite em seu espírito. Nenhuma usina iluminaria a escuridão de suas conjecturas e clarearia seus recônditos temores. Alfredo com uma fraca luzinha começando a despontar. Luzia na escuridão do breu. Estes os descompassos da existência.

Alfredo julgava sagrado o encontro de sábado com os amigos. Os amigos de sempre. Alguns desde a infância, a maioria de anos de conversas e de inocentes conciliábulos da gente de meia idade. A conversa jogada fora de sempre. Futebol, política, os despreocupados fuxicos (*“vamo falar mal da vida dos outros, porque eles já estão metendo o pau na gente mesmo”*), as pequenas gozações. Enfim, a vida de despreocupados com o destino, com a sina ou com altas indagações. O Chopão era o palco semanal dessa miúda vida de pequenos burgueses já estabelecidos na vida, alguns aposentados, a maioria já quase alcançando o *dolce far niente* da chamada terceira idade. Era um encontro que se repetia há anos, já não sabiam dizer quantos. Que mal havia nisso, meu Deus? Ali estavam, entre os chopes e os amigos, a conversa fiada e o matar o tempo ocioso, o divã psicanalítico. Sim, sem nem atinarem o que era a psicanálise, muito mal, alguns poucos dentre eles, sabendo quem foi Freud e menos ainda Jung e Ferenczi, lá estavam praticando a melhor psicanálise, a mais produtivas das sessões como que presenciadas pelos mestres. O bar era o local da catarse, da terapia saudável e barata. Riam, xingavam os mais distantes, esbravejavam contra o governo e os políticos em geral, falavam sobre sexo e as mulheres, nesse caso sempre com o exagero já esperado e de igual modo recebido com desconfiança e

o sorriso irônico pelos circunstantes, criticavam com cuidado os próximos e atacavam com virulência inaudita que o teor alcoólico propicia os mais distantes, quanto mais distante maior o ataque. Os próximos sabiam aparar com um meio sorriso as gozações que eram feitas, os mais distantes, bem, estes estavam mesmo distantes

Enfim, para Alfredo o bar mais conhecido da cidade era um oásis na sua vidinha meio besta de burocrata do serviço público. Vez ou outra se estendia um pouco, já no início da noite, com uma chegadinha ao Fornão ou ao Zopapa. Tudo, porém programa dos mais comportados possíveis, despretensiosos e até ingênuos. Sim, era mesmo um programa que nem a garotada mais ingênua - se isso for possível - anda fazendo hoje em dia, procurava se auto convencer. Mulheres? Mulheres só entravam mesmo nas conversas com a turma da roda. Aí, é claro, a fantasia se expandia ao infinito, faziam com as palavras castelos das mile-uma-noites. Cada qual tinha as suas estórias de conquistas, quase sempre no passado, nos já distantes anos cinqüenta da velha Cuiabá, mas eram estórias que, muitas vezes, nem mesmo quem contava nelas acreditava. Mas isso, ora bolas, fazia parte da vida dos homens. Qual homem, homem mesmo, que não tenha frequentado bares, botecos, tido a sua vida de boêmio, ido a puteiros - que era como se dizia nos velhos tempos - inferninhos, de perdidas noites, de romances furtivos, de namoros clandestinos, de encontros a serem mantidos no recanto da memória e que só alguns poucos antigos amigos sabem? Na imaginação exacerbada que alimentava a rica descrição dessas conquistas amorosas, relatadas todas as semanas, às vezes um leve e inesperado sorriso - mas teria sido mesmo para eles? - ou um roçar de saias, um tocar de braço na fila do banco, já era motivo suficiente para longas digressões na terapia semanal, porque afinal o objeto intangível daquele desejo se tornava mais bela e gostosa que a Cláudia Raia. O anjo da sedução alegremente plantava bananeira nas suas mentes e estimulava suas línguas. E por aí ia. Tudo não passava de um grande e saboroso papo semanal com os amigos e os novos amigos, que chegavam à mesa. Um papo cuja futilidade, nonsense, o despropósito, a gratuidade e muitas vezes até a vulgaridade não deixava marcas e se perdia logo em seguida sem qualquer sentido, como se fosse um risco n'água.

É por tudo isso que Alfredo não entendia tanta desconfiança, tanta dureza nas palavras de Luzia, o tormento que lhe causava. Se pelo menos fosse verdade o que ela lhe jogava na cara. Sim, pensava Alfredo

em meio àquela tormenta, se ele estivesse estado mesmo com todas as mulheres que Luzia já lhe havia dado, se tivesse dormido com, de cada dez uma, bastava uminha só, então valeria à pena agüentar tudo aquilo. Mas, não, meu Deus, não! E ele já chegava em casa dizendo que estava com os amigos de sempre, no mesmo local de sempre. Aquilo, depois de tanto tempo, já havia se tornado algo mecânico e antes que ela abrisse a boca, as palavras saltavam automaticamente, começavam timidamente – um cachorrinho surpreendido em traquinagens pelo dono – e logo eram suplantadas por uma catapulta de palavras velozes e atordoadas. De nada adiantava. Reclamava que, para Luzia, sua palavra nada valia. E era a mais pura verdade. Até parece que acendia um forno crematório de centenas de graus centígrados em sua cabeça, com aqueles seguidos desmentidos, resmungos, choramingos. Já não sabia mais o que falar. Não, não era justo que Luzia lhe impusesse, e em alguns momentos até lhe implorasse, que deixasse de freqüentar – conforme ela dizia – essas rodas de perdição e de mal-amados e de vagabundas (não raro usava a expressão lupanares, tal como no tempo de nossos avós). E nada disso era verdade. Todos sabiam.

- Lu cheguei, querida.

- Ah! é? E porque não continuou lá mesmo, com as suas desocupadas? Já chegou tarde.

- Mas querida ...

- Não me venha de novo com essa conversa fiada de que tava com os amigos e coisa e loisa. Podia então ter ficado lá com eles, né mesmo? Quantas vezes já te falei “seu” Alfredo prá você comprar cerveja e beber aqui mesmo, aqui em casa. Num sou contra você beber não, eu não quero é que você fique misturado com esses porcarias que você chama de amigos. É só dar uma oportunidadezinha e você já fica assanhado, te conheço bem. Safado como você não tem jeito não Você tava era com as mesmas sem-vergonhas de sempre

- Mas, querida, num é verdade ... e beber in casa num é a mesma coisa. Você ...

E uma torrente encachoeirada de palavras, de frases incompletas, de soluços e desesperados arfares e resmungos caíam impiedosamente sobre o pobre, deixando seu raciocínio capenga e órfão, impossibilitado de ter prosseguimento. Estava formada a tempestade semanal. Uma onda imensa inundava a sala derrubando tudo. Uma coisa quente subia no peito de Alfredo quando via as setas de pontas afiadas saírem da boca de Luzia.

Os olhos negros do ciúme haviam penetrado naquela mulher e criado fundas e definitivas raízes em seu coração, enquanto milhões de diabinhos rútilos dançavam sorridentes espalhados no ventilador do teto, esparramados no sofá, na mesa de jantar, numa algaravia mais que suspeita.

Em meio a essa tormenta é que surpreendentemente acendeu a luzinha. A luz ficou forte e iluminou o rosto de Alfredo. Ele que acabara de passar a manhã toda e parte da tarde com os amigos de sempre, no bar de sempre, com a bebida de sempre aproveitou, durante aquela tradicional e já corriqueira discussão de sábado, uma pequena pausa na artilharia pesada de Luzia, que surgira entre o arfar e um interminável suspiro, e diz, sério, fitando-lhe os olhos:

- É mulher, hoje você tem razão. Te confesso. Hoje eu não estava com os amigos, não. Desta vez eu estava era mesmo com umas amigas, umas minas joia, sou obrigado a te dizer, e nos divertimos a valer. De tanto você me dizer, resolvi aproveitar a sua sugestão. Só vim aqui te dizer isso, num vim pedir tua opinião não, nem quero saber dela. Hoje aproveitei mesmo e num tô nem aí pra o que você quiser pensar. Também não quero comer nada, não. Me deixa em paz, só quero descansar um pouco. Depois a gente conversa, se você quiser. Me deixa em paz

Dito isso, Alfredo entrou no quarto do casal, trancou a porta e deitou-se ainda vestido. Tinha fome, mas se sentia aliviado. Iria dormir logo, estava tonto de dar dó.

A mulher ficou paralizada. Muda. Tartamuda. Um leve tremor invadiu-lhe o corpo. Estava lívida com o que ouvira. Mas antes que Alfredo começasse a roncar, Luzia se refez. A sua capacidade de se recompor depois de uma tormenta sempre impressionara o marido. E disse, esmurando a porta:

- Agora sim. Era isso que eu queria ouvir mesmo. Você é um canalha, mas pelo menos é um canalha honesto. Confessou agora o que vinha sempre negando e ... prefiro um marido mulherengo e farrista do que ser traída pela mentira.

Alfredo mal teve tempo para um leve e imperceptível sorriso e já não ouvia mais nada porque a anestesia do sono embebedado o dominou. Mas se fosse telepata poderia ler os tortuosos pensamentos de Luzia: "... Sei não, tô achando que esse meu safadinho estava era mesmo com seus amigos, desta vez. Ainda bem. Senão ele não teria a coragem de dizer que estava com as vadias. Quando ele me dizia que tava com os amigos, tava era com as putas. Agora que fala que está com elas, ele estava era mesmo com os malandros dos amigos dele. Antes assim ... ainda bem ... graças a Deus."

O melhor amigo do homem

Para a pequena Ivy

Aquilo tinha sido mesmo uma desfeita insuportável. Homem nenhum, homem mesmo, homem que é, com H maiúsculo, pode levar desfeita pra casa. Tinha aprendido assim, desde pequeno. Agora o mundo tava mudado, homem até já tava usando brinco, não falava mais grosso e tavam muito dos educados para o gosto dele. Mas com ele, Quélemente, ‘seo’ Quelé, nada tinha mudado não. Pelo menos não nesse assunto de caráter, de vergonha na cara, de moral. Tava muito velho pra mudar, essa é que era a verdade verdadeira. Dizia sempre isso. É por isso que não havia esquecido a desfeita. Porque não esquecia mais aquilo, os pensamentos iam e voltavam, faziam voltas doídas, pareciam que iam embora, mas voltavam, se infiltravam, por mais que ele tentava esquecer, sua cabeça era um redemoinho só. Desde aquele dia. Homem que é homem não esquece certas coisas, não ele, Quélemente.

Clemente passava os dias ruminando. Tinha voltado para casa naquele fim de semana, como voltava sempre. A família já não mais ligava. Era sempre assim, uma vez por semana. Já estavam muito acostumados quando ele chegava em casa chumbado, piando, grogue de dar dó. Mas não ligavam, porque não adiantava e porque ele não chegava a ser um inconveniente. Argumentavam por sua saúde, “que estava se estragando”, diziam. E ele, impávido, respondia com a indiferença de sempre: “mais a gente num vai morrer mesmo? Então deixa eu viver como gosto, ó tchente.” E, depois de tantos anos, decidiram ignorá-lo, já não mais lhe criticavam, não reclamavam e se a mulher ainda dizia algumas palavras de todo inúteis embora permeadas de submersa ternura e a sogra já bem avançada nos anos e enxergando e ouvindo cada vez menos fazia muxoxos inaudíveis, já as filhas, em solidariedade a mãe, fechavam a cara ou se faziam de indiferentes, os filhos riam de leve, para não parecerem desrespeitosos, e os netos na doce e sagrada inocência abraçavam-lhe as pernas carinhosamente. O ritual se repetia todo fim de semana, sábado à noite, quando chegava absolutamente tomado. E assim era, mulher, filhos, netos e outros viventes de sua morada eram portas de silêncio ante a passagem do risonho Quelé. Fora o riso

que lhe formava um horizonte no rosto ossudo, numa felicidade única, Clemente não demonstrava mais nada. Nunca fizera qualquer esparrela, escarcéu, nunca entrara em esforços inúteis, essas coisas, ao contrário, era aquilo que se podia chamar de um homem pacífico. De nada adiantaram as inúmeras reprimendas que ao longo dos anos recebera. Primeiro dos pais, dos irmãos mais velhos e mesmo dos amigos mais chegados. Com os sermões diários sob o mal que a bebida fazia, alcançara alguma relativa melhora. Até que ... sim até o fatídico dia em que, sim, ele o pai, inesperadamente atormentado por fantasmas, falsos ou verdadeiros, quem haveria de saber, também chegara em casa trolando as pernas, atropelando a própria sombra, nesse dia, por ter inexoravelmente perdido de vez a moral com o filho, olharam com ternura e desapego um para o outro e, como se tivessem resolvido um impasse dialético, passaram a beber juntos a partir desse dia. Não que o álcool os tenha derrotado, mas com ele estabeleceram uma parceria de longo e proveitoso trato, como se anjo e demônio tivessem se sentado juntos para um pacto de pacificação da milenar pendenga que os separava desde que o mundo é mundo. E mesmo depois que os pais partiram para o “outro lado”, Quélemente recordava, sempre nos rescaldos da bebedeira que trazia a companhia, como irmãs siamesas, a ressaca física e moral, os efusivos abraços que se davam pai e filho bêbados, os chistes, as piadas e, sobretudo a alegria de ambos ponteando a viola de cocho que acompanhava as ancestrais cantigas guturais de forte influencia indígena que fazia a felicidade das rodadas com os amigos. Agora a emoção já era de outro feitio, quando Quélemente se lembrava de sua mãe. A memória puxava fundo e trazia de mãos dadas o remorso e a ternura, que logo se fazia acompanhar do marejar dos olhos que, em não poucas ocasiões, se tornavam em lágrimas grossas.

Ah! a sua mãe, “minha santa mãezinha, minha santinha”, essa falou muito, como todas as mães fazem, falou, falou, mas de nada adiantou, mas, antes de morrer já vinha desistindo aos poucos de falar, afinal Quélemente era um bom filho, muito trabalhador, tinha se casado e parecia ser um bom marido, cumpridor de suas obrigações, então a bebida num tinha estragado assim seu filho, e ela foi desistindo, por fim já não recriminava mais. Nunca chantageou o filho com conversa do tipo “antes de morrer quero ver ocê largar de beber” ou “ocê ainda vai me dar essa alegria, meu filho”, “promete que sua mãe não vai levar esse desgosto para a cova, promete?”, não usou dessa chantagem, não, nada disso, boa mãe era ela. Quando se

casou, a mulher também falava, mas com o passar dos anos, bom marido, cumpridor dos deveres de casa, bom pai, e agora bom avô ... ah deixa o Quélemente prá lá. Mas por que eles tinham essa preocupação toda? Ele nunca fizera mal a ninguém, seu único “pecado” era ser amigo de longa data da branquinha. E daí, meu Deus? Qual o problema, prum home bom como ele? Um gole aqui, outro acolá, mas sem nunca fazer mal a ninguém, amigos de todos que era.

II

Por isso mesmo é que não entenderam quando daquela vez ele chegou em casa já a noitinha e caladão. Calado não é bem o certo, pois vez ou outra Clemente resmungava. Palavras ininteligíveis, mastigadas, como que enterrando para dentro do peito uma mágoa difícil de suportar. Quem entendia, levantando vez por outra as orelhas, era Bagdá. Aos seus pés, como um vigilante sem horário de descanso, Bagdá era o único que parecia ser digno de ouvir as lamúrias de Clemente. Não por acaso começaram também a notar o jeito dissimulado de Bagdá. Ele que era sempre a alegria da molecada, atento às menores coisas, ao salto de um grilo ou a uma bola jogada. Agora, era tão distraído e desatento, justamente quando mais se fazia necessária a sua ação. Também ele, naquela noite, entrou murcho, olhando de lado e para baixo, de soslaio e orelhas pendentes como cacho de banana, assim como se estivesse a esconder algo, com o rabicó entre as pernas, sem para isso precisar da esculhambação de ninguém. Logo ele que só obedecia ao comando do Quelé e quando, nos sábados à noite, voltavam para casa ele, serelepe, parecia insubordinado como nunca. Aquela atitude de Bagdá era agora também novidade. E desde então não saia mais de perto de seu dono e amigo. Ambos cúmplices numa desdita que ninguém entendia a razão. Clemente resmungava e Bagdá olhava para ele num olhar choroso, comprido, quase envergonhado. Só ele entendia, só ele sabia do temporal que desabava sobre aquela pobre alma. E só Clemente podia dizer o que dizia, compreendendo a dor de seu velho e mais constante companheiro.

Não, aquilo não poderia ficar assim, se auto dizia Quélemente. Homem que é homem não leva desaforo pra casa – era o pensamento recorrente a lhe remoer as entranhas. E, só fosse com ele, ainda poderia relevar. Mas, não, o desgraçado atingiu um bom companheiro, melhor, um amigo, talvez

o melhor dos amigos que um dia tivera. E ainda por cima tudo acontecera por causa dele, Quélemente. Havia entre ambos uma solidariedade firme, amarrada em muitas madrugadas passadas juntos, em que um falava e o outro só ouvia, mas uma presença constante, “prá que melhor que um amigo que nos ouve com atenção?”, e entre eles se forjou ao longo dos anos uma lealdade nascida de necessidades ancestrais. E, ademais, se por causa disso, esse companheiro, esse amigo do peito, se recusasse daí por diante a acompanhá-lo nas suas andanças? Só em pensar nessa hipótese Clemente gelava. Já imaginou não ter com quem voltar para casa tarde da noite? Tateando a escuridão, bisbilhotando o ar, farejando os becos, quem encontraria a cancela certa? Isso era coisa que incomodava, e muito.

A voz da mulher o tirou daquele semi torpor em que se encontrava já há dias.

- Fala Quélemente, diz home, o que tu tá sentindo? Fica aí nu canto, jururu, qui nem gato moiado. Isso vai até ti fazê mal.

E Clemente era a imagem viva do mutismo. Vez ou outra um suspiro profundo, um resmungo, parece até que dirigidos à Bagdá e que só Bagdá parecia entender. Clemente baixava os olhos e encontrava os de Bagdá. Nos últimos dias, os dois tornaram-se mais unidos ainda, como se estivessem atrelados. Cúmplices, pareciam em permanente conspiração. A princípio, poucos ligaram. Com o passar dos dias, porém, a situação começou a intrigar a família toda. O homem comia pouco, menos ainda falava.

- É preciso saber do Quelé o que qui deu nele, siá. Já nem num sei o que posso fazer. Dia e noite naquele jeitão meio sonso de que levô uma paulada na moleira. Trabaindo ele tá, mas num tá comendo quase que nada e durmindo muito pouquinho. Parece até que fizeram um cubú pra ele. Será? Virge Maria!

- Quem sabe alguém pra falar com ele. Alguém de confiança, prá ele se abrir. Home também precisa de trocar seus problema. Será que tem coisa de muié no meio, siá?

- Vira essa boca prá lá, cumadre. Tudo, tudo, menos isso. Meu véio num ia fazê uma desgraça dessa comigo, cê atcha? Deus me livre e guarde. Depois de véio era o que faltava ..., ora essa. Mas tô muito preocupada mesmo.

III

- *E aí cumpadre, tudo em cima? Qui que aconteceu com o cumpadre que não apareceu mais?*

- *Ê ... num deu ... muito trabaio ... depois*

- *Desembuche, home. Ocê tá meio diferente, qui que aconteceu, vamo, fale, siô.*

- *... é ... , eh ... não, deixe prá lá.*

- *Não sinhô, sô teu amigo e tu vai me contar o que se passa com ocê, oxente, Quelé.*

Clemente ainda quis negacear, titubeou, baixou a cabeça, suspirou, olhou de lado e ... encontrou o olhar meio dissimulado de Bagdá, fungou, pitou forte, a fumaça e o odor do cigarro de palha subiram e se confundiram com o olhar perscrutador do amigo e compadre. Clemente estava diante de dois amigos. Os pensamentos circulavam em rápidos redemoinhos e finalmente caminharam velozes para a boca.

- *Tu te lembra daquele dia que nós fomos lá em Souza Lima? Pois é Depois que ocê saiu, eu fiquei um pouco mais. O papo tava bom e a caninha melhor ainda, cum pacu frito e farinha só dava mais vontade. E fui ficando, ficando, quando tava prá vir embora, aconteceu a desgraça. (suspiro).*

- *Como assim, cumpadre Quelé? A gente sem sabê de nada. Conta home.*

- *... (suspiro fundo) ... pois é, quando tava tomano a últiminha pra saí, um cara, de nome Girvam, deu um chute no Bagdá, assim sem mais nem menos ...*

- *sem mais nem menos ...?*

- *bem parece que o Bag sem querê incostou no cara, e moiô a perna dele, num sei, só sei que num teve nada de mais, e o miserável chutou o Bag com força, que rolou prá lá, ganindo que só louco, e isso foi uma desfeita muito grande, cumpadre, coisa que num se faz e que num se leva prá casa, não. Eu inguli na hora porque já tava meio grogue, mas mesmo assim eu ia enfrentá aquele moleque e se não fosse a rapaziada que entrou no meio, coisa boa não tinha saído não. Então cumpadre eu fiquei com remorso, eu tô com remorso, com dor, de não ter defendido o Bagdá, naquela hora ... e pensa que tava armado com a pexeira*

- *Ora, cumpadre, tudo esse atrapaío por causa de uma coisa tão boba, e a cumadre e todos nós aqui nesse aperreio. Pensei que fosse coisa de maio gravidade, mas isso ...*

- *Tu fala isso por causa de que não sabe o que Bagdá é pra mim, amigão como poucos isso sim.*

IV

Clemente recordava as vezes sem conta que tinha havido entre os dois a mais autêntica solidariedade, pura e simples, que talvez entre dois seres humanos não houvesse. Afinal, amigo é amigo, e amigo é pra todas as coisas. Não bastasse isso, não viviam dizendo que o cachorro é o melhor amigo do homem? E Bagdá era o melhor dos melhores, companheiro, solidário, fiel – enfim, todas as qualidades que poucos homens tinham, isso era verdade. Era um vira-lata, sem raça, mas o que importava isso. O importante é que Bagdá era o amigo de sempre. A agressão ao seu amigo verrumava a sua cachola nas noites insones e vez ou outra um olhar de soslaio para Bagdá só enchia a cabeça de Clemente de pensamentos de mágoa, de remorso, de raiva, de vingança. A vingança, ah! a vingança - punhal solerte forjado no aço da mágoa, do despeito, da impotência, afiado na absoluta impossibilidade do perdão. Quando seus olhares se encontravam, e Bagdá nesses momentos parecia caprichar mais ainda no olhar pesaroso, de um sofrimento sem fim, aí então, nesse átimo de tempo, a revolta como um turbilhão aumentava no peito do pobre Clemente. Era uma onda imensa, sufocante, que dele se assomava. A força mais terrível que move os homens é a do ódio acompanhado do desejo de vingança. Porque é autodestrutiva. Destrói o objeto da vingança e consome o vingador. Ah, o terrível desejo de vingança.

- *Esquece cumpadre, isso já passou e num é mesmo motivo pra enxaqueca, não. Agora vamo dá um pulinho lá na quermesse da igreja do Rosário, vamo lá, siô.*

V

Clemente ficou ainda algum tempo ensimesmado, mas foi se abrindo aos poucos, sentiu que seus nervos (“minhas carnes”) estavam se afrouxando, um peso estava sendo lentamente retirado de seus ombros, estava se desanuviando, e uma nuvem tranquila começava a atravessar o céu de sua mente. Olhou para Bagdá. Esse parecia se divertir com moscas, tanto abanava o rabo. A cabeça entre as patas. Virou-se, pernas pro ar, coçou a barriga. Bagdá já tinha se esquecido da terrível desfeita? Será? Será que a principal vítima já havia superado aquela dor? Afinal, já fazia tantos

dias. Era bem possível, pensou. E, matutando ... já faz tanto tempo que não saio, por que não atender ao cumpadre, logo esse que não era de muito sair, então se ele tava insistindo, por que não atender? Animou-se.

- “*Dá licença, cumpadre*”.

Entrou no quarto. Escolheu a melhor roupa e ... no meio dela ... olha a tentação, lá estava o velho revólver, uma garrucha, na verdade. Olhou, pegou a camisa de listinhas que a mulher tinha lhe dado no aniversário, olhou mais uma vez a garrucha, já meio enferrujada, enrolada na flanela, já ia saindo do quarto – “*um minutinho cumpadre*” – voltou novamente e ...

Dirigiram-se para a festa. Festa animada é sinônima de cachaça. E assim estava Clemente, já de bem com a vida, esquecido dos temores, raivas e agravos, falando mais que papagaio e esquecido de Bagdá, que corria para lá e para cá, a vida é bela. E ... no meio do corre-corre da cachorrada, das estripulias da gurizada, Bagdá estanca de repente ... e, rabo entre as pernas, se encolhe aos pés de Clemente, sentado numa rodada. Bagdá ansiosamente se esfrega nas pernas do amigo e senhor. Clemente não dá maior importância, parece um gesto de carinho, mas Bagdá grunhe, e grunhe, então, sem entender bem a razão daquela reação Clemente olha para o amigo embaixo da mesa, o vê encolhido, deve estar cansado, pensa, e volta os olhos para o copo da branquinha. E é nessa curta janela do espaço - tempo que vê a mão do destino aprontando mais uma das suas.

Em pé, de costas, no balcão, a razão da aflição, do medo e da dor do amigo Bagdá. Num primeiro momento nada distinguiu, a luz difusa e o olhar embaçado não contribuíam. Nada significava aquela figura no balcão, pedindo uma bebida, um rapaz como outro qualquer. Firmou a vista. Em baixo, Bagdá ansiosamente esfregava nas suas pernas. Então ... ah! a memória, que de escorregadia pelo álcool se torna num crescente fogo crepitando morro abaixo. A memória alimentada pelo ódio é sagaz. O cérebro, lentamente, abriu-se em compartimentos, como pequenas gavetas, e amortecido que estava por névoas alcaloides, foi se entreabrindo. E em cada desdobrar, mas a lembrança era ativada. Sim, era ele. Ele mesmo. Como uma visão fantasmagórica, recordou do rapaz, que tranquilamente se afastava com uma cerveja na mão. Era ele. O maldito. A bruma foi se desfazendo e como um dia ensolarado surgiu em sua então esmaecida memória. Era ele mesmo. Então, Clemente já não via aquele rapaz de calça jeans e camisa clara. Em seu lugar era um pé imenso que surgia, forte, atingindo o baixo ventre de Bagdá, embora parecesse ser o seu próprio

estômago que era atingido, os ganidos do cão sendo o seu próprio urro. A memória arregaçou a ferida, a raiva represada explodiu na dor da lembrança, o cheiro da angústia invadiu todo o corpo de Clemente, turvando sua razão. A cachaça subiu junta e fez a parte do demônio. Ambas, fizeram um reboiço tremendo no cérebro do pobre homem. E ele não viu mais nada ... o mar do desespero afogou todas as suas angústias.

VI

Quando deu por si, Clemente estava na Delegacia. Preso. Ouviu o delegado, bravo, puto da vida com ele – *“esse cachaceiro filha da puta, desgraçado, além de ter tentado matar um cara inocente, ainda pôs em risco a vida de várias outras pessoas. Merece é uma boa taca.”*. O delegado só maneirou um pouco quando percebeu que tinha um repórter do Diário de Cuiabá por perto. Felizmente, lhe disse o delegado, ele estava muito bêbado e não acertara ninguém, mas acabara com a festa.

Clemente estava angustiado. Pensava na mulher, nos filhos, nos netos e até no compadre que também estava detido, afinal estavam juntos. Mas se angustiava mais era por que – como assim? – não entendia porque não havia acertado. Imagine vocês, vários tiros sobre o chutador de seu Bag e não acertara nenhum – *“também com uma garrucha véia daquela”* – e, por falar nisso, onde está mesmo o Bagdá? – resmungava a toda hora. Na certa o delegado não deixou ele entrar, covardia, repetia baixinho. Mas o que o “seo” Quelé não gostou mesmo foi de ouvir alguém dizer que o seu cachorro tava era muito mal de defensor. É ... isso é mesmo muito duro de ouvir. Logo ele que sempre aprendeu que, homem que é homem, não leva desaforo pra casa e que honra se lava com sangue. Logo ele que sempre fora muito inclemente em seu julgamento dos outros. Logo ele ... e isso doía mais que a prisão.

O tênis ou a vida

- Queria ver o Rildo.
- Tá na enfermaria. Vá em frente, depois do corredor dobre à esquerda.
.....
- Oi Rildo, como é que tá rapá?
- Hum ... ai ... já tô melhor agora ... ai ... ai
- Seu pai falô que foi por pouco.
- É ... passei apertado, mas graças a Deus dessa escapei.
- Mas, cara, conta, como é que foi o negócio?
- Ah ... ai ... ai ... eu tava passando na avenida dos Trabalhadores, lá no Carumbé, quando os caras vieram pra cima de mim. Eu pensei até que fosse gente conhecida.
- Num deu pra ver direito a cara deles?
- Não, num deu não, cara. Eles chegaram normalmente, como se fossem passar por mim, aí, de repente, o negão puxou o trintão e pôs na minha cabeça.
- Putz, caraca!
- É cara ... e o outro parece que até tava maquinado também É, não deu pra ver direito, mas ele tava na minha frente com uma máquina e tinha um volume embaixo da camisa, que eu acho que era outro.
- Mas roubar o quê dossê, cara. Tu não tem nada
- Ah é? Ocê é que pensa. Eles queriam era os meu tênis.
- Será? Aquele véio que ocê vai na aula com ele?
- Não, cara. Comprei um novo. Importado ... ai ... ai.
- Num tinha visto ainda você com ele.
- Ai, ai
- Num se mexa muito rapá.
- O pé tá doendo um pouco. Cê num me viu com ele, porque ele é novo mesmo, cara. E depois, ocê acha que eu tenho coragem de ir na escola com ele? Nada, cara, é só pra festa e prá ir na casa das gatinha
- Tá certo, bicho.
- Pois é. Os bandidos vieram logo pedindo o tênis. Parece até que tavam me seguindo. Aí eu falei que num ia dá, não. Ofereci até a camisa e a calça, mas que o tênis eu não podia dá não. Falei que era pobre, que era

estudante, que havia trabalhado muito para comprar aquele tênis. Cê sabe, trabalho duro, dou em casa pra mãe e sobra pouco pra mim, pois é, fiquei sem merenda, passei até fome, pra poder juntar dinheiro. Num adiantou, os caras só me davam impurrão e tapa na oreia. Aí o negão disse: “Pobre é? com tênis importado? Cê vai é levar porrada, seu fio da puta.” Rapaz do céu, cê precisava ver. Os caras tava com os revolve na minha cabeça e o magricela branquinho sarará me deu uma pesada no saco e um murro no estômago. Eu quase caí. A minha sorte é que nessa hora ia passando um caminhão da Prefeitura com um pessoal em cima, e os desgraçados dos bandidos distraíram um pouco ou ficaram com medo dos caras do caminhão perceberem, sei lá, ai ... ai, e eu saí correndo.

- Puxa, num sei como ocê conseguiu

- Também num sei cara. Só sei que nem senti uma puta dor na hora. Sai correndo qui nem loco e os fias da puta mandaram bala. Foram vários tiros mas ó um pegou, aqui na perna, olha. Acho que desmaiei e no escuro os bandidos fugiram ... , ai ... ai

- Pô cara, mas ocê é doido mesmo. Enfrentar essa barra pesada por causa de um tênis? Se fosse eu tinha entregado na hora e pronto. Morrer por causa de um tênis. Qualé? Até o professor comentou na aula quando leu a notícia no jornal, ele disse ...

- Cê besta, rapa Cê acha que eu ia entregar pra aqueles bandidos meus tênis novo? Custou dinheiro cara, ai ... ai... .

- Tá certo, Rildo. Mas ... e a sua vida, cara, num vale nada, não?

- É mas o tênis num foi moleza, não. Olha cara eu economizei prá danar. Teve dia que eu até deixei de fazer outras coisas só prá guardar dinheiro. E essas coisas importadas ocê sabe como é que é, ai... ai..., sobem todos os dias, é em dola. Então eu guardei, trabalhei como um danado, suei prá cachorro prá comprar os tênis, aí vem uns malaca vagabundos e querem me tomar? Aí não, não mesmo

- Mas Rildo, era a sua vida, cara. Será que ela vale menos que um tênis?

- É ... mas o tênis prá mim era importante.

- Importante, como? Eu também vou comprar o meu, mas num tem essa de ter que correr risco de vida, não.

- Ora importante, rapa. Cê pensa que as gatinhas num valorizam o cara com um tênis importado no pé, nem que seja desses importados do Paraguai? Quem tem carro, mostra o carro e outras coisas que pode mostrar. Quem

não tem dinheiro pra ter carro, pelo menos mostra um tênis importado, o que qui cê acha? Então ocê acha que logo na primeira usada, pô cara, no primeiro dia, mal tinha acabado de comprar, cê acha então que eu ia ficar sem meu tênis? Ia não. Preferi enfrentar os malandros ...

- É, cara, um tênis pela vida? Ocê quase morreu por um par de tênis. É ... num compensa não

- Tá cara, cada um age na hora certa. Se ocê tivesse lutado tanto pra comprar uma coisa, como esse tênis e aí vem um fia-da-puta qualquer e quer lhe tomar? Então ...? A tua reação depende da importância que ocê coloca nas coisas que possui. Cada um põe valor nas suas coisas. Ocê talvez fizesse a mesma coisa. Naquela hora do revólver na cabeça eu num pensei em vida nada não, só pensei que eu num ia deixar levar de mim o que eu tinha lutado tanto pra conseguir, nem pensei que ia morrer por causa de um tênis, pensei não, cara. Só queria era mesmo ficar com o meu tênis, pensei não, cara. Só queria era mesmo ficar com o meu tênis e naquele momento pra mim era a única coisa que tava na minha cabeça Mas, o que é mesmo que o professor disse, cê tava falando

- Não, ele disse na sala, mais ou menos o que ocê tá falando agora. Da importância que as pessoas põem nas coisas materiais. Uns se arriscam pra conseguir coisas, querem mais e mais, ainda que pra conseguir essas coisas, seja fama, dinheiro, poder, estejam arriscando a própria vida. Ele disse que num via muita diferença não entre o que ocê fez e o que faz, por exemplo, um piloto de corrida ...

- Como assim? Ele fez essa comparação, é?

- É ... disse que a diferença é apenas no tamanho daquilo que se quer conseguir. Qualquer coisa como ambição, acima de tudo, parece que foi o que o professor disse. Ocê lutou por seu tênis, arriscando a vida, assim como um piloto arrisca a vida a cada corrida, ou um político que faz de tudo, até o impossível, para ganhar uma eleição. No fundo é a mesma coisa, ele disse

- Mas o pior, cara, é uns desgraçados igual a gente, que num tem nada, nem onde cair morto, vim roubá de outro miserável qui nem eles. Num tem nem solidariedade de pobre. O certo, o cristão, era pra um protegê o outro. Qui nada. Qué é sacaneá u mais fraco que ele. Invés de roubá só dos ricos, vem é assaltá outro qui nem ele. É um infeliz tirando de outro infeliz. Que vida.

- Também concordo com ocê. E achei interessante comparar ocê cum um piloto de corrida. Rss.

- Rss. É ... rss, pelo menos a gente tem um objetivo, né mesmo? E os que morrem sem objetivo nenhum?

- Agora, saindo daqui nós vamos fazer o BO.

- Não ..., sô.

- Como não? A gente tem que comunicar a polícia.

- Nada disso

- Mas, como assim?

- Cara, tô como medo.

- Medo, agora?

- É, medo.

-

- É que

- Conta sujeito ...

- É que um dos caras, me pareceu conhecido ...

- Conhecido?!!

- Sim. Pareceu um colega nosso lá da escola

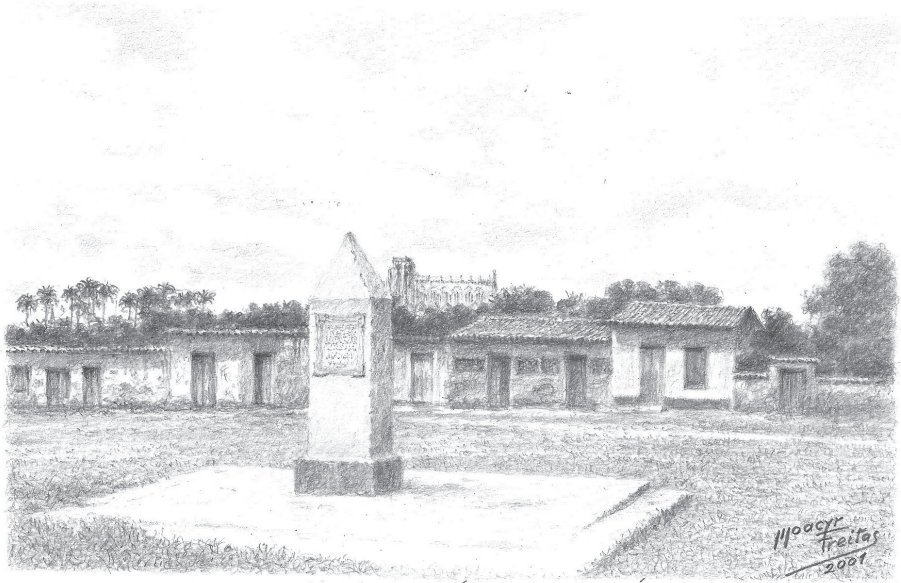
.....

- Tá encerrado o horário de visitas – disse a enfermeira com uns comprimidos na mão.

- Tchau Rildo.

[Inéditos]

POESIA



CAMPO D'OURIQUE, CENTRO GEODÉSICO DA AMÉRICA DO SUL - 1930

ÍNDICE

Aclyse Mattos	
- João Gilberto	199
- Fio narrativo	199
Agenor Ferreira Leão	
- O Boêmio	201
- Cuiabá	202
Antônio Tolentino de Almeida	
- Última página	203
- Castelo Derrocado	203
Gervásio Leite	
- Primeiro poema para as mulheres que amei	205
- Hamlet	206
Gilberto Mendonça Teles	
- Planície Central	207
- Roteiro de Cuiabá	208
Ives Gandra Da Silva Martins	
- Elegia do Tempo e da Saudade	211
João Antônio Neto	
- Pudicícia	214
- Subterfúgio	214
- Refúgio	214
- Dúvida	215
- Autenticidade	215
- Fidelidade	215
- Desvantagem	215
João Vilasboas	
- Nem que beba veneno	216
- Não me pergunte	217
Lucinda Persona	
- Gênese	219
- Os restos mortais do cerrado	220
Maria de Arruda Müller	
- Cuiabá	221
- Conformismo	222
- Melancolia	223

Moisés Mendes Martins	
- Zanzar	224
- Chapada dos Guimarães	226
- Rede Cuiabana	227
Newton Alfredo	
- Canto (in) temporal	228
- O beco	229
Odoni Gröhs	
- Voo sem verbos	231
- Descoberta tardia	232
- Ars poética ou vulgari eloqüentia	232
Ronaldo de Castro	
- Cuiabanália	233
- Sintaxe	236
Rubens de Mendonça	
- Absinto	237
- Soneto sem nome para as mulheres que amei	238
- Não digas a ninguém	238
Silva Freire	
- Canoa	239
- Garimpo da infinitude	241
Sueli Batista dos Santos	
- A Chalana de Nho É	242
- A lata	243
Tertuliano Amarília	
- A luz de teu olhar	244

João Gilberto

Blim blom
Txu blek txu blim
Quais quais quais
Quais quais
Ú Sambá
Ú Sambá
Paiú paiú paiáíá
Qüém Qüém
Telecoteco
Tintin por tintin
Ô xinquintin
Xinquintin
Xinquintin
Xinquintin
Xinquintin

Fio narrativo

fio de pandorga
firme sustenta
tênue arrebenta
pipa sem linha
desorienta

bando em revoo
(serão papagaios?)
garças de pano
graça no voo

céu Portinari
tempo de infância
que me contempla
pipa sem vida
se já não venta

alto nos campos
solto nos ventos
fio de Ariadne
em meu labirinto

fio narrativo
fio de pandorga
papel colado
livre assim vivo
mesmo no livro

lido ou olhado
leva meu verso
solto no tempo
pelo universo
do sentimento

céus entre raios
(serão papagaios?)
rabiolas em queda
vértice em riscos
traço: espirais

fio que com giz
na vida me fiz
se nem me lembro
à risca, é um risco
vento põe cisco:
foi, não é mais

fio de contar
fio de tecer
fio de narrar
entretecer
meu filho
olha a linha
no entardecer

O Boêmio

Era pobre de matéria ...
Era rico de moral!
- não conhecia tabus ...
tinha espírito bondoso,

sorrisos para os amigos,
um bate – papo agradável,
e carregava nas costas
o fardo cheio e bojudo

de sonhos, flores e espinhos
colhidos em muitos lustros
sobre o chão de seus caminhos.

A vida fora-lhe mestra.
Aprendera muita coisa ...
Podia ser professor

Ao nascer trouxe consigo
o destino já traçado:
- ser boêmio ... e nada mais!

Boemia! Boemia!
- a sua filosofia.

In: RAML – comemorativa do Jubileu de Diamante – 1996.

Cuiabá

A cabeceira ... Em volta – o chapadão.
Um fio d'água clara soluçando ...
E na paisagem verde do sertão
A luz do sol nas folhas rebrilhando.

Aqui, um monte todo resplendente,
Uma colina, o vale, o seringal.
Além, a praia branca, alvinitente,
Campos em flor, a mata, o taquaral.

E o fio d'água vai descendo ...
Vai-se ajuntando a outros fios mais,
Que vêm daqui, dali, que vêm correndo
Nas depressões, por entre os matagais.

Cada vez mais as águas se avolumam
E finalmente o rio está formado ...
As ondas alvas, em lençóis, espumam,
Deixando flores dum e doutro lado.

Um dia, chove lá na cabeceira
O rio cresce ... As águas vão subindo
E vão rolando em louca corredeira
Por entre verdes saranzais bramindo.

Cessada a chuva, quanta maravilha!
Morosamente o rio vai baixando ...
O sol doirado pelo céu rebrilha
E a natureza inteira está vibrando.

Muito ao depois, no lodo das barrancas,
Surgem arbustos que ninguém conhece,
E desabrocham flores róseas, brancas
E roxas, quando a noite desfalece.

E dentre as mais formosas nasce uma
De perfeição divina e transcendente,
Branca, tão branca como flor de espuma:
E Cuiabá palpita alegremente!

In: RAML, década de 1950.

Última página

Olho-te agora indiferente e frio;
Passo por ti, meu coração nem bate;
É que não sente o rígido acicate
Do teu desdém que me tornou sombrio.

Ao vento, quando passa, treme o rio,
Da haste a florinha em duro chão se abate;
Quando passavas, eu, humilde vate,
Também tremia, pálido, erradio

Extinto o fogo do sentir sagrado,
Não poderás, em pranto o rosto imerso,
Atear as chamas desse amor passado:

Foi-se a paixão. Embora não te odeio,
Porque a poesia, que me anima o verso
Nasceu contigo, de teus olhos veio.

Castelo derrocado

Lembrar-me agora do meu passado
Quanto me punge, quanto me dói,
Já fui ditoso, já fui amado,
E o meu castelo, todo enfeitado,
Vento raivoso já me o destrói;

Como a procela que turva o lago
Serenos e quietos, já me turvou
A alma, que em fundas revoltas trago
O desengano, que todo o afago,
Que todo o afago me arrebatou.

Eu vi outrora com ledos olhos
O céu, a terra, meu casto amor;
Na minha estrada não via abrolhos,
O meu futuro não tinha antolhos.
Brilhava claro, com resplendor.

Ah! sonhos lindos da minha infância,
Porque tão cedo de mim fugistes?
Ai! pobres flores, que é da fragrância?
Que, ávido, outrora, sorvi com ânsia,
Quando os meus dias não eram tristes?

Certo, que aos silvos do vento norte,
Murchas tombastes no duro chão;
Assim por mim um vento mais forte,
Passou raivoso, deixando a morte,
Deixando a morte no coração.

Sobre os escombros do meu castelo,
Canta a saudade tristonha e só.
Hoje em ruínas, como foi belo;
Ninho doirado de um puro anelo,
Palácio imenso, desfeito em pó!

In: Romeiros do Ideal.

Republicado em A Poesia em Mato Grosso, de Carlos Gomes de Carvalho [2004]. Ambas.

Primeiro poema para as mulheres que amei

Mulheres que amei um dia,
mulheres de olhos esquisitos,
como tâmaras maduras,
ou como animais estranhos.

Mulheres que nunca foram alegres
que não sabiam sorrir.
Mulheres que nunca encontrei
em dias de sol, nas paisagens ingênuas dos jardins.

Eu sempre lhes vi
nas paisagensinhas interiores
e tragicômicas dos cabarés,
quando os saxofones riem
do drama dos notívagos.

Mulheres que amei um dia,
nos ambientes parados e tristes
dos cabarés semiabandonados
quando os bêbados começam a ficar melancólicos
e as mulheres contam a saga de sua vida.

Nunca amei mulheres que sorriam.
Mulheres sem dramas,
de vida lisa, fácil,
sem complicações sentimentais
e sem lisol.

Mulheres tipo *standart*, dessas que parecem feitas
pelo mesmo consórcio construtor.
Todas as mulheres que amei foram mulheres
de vidas complicadas,
com vários dramas,
tentativas de suicídios.

Espectáculos dessas vidas
que a gente só encontra
nessas paisagensinhas
ridículas e trágicas
de cabarés.

In: RAML, tomos XXXI a XXXII (1948 – 1949).

Hamlet

Hamlet diante do abismo
deveria ter dito como o outro de Shakespeare:
“To be or not to be that is the question”.

Mas este Hamlet de meu poema
jogou o chapéu prá traz, engoliu em seco,
e articulou:
“Mas que buracão meu deus do céu”.

É que este Hamlet do meu poema
é analfabeto,
trabalha na estiva,

é filho da minha lavadeira,
nada tem com Shakespeare
e só é Hamlet por acaso.

In: RAML, tomos XXXI a XXXIV (1948 – 1949).

Planície Central

A Carlos Gomes de Carvalho

O Estado de Goiás	O Estado de Mato Grosso
O Estado de Goiás	Estado de Mato Grosso
de Goiás	de Mato Grosso
Goiás	Mato Grosso
GO	MT
GØ	MT
GMT	
G	
M	T

A planície separa e também junta
os espaços do tempo na pergunta.
Ao longo do Araguaia o peixe-boto
não sabe distinguir nenhum nem outro.
Suas margens se espraíam, lado a lado,
para abraçar as siglas no cerrado.

Roteiro de Cuiabá

Fecho meus olhos ao medo
E rezo desconfiado,
Banando a mão a ninguém
Que me assistia à partida.
Vejo Goiânia em *maquette*
Sob os meus pés de alumínio.

Florestas se tornam campos
Na tarde quente de agosto.
O fogo dança aruanã
Nas moitas esturricadas
E capitéis de fumaça
Equilibram-me nos ares
Sobre aquarelas de chumbo
E panoramas cinzentos.

Transponho rios inúteis
E evoco extintas lembranças
De impossíveis geografias.
E meu olfato de vidro,
Perdigueiro de horizontes,
Caça rastro inexistente
E bole o chão da memória
Que o grito dos bandeirantes
Nas curvas longas dos séculos
Povoa de solidão.

(E sonho o Brasil inteiro
Caminhando pressuroso
Na Marcha para o Oeste.)

Salto agora o meridiano
No “vale dos papagaios”.
Conquisto uma hora no espaço
E me recolho no tempo.

E o tempo fica mais quente
E a terra fica mais rubra
E os olhos, mais fatigados
De deflorar horizontes.

Pasto paisagens cambrianas,
Descubro vales mostrando
Falésias da cor de sangue
E cogumelos de pedra
Nos dentes das erosões.
(Além um “pássaro branco”
Estende as asas ao longo
Das bacias hidrográficas.)

Depois a planície imensa
Nas terras da Várzea Grande
E o morro do Santo Antônio
Erguendo a mão a quem chega,
Dizendo adeus a quem parte.
Depois a sombra dos peixes
E as praias cheias de sol.
Distingo a “cuia rodando”
E escuto a fala nativa
E o grito do português
Nas águas do Cuiabá
Onde o corpo da morena
Bota roupa de canícula
E aplaca o calor, deixando
Outro calor a queimar-lhe
As fibras do coração.

Entro na igreja e no púlpito
Somente o eco passado
Das palavras do orador,
Cuja memória de pedra
Gesticula respeitosa
Aos homens indiferentes.

Mas, as palmeiras guardando
Recordações centenárias,
Perfilam garbosamente
E passam marchando alegres
Diante dos bustos singelos
Do Presidente e do Poeta.

Procuro as minas antigas
Nas margens do Coxipó,
Que o povo “goschtosamente”
Pronuncia “Cutchpó”.
E desço a Rua do Porto
E subo a ladeira, olhando
As torres do Seminário.

Ouçõ lendas paiaguás.
Converso com literatos
E marco encontro na praça
Com a moça que não conheço.
E, enfim, parto, enfim posso
Plantar meu marco de posse
Nessa terra de ninguém,
Que é de mineiro e paulista
E de goiano também,
E que quanto mais esquentá
Mais a gente lhe quer bem.

*In: jornal XI de Maio, de Goiânia, em 10 de outubro de 1957.
Republicado em Hora Aberta – Poemas Reunidos, Editora Vozes, 2003.*

Elegia do Tempo e da Saudade

*Os espinhos de roseira contavam
histórias medievais
e não faltava ao menino
a nítida imagem do que é uma princesa.*

Alexandre Gravinas

*Ele sabe que rondas indiferente
O muro do seu jardim*

.....

Ele está preso no jardim. Crê no jardim.

Mário Chamie

I

Ah! não poder antecipar manhãs,
Circundado pelas noites do impossível...
Erguer as mãos inúteis para o céu,
Em súplica sincera,
E os olhos, para o inferno dirigidos,
Em lagoas de azul desesperado,
No silêncio, navegar...

Ó dunas transatlânticas,
desérticas,
Que o calor de teu contato, perdoe-me!

Destino sem destino. Meu destino.

II

Mistério do anterior. Pouco mais e nada.
O passado inexistia.

Futuro manchado de desejos,
Colorido de cores irreais.

Presente suspeitante foi a véspera,
Presente suspeitante, mas contente.
Era o sonho do calmo da existência,
Concretizado na falta de tormenta.

(Vivência da vida!
Quanta angústia refletida nas lembranças!
Ó arrependimento, que não cria
O quando inatural das coisas nuas,
Povoadas de mundos diferentes!)

E a marcha, não sentida, desvendava
Jardins adormecidos, sem princesa,
Na fragrância envitativa do repouso,
Para os que tinham sonhos a sonhar.

Era tudo irreal como o futuro,
Que o cerco do deserto circundante
Nunca veio a penetrar.

E, assim, embriagado,
O menino fez-se, ao toque da ambiência,
Poeta e descoberta,
Até que certa vez,
Sorridente, com a lira,
Partiu para o deserto conhecer.

III

Nasceu quando o tempo era da lua
E foi aurora sempre.

Imagem feita coração cansado,
Na invasão da filha do deserto.

(Pobre jardim intemporal da ingenuidade,
Fenecido, à distância,
Por onde o teu espectro silente!)

E o menino espantado percebeu
A sensação agonizante do infindável
Prender-lhe a alma sem resguardo
E levaram-lhe do peito a própria imagem,
Era o tempo da lua. A lua grande, no entretanto,
Trazia a lividez materna indissolúvel
Dos momentos da perda irreparável.
Ah! Morte no jardim.

Aurora de fogo surgida em tempo novo.
Dois mares de azul desesperado.
Montanhas sanguíneas entreabertas
A pedirem o sangue das irmãs,
Por que teus vultos pela areia quente?

Tudo longínquo e tudo perto do menino.
E o menino sentindo, então,
A sede da ilusão insaciável.
Ilusão, não mais que isto.
Todo o mal foi excesso de ilusão
E a pouca realidade das areias quentes.
Areias quentes, onde o menino
Veio a esquecer-se
Que foi poeta no jardim.
E o jardim dos tempos idos
Era mais descoberta que aventura!
Para que a nova descoberta?

Marinheiro sem viagem,
Tragado na viagem da tortura...

Foi aurora quando o tempo era da lua
E o brilho de seu rapto fugaz
Fez o ódio do menino no deserto,
Esquecido o jardim.

Pudicícia

A Justiça cobriu os olhos
com aquela venda,
em sinal de pudor,
para não ver a venda,
e o vendedor.

Subterfúgio

Quem dá aos pobres,
empresta a Deus ...
(Algo de muito obscuro!)
E se Deus logo lhes desse,
não seria mais seguro?

Refúgio

Ali estão os nossos mortos
e os mortos dos outros ...
Todos reunidos na necrópole,

Como num canteiro de mortos ...
Os que morreram na hora da morte,
Os que morreram na hora da vida ...

E no dia dos mortos,
até lá vamos nós,
não porque os mortos estejam sozinhos ...

Nós
é que estamos sós ...

Dúvida

Dizem que o pássaro canta,
na sua voz sonora ...

Mas há quem garanta
- que ele não chora?

Autenticidade

a caveira,
desinibida,
ri da comédia da vida.

Fidelidade

O epitáfio do morto
merece um pouco de fé:
se mente no que foi ontem
não falha no que hoje é.

Desvantagem

O que se tem visto
é quase sempre isto,
com poucas variações:
- para cada Jesus Cristo
no mínimo dois ladrões.

In: Silhuetas & (In)Significâncias. Cuiabá: Amazônida, 1989.

Nem que beba veneno

Nem que beba veneno
deixarei de te amar,
porque este amor, que me fascina e que condeno,
que me dá alegria de viver
e me faz sofrer
e me faz chorar,
- este amor
é mais forte
do que a dor
e pode muito mais que a própria morte.

Tentei fugir
desta paixão insana,
pondo entre nós o vácuo das distâncias.

Procurei sepultar no esquecimento
a tua imagem soberana,
os teus caprichos, tuas inconstâncias,
para nunca mais sentir
sobre a minha cobardia
a magia
do teu deslumbramento.

Mas a saudade,
que sofri,
venceu minha vontade,
e retornei a ti
mais loucamente
dominado por este amor invicto,
capaz de praticar qualquer delito,
se quisesses que eu fosse um delinquente.

Busquei no gozo vão
de outros amores
queimar meu coração.
Andei a esmo,
perturbando espíritos em calma,
colhendo pragas, semeando dores,
e regressei com asco de mim mesmo,
e o inferno do remorso dentro da alma.

Nem que beba veneno
viverei sem ti!

Porque eu bebi,
no divino esplendor da tua mocidade,
na luz crepuscular dos teus olhos serenos
e no filtro dos teus beijos
a saciedade
de todos os desejos
e o antídoto de todos os venenos.

In: A canção da minha dor

Não me pergunte

Não me pergunte mais porque estou triste.
Não me pergunte, não,
pois não existe
motivo algum para eu deixar de estar contente.

Estás aqui.
Estás junto de mim.
Estás vivendo no meu coração
e, sendo assim,
é bem patente,
não estaria triste ao pé de ti.

Não!
Não me perguntes mais.
É simples ilusão
dos teus sentidos.
Estou até alegre por demais!
Que queres que eu te diga?
Que invente uma mentira?
Que fantasie fatos não havidos?
Que, enfim,
eu provoque um motivo para briga?
Não, meu amor!

Bastou que tenhas vindo,
para eu estar sentindo
o mágico esplendor
da alegria, cantando dentro em mim.

Não insistas, meu amor!
Não queiras aumentar meu sofrimento,
nem dobrar a minha dor,
com a humilhação
de uma triste confissão.
Não contarei
jamais o meu martírio!
Esconderei
comigo o meu tormento!
E ninguém saberá do meu delírio,
nem das minhas agonias,
nem do quanto padeci,
nestes últimos dias,
com ciúme de ti!

Publicado em A Poesia em Mato Grosso de Carlos Gomes de Carvalho [2005].

Gênese

O poema começa na escuridão
(as estrelas tremem olhando para baixo)
o coração diz: prossiga – vale a pena

O poema também começa no silêncio
feito animal em busca de alimento
mesmo que só com a ponta do focinho

Seria como contar ainda
que o poema nasce num descampado
(tão próprio para as idas e vindas)
e vai às cegas – tateando

Removidos alguns casos
o poema se forma
à custa de longo tirocínio
num clima de meias palavras
e quartos de frases
que predominam nas horas difíceis
das mais difíceis causas

O poema nasce – por outro lado
de movimentos vivos e manobras
como pássaros bicando cascas
ou insetos em metamorfose

Raramente um poema corre
conforme planejado
às vezes, morre ainda embrião
às vezes, hipertrofia – já de si abundante

Desenrolo
até não poder mais
o princípio da poesia

Eu gostaria tanto de acertar
De não ir para a cama tão tarde.

In: O passo do instante.

Os restos mortais do cerrado

Rajadas de um vento quente
depois das queimadas
trazem os restos mortais do cerrado
para dentro de casa. Todos os anos.
Por isso
já não me intimido mais
quando aranhas estorricadas
descem por meus cabelos
ou orquídeas em pó assomam à minha face;
quando de meus dedos pendem
abrasadoras samambaias.
Nem me assombram os bicos de seriemas
levitando pelas salas
sem os olhos
sem as penas sem as vozes.
Choro tudo: a resina o carvão
os ossos à tona das cinzas.
Choro também os homens. Todas as vezes.

Cuiabá

Os lusos, rasgaram de Afrodite o seio,
Cantando as “Quinas”, nas brasílias praias!
Após dois séculos, as bandeiras, sem receio,
Rumo d’Oeste, estenderam nossas raiais!

Intrépido, frio, o piratiningano,
Aniquilou de Castela, a pretensão ...
Moldou a unidade a pátria, sem engano,
A língua de Camões, em toda essa extensão!

As “minas do Cuiabá”, de tão famosas,
Atraem fina flor da gente paulistana
Também tigres, nas façanhas monstruosas!

Na terra de Poseidon, do El Dorado,
De alta e viva aspiração humana,
És Cuiabá! coração predestinado!

In: RAML, no número de 1941-1942.

Conformismo

À minha Mãe

Ensinar a viver, eis minha sina!
No trabalho mostrar que “trabalho é oração”.
No lar, na escola, na oficina...
Ai! Quantas vezes, sangrando o coração!

Qual Cirineu, meu dever é servir!
Aliviar a cruz, que o próximo carrega,
Lenir dores tantas, tantas súplicas ouvir,
Que de dor, o próprio peito verga!

Contra o destino, às vezes me revolto:
Sentir que a carga pesa, em demasia!...
Sei, porém, que a alma no pecado envolta,

Necessita aceitar, dobrar-se ao jugo;
Se no erro, no mal, no crime comprazia
Precisa ser réu, quem foi verdugo...

In: Sons Longínquos

Melancolia

Estou hoje, tão sozinha!
Amanhã já não estarei...
Da folia rainha,
O cortejo passar, não verei...

Todos saíram,
Meu pequenino dorme:
A casa enorme,
No silêncio se aninha...

Cantos, gritos que deslizam,
No frenesi do Carnaval:
Que importa tudo, no mundo
Se não estou ao teu lado?

Meu amado...
Anoitece. Do sino grande, profundo
Som ressoa... Ele cobra o aval
Das nossas contas a Deus... !

Meu pequenino, acorda:
Seu grito forte na casa ecoa
E, se casa, e entoa

A queixa, que por fim desborda:
Não quero mais dizer-te adeus!

In: Sons Longínquos

Zanzar

em Cuiabá, Menina-moça de trezentos anos!

Ah! Cuiabá! Acordo minha Alma, Nutro-a de fantasia,
Mostrando à mesma Um belo dia! Propício para “Zanzar”!
Saio “Zanzano” aqui, acolá, Digo “Zanzano”, porque sou cuiabano!
E cuiabano, não passeia, mas sai “Zanzando” a passear!

A minha Alma se entenece, Pois, quase não reconhece,
A velha e querida Cuiabá. A Cuiabá das palmeiras, árvores frondosas,
Das cadeiras de balanço de palhinha trançada, dos bate “papos”
comentando as morenas fogosas! Do banho de “Córrego” da gurizada.

Da Matriz cantando, no seu cantar o canto dos seus sinos dolentes,
chamando o Povo para rezar. Onde está o seu relógio parecendo
um olho onívoro, a olhar, que sua arquitetura compunha, contando
o tempo nos ponteiros a saltitar? Ah! Cuiabá! Minha Alma está
doída, pois, não é capaz de conceber a vida, Ao vê-la como está!
Olhe ali Alma minha! Olhe ali, O barzinho da “Mandioca”, Da
pelada da gurizada, com bola de meia, ou bexiga de Boi? Lugar
histórico, placentário, dos Capitães Generais, o templário, o meu
Largo do “Sebo” que se foi!

O espaço colorido da minha Alma ainda juvenil. Alma que
ainda revestida de sonhos, sonhava conhecer o Brasil! Cuidado,
cuidado Alma minha, para não tropeçar no velho Gasômetro!
Mas...que Gasômetro? Lá não se pode mais encontrar! Animo
Alma minha não chore não! Não vá me decepcionar! Pois ainda

estamos no começo do nosso “Zanzar”! Lembra-se do Bar do Bugre? Universidade da cidade dos poetas, onde palavras nas mãos queridas, tomavam vidas, pelos sonhadores estetas, que olhando o borbulhar da cerveja, na tulipa na mesa presa, Induzia-os nas nuvens cavalgar! Vamos Alma minha! Vê se caminha nesse nosso “Zanzar”! Pois, ainda temos muito a visitar! Não viste, mas ouviu de guerra falar! Mas, não vamos recordar a “Rusga”, a não ser para a revolta de um Povo lembrar! Ouça, ouça! Alma minha! Os pardais ainda estão a cantar! Nas poucas palmeiras imperiais, que ainda restam tentando nossas praças ornar! Não, não, não pergunte ainda Alma minha ainda não acabou o nosso “Zanzar”.

Prainha, a biquinha, o Porto, com seus Becos, ninhos de procriação, Dos verdadeiros coxiponés, pois, não há como desligar do corpo cuiabano, A inháca do meu querido coxiponé! Você se lembra Alma minha, das aulas do nosso Liceu Cuiabano, Hoje Colégio Estadual, Que, novamente trocarão seu nome, por de uma grande figura intelectual? Nossos Mestres da Cuiabá de trancas e tramelas, das nossas procissões a velas, dos nossos piqueniques, onde nossos corpos furavam as límpidas águas do Coxipó?

Este nosso “zanzar” está me emocionando! Pois continuo no tempo caminhando, sem poder parar! Por favor, Alma minha, Aguenta um pouco mais, estamos quase chegando. no início, fim do nosso “Zanzar”! Veja esta foto Alma minha! Que beleza! Peixes de vários tamanhos, epidermes coloridas, quadros na natureza, pintados, Que um dia a Alma dos seus filhos e netos, também nela irão “Zanzar”! Está na hora Alma minha, de parar, pois a emoção já entupira meu jacá de sentimentos. Agora Alma minha pode perguntar, Zangar, discutir, esbravejar, Pode até deixar uma lágrima rolar, se é que possui no seu etéreo “Zanzar”! Sois subjetiva, Alma minha, precisando de um corpo para se objetivar! Solto as tuas mãos quais pombos livres em arribação!

Obrigado Alma minha por ter-me acompanhado, neste meu sentido “Zanzar”!

[Homenagem aos 300 anos de Cuiabá.]

Inédito

Chapada dos Guimarães

Chapadão imenso, de terra vermelha, batida!
Gigantescas rochas qual unhas de Deus do chão bruto
emergindo!
Vulcânicas crateras, erosões da chuva corrida,
Sulcam-te como rastros em fendas se abrindo!

Os profundos abismos, resultantes da tua altura a desnivelar
Vomitam águas frias, cristalinas formando cachoeiras,
Que, batendo nas pedras rugem, gritam em chiadeiras,
Para depois rolarem indo tranquilas a mourejar!

No pôr do sol, os raios nas escarpas projetados,
Desenham figuras mitológicas das sombras formadas
Com o bailado dos galhos das frondosas árvores arquejadas
Pintam cenários com as nuances das luzes alcançadas!

Chapada dos Guimarães, Véu de Noiva, sempre virgem!
Cachoeirinha, Salgadeira –terreiro de candomblé improvisado,
São Jerônimo –formações rochosas qual esfinge do ontem
Berço do turismo do grande Mato Grosso portentoso invejado!

Buriti qual íris de um grandioso olhar
Encastoadada no chapadão rude, sem Deus e Cruz
Ao nome que te dera a planta fazendo jus,
Cresce ereta, firme, pioneira, o evangelho a implantar!

Reunamos todos –arquitetos, botânicos e alquimistas,
Leonardo, Picasso com seus pincéis maviosos,
A imponência da Chapada, deles encheriam as vistas
Apenas imaginariam a moldura nos quadros já pintados, quão
maravilhosos!

Tens o Portão do Inferno, embora sejas céu,
A maior reserva de entomologia do mundo, que vaidade!
És bela, idêntica a noiva, embora tenhas apenas o véu,
És catapulta que da Terra nos arremessa à eternidade!

As montanhas e picos como coroas no Chapadão
Contra o horizonte longínquo e o céu azul,
Formam quadros colossais e magníficos na amplidão,
A garganta da tua boca de granito parece conter
O sorriso da América do Sul!

Inédito

Rede Cuiabana

Regaço amigo do meu descanso
Armador, ponto de interrogação
Na aroeira fincado.
Paeiro na boca “matutano”
Contando ripa “cô imbira”
No pau roliço amarrado.

Meu corpo acopla
No seu abraço amigo
Gosto de espreguiçar
Descanso do guerreiro

Cafuné popular
Flor do tamarindeiro.
 Balança rede
 Vê se me embala
 No roque roque da sua canção
 Tecida com os fios da minha ilusão!

Newton Alfredo

Canto (in) temporal

Sanha
manha
do menino
no mundo sem mundo
nascendo
do fundo do grito
ensaia o poema dos passos

compassos
da fome
da dor

pasto
repasto
da angústia incontida
resto
protesto
do lábio sem cor
dos olhos - revolta
presságio tinindo
da guerra / futuro
presença-presença
constante / pesada / pisando
pesando
calor
entusiasmo
noite in-dormida de estrelas insones
punhos cerrados
bocas-silêncio dormindo na face disforme
rictus
esgares

rosto mãos / na manhã lúcida.

In: Rua do Tempo

O beco

O beco é
o que o beco é:

beco qualquer
rosto à janela
rosto qualquer
silêncio e pedra
pedra molhada
chuva de lua
pingo na lata
oca e vazia
gato, telhado.

Beco vazio
lembra bocejo
cinza apagada
névoa da noite
medo escondido
cão amuado
queixa de tarde
sol apagado
ânsia, fadiga.

Beco ressona
luz das manhãs
sonho distante
calma, vigília,
resto de noite
longa, perdida,
brinca de estrela,
é poça d'água,
fio de chuva.

O beco é
o que o beco é:

o beco é espectro
vento de morte
horas caladas
quando no escuro,
lama, pandorga,
bola de gude,
honra o destino:
sonha ser beco
como nasceu.

O beco é criança
quadro de infância
jogo do time
grito de gool! ...
longe, ecoando,
passa-passando
que nem a vida.

Vida de beco,
quantas, no mundo,
são bem iguais !!!

In: Rua do Tempo

Vôo sem verbos

Gatilho. Pontaria. Arma disparada.
Estilete. Punhal. Lanceta. Flechada.
Navalha de metal. Lança fria.
Aguilha. Abelha. Aguilhão. Agonia.

Sal. Vinagre. Soda. Fogo.
Cicuta e cal. Dúbio jogo.
Carne combalida. Estranha lucidez.
Vôo interrompido. Falsa embriaguez.

Queda. Medo. Sangue. Explosão.
Corpo abatido. Rasante rotação.
Na alma cega, seca bruma

Na boca rúbia aerada espuma.
Caça. Presa. Pranto. Solidão.
A morte súbita. Ferina crueza.

Boca ensandecida de um cão.

In: Testamento - Viagem de um Crepúsculo Antecipado.

Descoberta tardia

Tu morres agora na minha vida
logo agora quando te sei de cor.
Agora que eu tinha decifrado
tua febre contendo infâncias e adolescências
e compreendido teus demônios compulsivos?
Agora que eu tinha comprado
marzipã, amêndoas e avelãs
semeado avencas no vaso novo
e plantado azevinho no jardim.

In: Testamento - Viagem de um Crepúsculo Antecipado.

Ars poética ou vulgari eloqüentia

Minha poesia
clave e chave
razão e risco
conciliação e conflito
dúvidas e dívidas
disputando o mesmo grito.
Minha poesia
óbice e óbito, vertigem e dor
com a tua resistência mágica
sempre obstruindo meus caminhos
sem nenhuma cerimônia ...
é compulsiva, dolosa e crônica.
Minha poesia
seria cômica, não fosse trágica.

In: Testamento - Viagem de um Crepúsculo Antecipado.

Cuiabanália

Ah! cuiabanália ...

Cidade intoxicada do bagaço
tecnetrônico
estereofônico
biônico
supersônico
agônico
ATÔMICO

Onde o viver canônico
à sombra cheirosa dos quintais em flor?
Narcotizou-se o amor?

Ah! cuiabanália ...

Agora, espigões, néon,
excesso de decibéis,
jeans, gatonas trepadas
no lombo rouco das motos,
superlotando os motéis.
Só há rock, drive - in,
lanchonete, pizzeria
e o terror dos quartéis.
Onde a boa putaria?
(O bom era o Beco do Candieiro
a desembocar no Bar Colorido,
com o beijo disputado na valentia)

Ah! cuiabanália ...

Pobre não mora, formiga
nas favelas do BNH.
Rico vira executivo
e coça no CPA.

Onde a Cuiabá telúrica
parindo a raça viril
emprenhada por Sutil?

Ah! Cuiabá canalha

- cuiabanália -

cortesã das multinacionais
com seu arsenal eletrônico

agônico
estereofônico
biônico
supersônico

ATÔMICO

Ah! cuiabanália ...

Onde a Cuiabá pudenda
das igrejas, candomblés
e dos pios cabarés?
Já não há virgens postiças
nas escolas enfermiças.
A boêmia e seus vícios,
seus bêbedos vitalícios.
Prostitutas sacrossantas
pelas ruas não há tantas.
Só há tóxico e frescura
poluindo a noite pura.

Ah! cuiabanália ...
 Eta cidade canalha!
 Cuiabá metálica
 neurótica
 caótica
 virótica
 semi - ótica
 estroboscópica
 Cuiabá feia e fétida
 esfingética
 hermética
 cibernética
 Cuiabá caquética

Ah! cuiabanália ...
 Onde a Cuiabá erudita
 doce e mansa
 culta e santa
 Cuiabá romântica
 semântica
 dos artistas e poetas?
 Onde a barroca matriz
 o coreto e o chafariz?

Ah! cuiabanália ...
 Cuiabá morreu e
 vou para San Sebastián
 - fronteira do México com o Nepal -
 que tenho porre marcado
 com Rimbaud, Chopin, Van Gogh
 e São Francisco de Assis
 (Cuiabá não é mais feliz)
 CUIABANÁLIA CANALHA

In: Cuiabanália

Sintaxe

Palavras militarizadas

vigiadas pelo batalhão de guardas diacríticos

?, — ^ : . — ;!

Palavras palavras palavras palavras

Militar—izadas

Palavras algemadas virguladas

Proibidas de viver por si mesmas

Perfiladas em posição de sentido

Esquerda volver direita volver

Palavras mar-chadeiras marcha-deiras

palavras de co-turno

letras feitas de ----- silêncio

palavras insonoras

m i l i t a r i z a d a s

Palavras sem vôo próprio

amarradas ao chão de outras palavras

grávidas de ----- silêncio

sôfregas de liberdade

filhas da ordem-do-dia

palavras palavras palavras

um — dois um — dois um — dois

Palavras em—fileira—das

bem alinhadas e tristes

a que faltam alvoradas

palavras encabrestadas

algemadas virguladas

m i l i t a r i z a d a s

p a l a v r a s

Absinto

Vem famoso absinto! Vem risonho
Companheiro da dor e da agonia.
Muitas vezes conduzes-me ao sonho,
produzindo-me instante de alegria.

Quantas vezes, eu, pálido e tristonho,
cheio de mágoa e de melancolia,
vou à taça, matar este medonho
tédio, que me persegue noite e dia.

E assim, sorvendo o líquido azulado,
para encobrir a nódoa do passado,
vou à taça buscar consolação.

E como Baudelaire na desventura
sorvo os tragos da taça com loucura
De Edgar Poe, buscando inspiração!

Aracajú – 1936

In: Garimpo do meu sonho - 1939

Soneto sem nome para as mulheres que amei

Cerro os olhos e sonho Mansamente
as mulheres que amei vejo passar ...
mulheres que eu amei tão loucamente
e que as chamas do amor trazem no olhar!

Lembro-me algumas, cujo olhar fremente
era volúpia estranha e singular
outras por mim passaram friamente
sem meus lábios nos seus mesmo pousar!

Passai , visões da minha fantasia
vultos gentis que o tempo mal desfaz.

Amor! que outrora foi a minha alegria

In: Dom por do sol – 1954

Não digas a ninguém

Peço-te: não digas a ninguém que te amei.
Jamais digas que fui teu.
Não digas que os meus lábios roçaram nos teus lábios
e nem que as minhas mãos trêmulas e frias
roçaram na epiderme macia de tua carne em flor.

E nem digas que as minhas unhas feriram,
sem querer,
os róseos bicos de teus seios.
- Não digas a ninguém que te amei.

São Salvador, 20 de junho de 1936.

Canoa

- a canoa coisifica a respiração da madeira
(alimento do aviso)

- o canto
- (beira-chão-barranco)
- responde no toque - atabaque
- traço-truque-do leque
membrana d'água

- a canoa circunscreve a escrita
que irrita

- tato-peixe
- da colher do remo
pinga o desenvolvimento
do curso inventado

- a canoa trabalha a função do reflexo
canoa remo
remoer do homem
canoeiro

canoeirar o rio - equilíbrio
- o sulco ferido
(feriado)
gruda

a negritude do aquaremo
- balanço que bate embalo

pla
plaque
pla

sono - módulo prisão – no - porto
ou morto

- a canoa concebe
boca que inventa o vento
tempo que a fome urra
riso que o peixe isca
abrangência de mormaço

intuir a chuva
carne-viva vida-nova
viva-vida

pose do embarque
iodo do Iodo
Iodo

- o remeiro imanta o pranto
no canto
que canta
a queda do peixe
limpo - limbo
lama limo
lima – que - ima
a invenção da canoa
- a canoa insere no assento
o nojo do rio
- a canoa investe o lucro
na transparência da sombra
interior do sem-medo
eventual da paisagem
no corte que a linha quebra
- a canoa enfeita
hirto olho vela velório
boi - afôgo
boiaafogando barriga d'água
- a canoa escritura
a faca da curva
leva – e - lufada
remoinho que o rio incesta
- a canoa desperta
esmalte da escama
fundição da faca
dependência do anzol
o peso que a poita aponta
- noturno
a canoa soletra
o enredo da pesca

In: Águas de Visitação

Garimpo da infinitude

(fragmento)

— o garimpo

Vaza

eco da sorte

no pilão da bateia

— o garimpo é hermético

estranhamente aberto

ao receber o rito

herto

mito

e o místico

— o garimpeiro

Crava

na lavra

pálpebra / forma

que arredonda o *chibiu*

— o garimpo codifica o sonho

Minerador

o garimpo decodifica a

leitura da *mancha*

— outros amigos:

o pai

o irmão

o esmo

o meio

o meia - praça

o garimpo talha

moe

romoe

moenda

remorrendo

na brita do sol

no brilho da vida

no budum do lençol

In: Águas de Visitação

A chalana de Nhô É

Ele se chamava apenas É
Envelheceu e foi chamado de Nhô É
Perdido em pensamentos
Achou que o mundo ia se acabar
Imagine só, num mar de guaraná
Nhô É construiu uma chalana
Prá tentar sobreviver
Nela colocou todas as letras do alfabeto
Sentia-se incompleto e queria se completar ao navegar
Como capitão dava as ordens no lugar
Primeiro pediu que entrassem na embarcação as letras ABCDEF,
ele queria ter mais amor, bondade, carinho, dedicação, esperança e fé
Depois entraram GHIJ, ele queria transformar-se
Num generoso homem idoso e se chamar José
Permitiu que entrassem KLMNOP
Prá ter karaokê, luzes, Maria, netos
e ondas de paz
QRSTUVWXYZ, entraram por último
de mãos dadas, fazendo uma ciranda,
pra todos cirandar
A chalana deu meia volta,
e meia volta voltou a dar
Meio des governada
Foi parar no Rio Cuiabá
Do Porto iniciou nova andança
Nhô É voltou a ser criança
Criança na alma
Criança na dança

A lata

Me vejo no espelho d'água
Me vejo no reflexo da lata

A lata está no rio
A lata está na mata

A lata não combina com o rio
A lata não combina com a mata

Não gostei da minha imagem na lata
Não gostei da imagem do índio na lata

A lata no lixo, a lata no lixo
Não no corixo, não no corixo

A mata não é nicho prá lixo
O rio não é canal pra lixo

Quem emporcalhou o rio?
Quem poluiu a mata com a lata?

Me vejo triste em lágrimas,
minhas lágrimas pingam na lata

Não dispare a lata no rio
Não quero ter medo da lata

Recicle a lata, Recicle a lata
Faça uma banda de lata

Faça brinquedos de lata
Não dispare a lata no rio

Não dispare a lata na mata
No rio e na mata

Ela mata, ela mata, ela mata.

A luz de teu olhar

Teu olhar é do mistério
Divo altar em floração,
Éden, templo, céu e império
de meiguice e sedução!

Nem a luz que desliza,
lá no céu, e beija o mar,
é tão rútila, Luísa,
como a luz do teu olhar!

Até mesmo a régia Vênus,
lá, no alto, a cintilar,
brilha menos, muito menos,
que essa luz de teu olhar!

Vejo o céu – aljofrado,
branco, branco – o verde mar.
É que vivo alucinado
pela luz de teu olhar!

in: Poesia Matogrossense de Hélio Serejo (1960).

TRIBUNA ACADÊMICA



IGREJA MATRIZ DO SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ - 1946

ÍNDICE

Sessão Solene de Posse da Diretoria [2017 – 2019] - 31 de outubro de 2017

- Saudação ao Presidente – Marília Beatriz Figueiredo Leite 249
- Discurso de Posse na Presidência 251

Sessão Solene de Posse na Cadeira 36 – 7 de novembro de 2018

- Palavras de Abertura pelo Presidente 258
- Discurso de recepção ao neo Acadêmico – S. Carlos Gomes de Carvalho 260
- Discurso do Empossante - Valério de Oliveira Mazzuoli 271

Sessão Magna da Saudade em homenagem a Acadêmica Vera Iolanda Randazzo em 22 de março de 2019

- Palavras de abertura pelo Presidente 288
- Oração Fúnebre – Nilza Queiroz Freire 290

SESSÃO SOLENE DE POSSE DA NOVA DIRETORIA 31 de outubro de 2017

Saudação ao Presidente

Marília Beatriz

Em 2015 quando tomei posse como presidente disse: “e quando chegar 2017 pensaremos que não foram os ventos, nem as belas escrituras, nem os textos luminosos, mas sim o lócus das imperfeitas ideias que nos levaram a remar para lá do rio Cuiabá. Porém o que nos atirou sempre mais longe foi a comunidade sedenta, a sociedade em busca da saciedade intelectual, o povo maravilhoso e a cultura dominante deste Mato Grosso expressivo”.

E eis-me aqui para dar posse ao bravo e lutador, ao inteligente e erudito confrade amigo S. Carlos Gomes de Carvalho. Homem de inúmeras qualidades que volta a dirigir nossa instituição e que tem por lema cuidar da beleza das artes e das letras como faz com seus primorosos escritos. Em artigo escrito recentemente destaquei como epígrafe o verso seguinte

não há força tão grande
quanto a dos olhos
que viajam o infinito

versos preciosos de Carlos Gomes de Carvalho, em **Pássaros Sonhadores**.

Em frente a alma poética do futuro presidente estou feliz pois sei que o nosso futuro caiu nas mãos, no coração e na competência de quem ama nossa Academia de Letras acima de tudo.

Carlos é um guerreiro que luta sempre pelas boas causas. Nós ganhamos em força, talento e excelência com o assento deste confrade à frente da gestão de agora até 2019.

Carlos Gomes de Carvalho é guerreiro, pois têm os atributos necessários, quais sejam: dedicação, compromisso e foco. Além disso, carrega uma normatividade disciplinar que faz sua criação literária ascender. A presidência que hora vou entregar a Carlos Gomes de Carvalho ganha em objetivos e arrojo; em vontade e persistência para criar, transmitir e solidificar os precisos cânones das letras deste Estado.

Tenho como certo que será uma gestão sem medo de desgaste, sem amarras para criar e coragem para as batalhas que sempre temos que enfrentar.

O sentido da missão do guerreiro das letras está claro e sua atenção está impecavelmente focada em sua meta, e isso vem comprovar por tudo que ele já fez ao longo de sua vida. Ao trazer a público as “**Obras Raras de Mato Grosso**” anotou a riqueza de nossa literatura; ao escrever “**A Poesia em Mato Grosso**” apontou com raro brilho pontos ainda não descortinados e relembrou autores alguns até esquecidos. Sua obra por excelência “**Dicionário de Termos e Expressões de Mato Grosso**” deveria ser tratada com maior interesse pelas autoridades deste Estado.

Entendo que está na hora de investirmos no que é genuíno. Precisamos deixar de lado os fogos de artifício de outras regiões e apreendermos e aprendermos com aqueles como nosso futuro Presidente que tem muito trabalho já realizado e ainda tem muito a oferecer, seja pelo seu cabedal seja por sua vontade de enriquecer a cultura e a literatura.

Ainda devo assinalar a originalidade poética desse autor que ensejou até uma performance que veremos a seguir. É a contemporaneidade presente em nosso confrade Presidente!

Obs.: Ver em **Crônica** o artigo *Para o Futuro*, publicado no Diário de Cuiabá – DC Ilustrado, em 26 de setembro de 2017.

DISCURSO DE POSSE NA PRESIDÊNCIA

Senhora Professora Marília Beatriz de Figueiredo Leite
Senhor Secretário Municipal de Cultura, Francisco Vuolo
Caros colegas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
Prezados confrades e confreiras da Acad. Mato-Grossense de Letras
Senhoras, Senhores

Encontramo-nos aqui, nesta noite solene, não apenas para a posse de uma nova Diretoria desta instituição mas, sobretudo, para celebrarmos o valor da cultura, da literatura e o vigor do pensamento e das ideias.

Neste contexto, é imperioso reafirmar a cada instante, mesmo sob o risco de nos tornamos monotemáticos, que a Academia Mato-Grossense de Letras foi protagonista dos momentos mais ricos da história cultural, educacional, social e, por que não? também política de nosso Estado. Somos hoje herdeiros dessa tradição de estudiosos, de homens e de mulheres unidos pelo amor extremado a esta terra.

E, em assim sendo, ao caminhar para o nosso primeiro centenário, reafirmamos o compromisso desta instituição para com os anseios, os sonhos, os valores e as utopias de sua gente e de seu solo.

Neste sodalício, como talvez em nenhum outro em Mato Grosso, substantivam-se a simbiose de bens materiais com os bens imateriais que se entrelaçam para se constituírem numa herança imorredoura para esta terra. Esta Casa, portanto, tem um simbolismo que extrapola as suas paredes de cal e pedra, que vai além da sua argamassa, das suas madeiras, de seu piso e que está bem acima de seu telhado secular. Esta é uma Casa que se irmana com a sociedade mato-grossense no compromisso solene de lutar pela perpetuidade dos valores culturais e sociais que tanto marcam a sua existência histórica.

Aliás, nunca será demais lembrar, na antevéspera da celebração do tricentenário de uma terra em que seu clima quente se mescla com a hospitalidade calorosa e generosa de sua gente, que Cuiabá, em tempos idos, foi acentuadamente uma cidade em que a cultura, a poesia e a música estiveram sempre presentes. São os testemunhos de vários viajantes estrangeiros que atestam essa vivacidade cultural num acanhado lugarejo

colonial que era então o bastião mais avançado da presença lusitana no hinterland fronteiriço com terras hispânicas. Foi aqui que, em meados do século XIX, o cientista alemão Karl Von den Steinen disse ter visto mais pianos do que em muitas cidades europeias, foi aqui mesmo que, anos antes, o Ouvidor Geral Diogo de Toledo Lara e Ordonhes escrevera a primeira crítica de teatro no Brasil, precisamente numa época em que aqui se apresentaram mais peças de teatro que Rio e São Paulo, e não por menos, conta-se que o respeitado Monteiro Lobato, visitando a cidade na década de 30 do século passado, dissera ter ouvido aqui o falar português dos melhores em nosso país. Assim Cuiabá foi, por longo tempo, o núcleo civilizador da fronteira mais distante do Oeste brasileiro.

Esta presença da cultura literária por certo há de também ter influenciado o estado de espírito do cuiabano, ou seja, aquilo que viríamos a denominar de “cuiabania” ou de “cuiabanidade”. Como melhor definir tal conceito senão nos socorrendo aos nossos melhores e mais atilados interpretes? Para a nossa grande cronista Dunga Rodrigues, esse encarar da existência está marcado pela *“lhaneza de trato, muitas vezes tão zelosa, que os não habituados confundem com boa fé ou idiotice”* mas, advertindo, completa a nossa Dama da Cultura Matogrossense - como a denominei num estudo sobre a sua obra - isso é somente *“sinceridade pura, na força do hábito de bem servir”*. Já Virgílio Corrêa Filho, nosso maior historiador, identificou esse caráter cuiabano como sendo fruto daquela

mentalidade peculiar, capaz de realizar o milagre de conservar a flama civilizadora no recesso dos sertões, desprovido longamente de comunicações com o exterior (com) a multidão operosa dos legionários anônimos, cuja atuação de bravura consciente (...) se harmoniza com o apego à terra agarrativa.

Neste Casarão, de mais de dois séculos, vozes se ergueram em defesa da soberania do território pátrio. Foi ainda neste Casarão que em tempo de paz vozes celebraram a beleza da cultura, da poesia e da música, descreveram as riquezas naturais do Estado, relataram os faustos da conquista indômita sobre o bravio Oeste. Pois foi aqui mesmo que viveu um dos homens que mais amou esta terra, foi daqui que se dispôs, em cinco distintas ocasiões, a governar a Província e foi daqui que partiu para estabelecer a rede de defesa estratégica preparada para rechaçar o avanço do abusado autocrata guarani e, mais que isso, foi aqui nas madrugadas

serenas que estudou, pesquisou e escreveu sobre a história, a geografia, a economia e as potencialidades ecossistêmicas, a fauna e a flora em estudos pioneiros, deixando uma obra que se tornou de fundamental importância não somente para Mato Grosso como para o Brasil. Assim é que o legado de Antônio João Manuel du Leverger, cognominado por Virgílio como o “bretão cuiabanizado”, o consignado por Pedro II como Barão de Melgaço, ficou perpetuado no regaço que tanto amou. O estrangeiro mais cuiabano que esta terra já recebeu serviu de símbolo para todos os que vieram após ele. A expressão que criou em carta a irmã na distante Saint Malo, que saudosa implorava para que retornasse ao torrão natal, ficou imortalizada e ainda hoje a repetimos como símbolo do amor à terra:

Poderia eu deixar, hoje, o meu agarrativo Mato Grosso, que tão bem soube prender-me a si? Não, não, impossível. Aqui findarei meus dias, separado do mundo por distâncias imensas.

E assim foi.

E quando, várias décadas depois, em 23 de novembro de 1930, o interventor federal Antonino Menna Gonçalves, atendendo a um reclamo popular, fez a doação desta Casa para as duas novas instituições culturais, houve por bem em justificar dizendo no Decreto que aquele ato tinha por objetivo “*fazer perdurar na referida casa o mesmo ambiente de intelectualidade que ali existira em vida do bravo almirante.*” E diferente disso não foi, Senhores.

Alguns dos nomes mais notáveis do cenário social, político e cultural deste nosso torrão aqui se reuniram para dar seguimento ao labor intelectual de Augusto Leverger no seu esforço para descrever os recursos naturais e as qualidades humanas, sociais e culturais de seu povo. Mister se faz então recordar alguns desses nomes que, sob este telhado e entre estas paredes, se reuniram em tertúlias literárias e em estudos sobre a história, a cultura e a geografia de Mato Grosso: Virgílio Corrêa Filho e Estevão de Mendonça, que são dos historiadores mais completos que este Estado já produziu; D. Francisco de Aquino Corrêa, poeta e orador de escol, membro da Academia Brasileira de Letras, governador da conciliação, apaziguador das forças políticas que se digladiavam, criador do hino e do brasão do Estado, e José Barnabé de Mesquita aquele que reputo ser o mais completo e polímorfo intelectual matogrossense - poeta, jurista, contista, romancista e por mais de dez anos presidente desta Academia e do Tribunal de Justiça. A estes

nomes há de se juntar outro, igualmente membro do Instituto Histórico e admirador de Leverger, que se tornou em inesquecível patrimônio do Brasil e um dos grandes nomes contemporâneos da humanidade: Cândido Mariano da Silva Rondon, o bandeirante do século XX. E após, e no decorrer dos anos, a esta plêiade de homens ilustres agregaram-se nomes como o de Maria de Arruda Müller, exemplo da fibra e da inteligência da mulher matogrossense, Luís Phillipe Pereira Leite, Rubens de Mendonça, Gervásio Leite, Lenine Póvoas, Dunga Rodrigues, Clóvis Pitaluga e tantos e tantos outros que temo estar cometendo injustiça ao não nominá-los a todos. E assim é que, ainda hoje, ecoam por estas paredes as vozes, os sentimentos e as aspirações desses nossos maiores.

Contudo, meus amigos, estas figuras notáveis não devem ser recordadas tão apenas como modelos de estudiosos. Luz sobre outra faceta de seus caracteres deve ser lançada, com mais ênfase ainda nesta hora triste, sombria, vergonhosa e grave que a Pátria atravessa. Numa época em que bons exemplos públicos são raros e se escasseiam a olhos vistos, em que a ética está sendo destroçada em praça pública, em que a verdade é humilhada, a virtude é desprezada, o patriotismo é tratado de modo vil e em que as instituições estão ameaçadas pela desídia, pela cupidez, pela corrupção e pela ausência de civismo, esses ilustres matogrossenses devem ser recordados e engrandecidos como exemplos de cidadania, de civismo e de ética, cujo testemunho deram mostras no decorrer de suas profícuas existências. São exemplos para todos nós e para as gerações vindouras.

Somos hoje testemunhas, talvez mais que em tempos pretéritos, de um crucial paradoxo. É que, ao mesmo tempo em que cresce o entendimento da sociedade de que a Cultura e a Educação são elementos fundamentais para a manutenção e o fortalecimento de valores humanos que por, séculos, tem sido a marca de nossa civilização, verifica-se esse inaceitável paradoxo de que, talvez como em tão poucos momentos do passado, a Cultura, a Ciência e a Educação tenham sido tão poucos prestigiados pelos poderes públicos. É assustador o quanto o dinheiro público, que ao fim e ao cabo é dinheiro do povo, deixa de ser destinado às obras culturais e às atividades educacionais. A queda nos investimentos orçamentários para a ciência, a educação e a cultura são significativos, evidenciando-se notório descaso.

É nesse lusco fusco em que se transformou a vida cultural e social em nossos tempos, que a Academia Mato-Grossense de Letras, arrostando

todos os obstáculos e dificuldades, com a absoluta falta de apoio dos poderes públicos, vem sobrevivendo. E, apesar de tudo, sobreviverá.

Com o mínimo de apoio, temos feito o possível em benefício das gerações presentes e futuras. Entre tantos exemplos, cito as **Obras Raras de Mato Grosso**, que divulga livros que há mais de setenta anos estavam esgotados e que deles só se sabia por referências indiretas e que, não obstante, são de fundamental importância para a história literária e cultural. Essa Coleção, composta por dez volumes, ao ser entregue na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, recebeu o seguinte comentário: *“como seria importante para a cultura brasileira se em cada um dos Estados se fizesse uma publicação como essa”*.

É triste ver como a cultura e a educação passaram ao longo dos últimos anos a serem vistas, isto quando o são, como gêneros de segunda natureza. Em Mato Grosso não tem sido diferente de grande parte do Brasil. Faltam recursos para a ação cultural e educacional e, o pouco existente, é tão mal direcionado.

Esquecem os governantes o que a História vem demonstrando ao longo do tempo: que para um país, ou para uma região, não é bastante obter o destaque na produção de grãos, que não é suficiente o crescimento econômico, que a riqueza natural e o tamanho do território não basta para estabelecer o nível da grandeza de um povo. Esquecem, ou mesmo não sabem, que a cultura é instrumento visceralmente decisivo para a composição de uma identidade comum a uma sociedade civilizada. E é essa identidade comum, ainda que multifacetada e diversificada como o é em nossa Nação, é que estabelece um liame enriquecedor entre o passado e o presente e que mobiliza a memória coletiva para a realização de um futuro harmônico e solidário. Não há, pois, como falar em crescimento econômico, sem incluir a vigorosa dimensão da cultura. E é só nesse âmbito que se poderá concretizar aquilo que, hoje, tantas vezes erroneamente denominam de desenvolvimento. Quando, na verdade, o verdadeiro desenvolvimento só se dá quando a cultura e a educação alcançam o mais alto patamar no interesse do poder público e da sociedade.

Às vezes reflito sobre se a queda que se verifica na qualidade moral e cultural não seria o reflexo de uma crescente desvalorização do labor intelectual, do trabalho do professor, no pouco prestígio aos valores culturais. Quanto é desanimador ver hoje que as pessoas se assustam mais com a honestidade do que com a fraude e a mentira?

Aí está pois o nosso compromisso, o de sermos os arautos de um tempo em que a cultura e a educação, irmãos siameses, se colocarão no mesmo patamar dos interesses econômicos.

Sabemos da imensa dificuldade, pois, que estes são elementos que não são passíveis de imediata avaliação em números, em peso, medida ou valor monetário. Infelizmente, essas são forças que ainda não entram no cálculo do PIB ou do superávit primário. Mas isso por pura vesguice. Agora, o ar que respiramos também não entra nesses cálculos oficiais, no entanto, ele é vital. E, a concreta realidade é que sem ele, não viveríamos para calcular o preço dessas coisas.

A literatura, a poesia, a música, a pintura, o teatro, a linguagem, Senhores, é esse ar. Um ar de tipo diferente, porque é invenção do espírito humano. Despreza-lo é uma forma sumamente grave de autodestruição.

Nunca será demais lembrar aos nossos governantes que o espírito coletivo de um povo, o que dá base para a sua prosperidade material, mas igualmente para a perpetuação de sua memória, é a cultura, a boa música, a literatura. É isso que se chama patrimônio coletivo. As nações são erguidas sobre esse patrimônio. As civilizações, e desde a tradição greco-romana, são mantidas graças à força imanente do pensamento, fruto de uma cultura sólida.

Para não irmos muito longe, e para aproveitarmos uma data muito importante, coincidentemente completam-se exatamente hoje, dia 31 de outubro, 500 anos de um dos movimentos sociais mais vigorosos do mundo contemporâneo. Um homem sozinho, Martinho Lutero, movido pela força de suas ideias, abeberando-se em fontes de pensadores como Erasmo de Roterdã, apoiando-se na recente invenção de Gutemberg e estimulado por fortes convicções intelectuais, empreendeu a mais profunda revolução religiosa, com decisiva influencia na História do Ocidente, como, aliás, com originalidade o demonstra Max Weber no consagrado ensaio *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

Sabem os homens e as mulheres conscientes do labor intelectual que a cultura, a educação formal, o saber, o conhecimento representam a esperança de um mundo melhor, sem desigualdades entre os seres humanos, sem as gritantes injustiças sociais, enfim, um mundo mais harmônico e justo, solidário e confiante num futuro em que a civilização haverá de triunfar definitivamente sobre a barbárie.

Daí que, na tradição mais nobre desta terra, esta Academia de Letras e os seus membros, proclamamos o nosso compromisso solene

com os valores da cultura, com a inteligência, com a Liberdade, com a Democracia.

Ao encerrar permitam-me a alguns agradecimentos. Quero lembrar aqui pessoas que muito contribuíram para o evento desta noite. Ao nosso mestre de cerimonia Edson Pires, a Nika Barbosa e a filha Áurea Maria, ao regente Murilo Alves – Presidente do “Instituto Ciranda – Música e Cidadania”, a Lucimar Martins pelo cuidadoso trabalho no buffet, a Edson Guilherme, responsável pela decoração e ao Sec. de Cultura do Município Francisco Vuolo, particularmente pelas perspectivas que já nos manifestou para a realização de projetos em parceria.

Não posso, em absoluto, deixar de agradecer aos meus prezados confrades e congreiras que, por unanimidade, me depositaram a confiança conduzindo-me já pela terceira vez a este honroso cargo. A todos, agradeço com igual vigor, mas me permitam destacar o empenho de Sueli Batista e Marília Figueiredo para que, nos últimos dias, tudo corresse a contento. Particularmente, à nossa ex-presidente que, por motivos alheios a sua vontade, já que esta Casa ficou grande parte de seu mandato fechada para obras e que por isso não pode realizar seus projetos, no entanto, quero dizer-lhe que terá todo o nosso apoio para agora fazê-lo.

Por último, mas por igual importância, faço meu agradecimento, que não é por apenas este evento mas pela longa jornada da vida, à minha esposa Rita Castro.

Senhoras, Senhores

Esta Casa Barão de Melgaço pertence à sociedade matogrossense, este pertencimento vem do passado como fruto da História mas é igualmente semente para o futuro.

Para mantê-la viva, dinâmica e pulsante faço uma convocação a todos, e o que posso oferecer em retribuição o faço como no poema de Cora Coralina

... tem mais chão nos meus olhos
do que cansaço nas minhas pernas,
mais esperança nos meus passos
do que tristeza nos meus ombros,
mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.

Muito obrigado a todos.

SESSÃO SOLENE DE POSSE NA CADEIRA 36 EM 7 DE NOVEMBRO DE 2018

Palavras de abertura pelo Presidente

Excelentíssimo Senhor

[Autoridades]

Ilustres Senhores e Senhoras membros do
Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
e da Academia Mato-Grossense de Letras
Senhoras, Senhores

Aqui estamos, nesta noite engalanada, não apenas para a posse de um novo membro mas sempre, e sobretudo, como já o disse, para celebrarmos uma vez mais o valor da cultura, da literatura e o vigor do pensamento e das ideias.

O novo acadêmico irá ocupar a Cadeira 36 cujo Patrono foi também um homem das lides jurídicas.

De ascendência francesa, nascido em Cáceres em 6 de junho de 1872, Pedro Trouy teve destacada atuação no jornalismo e na política. Em sua terra natal criou o jornal “Argos” e por toda a vida colaborou em vários periódicos, tendo também ativa participação na vida pública do Estado. Em 1899 participou do movimento armado que iria resultar na eleição de Antônio Paes de Barros, o “Totó Paes”, para a Presidência do Estado. Trouy foi Deputado Estadual em várias legislaturas e quando faleceu, em 25 de setembro de 1927, era Promotor de Justiça.

O primeiro a ocupar a Cadeira foi o professor e poeta corumbaense Luís Feitosa Ribeiro e agora o futuro titular irá substituir ao trilagoense José Couto Vieira Pontes, também professor de Direito e ex - Procurador Geral de Mato Grosso do Sul.

Assim, mantendo a tradição desta Cadeira, o terceiro ocupante estará em boa companhia. Vale dizer que, dos 189 acadêmicos e acadêmicas

que pertenceram e que pertencem a esta Academia de Letras, número expressivo vem sendo o daqueles oriundos do campo jurídico.

Ao longo destes anos todos, esta instituição, que não pertence somente aos seus membros mas é de cada um dos mato-grossenses, é testemunha e partícipe dos momentos mais ricos da história cultural, educacional, social e política de nosso Estado.

O eleito que hoje aqui será recepcionado encarna com rara felicidade as características que dignificam a tradição desta Academia de Letras. Digo-o tanto na condição honrosa de Presidente deste Sodalício, já pela terceira vez, como na de convidado para, em nome dos confrades, saudar aquele que, com a sua inteligência e dinamismo, vem abrilhantar esta instituição.

Estamos todos cientes de nosso dever e responsabilidade de guardar e de continuar a honrar a tradição de homens e de mulheres estudiosos e ligados pelo amor extremado a esta Terra. Daí porque, a cada momento, ainda que sob o risco de sermos tomados como monotemáticos, reafirmarmos o compromisso solene desta Academia de Letras para com os anseios, os sonhos, os valores e as utopias de nossa gente e deste solo.

Sob a proteção do Grande Arquiteto do Universo e em memória de nossos Maiores Declaro aberta a presente Sessão Solene especialmente convocada para dar posse neste Sodalício ao Senhor Professor Valério Oliveira Mazzuoli.

Discurso de recepção ao neo acadêmico

S. Carlos Gomes de Carvalho

Senhoras e Senhores

Caros colegas membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
Prezados confrades e confradeiras da Academia Mato-Grossense de Letras
Senhoras, Senhores

Decorridos mais de meio século da morte de dois dos maiores intelectuais mato-grossenses, seus nomes são lembrados como se vivos ainda estivessem. Tal fato nos leva a refletir sobre a presença energética do pensamento, a voz simultaneamente difusa e concreta do intelecto e, por extensão, a força da expressão da Cultura. Por esta razão mesma ambos continuam presentes ainda entre nós.

Penso que talvez seja oportuno apontar uma curiosa similitude entre a vivência daqueles que se dedicaram às obras do espírito e aquela que é própria do exercício do poder. E, numa conclusão sumária, se chega a que, os que lidaram apenas com as realizações materiais ou que pura e simplesmente exerceram o Poder não são lembrados com a mesma atenção, repetição e dedicação com que o são aqueles outros. Esta, sem dúvida, a consequência da vigência imorredoura da cultura, da força do conhecimento, do vigor do saber, isto é, daquilo que é resultante do exercício das formas e da lucidez do espírito. Tal circunstância se testemunha até mesmo naqueles que numa exímia simbiose exerceram tanto o Poder como realizaram respeitável percurso intelectual. Estes dois mato-grossenses a que me refiro, de nascimentos mais que centenários, são exemplares a este propósito.

Francisco de Aquino Corrêa, o venerando arcipreste cuiabano, não é tanto recordado como o homem que governou o Estado na tumultuada quadra de 1918 a 1922, ao qual não lhe faltaram acerbos e duras críticas. Por sua parte, o polifacetado José Barnabé de Mesquita que, pelo exercício da Presidência do Tribunal de Apelação, hoje Tribunal de Justiça, entre os anos de 1930 e 1940, como tal não ficou gravado na memória popular. No

entanto, ambos se agigantam e são celebrados como as figuras maiores de nossa intelectualidade, de nossa cultura, e mesmo além-fronteiras assim são tidos. Fundadores e estimuladores do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, as duas mais antigas e respeitadas instituições que temos, ambos poetas, ambos mestres de gerações. Um, com uma significativa obra poética, nos dogmas do neoclassicismo, com os três tomos de poesias reunidas em *Odes, Terra Natal e Nova et Vetera*. O outro, espraçando seu talento pelo romance, pela crônica, pelos apontamentos da história e pela poesia.

Assim é que, graças à fidelidade que vimos mantendo no culto de nossos avoengos inspiradores, o respeito ao passado sedimentado nas realizações do espírito ou, como alguns preferem dizer, o de seguir a liturgia solene exigida pela tradição, a Academia de Letras, e não somente esta, não objetiva apenas cultuar o passado, como se propusesse a navegar na contramão da História, mas se destina a valorizar a riqueza e a profundidade da contribuição intelectual daqueles que nos antecederam.

Um de nossos maiores pensadores, o grande Joaquim Nabuco, na sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras, realizada em 20 de julho de 1897, desta forma se manifestou:

As Academias, como tantas outras coisas, precisam de antiguidade. Uma Academia nova é como uma religião sem mistérios: falta-lhe solenidade. A nossa principal função não poderá ser preenchida senão muito tempo depois de nós, na terceira ou quarta dinastia dos nossos sucessores.

E mais adiante reforçava:

Em França, a Academia reina pelo prestígio de sua tradição; exerce sua influência pela escolha, pela convivência e pelo tom; mantém um estilo acadêmico, como toda a arte francesa, convencional, acabado, perfeito.

Por defender princípios basilares para o destino da humanidade como o são os valores soberanos da cultura e do pensamento, a Academia de Letras se situa num rico processo dialético que significa alimentar-se nos bons exemplos do passado, mas estando sempre aberta ao fluxo do novo inspirador. De igual modo, é uma instituição em que aceita os cultores do saber sem qualquer distinção social, encontrando-se todos num mesmo patamar no qual a exigência é a da grandeza do espírito, enfim, situando-se como o *lócus* do conagraçamento em torno da dedicação

às Letras, da expressão maior da nacionalidade através do idioma pátrio, do amor ao conhecimento, ao estudo, ao saber. E é assim que, apesar de todos os obstáculos, permanece viva. Se olharmos ao redor veremos, nesse tricentenário da caminhada mato-grossense, quantas instituições não feneceram e morreram enquanto que aqui estamos prontos para brevemente comemorarmos nosso primeiro centenário.

Senhoras e Senhores

Desde os seus primórdios esta Casa vem acolhendo em seu seio homens e mulheres que se sentem fustigados pelo fogo sagrado da criação intelectual. E aqui, poetas, jornalistas, críticos literários, cronistas, historiadores, professores e juristas no passado se encontraram, se encontram hoje e nas gerações vindouras haverão de se encontrar, todos na celebração milenar do amor ao saber - na vetusta expressão pitagórica. Em suma, esta não é uma instituição que acolhe somente aqueles que se dedicam ao beletrismo, ou seja, à literatura *strictu sensu*. Não por outra razão, o seu dístico emblemático, criado pelos fundadores, é *pulchritudinis studium habentes*, expressão retirada do Eclesiastes que, em tradução literal, significa “estudiosos da beleza” E, foi sob este signo basilar que aqui tiveram assento as figuras mais proeminentes da história cultural, política e social de Mato Grosso. Esta é, portanto, uma Casa plural, democrática e permeada por plúrimas vivências. Todos os que aqui adentram se encontram eticamente compromissados a contribuir para que a cultura sólida e vigorosa, base primacial dos fundamentos civilizatórios, ao final reine sobre o superficial e o efêmero, triunfando assim sobre o reinado do marketing do fútil, da banalização e da vulgaridade, enfim, superando o indevido prestígio que hoje anda desfrutando aquele conhecimento volátil e que se liquefaz a cada instante.

Senhoras e Senhores Acadêmicos

É para esta Casa de Letras que o novel acadêmico se propôs a fazer parte. É neste convívio que irá compartilhar a sua inteligência e é para o conagraçamento desses objetivos que deverá ofertar a sua dedicação, o seu entusiasmo, o seu idealismo.

Valério de Oliveira Mazzuoli é paulista de Presidente Prudente, filho do italiano Ítalo Mazzuoli e de Maria da Conceição Oliveira Mazzuoli. Na década de 1980 viveu com os pais na Itália e na França, o que contribuiu para torná-lo fluente nos idiomas desses países, aos quais se acrescentariam o espanhol e o inglês. Foi também nesse período que descobriu o gosto pela música clássica, a ela se dedicando por mais de dez anos de estudos vindo, já no Brasil, a obter a Licenciatura Plena. No entanto, foi pela carreira jurídica que se decidiu. Em 2001, graduou-se na Faculdade de Direito de Presidente Prudente; em seguida, fez Mestrado na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; em 2008, com o grau *summa cum laude*, concluiu o Doutorado em Direito Internacional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, em 2010, o pós Doutorado em Ciências Jurídico - Políticas pela Universidade Clássica de Lisboa. Dois anos antes, fora aprovado em primeiro lugar para professor do Curso de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso, onde é atualmente Professor-Associado. E além, é também Professor do Programa de Mestrado em Proteção dos Direitos Fundamentais, na Universidade de Itaúna, em MG. Foi igualmente Professor convidado dos cursos de especialização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Universidade Estadual de Londrina. Em 2007, foi Pesquisador - visitante nas Universidades Panthéon - Sorbonne e Panthéon - Assas em Paris. Em 2004, recebeu o título de Professor Honorário da Faculdade de Direito e Ciências Políticas da Universidade de Huánuco, no Peru. É Membro da Sociedade Brasileira de Direito Internacional e da Associação Brasileira de Constitucionalistas Democratas.

Mas o Senhor Mazzuoli não é somente o professor universitário dedicado às lides didáticas e à realização de palestras e conferências país afora e inclusive no Exterior. Ele é atualmente um dos autores jurídicos mais prolíficos, estando entre os mais importantes do Brasil nos campos do Direito Internacional e dos Direitos Humanos, áreas em que é nacional e internacionalmente conhecido.

O novel acadêmico possui rica e crescente produção ensaística no campo jurídico. Com dezenas de artigos e ensaios divulgados em revistas especializadas no Brasil e no exterior, citado em decisões de ministros dos Tribunais Superiores, tem cerca de dezessete livros publicados, além de diversos em coautoria. Destacam-se nesta vasta bibliografia: *Curso de Direito Internacional Privado*; *Curso de Direito Internacional Público*; *Curso*

de Direitos Humanos; Direito dos Tratados; Direitos Humanos, Constituição e os Tratados Internacionais; Prisão Civil por dívida e o Pacto de San José da Costa Rica. Destes encontram-se traduzidos para o inglês *The Law of Treaties*, para o espanhol *Derecho internacional público contemporáneo* e agora, no corrente ano, uma editora de Teerã vem de traduzir para o persa o seu *Direito dos Tratados*.

Num país em que pouco se lê, e em que a leitura não é tão valorizada, o livro que surge, e o autor que tem conteúdo suficiente para alargar as mentes, ganha extraordinário relevo. E se essa obra atravessa fronteiras e é lá fora reconhecida através da tradução não há como deixar de comemorar. E quando o autor de uma obra desse porte vive entre nós o orgulho e a satisfação são maiores ainda.

O novel acadêmico é também músico e, concordemos ou não com a declaração de Beethoven para o qual a música é uma revelação mais alta do que toda Filosofia, ele encarna *tout court* a figura do humanista, atuando em campos tão distintos quanto convergentes do universo da cultura. Por isso mesmo, não faltassem outros motivos, o professor Valério Mazzuoli é hoje, sem dúvida, um dos intelectuais que orgulham o Estado que adotou desde janeiro de 2005.

Senhor Valério Mazzuoli

Vossa presença entre nós é conseqüência lógica de uma trajetória intelectual que, como vimos, vem sendo construída com grande dignidade e vigoroso labor. Daí que ela se projeta e indica um horizonte promissor.

Permita-me retornar ao que aqui disse, há alguns anos, ao recepcionar a ilustre confreira Amini Haddad, também ela estudiosa e extremamente dedicada à operacionalização do Direito.

Alguns dos maiores nomes do mundo jurídico deste Estado aqui tiveram assento. A começar mesmo pelo fundador, o poeta, romancista e jurista que foi José de Mesquita, proficiente modelo para todos nós que por dez anos foi o presidente do Tribunal de Justiça. Também aqui se fizeram presentes homens com a competência jurídica e o descortino intelectual de Palmiro Pimenta, de Joaquim Pereira Ferreira Mendes, de Oscarino Ramos, de Olegário Moreira de Barros, de Amarílio Novis, de Octávio Cunha Cavalcanti, de Gervásio Leite, de António de Arruda, de Ernesto Pereira Borges, de Francisco Bianco Filho, de Domingos Sávio Brandão de

Lima, todos esses presidentes do então Tribunal de Alçada, posteriormente, Tribunal de Justiça; dos Procuradores Geral de Justiça Luís – Philippe Pereira Leite e Benjamin Duarte Monteiro; de juristas do porte de João Villasboas, o longevo parlamentar, por anos Presidente da Comissão de Justiça do Senado, que publicou *A Hipoteca Naval*, obra jurídica pioneira no Direito pátrio, de Corsíndio Monteiro da Silva, autor de vários ensaios no campo do Direito Administrativo e consultor jurídico do Estado Maior das Forças Armadas, de Leônidas Antero de Matos, de José Jayme Ferreira de Vasconcellos, do sempre professor Lenine Campos Póvoas, isto para só ficarmos em alguns dos nomes que alcançaram o mais alto relevo na vida pública de nosso Estado.

Soe ser importante ressaltar que a presença jurídica nesta Casa de Letras se consolida a partir mesmo dos seus Patronos. Desde a figura clássica do cuiabano Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, Patrono da Cadeira 10, Professor Catedrático de Direito Civil na Faculdade de Direito de São Paulo que, ao publicar em 1859 a obra *Direito Administrativo Brasileiro*, tornou-se um dos introdutores dessa disciplina em solo pátrio; de Antônio Corrêa do Couto, Patrono da Cadeira 13, autor de *Questões de Direito*, entre outras obras; ao Patrono da Cadeira 23, Antônio Gonçalves de Carvalho que, tendo sido Juiz de Direito em Cuiabá, chegou a Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Neste momento poderia, se de tempo dispusesse, citar tantos outros ilustres confrades e confreriras que até recentemente aqui estiveram, e igualmente os daqueles que hoje conosco convivem, que realizaram ou que ainda têm a sua ação profissional centrada no campo do Direito. São os mesmos, contudo, conhecidos pelo novel acadêmico. Todavia, o dever me impõe referir-me a um de nós e, ao fazê-lo, estarei citando e homenageando a todos, e não apenas aos da área jurídica. Esse confrade nos representa com grande galhardia e mérito. Poeta e jurista, professor e magistrado, numa simbiose das mais invejáveis, trata-se de figura exemplar de intelectual e de figura humana modelar. Isto, em minha opinião, faz dele, dentre todos, o nome contemporâneo de maior relevo da cultura jurídica e literária deste Estado. Por isso, ao dizer o nome de João Antônio Neto estou homenageando a Cultura contemporânea de Mato Grosso.

O novel acadêmico exerce intensa atividade intelectual que se desdobra em três vertentes concentrarias. É ele o professor dedicado às atividades pedagógicas diárias, ele é o profissional com sua permanente atuação na banca advocatícia e é também o doutrinador, o jurista, o teórico do Direito. E é sobre esta ultima faceta que farei a digressão final.

Valério Mazzuoli vem se dedicando a sistematizar a disciplina Direitos Humanos. Em seu referenciado *Curso de Direitos Humanos* o autor demarca o seu propósito. Defende ele que o tema

seja devidamente compreendido, tanto à luz da ordem jurídica internacional quanto do nosso direito interno; que o leitor possa conhecer todos os seus instrumentos de proteção, quer de hard law ou de soft law; e que, na sua vida prática, tenha condições de manejar tais instrumentos perante o Poder Judiciário, fazendo cumprir internamente as obrigações assumidas pelo Estado brasileiro no plano internacional.

Com esse desiderato, o professor quer também que esse conhecimento crie raízes de pro atividade. Com efeito, neste caso concreto se impõe a questão: de que valerá o conhecimento se ele for somente teórico, isto é, sem que tenha repercussões na práxis cotidiana? A verdade é que poucas disciplinas jurídicas exigem uma vivencia e uma aplicação direta e imediata como a de Direitos Humanos. É que, como expressa em *Origens do Totalitarismo* a tantas vezes citada pensadora alemã Hannah Arendt, “a essência dos Direitos Humanos é o direito a ter direitos”.

Com efeito, o tema Direitos Humanos nunca foi tão atual como nos dias que correm. Em todo o mundo. No Brasil.

Não deixa de ser feliz coincidência histórica que esta Academia de Letras acolha em seu seio um respeitado estudioso dos Direitos Humanos precisamente no ano em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela ONU, completa setenta anos.

Foi em 1947 que a UNESCO pediu a vários pensadores ao redor do mundo que escrevessem sobre a sua concepção do que seriam esses Direitos. Naturalmente a ideia de que todas as pessoas compartilham garantias em comum não era nova. Creio que podemos remontar à *Magna Carta Libertatum*, de 1215, e ao *Bill of Rights*, de 1689, proclamações e conquistas consequentes das lutas contra o poder absolutista da Coroa

inglesa. Mas é certamente o pensamento dos filósofos iluministas que inspirou a *Declaração de Direitos da Virgínia*, na então colônia inglesa, e a *Declaração de Independência dos Estados Unidos*, ambas de 1776, e que foram definitivamente consagrados na *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, nos albores das jornadas gloriosas de 1789 que resultaram na Revolução Francesa. No entanto, muito embora a Carta das Nações Unidas de 1945 tenha mencionado os direitos humanos diversas vezes, tanto no preâmbulo como em vários artigos, ela não afirmava concretamente o que esses direitos significavam e muito menos existia uma explicação objetiva sobre sua universalidade. Desde um ponto de vista jurídico e filosófico não existia ainda uma concepção sistematizada a ser aplicada em todo o mundo. A grande questão era: que valores poderiam ser afirmados como comuns a povos de culturas e tradições tão distintas? O que significava afinal a expressão “direitos humanos universais”?

Daí foi um passo para a criação do *Comitê para as Bases Teóricas dos Direitos Humanos*, para o qual foram convidados estudiosos como o humanista Jacques Maritain, o filósofo norte-americano Richard Mckee e o historiador britânico Edward Hallet Carr. Em março de 1947 foi enviado um questionário a Chefes de Estado e a alguns dos intelectuais e humanistas mais importantes do mundo, entre os quais, Mohandas Gandhi, Pierre Teilhard de Chardin, Benedetto Croce, Aldous Huxley, Salvador de Madariaga solicitando-lhes que opinassem sobre o que seria uma declaração universal dos direitos do homem. O relatório do Comitê foi publicado na obra *Human Rights: Comments and Interpretations*, cuja introdução foi escrita por Jacques Maritain. Esse filósofo francês, que durante a guerra estivera exilado nos Estados Unidos, havia publicado em 1942 um livro, *Os Direitos do Homem e a Lei Natural*, que estava contribuindo para nortear os debates que sobre o tema então recomeçavam no Ocidente. A influência do pensamento de Jacques Maritain se espalhou pelo mundo e desde então várias Constituições nacionais passaram a consagrar os princípios dos Direitos Humanos. As brasileiras de 1946 e, sobretudo a de 1988 são exemplos dessa influência. Ambas foram promulgadas ao fim de períodos ditatoriais em que os direitos humanos haviam sido gravemente atingidos, quando não de todo sufocados.

Jamais se tornou tão imperiosa, como hoje, a celebração diária dos princípios fundamentais dos Direitos Humanos. Como se vivêssemos nas antevésperas das consagradas Declarações de Direitos, crescentemente é constatado o mal que o Homem pratica contra o Homem. Testemunhamos, ora perplexos ora cabisbaixos, homens e mulheres, crianças e idosos serem atingidos em seus direitos elementares a uma vida digna. Ondas imensas de fugitivos de guerras ou de perseguições de poderes cruéis e mesmo de catástrofes naturais transitam de um país a outro ou ainda dentro do próprio país. Milhões de expatriados são forçados a deslocamentos como nos informa o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Governantes corruptos a populações inteiras infligem torturas, sejam as provocadas pela fome, pelo desemprego, pela carência de um sistema de saúde eficaz, pela falta de acesso ao processo educacional, enfim, seja pela inexistência de perspectivas reais a uma vida mais digna, justa.

De sua parte, a educação sem qualidade, como os diferentes relatórios vem mostrando, não garante a inclusão social mas retroalimenta a exclusão nos tempos de uma competitividade cada vez mais acirrada e feroz. É que não podem existir fatores pedagógicos eficientes sem a estreita aliança com fortes e substanciosos elementos pertencentes ao campo cultural. Por este modo, reina em grande parte do mundo e mesmo em nosso país, e neste Estado de Mato Grosso, o drama da exclusão social e cultural, isto é, o purgatório de uma extensa comunidade sem o gozo de Direitos fundamentais elementares.

Dessas exclusões, entendo que a cultural se torna a mais dramática de todas as inexistências de direitos precisamente porque esta, ao limitar o conhecimento, o saber, aprisiona o espírito e assim destrói e rouba o futuro.

A fragilização e o empobrecimento do espaço cultural na esfera pública, fruto da crescente despolitização, gera o vazio e a indiferença no fortalecimento qualitativo da Democracia. Governantes que estão distanciados do processo cultural, que se mostram alheios ou mesmo que ignoram a sua essência ou, quando a ele correspondem, o fazem apenas como favor ou mera concessão, contribuem para que a Democracia brasileira não avance para patamares dignos de serem considerados civilizatórios. É evidente o domínio de uma estrutura política que impõe um pragmatismo servil sobre o inconsciente coletivo, que conduz ao consumo

de produtos culturais inferiores tais como a música de baixa qualidade poética e melódica, de uma literatura perdida nos desvãos da mutilação da inteligência, num indiscutível abastardamento do espírito, ainda que sob as vestes de uma agenda acadêmica, resultando enfim em uma visão empobrecida do destino superior do Homem e do Brasil. E isto pode estar gerando um perigoso e fatídico desencantamento com a Democracia, com o Humanismo.

Julgo oportuno recordar aqui um episódio marcante ocorrido há pouco mais de oitenta anos e que é bem ilustrativo do permanente embate que no decurso histórico é travado entre o Humanismo e a barbárie. Em 12 de outubro de 1936, na Universidade de Salamanca, numa Conferência comemorativa do denominado Dia da Raça, lá estavam dois antípodas: de um lado, o Reitor da Universidade, o grande filósofo, romancista, dramaturgo e poeta Don Miguel de Unamuno; do outro, o general José Milan Astray, um dos patrocinadores da extrema direita espanhola. Num clima que era cada vez mais tenso no país, e naquela sala, o general, acompanhado de um grupo, irrompe aos gritos de *“Viva la muerte. Abajo la inteligência”*. O ar gelou, o tempo parou. Unamuno recompõe-se da surpresa e sob a intensa pressão do instante recompõe o discurso e o encerra com as palavras finais de *“Este é o templo da inteligência, e eu sou seu Sumo Sacerdote. [...] Às vezes ficar calado é mentir. Vencer não é convencer, e não pode convencer o ódio que não dá lugar à compaixão”*. O grande homem saiu preso mas marcou e delimitou uma presença memorável até hoje recordada. Essa a força da cultura, da dignidade do saber, da inteligência humanística.

Senhores, Senhoras

Neste contexto é que nossa comunidade pode e deve indagar: Para que serve uma Academia de Letras? Qual o papel de um acadêmico?

Permitam-me então retornar ao nosso extraordinário Nabuco, um homem adiante de seu tempo. O que prognosticava ele para a Casa de Machado de Assis nos cabe nesta hora com muita propriedade. Dizia esse grande pensador do Brasil do século XIX, que:

o princípio vital literário que precisamos criar por meio desta Academia [...] é a responsabilidade do escritor, a consciência dos seus deveres para com sua inteligência, o dever superior da perfeição, o desprezo da reputação pela obra.

Esta Casa é, sobretudo, o templo do livro e da leitura. É verdade que não de quaisquer livros, mas do livro no sentido majestático como tão bem expressou esse grande crítico que é George Steiner, para o qual

os livros são a chave de acesso para nos tornarmos melhores. Sua capacidade de provocar essa transcendência suscitou discussões, alegorias e desconstruções sem fim. [...]. O autor deve morrer, mas suas obras sobreviverão, mais sólidas que o bronze, mais perenes que o mármore: exegi monumentum aere perennius.

É essa perenidade da obra que poderá justificar o direito de, porventura, ser denominado de Imortal, como reivindicam os membros das Academias de Letras. A imortalidade advém da duração no tempo, do respeito dos pósteros, enfim do espírito da obra. É essa perenidade, essa transcendência quase divina, que os governantes medíocres e os ditadores temem e contra ela lutam. Por isso mesmo é que, se aqueles ignoram, desprezam ou mantem no ostracismo a cultura, estes prendem, exilam ou matam os poetas, os pensadores, os filósofos, enfim os intelectuais que decidem com independência construir o próprio destino.

Vossa Senhoria, Senhor Mazzuoli, é coparticipe dessa extraordinária dimensão da experiência humana representada pelos livros. Estou convicto de que irás contribuir no mais alto grau para que reine sempre em nosso meio aquele sentimento a que a filósofa e poeta Raíssa Maritain tão bem traduziu na bela expressão de “*a alegria da inteligência*”.

Dou-lhe, pois, em meu nome e no de nossas confreiras e confrades, boas vindas. As portas deste multissecular casarão estão abertas e os nossos braços estendidos num sentimento de entusiástica e respeitosa acolhida. Que a vida aqui lhe seja proveitosa e longa. Diz-n0s o Eclesiastes que

Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus. Tempo para demolir e tempo para construir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para plantar e tempo para arrancar o que foi plantado. Tempo para calar e tempo para falar. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz.

Que nesta Casa a contribuição de Vossa Senhoria seja sempre para construir, para rir, para plantar, para calar e falar, para amar, para a Paz.

Sede bem vindo nobre acadêmico Valério Oliveira Mazzuoli.

Discurso de Posse

Valério de Oliveira Mazzuoli

Deus (...) há de retribuir a cada um segundo as suas obras. É o que se lê no Capítulo 2, Versículo 6, da Epístola de São Paulo Apóstolo aos Romanos. Certo que as obras de cada um vêm à luz pelo que se faz. Porém, a retribuição – boa ou ruim, maior ou menor – pelo que se fez está fora de nosso alcance. Somente o Julgador Único de todas as nossas atitudes é capaz de retribuir a cada qual segundo as suas realizações. E, quando a retribuição nos chega, há que agradecer.

A seguir a profecia bíblica, sinto que uma das recompensas de uma vida de trabalho e dedicação às letras jurídicas me está sendo hoje atribuída, ao tomar posse na Cadeira nº 36 desta Academia Mato-Grossense de Letras, esta que tem como Patrono Pedro Trouy, e teve, como último ocupante, José Couto Vieira Pontes. Este momento, portanto, para mim, tem o significado de uma retribuição de Deus àquilo que me dediquei fazer nesta vida, que é escrever e ensinar; conota a emoção de ser agraciado do Alto pelo propósito interior, que sempre tive, de oferecer o melhor de mim na labuta diária de erudir. Enfim, me sinto abençoado por ter sido escolhido, pelos pares desta Casa, sob a direção de Deus, para ocupar a Cadeira nº 36 desta Academia Mato-Grossense de Letras.

Outra alegria que me toma neste momento, devo dizer, diz respeito ao tempo, o senhor e sabedor de todas as coisas. Aqui me refiro ao tempo em seu sentido existencial, aquele que percorre qualquer existência, e que, ligado ao contabilizar dos anos, marca alguém em “velho” ou “novo”. Nesse sentido existencial é que me alegro, então, por saber que neste contabilizar de anos me torno, agora, na formação presente desta Casa, o seu mais jovem membro; o mais novo entre todos os que aqui estão e fazem parte; para ser matematicamente mais claro, o que menos idade tem entre os seus pares. Assim, a minha alegria agora é redobrada, por saber que fui o eleito pela Casa Barão de Melgaço para dela ser o seu membro temporalmente mais jovem, o seu membro, como sói dizer, *caçula*.

Com a soma desses dois fatores, a profecia e o tempo, é que agora me somo aos nomes de ontem e de hoje que fizeram e fazem a cultura desta

terra aqui na Casa Barão de Melgaço. Cultura essa que não é perfeita, é certo; que leva consigo suas idiossincrasias, como todos sabem; que denota, muitas vezes, raciocínios díspares de uma mesma realidade, dissipada por visões em tudo dissonantes. Seja como for, certo é que a cultura (em grifo) é berço esplêndido da intelectualidade, e a intelectualidade há de ter teto em todos os lugares, sendo ele, aqui, este que nos acoberta, e que, doravante, passa a ser também para mim moradia.

Devo registrar que a semente desta plantação, hoje frondosa em dia de colheita, foi em mim semeada desde o dia em que aqui aportei, em 2 de janeiro de 2005, quando o Acadêmico Luiz Orione Neto suscitou a propositura de uma candidatura a esta Casa. Não havia, desde então, porém, de minha parte, um sentimento certo de também estar no momento oportuno para que assim fosse. Mas o tempo passou e a semente germinou. E vingou. Como se não bastasse, o desabrochar de novas flores em meu caminho guiou-me até aqui, para que, agora, este momento se concretizasse. Uma dessas flores que em minha caminhada neste Estado apareceu tem por nome Amini Haddad Campos. Poderiam todos imaginar quando, em solo árido, nasce bela flor em meio ao deserto? No meu deserto apareceu Amini, esplendorosa, altiva e de pétalas em forma de coração, daquelas que se deve regar todos os dias, sem cansaço. Assim foi (e tem sido) a amizade verdadeira que tenho por esta Acadêmica da Casa Barão – Amini Haddad Campos – e por toda a sua família. Foram o seu compromisso, o seu desprendimento e o seu grande coração os responsáveis talvez maiores por este momento, hoje plenamente realizado. Não poderia, porém, deixar de dizer que a estes dois Acadêmicos – Luiz Orione Neto e Amini Haddad Campos – soma-se outro: Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, que em longos anos de amizade tem me brindado com verdadeira parceria e irmandade, notadamente por comungarmos de iguais valores, dentre eles o da ética e o da honradez.

Os traços e laços de amizade que acabo de expor são muito importantes para compreender a importância de pertencer a um ambiente amigo, acolhedor e igualitário; a um ambiente em que se leva a sério o saber, em seus mais variados campos; e em que, mesmo com diferenças, se respeita e se faz respeitar o que majoritariamente estabelecido, à base do princípio democrático. Não há outra maneira de viver junto, de conviver, se não for assim, acolhendo o outro como o irmão que chega à família a

destempo. E assim estou sendo acolhido por estes pares, que, doravante, me serão confrades e confreriras até o final dos nossos dias.

O ingresso nesta Casa, porém, não pode passar alheio a algumas reflexões, necessárias para a compreensão do momento pelo qual passa a Casa Barão de Melgaço e, especificamente, daquilo que pode representar o meu ingresso neste Sodalício.

O que dizer, assim, de outro – não sou o primeiro! – jurista em uma Academia de Letras? Por sua vez, o que são “letras” para o fim de concorrer a uma vaga em uma Academia de Letras? Seriam tais letras apenas as letras da literatura ou ficcionistas? Ou também poderiam ser as letras jurídicas, as letras históricas, as letras médicas, as letras econômicas, as letras filosóficas, e assim por diante?

Para a compreensão desse tema, começaria eu relembrando o grande jurista alagoano Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, o mais brilhante dentre os juristas brasileiros, que, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 15 de maio de 1979, assim pontificou:

“Letras”, no nome da Academia Brasileira, nunca foi somente a propósito de poesia, contos, novelas, romances e crônicas. Aqui estiveram Osvaldo Cruz, Santos Dumont e outros. A Academia exerceu e exerce a sua grande missão e temos de estar atentos ao que ela fez e ao que a ela deve à cultura brasileira e mundial.

Aqui nesta Casa, por seu turno, assim também se expressou o Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, segundo ocupante da Cadeira nº 33 deste Sodalício, em seu discurso de recepção do Acadêmico Satyro Benedicto de Oliveira, dizendo:

As Academias – a não ser o caso de algumas expressas exceções – não se denominam Academias de Literatura, mas sim de Letras, o que nos revela que devam acolher poetas, prosadores, literatos de todos os matizes, inclusive os que se ocupam da literatura jurídica ou médica, todos os que lavram a seara das letras, todos os que, enfim, convivem no mundo da intelectualidade.

Como se não bastasse, também o Acadêmico Luiz Orione Neto, em seu discurso de posse nesta Academia, observou “que reina por aí, na opinião de alguns, uma ideia de que nas Academias só deveriam entrar literatos, como tais entendidos romancistas ou poetas”, o que, na sua abalizada opinião, não é “uma visão correta do fato”, tanto que “outro não foi o entendimento dos franceses ao darem ao seu mais alto cenáculo de

cultura o simples e abrangente título de Academia Francesa, sem qualquer restritivo”.¹

Não foram poucos os juristas que aportaram nesta Casa até hoje. Sim, juristas. Juristas são os que têm obras jurídicas publicadas, obras de quilate, de envergadura, de ciência jurídica pura. Sem ser juristas, há também os meros “operadores do direito”, aqueles sem qualquer veia acadêmico-científica, que atuam, v.g., na prática da advocacia. Certo é que os primeiros – os juristas – são verdadeiros escritores e contribuem para com a ciência jurídica, tendo, portanto, lugar cativo nas Academias de Letras (veja-se, v.g., quantos juristas já assentaram à Academia Brasileira de Letras); os segundos, por sua vez, são os práticos, os do dia-a-dia forense, de que a sociedade, não há dúvidas, necessita, mas não as agremiações literárias. Que não se confundam as coisas, portanto.

Juristas são os que têm plus sobre os meros operadores do direito, sendo, portanto, letrados em sua área de especialidade. E, nesse sentido, é alentador perceber que a Casa Barão de Melgaço não tem feito acepção a tais escritores e às suas letras; não tem distinguido as “letras”, quaisquer que sejam. Em suma, a Academia tem demonstrado que tem honrado a tradição da Casa na escolha límpida de seus membros, com critérios objetivos e à base da meritocracia, como efetivamente há de ser. O meu “viva”, aqui, às letras jurídicas!

Ilustres confrades e confreiras! O que se acaba de expor é verdade inexorável, evidente, de todo clara, incontestável. Ora, letras são letras. Só os incultos para não perceber essa evidência solar. Pensar diferente é faca sem gume, que não corta; provém de quem só tem da realidade uma notícia anedótica, de oitiva, por ouvir falsos profetas. As letras devem dialogar entre si e não emudecer-se umas com as outras, com respeito mútuo. Se nós, juristas, respeitamos e exaltamos as letras e a ficção, porque também não ser respeitados e exaltados por elas? Os ficcionistas não valorizam a igualdade, senão apenas a sua própria realidade? Desse mal, senhoras e senhores, não padecemos nas Ciências Jurídicas, berço definitivo da Justiça. Ora, não é esta uma Academia de Literatura, tampouco uma Academia de História, uma Academia de Medicina, de Economia, de Filosofia, de Artes ou, enfim, de Direito. Esta Casa é uma Academia em sentido lato, que

1 Trecho em: Freire, Nilza Queiróz; Siqueira, Elizabeth Madureira & Pinto, Gislaíne Figueiredo Pissurno Motta (Orgs.). *90 anos da Academia Mato-Grossense de Letras (1921-2011)*. Cuiabá: AML, 2011, p. 124.

congrega todos os variados ramos do conhecimento, de todas as ciências, dentre as quais, sempre estiveram (e sempre estarão!) as Ciências Jurídicas. Sempre estarão! Por quê? Porque as letras jurídicas salvam-nos das injustiças, atribuem-nos direitos, fazem-nos compreender o que não pode o Estado – ou o Poder Público em geral – fazer contra o povo; nos afastam das violações de direitos e nos protegem contra arbitrariedades; nos fazem mais justos e mais valorosos, ampliando, portanto, a cidadania em favor de todos. Essa a tese que levo comigo desde o momento em que me inscrevi – com a inscrição nº 1 do pleito – para disputar a eleição da qual, ao final, sagrei-me vencedor. E assim me manterei, firme no propósito de que não se faz, absolutamente, necessário embrenhar-nos em outras vertentes do conhecimento apenas a título de alegoria.

Mantenhamo-nos retos, firmes e consistentes fazendo aquilo que Deus nos atribuiu, pois o dia é curto e a tarefa a cumprir é vasta.² Há de trabalhar muito para edificar o imóvel do conhecimento – *jurídico*, no meu caso – e ter por ampliada, junto às demais áreas do conhecimento humano, a sonhada *civitas maxima*. Utopia? Sim, e todos aqui, sem exceção, são utópicos. Não seriam Acadêmicos se assim não fosse. De fato, enquanto uns acreditam poder salvar a Pátria da miséria do conhecimento, outros creem fomentar o avançar da cultura e das artes; sem contar os que, negacionistas, se veem apenas navegando nas longínquas águas de seu delírio poético. Tudo isso brilha, no entanto. E como seria enfadonha – *ennuyeux*, para falar como os franceses – uma Academia de Letras se assim não fosse; se não se acreditasse, cada um, *per se*, que se pode navegar ultramar, que se pode ir ao infinito, que se pode salvar o mundo? Certo que as Ciências Jurídicas, da qual sou aqui um dos representantes, são bem mais *finitas* e *limitadas* que o espaço cósmico em que navega a ficção. Porém, têm solidez concreta que atinge, também concretamente, a vida cotidiana de todos, inclusos os romancistas e poetas. Trata-se, exatamente, do caso de amor conhecido como “os opostos se atraem”. Nós, juristas, nos atraímos pelas demais áreas do conhecimento, ainda que a recíproca, muitas vezes, não seja verdadeira. De minha parte, não tenho dúvidas: me enamoro pela arte do outro; me apaixono por quem oferece algo a mim – o prazer poético, por exemplo – que não logro dar em recíproca; e amo, em profundidade, as artes *lato sensu* que complementam a minha existência, sobretudo a arte musical.

2 V. A *Ética dos Pais*, Cap. 2, Mishná 20.

É, em suma, com esse espírito, nobres pares Acadêmicos, que venho aqui hoje, e tomo posse como terceiro ocupante da Cadeira nº 36 desta Academia de Letras, iniciada pelo jurista Pedro Trouy, seu patrono, e agora ocupada por mim. Nela, colaborarei com os senhores, com suas necessidades, com suas demandas e com o que se fizer necessário. O meu espírito – os que me conhecem sabem – é abertíssimo, leve, acolhedor. E também assim ingresso hoje aqui, com essa mesma natureza e com esse mesmo propósito. Passarei a amá-los e, assim, a também (espero) ser por vocês amado.

Senhoras e Senhores!

Ao ingressar como Acadêmico na Casa Barão de Melgaço, tem-se uma grande responsabilidade, notadamente a de não cometer os *três pecados* apontados por Nilza Queiróz Freire em sua crônica “Trinômio de Pecados”, publicada em *Crônicas da Cidade Verde*. Ali, a Acadêmica – ocupante da Cadeira nº 14 desta Casa – nos faz refletir sobre a prática do pecado em função do trinômio pensamento, palavras e obras. Sobre o pensamento, preocupa-se a autora com quem o dirige para o mal, sabedora que é das penitências que recebem (de Deus) aqueles que assim o produzem. Quanto à palavra, diz a autora ser a nossa língua – aquela, literalmente, que temos dentro da boca – a responsável pelo que falamos, principalmente quando se coloca “um sapicuá no ombro e distribuímos os defeitos dos outros na frente e os nossos, atrás”. E, quanto às obras, a reflexão direciona-se às nossas ações diuturnas, aquelas que não crescem nada sobre nada, por ser fácil a crítica, mas difícil a realização. O incômodo de Nilza Freire com o que se faz em termos de ações chega ao ponto do seu desabafo de que “[é] muito fácil criticar, mas não é fácil fazer”, e, justamente por ser assim, “a posição mais cômoda será aquela de não fazer nada e pôr defeito em quem realiza alguma coisa”.³

Haveria algum desses pecados, aqui, na Casa Barão de Melgaço? Ou todos eles? Penso que todos e mais alguns. Ora, se pecar não fosse humano – e todos aqui, ao que parece, o somos – se estaria já em outro plano, no plano do não-humano, aquele (ainda) desconhecido e que um dia cada qual, sem exceção, haverá de fazer visita.

3 Freire, Nilza Queiróz. *Crônicas da cidade verde*. Cuiabá: Gibim, 2005, p. 193-194.

Pretendo com isso dizer que não obstante as tentações e os pecados rondarem qualquer grupo que se associe, certo é que se deve sempre tentar reduzi-los, amenizá-los, focando as atividades de cada qual naquilo para o que verdadeiramente a agremiação se destina; para o que ela espera de nós na condição de representantes da intelectualidade deste nosso entorno geográfico. Daí porque este Sodalício não é lugar para o baixo, para o raso, para a falta de respeito e para a falta de ética e de moral. É lugar de intelectualidade, de alto nível cultural, de postura, de altivez, de soberania acadêmica. É um lugar de tradição. Não é lugar, em suma, para nada que desse propósito se desligue; para nada que fuja à regra dos costumes e das tradições da Casa; para o que traz vergonha e não orgulho aos seus pares e à sociedade.

Devemos, portanto, seguir firmes no que recomendou Dom Francisco de Aquino Corrêa – este imenso intelectual e político mato-grossense, o mais jovem sacerdote brasileiro a ascender, à época, ao Episcopado, e que também teve assento na prestigiosa Academia Brasileira de Letras – em seu discurso inaugural deste então Centro Mato-Grossense de Letras, hoje Academia Mato-Grossense de Letras, em 7 de setembro de 1921, quando corretamente pontificou:

Bem inspirado nestes princípios, o Centro Mato-Grossense de Letras se propõe a fazer uma literatura que não só respeite a moral, mas a edifique, exalte o sublime.

Nosso fim é cultivar as belas letras, que tão sugestivamente são também chamadas boas letras.

Não queremos a literatura das pornografias, que desvirginam a pureza dos sentimentos e afrouxam a integridade dos caracteres, desencadeando, a miúdo, sobre a família e a sociedade, os mais tremendos infortúnios.

O divo poeta (...) em todos os países cultos, Dante Alighieri estigmatizou admiravelmente, com ferro em brasa, num simples decassílabo do seu Inferno, todo o mal das literaturas passionais e corruptas.⁴

É exatamente assim, Senhoras e Senhores, que se há de portar numa Academia de Letras, não de outra forma. Não falo, evidentemente, pelos pares, mas por mim mesmo. Há que transformar as letras em algo

4 Texto em: Freire, Nilza Queiróz; Siqueira, Elizabeth Madureira & Pinto, Gislaíne Figueiredo Pissurno Motta (Orgs.). *90 anos da Academia Mato-Grossense de Letras (1921-2011)*. Cuiabá: AML, 2011, p. 31.

edificante, sublime; em literatura íntegra, de alto nível, construtiva, e que possa, sem dúvida, entregar à sociedade o que ela espera da Academia.

A seguir a tradição, esta é uma Academia *una*, de corpo *modelar*, com caracteres, sim, diversificados no âmbito científico e pessoal, mas *unidos* por um só propósito no plano acadêmico. É a unidade externa formada pela multiplicidade interna. É a maravilha do saber congregado, integrado, unido e de braços abertos à sociedade. É a mágica da família que se tem por adoção, senão desligada por laços sanguíneos, mas agremiada por afinidades linguísticas e culturais. É o que transforma esta Casa em “A-ca-de-mi-a”, tal a fundada por Platão nos jardins de Akademos, onde o saber era auferido pelo questionamento e pelo debate, ideia posteriormente (1620-1630) implantada em França, que a consolidou como a mãe das agremiações literárias, a Académie Française.

Diante desse quadro que acabei de expor, tenho por certo pretender afastar os referidos pecados e implementar, como há de ser, literatura edificante e culta doravante aqui, num ambiente *em coro*, que entoia em uníssimo os valores culturais mais caros a uma Casa deste quilate. De minha parte, espero ser este o ambiente que encontrarei aqui, com confrades e confreriras do mais alto nível moral e intelectual, de espírito agregador, inclusivo e, porque não, feliz.

Senhoras e Senhores!

A Cadeira nº 36 da Casa Barão de Melgaço, que assumo hoje, pertenceu a três personalidades anteriores, com seu Patrono e dois Acadêmicos subsequentes. É cadeira, vê-se, longeva, de pouquíssimos ocupantes, todos legítimos mato-grossenses. Apenas eu, por então, quebro parcialmente essa cadeia da terra. Digo parcialmente porque, se não sou mato-grossense *jus soli*, sou mato-grossense por Decreto: recebi, em 23 de novembro de 2006, o título de Cidadão Mato-Grossense da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, o que também, de certa maneira, me introduz na corrente de pertencentes a este querido Estado. E, mesmo que assim não fosse, certo é que o meu coração, sem abandonar o meu Estado de São Paulo e a minha cidade natal, Presidente Prudente, se sente, também, mato-grossense, se não por nascimento, por adoção.

Falemos, pois, dos ocupantes da Cadeira nº 36 deste Sodalício.⁵ E, desde já, frise-se tratar-se de um assento, sobretudo, jurídico desta Academia de Letras. De fato, o seu Patrono, Pedro Trouy, nascido em Cáceres em 6 de junho de 1872, era ligado à cena jurídica da época, tendo sido Promotor de Justiça em Santo Antônio de Leverger. Ainda que seja despropositado falar em “cadeira literária”, “cadeira poética”, “cadeira da histórica” e “cadeira jurídica”, certo é que, a mim, em especial, causa conforto ocupar uma Cadeira em que o seu Patrono era também Bacharel em Ciências Jurídicas. Pedro Trouy, além de Promotor de Justiça, foi também jornalista, e colaborou nos periódicos de Cáceres durante algum tempo, tendo sido também fundador de *O Argos*, na hoje sul-mato-grossense Corumbá, escrevendo nos jornais *O Democratas* e *O Tiradentes*. Na política, entre o final do século XIX e início do século XX, foi eleito Deputado Estadual, durante o governo de Antônio Paes de Barros. No Relatório da Justiça de 1920, apresentado ao Exmo. Presidente do Estado de Mato Grosso, Dom Francisco de Aquino Corrêa, pelo Procurador-Geral do Estado, Dr. José Barnabé de Mesquita, também Acadêmico desta Casa, lê-se que “[o] cargo de Promotor da Justiça de Sant’Antonio do Rio Abaixo vem sendo exercido desde 14 de Julho de 1916 pelo advogado Pedro Trouy, que se vai havendo com louvável zelo no cumprimento das suas atribuições”. Dentre as suas obras, destaca-se o soneto *No campo*, que se transcreve:

No campo

*Fulge o sol da manhã. Pela chapada
trina alegre a japuira no arvored.
E de orvalho banhado, altivo e led,
muge um touro, escarvando na quebrada.*

5 Sobre o tema, cf. Freire, Nilza Queiróz; Siqueira, Elizabeth Madureira & Pinto, Gislaine Figueiredo Pissurno Motta (Orgs.). *90 anos da Academia Mato-Grossense de Letras (1921-2011)*. Cuiabá: AML, 2011, p. 139.

*Dos vaqueiros a turma, sobre a estrada,
de manso vem marchando, e o passaredo,
que na alfombra brincava, vai com medo
pousar no coqueiral na fronde alçada.*

*Cantarolando ao eco, mais adiante
no cercado da estância, loiro infante
encaminha o rebanho até o curral.*

*No rio um pescador vaga indolente;
no entanto jorra o sol indiferente
catadupas de luz no Pantanal!*

Não obstante intelectual, jurista e também político, Pedro Trouy, no entanto, deixou pouquíssima produção literária, como destacou o historiador Rubens de Mendonça na obra *História da literatura mato-grossense*, ao dizer que “esse fenômeno se observa com os poetas de Mato Grosso, dada a dificuldade de publicação”, complementando que “[a] impressão de um livro, em Cuiabá, constitui, no dizer de José de Mesquita, uma das formas modernas de heroísmo”.⁶ Trouy faleceu em Santo Antônio de Leverger em 25 de setembro de 1927. Depois de Trouy, o primeiro ocupante desta Cadeira foi o Acadêmico Luís Feitosa Rodrigues, nascido em Corumbá em 25 de agosto de 1889. Foi marítimo até o ingresso no magistério, profissão da qual mais se dedicou, tendo sido também Secretário Municipal de Corumbá em várias administrações. Do seu legado à Academia registra-se a elaboração da letra e música do Hino Municipal de Corumbá. Publicou, também, livros de poesias e ajudou a fundar a Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária em Corumbá. Dentre os seus livros, destacam-se *Inspirações* (1936) e *Devaneios* (1952). Alceste de Castro disse, certa feita, que a poesia de Luís Feitosa “é uma poesia cinzelada, sutil, é o lírio num jarro antigo, um camafeu com silhuetas gregas”, e que “ora panteísta, ora místico, seus versos têm a opalescência dos poentes outonais, róseos e plúmbeos, e asas de aves batendo compassadas e sinos plangentes em campanários de lírios”.⁷ O

6 Mendonça, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. 2. ed. especial. Cáceres: Ed. Unemat, 2015, p. 38.

7 Mendonça, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. 2. ed. especial. Cáceres: Ed. Unemat, 2015, p. 128.

Acadêmico faleceu em Corumbá no ano de 1970. Por fim, o segundo e último ocupante da Cadeira nº 36 deste Sodalício foi José Couto Vieira Pontes, nascido na hoje sul-mato-grossense Três Lagoas, em 10 de maio de 1933. Também jurista, foi durante muitos anos advogado e professor da então Faculdade de Direito de Campo Grande. Foi, ademais, o primeiro Procurador-Geral do Estado de Mato Grosso do Sul, depois da divisão do Estado, além de Magistrado aposentado. O Acadêmico também eterniza a Cadeira nº 11 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Dentre as suas publicações se destacam: *Deste lado do horizonte (Contos)*; *Jorge Luís Borges, a erudição e os espelhos*; *História da literatura sul-matogrossense*; *Do diário de Cândido Hambre Del Calabozo*; *A casa dos ofendículos* e *Os vinte anos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*. Assim, também o meu antecessor na Cadeira nº 36 desta Casa me traz grande felicidade, pois também talhado no universo jurídico, este que sempre teve assento neste Sodalício, e que, agora, também me recebe de braços abertos.

Senhoras e Senhores!

É chegado o momento em que pretendo prestar contas à sociedade mato-grossense do que realizei nesta terra desde o dia em que aqui aportei, há mais de treze anos, em 2 de janeiro de 2005. Já Mestre em Direito (desde 2003) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, *campus* de Franca, e já com uma dezena de livros jurídicos publicados, nas áreas do Direito Internacional e dos Direitos Humanos, em Cuiabá pisei a convite do Acadêmico Luiz Orione Neto, para que eu coordenasse os cursos de pós-graduação da Escola Superior de Direito de Mato Grosso, que foi, durante muito tempo neste Estado, berço exuberante de cultura jurídica e de ensino do Direito. Aqui cheguei de coração aberto. À primeira vista, me encantei com Mato Grosso e seu povo, com Cuiabá e sua gente, e em pouco tempo eu já tinha aqui número de amigos maior do que logrei fazer em minha própria terra natal, Presidente Prudente. Como não me apaixonar por Mato Grosso e por Cuiabá?

A par das atividades na ESUD, conheci alguém especial em minha vida, a Desembargadora Shelma Lombardi de Kato, que, num café da tarde, me abriu os olhos para a Universidade Federal de Mato Grosso, instituição da qual sou hoje Professor-Associado e ingressei, em meados de 2008, em primeiro lugar, no concurso de provas e títulos de ingresso na

carreira do magistério do ensino superior. Naquele mesmo ano de 2008, no mês de novembro, concluí o meu Doutorado em Direito Internacional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, para onde ia semanalmente, com longas conexões aéreas, retornando no meio da semana para Cuiabá. Tempos que só quem passou sabe da dificuldade. Mas valeu a pena. Na UFRGS, com banca de altíssimo nível, fui aprovado no Programa de Doutorado em Direito com a nota máxima (nota 10,0) *summa cum laude*, com a tese (nome comercial) *Tratados Internacionais de Direitos Humanos e Direito Interno*, publicada pela Editora Saraiva (em 2010). Tornei-me, então, na UFMT, Professor-Adjunto, em razão do título de Doutor.

Em meados de 2009, recebi da então Diretora da Faculdade de Direito da UFMT, a diletta amiga Beatrice Maria Pedroso da Silva, a incumbência de elaborar, sozinho, o Projeto do Programa de Mestrado em Direito da UFMT. Após um ano de solitário trabalho, apresentei-o à Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade, na gestão da então Pró-Reitora Leny Caselli Anzai, tendo o Projeto subido ao Ministério da Educação, em Brasília. Em poucos meses, recebo um telefonema da Capital Federal a informar que o Projeto de Mestrado em Direito da UFMT fora aprovado sem qualquer ressalva e, o que é raro, de vez primeira. Assim nasceu, então, a nossa pós-graduação *stricto sensu* em Direito da UFMT, com hoje inúmeros Mestres formados e já no mercado de trabalho, lecionando e atuando como pesquisadores em todo o Brasil. Muitos deles, para a minha alegria e honra, estão neste plenário hoje, acompanhando esta sessão solene de posse! Na Universidade Federal de Mato Grosso tenho liderado um Grupo de Pesquisas, nominado Grupo de Estudos de Direito Internacional Público – GEDIP, que é hoje responsável por formar estudantes para a diplomacia e a advocacia internacional. Com mais de dez anos de atividade, o Grupo – formado exclusivamente por estudantes de graduação – já conquistou medalhas nacionais e internacionais. Fizemos várias viagens pelo Brasil e para os Estados Unidos, nas competições da *American University*. Esses jovens, hoje também aqui presentes, são o meu orgulho e a minha alegria!

Efetivamente, a Faculdade de Direito da UFMT é a minha *mater* de produção científica. É nesse ambiente que tenho escrito os meus livros mais recentes. É certo que dos meus quase trinta livros publicados, muitos vieram antes do ingresso na Universidade Federal, iniciados ainda em Presidente Prudente, no interior do Estado de São Paulo, onde me formei em Direito.

Contudo, foi na UFMT que as obras de maturidade foram produzidas e atualizadas, bem assim as que me levaram a ser referência constante nos julgamentos do Supremo Tribunal Federal, Superior Tribunal de Justiça, Tribunal Superior do Trabalho, Tribunal Superior Eleitoral e Superior Tribunal Militar. São esses os cinco tribunais superiores brasileiros, e neles todos a minha doutrina tem sido, graças a Deus, referência, notadamente quando as discussões recaem sobre o controle de convencionalidade das leis e a aplicação dos tratados internacionais de direitos humanos no Brasil. Dentre as obras referidas, destacam-se o meu *Curso de direito internacional público* (hoje na 12ª edição pela Editora Forense) e o meu *Curso de direitos humanos* (hoje na 6ª edição, também pela Editora Forense).

Essa é uma contribuição que, penso, dou para o Estado de Mato Grosso, no sentido de levar um saber desenhado e trabalhado na Universidade Federal do nosso Estado para todo o Brasil. E assim permanecerei, enquanto força tiver – e espero ainda ter muita! – para jamais abandonar o trabalho duro de fazer ciência jurídica no Brasil, notadamente no momento atual de obras cada vez mais compactas, simplificadas e sem conteúdo de nível qualificado. Outrossim, tenho uma predileção pelos estudantes. E eles sabem disso. Não há turma na Universidade em que não ganho amigos, que frequentam o meu escritório e a minha casa, que passam tardes e tardes comigo a elaborar projetos, a fazer pesquisas, a organizar eventos, simpósios, conferências e tudo quanto a sua infinita vontade ordenar. A minha vida acadêmica não teria qualquer significado sem esses estudantes, sem vocês, que aqui estão e me acompanham há tanto tempo. O que mais eu poderia precisar, nesta solenidade de posse, se houvesse apenas a presença de vocês aqui? Mais do que um “imortal” Acadêmico, quero, mais verdadeiramente, ser imortal no coração de cada qual, que luta e trabalha comigo para os propósitos aos quais nos dedicamos.

Por outro lado, penso ter contribuído nacionalmente com teorias jurídicas que, até então, jamais foram desenvolvidas no País. Uma delas é a já referida doutrina do controle jurisdicional da convencionalidade das leis.⁸ Hoje a minha ideia dos controles difuso e concentrado de convencionalidade é tomada por toda a doutrina (internacionalista e constitucionalista) nacional e também estrangeira (sobretudo, em

8 Mazzuoli, Valerio de Oliveira. *Controle jurisdicional da convencionalidade das leis*. 5. ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

Portugal). Também, na jurisprudência dos tribunais superiores brasileiros, como já antes referi, a tese encontrou lugar seguro de aplicação prática, por disponibilizar à grande e carente massa popular novos mecanismos de garantia de seus direitos internacionalmente protegidos. Disso têm sido exemplo as inúmeras decisões da Justiça do Trabalho a garantir aos trabalhadores brasileiros direitos não encontráveis no ordenamento interno, mas previstos em convenções internacionais da Organização Internacional do Trabalho, as quais – pelo exercício do controle de convencionalidade das leis – têm prevalecido às normas domésticas quando mais benéficas aos direitos dos trabalhadores. Do outro lado do caminho – do lado, agora, do Direito Internacional Privado – também tenho, penso, contribuído para com as Ciências Jurídicas nacionais, notadamente quando me lancei, há alguns anos, à tarefa de reescrever o Direito Internacional Privado brasileiro, até então mal organizado nos compêndios doutrinários e confusamente aplicado pelo Poder Judiciário. Foi quando, então, lancei, pela Editora Forense, o meu *Curso de direito internacional privado* (agora em 4ª edição).⁹

Em suma, senhoras e senhores, espero ter podido mostrar-lhes um pouco do trabalho que tenho realizado na docência e nas letras jurídicas e, assim, poder agregar todas essas atividades também para os propósitos desta Academia, que deve estar aberta à sociedade e aos estudantes de todos os níveis. Nesse sentido, fico feliz, sobretudo, porque aqui entre meus pares também se fazem presentes professores de *escol*, dos mais variados ramos do conhecimento. Por sua vez, a Faculdade de Direito da UFMT sempre se fez presente nesta Casa, com inúmeros docentes que por aqui passaram ao longo dos anos. E, agora, das 40 cadeiras deste Sodalício, temos três cadeiras ocupadas por *atuais* professores da nossa Faculdade de Direito: este novel ocupante da Cadeira nº 36 e os Acadêmicos Amini Haddad Campos e Luiz Orione Neto. E ainda, para a nossa felicidade, temos aqui professores aposentados da Faculdade de Direito da UFMT e integrantes atuais desta Casa: os Acadêmicos João Antonio Neto, Benedito Pereira do Nascimento, Benedito Pedro Dorileo (este foi Vice-Reitor e Reitor da Universidade) e José Ferreira de Freitas. Sete, portanto, é o número de docentes da nossa Faculdade de Direito neste Sodalício (quase 20% de seus 40 membros)

⁹ Mazzuoli, Valerio de Oliveira. *Curso de direito internacional privado*. 3ª ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

a demonstrar a tradição da Casa Barão de Melgaço no acolhimento dos docentes-juristas da nossa Faculdade de Direito.

Senhoras e Senhores!

Estou rumo ao término. Com alegria e com o coração aberto estou aqui diante de todos a dizer da minha predileção pelas letras jurídicas e do meu amor ao ambiente acadêmico. Aqui me coloco, agora, como um operário da sociedade mato-grossense, esta que me acolheu com braços maternos e me cuida com a amizade deste povo que, para mim, tem muito de especial. Não sou o primeiro nem o único forasteiro a ingressar nesta Casa. Mas uma certeza tenho: a de que apenas os que têm mérito e valor, venham de onde vierem, têm para si as portas abertas desde lugar; têm o aval da sociedade em que vive para de sua mais ilustre Casa de Cultura fazer parte; têm autorização para se embrenhar no meio cultural deste lindo povo, que transborda cultura e tradição em cada olhar e em cada gesto; podem, enfim, andar nas ruas históricas desta Capital e ser reconhecidos como parte delas.

Este aval que me dão, vocês, povo mato-grossense, será honrado e mantido, com todas as minhas forças e enquanto eu estiver aqui. De lembrar que quando Lisboa pretendeu ser francesa, o cancionero português, na voz inesquecível de Amália Rodrigues, reagiu:

*Não namores os franceses
Menina, Lisboa,
Portugal é meigo às vezes
Mas certas coisas não perdoa*

*Vê-te bem no espelho
Desse honrado velho
Que o seu belo exemplo atrai*

*Vai, segue o seu leal conselho
Não dês desgostos ao teu pai*

*Lisboa, não sejas francesa
Com toda a certeza
Não vais ser feliz*

*Lisboa, que ideia daninha
Vaidosa, alfacinha,
Casar com Paris*

*Lisboa, tens cá namorados
Que dizem, coitados,
Com as almas na voz*

*Lisboa, não sejas francesa
Tu és portuguesa
Tu és só pra nós*

Assim não só é Portugal, como também aqui. Que se siga firme, então, na fidelidade que se tem de ter com aqueles que nos acolhem, sem dar quaisquer desgostos a esse pai tão generoso.

E por falar em fidelidade, certo é que se hoje estou aqui é porque recebi o incentivo de vários Acadêmicos e amigos, alguns dos quais nunca tive, até então, contato pessoal e que, depois, tornaram-se próximos e amigos. Pretendo aqui nominá-los – além dos outros que já nomeiei no decorrer deste discurso – sabedor do risco de me esquecer de alguém, pelo que, desde já, me escuso. Muito estímulo e carinho (por ordem alfabética) recebi de Avelino Tavares (Acadêmico), Benedito Pedro Dorileo (Acadêmico e ex-Reitor da UFMT), Benedito Pereira do Nascimento (Acadêmico e Desembargador aposentado do TJMT), Elizabeth Madureira Siqueira (Acadêmica e professora aposentada da UFMT), Fernando Tadeu Miranda Borges (Acadêmico e professor da UFMT), Francisco Leal de Queiroz (Acadêmico, Político e Jurista), Germano Aleixo Filho (Professor aposentado da UFMT), Gilmar Ferreira Mendes (Acadêmico e Ministro do Supremo Tribunal Federal), Guiomar Teodoro Borges (Desembargador), Jane de Sousa Melo (Tenente-coronel da PM-MT), João Batista de Almeida (Acadêmico e Procurador de Justiça de Mato Grosso), José Carlos de Oliveira Robaldo (Procurador de Justiça aposentado de Mato Grosso do Sul), José Cidalino Carrara (Acadêmico e Jornalista), Lauristela Guimarães (Empresária), Letícia Lígia de Barros (servidora do TJMT), Lourival Ribeiro Filho (Advogado), Lucinda Nogueira Persona (Acadêmica e professora aposentada da UFMT), Márcio Vidal (Desembargador e professor

aposentado da UFMT), Marcos Prado de Albuquerque (Professor da UFMT), Moisés Martins (Acadêmico), Nilza Queiróz Freire (Acadêmica), Odoni Gröhs (Acadêmico e Médico), Rita Luísa de Castro (Fotógrafa), Roberto Nunes (ex-Vereador em Cuiabá e ex-Deputado Estadual de Mato Grosso), Saul Duarte Tibaldi (Diretor da Faculdade de Direito da UFMT), Sueli Batista (Acadêmica e Jornalista), Ubiratã Nascentes Alves (Acadêmico e Procurador do Estado de Mato Grosso aposentado), Wanderley José dos Reis (Acadêmico e Magistrado) e Yasmin Jamil Nadaf (Acadêmica). A todos eles, o meu muito obrigado!

Enfim, caríssimos pares! Finalizo por dizer que apporto a este Sodalício para conviver e aprender com vocês que me acolhem agora nesta Casa. E que esta nova convivência seja repleta de alegria e felicidade. O meu muito obrigado a todos os presentes, pelo carinho com que também me recepcionam aqui nesta sessão solene. Agradeço a toda a minha família pela alegria do convívio, lembrando sempre de meu falecido pai, Italo Mazzuoli, por todas as lições de vida. Mesmo que em outro plano, sinto sempre as suas boas energias e vibrações.

Por fim, muito especialmente, agradeço a você, Mãe, que me deu a vida e a quem tenho como o maior presente que Deus poderia me dar! Tudo em mim – todo o trabalho, todo o esforço, todas as conquistas, todos os méritos, os êxitos e tudo o que tenho, e faço, e farei –, não há dúvidas, só tem um único e exclusivo significado: Você!

Sessão Magna da Saudade
em Homenagem a Acadêmica Vera Randazzo
Em 22 de março de 2019

Palavras de abertura pelo Presidente

Caros colegas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
Prezados confrades e confreiras da Acad. Mato-Grossense de Letras
Senhora Suzana e Senhor Rodrigo, filha e neto, em nome dos quais saúdo a
todos os familiares de nossa pranteada Confreira
Senhoras, Senhores

Estamos reunidos nesta noite para recordarmos a nossa querida Confreira e amiga Vera Iolanda Randazzo cujo passamento, em 14 de fevereiro ultimo, nos entristeceu e enlutesse esta Casa de Letras. Por mais de duas décadas com ela convivemos em nossas reuniões mensais, com ela desfrutamos de conversas inteligentes e bem informadas. E com a “Dona Vera”, como a chamávamos, muito aprendemos, particularmente com a sua postura marcada pela gentileza e finura no trato.

Tive a grande satisfação de, na condição de editor da *Coleção Obras Raras de Mato Grosso*, uma das mais importantes publicações de nossa história cultural, que reúne obras publicadas a partir de 1917, incluí-la no volume *Vozes Femininas*. Com efeito, Vera Randazzo desempenhou com valor, quer na área da administração pública como no campo da cultura, papel dos mais importantes. Ação essa que tanto serviu de exemplo para as conquistas femininas contemporâneas em nosso Estado como honrou as duas instituições culturais a que ela pertenceu, esta Academia de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

De outra parte, deve ser posto em relevo a destacada atuação de Vera Randazzo que, na condição de funcionária e como diretora do Arquivo Público do Estado, tanto contribuiu para preservar valiosa documentação. Daí o merecido reconhecimento que lhe devemos todos os que labutam

na pesquisa de nossa memória. Não por outra razão, Lenine Póvoas, ex Presidente desta Casa e reconhecido historiador mato-grossense, registrou em seu livro *História da Cultura Matogrossense*:

Não fosse o zelo de homens como o Barão de Melgaço, Virgílio Correa Filho e, mais recentemente, Rubens de Mendonça e o autor destas linhas que, como Secretário de Estado de Administração, salvou, com o auxílio de D. Vera Randazzo, da destruição certa, o preciosíssimo Arquivo Público do Estado, recompondo-o em acomodações próprias, no Centro Político Administrativo, e a nossa memória histórica estaria toda ela perdida.

Tive a gratificação de ter sido o Relator do Estatuto em vigor da AML. Nele incluí o artigo 65 que trata da realização de uma Sessão Magna da Saudade, a homenagear a memória dos que partiram.

Para cumprir essa tarefa não pensei duas vezes para designar uma das mais operosas e competentes acadêmicas, para ser a oradora desta primeira Sessão Magna da Saudade, realizada em nosso Sodalício. Nilza Queiroz Freire, colega e amiga de Vera Randazzo, duas mulheres exemplares de nossa instituição, nos representa a todos com muito valor.

Com a palavra a ilustre acadêmica Nilza Queiroz.

Oração Fúnebre

Nilza Queiroz Freire

Nesta noite prestamos homenagem à saudosa Acadêmica Vera Iolanda Randazzo, que ocupou a Cadeira nº 19 desta Instituição, cujo Patrono é José Vieira Couto de Magalhães e o ocupante que antecedeu a nossa homenageada foi o Acadêmico José Barnabé de Mesquita. A posse da Acadêmica ocorreu aos 10 de março de 1982.

Nas Academias de Letras predomina o elemento masculino, mas, a nossa Instituição, quase centenária, desde sua fundação como sucessora do Centro Mato-Grossense de Letras, na sua primeira Diretoria, seu quadro foi integrado pela primeira mulher, Ana Luiza Prado Bastos, que ocupou o cargo de Tesoureira.

Também no pioneirismo da Instituição, por eleição, eu, Nilza Queiroz Freire, fui a primeira mulher a assumir a Secretaria e a Tesouraria, por várias vezes, chegando à Presidência da Casa de Letras pelo período de mais de dois mandatos, após 87 anos de administração masculina!

Voltando ao objetivo desta sessão Magna da Saudade, a terceira mulher a ingressar nesta Academia Mato-Grossense de Letras foi a Acadêmica Vera Iolanda Randazzo, nascida em Caxias do Sul, RS., aos 21 de setembro de 1927, descendendo de Roberto Edmundo Randazzo e Cecília Campanoni Randazzo.

Seus estudos primário e médio foram realizados junto ao Grupo Escolar Municipal de Criúva, RS. e no Colégio Nossa Senhora da Conceição em Porto Alegre, também RS, e o superior incompleto, em História, na Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* de Cuiabá.

Veio para Mato Grosso em 1955, Estado que adotou como sua terra natal. Viveu 64 anos nestas terras mato-grossenses, onde prestou relevantes serviços. Iniciou como Professora interina do Curso Primário, na cidade de Rosário Oeste; implantou o atual Arquivo Público do Estado, organismo idealizado pelo Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, que era Secretário de Administração de Mato Grosso; ela, acadêmica Vera Iolanda Randazzo foi a primeira Diretora do citado Arquivo Público, por mais de 20 anos!

Publicou diversos artigos nos seguintes jornais: O Estado de Mato Grosso; A Tribuna Liberal; O Social Democrata; Diário de Cuiabá; Correio da Imprensa; Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde era, também, associada; Revistas da Academia Mato-Grossense de Letras.

A Acadêmica Vera Iolanda Randazzo escreveu várias obras, a saber: *Pajemeira, pajemeira! e As cartas do grande chefe à sua esposa* - ambas relacionadas com o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon; *Quando morreu Pascoal Moreira Cabral?*; *Catálogo de documentos históricos de Mato Grosso*; *Contribuição à história sobre o Arquivo de Mato Grosso*; *Catálogo da Exposição de documentos mato-grossenses da Proclamação da República: 91º aniversário*; *Catálogo da exposição de documentos históricos, em homenagem a Poconé, no seu bicentenário*; *Catálogo da exposição de documentos históricos, em homenagem a Diamantino, por ocasião do penta centenário*; *Catálogo da exposição de documentos históricos, em homenagem a Corumbá, pelo seu bicentenário*; *Integridade territorial de Mato Grosso e o acordo com Goiás*, dentre outros.

A Academia Mato-Grossense de Letras fez publicar, na coleção *Obras Raras da Literatura Mato-Grossense*, um conjunto de textos da sua autoria, quando se falou em Vozes Femininas, volume 6.

Em reconhecimento ao seu trabalho e produção intelectual, foi também associada do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Sociedade Amigos de Rondon, da Academia Paulistana de História e membro da Ordem dos Bandeirantes de São Paulo.

Exerceu os seguintes cargos e funções: Técnica em Arquivística pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso; Organizadora do Instituto Memória do Poder Legislativo, em seus primórdios. Foi membro da Comissão de Estudos de Fronteira para exame das questões do limite entre os Estados de Mato Grosso e Goiás. Autora do programa de pesquisa das Leis, no período 1835 a 1889, apresentado à Assembleia Legislativa de Mato Grosso. Possuía Registro de Profissional em Arquivística, havendo sido, também jornalista, colaboradora de periódicos regionais.

Participou de vários eventos, a saber: Simpósio sobre Reforma Administrativa e Desenvolvimento Regional, organizado pelo Ministério do Planejamento; Curso: Índios do Norte de Mato Grosso, pela Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá; estágio junto ao Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro/RJ; Integrou a Mesa Redonda Avaliação de Documentos de

valor histórico, também no Arquivo Nacional, do Rio de Janeiro/RJ; Curso: Organização de Arquivos de Empresas, na Associação dos Arquivistas, no Rio de Janeiro/RJ; I Seminário Brasileiro de Fontes Primárias de História do Brasil, organizado pelo NDIHR - Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, da UFMT; 3º Congresso Brasileiro de Arquivologia, pela Associação dos Arquivistas, no Rio de Janeiro/RJ; Reforma Administrativa e Descentralização Regional; 4º Congresso Brasileiro de Arquivologia, no Rio de Janeiro/RJ; 2º Seminário de Preservação de Documentos; Curso: Gerência de Conflitos, 1º Ciclo de Estudos Sobre Recursos Humanos, pela Escola de Serviço Público do Estado de Mato Grosso.

Como observamos, a saudosa Acadêmica Vera Iolanda Randazzo, sul-rio-grandense de Caxias do Sul, prestou relevantes serviços ao Estado de Mato Grosso, iniciando como professora interina primária, combatendo o analfabetismo no interior (Rosário Oeste), colaborando para que as crianças fossem escolarizadas, evitando que se deslocassem para a capital, à procura de estudos. O governo sempre se preocupou em levar a escola para o interior, não permitindo o êxodo, ou seja, saída de estudantes para a Capital, prejudicando o campo e a cidade. A propósito, na década de 30 moramos no povoado de Capão Grande, pertencente à Várzea Grande, então 3º Distrito de Cuiabá. Lá nesse povoado, recebíamos normalistas que se deslocavam da Capital para o interior do Mato Grosso uno. Lembro-me que o Prof. Francisco Ferreira Mendes, da Secretaria da Educação, visitava - a cavalo - as escolas do meio rural.

A Acadêmica Vera Iolanda Randazzo trabalhou em repartições públicas mato-grossenses, deixando seu nome inserido nos anais deste continental Mato Grosso.

Como a terceira acadêmica mulher, sendo antecipada pelas professoras Ana Luíza Prado Bastos e Maria de Arruda Müller, a homenageada sempre valorizou a Academia Mato-Grossense de Letras, sendo constante presença nas reuniões ordinária e extraordinária, na posse de novos acadêmicos, produzindo intelectualmente e enfeitando com sua beleza, os ambientes deste casarão, Casa Barão de Melgaço, sede do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras.

Na data de 14 de fevereiro deste ano, 2019, recebemos a triste notícia de seu falecimento. Era chegada a hora da partida... Geralmente, quem chegou primeiro, volta primeiro, mas nem sempre essa ordem é obedecida, porque a morte é como um ladrão; não avisa sua chegada; por isso devemos estar

com o espírito preparado para essa passagem. Como estamos acostumados com coisas concretas, temos medo da morte; somente a fé nos alimenta que partiremos para um mundo melhor, conforme nos ensinam as escrituras sagradas.

A apresentação da acadêmica Vera Iolanda Randazzo ao Pai Celestial, após sua longa vida terrena de mais de 91 anos, como filha, esposa, mãe, avó, bisavó, trisavó, devia ser tranquila com as palavras do Mestre:

“Entra minha filha; sua vida foi um livro aberto; você fez o bom combate por onde passou e, esta Casa do Senhor, a espera; entra, repito, esta é a Casa de Muitas Moradas e a sua está reservada; tome as minhas mãos, não tenha medo, pois eu sou a prometida eternidade.”

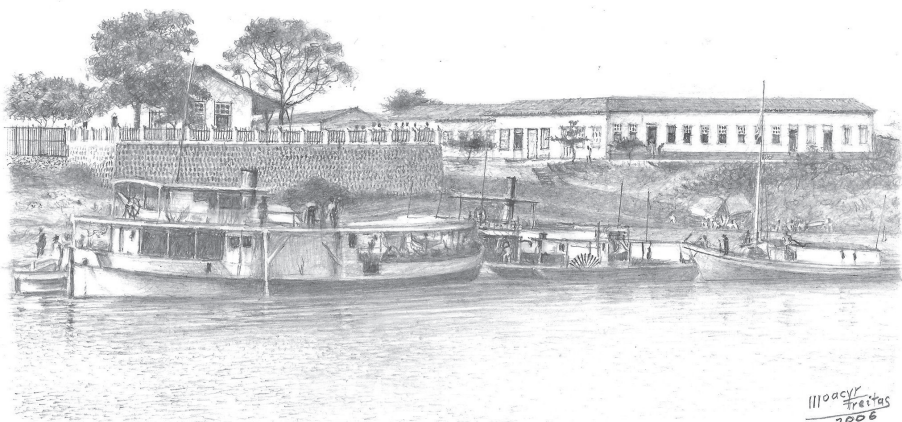
Para a Academia Mato-Grossense de Letras, sua vaga será preenchida, mas o lugar da Acadêmica Vera Iolanda Randazzo será eternizado e, o seu nome será Saudade! Para muitas religiões, homem e mulher tem uma alma imortal. Ela que foi uma acadêmica nesta Casa de Letras, será duplamente imortal, pelas obras que produziu.

Deixamos para a família Randazzo, o sentimento dos associados desta Instituição quase centenária; pedimos ao Senhor- dono da vida e da morte-, que conforte seus familiares enlutados, por tão doída perda.

O Senhor Bom Jesus pediu e os Pampas atenderam, mandando a bela gaúcha Vera Iolanda Randazzo para esta terra acolhedora e agarrativa, que se chama Cuiabá.

Descanse em paz, Acadêmica Vera Iolanda Randazzo.

PARTE III



PORTO DE CUIABÁ - 1905

Ilustração
Freitas
2006

ÍNDICE

Colaboraram	299
A Academia - Breves informações para uma história da AML	311
Dez notas sobre a história	311
Dez pequenas curiosidades	314
Nomes Acadêmicos	316
Os Patronos	316
Os Fundadores	317
As Presidências	319
Os Acadêmicos	320
Acadêmicos Eméritos	321
A Diretoria	321
Algumas das correspondências recebidas por ocasião da posse da Diretoria [2017 – 2019]	323
Acontecimentos	325
Agradecimentos	326
As Obras Raras	326
A Casa Barão de Melgaço	331
Os símbolos de Mato Grosso	333
Fatos e Personagens	339

COLABORARAM

Adlyse Mattos

Ocupa a Cadeira 3. Escritor e poeta. Cuiabano. Professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Doutor em Comunicação pela UFMG. Livros publicados: *Sabiapoca* [infantil – 2018], *O Sexofonista* [contos – 2018] e *Festa* [poemas – 2012].

Agenor Ferreira Leão

[11/11/1922 – 22/02/1983]. Ocupou a Cadeira 23. Advogado [Presidente da OAB]. Poeta. Jornalista. Co - fundador do jornal literário Ganga.

Antônio Tolentino de Almeida

[24/01/1876 – 24/01/1938 *]. Patrono da Cadeira 39. Promotor de Justiça. Poeta. Publicou: *Ilusões Doiradas* (1910), *A índia Rosa, Retirada da Laguna* (1930) e *Romeiros do Ideal* (1937).

* Rubens de Mendonça, em seu Dicionário Biográfico Mato-Grossense, dá como sendo 1937.

Carlos Gomes de Carvalho

Ocupa a Cadeira 40. Presidente [pela terceira vez] da Academia Mato-Grossense de Letras. É membro Emérito da AML. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Advogado. Professor. Presidente da Fundação Cultural do Estado de Mato Grosso – precursora da Secretaria de Cultura do Estado]. Procurador Geral da Assembleia Legislativa. É autor de vários livros publicados nas áreas de Direito, de História e Ecologia, de Poesia, de Crítica Literária. Membro, entre outras instituições, do Instituto dos Advogados Brasileiros [RJ]. É verbete na Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho [RJ: Ministério da Educação, 1990], na Enciclopédia de Literatura Brasileira, de J. Galante de Souza, org. [SP: Ministério da Cultura e Academia Brasileira de Letras, 2001], no Dicionário do Escritor Goiano, de José Mendonça Teles [Goiânia: UBE-GO. / Kelps, 2000] e em Escritores de Goiás, de Mário Martins [Goiânia: Kelps, 2000].

Dunga Rodrigues [Maria Benedicta Deschamps Rodrigues]

[15/07/1908 – 8/01/2001]. Ocupou a Cadeira 39. Professora. Musicista. Pianista. Cronista. Novelista. Membro, entre outras instituições, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Filha do também historiador Firmo José Rodrigues. Publicou: *Memória musical da cuiabania* (em 4 vols.), *Movimento musical em Cuiabá*, *Reminiscências de Cuiabá*, *Lendas de Mato Grosso* e nos jornais matogrossenses, ao longo de mais de cinquenta anos, inúmeros artigos sobre a música regional e crônicas sobre os costumes e hábitos cuiabanos. Integram a *Coleção Obras Raras de Mato Grosso* a novela *Marphisa* e as *Crônicas Cuiabanas*. Cognominada, por Carlos Gomes de Carvalho, no prefácio a essas obras, de "A Dama da Cultura Mato-Grossense".

Francisco Alexandre Ferreira Mendes

[25/06/1897 -]. Ocupou a Cadeira 15. Professor. Jornalista. Membro do Instituto Histórico de Mato Grosso, do qual foi Presidente. Diretor do colégio Liceu Cuiabano, diretor do Departamento de Instrução Pública do Estado [precursor da Secretaria de Educação e Cultura do Estado] e do Departamento de Educação e Cultura do Estado. Escreveu em vários jornais e na revista A Violeta. Publicou, dentre outros, *Folclore Matogrossense*, *Lendas e Mitos*, *Histórico do Teatro em Cuiabá*, *Lendas e Tradições cuiabanas*, *Tragédia mesopotâmica*.

Francisco Leal de Queiroz

Ocupa a Cadeira 30. É membro Emérito da AML. Advogado. Político. Secretário de Justiça do Estado na década de 1960. Publicou: *Enquanto a lira tange* (1948) e *Violino das Galeras* (1949).

Gervásio Leite

[19/06/1916 – 10/04/1990]. Ocupou a Cadeira 2. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Advogado [Presidente da OAB], Deputado estadual. Desembargador [Presidente do TJMT]. Jornalista, poeta, cronista. Co-fundador da revista literária Pindorama. Publicou ensaios na área jurídica, de história de Mato Grosso e de crônicas, entre os quais, *Cuiabá – Terra Agarrativa e Linda* (1969).

Gilberto Mendonça Teles

Membro Correspondente. Professor emérito nas UFRJ, na PUC/RJ, e professor convidado em várias universidades europeias e latino-americanas. Nacionalmente conhecido não somente como poeta mas também como crítico literário de renome, como um dos grandes especialistas brasileiros em poesia de vanguarda. Recebeu alguns dos prêmios literários mais importantes do Brasil: Em 1989, o Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de Obras, o Juca Pato, da UBE de São Paulo, (2003); o Jabuti, (2011). Membro da Academia Goiana de Letra [Cad. 11]. Em 1979, a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás o elegeu o “Príncipe dos Poetas de Goiás”. *A Raiz da Fala* (1972) e *Hora Aberta* (1986) e *Sociologia Goiana* (1982, já em 10ª edição) são seus livros mais conhecidos e traduzidos.

Hélio Serejo

[1º/06/1912 – 08/10/2007]. Ocupou a Cadeira 18 da AML e a Cadeira 30 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Escritor, jornalista, poeta e folclorista. Publicou mais de 60 obras, dentre as quais: *Tribos Revoltadas – novela íncola* (1935); *Carreteiro de Minha Terra* (1936); *Modismo do Sul de Mato Grosso* (1937); *3 Contos* (1938); *4 Contos* (1939); *Homens de Aço – A Seita nos Ervais de Mato Grosso* (1946); *Ronda Sertaneja* (1949); *Rincão dos Xucros* (1950); *Prosa Rude* (1952); *Canto Caboclo* (1958); *O Homem Mau de Nioaque* (1959); *Poesia Mato-Grossense* (1960); *Buenas Chamigo* (1960); *De Galpão em Galpão* (1962); *Versos da Madrugada* (1969); *Carta de Presidente Venceslau ao Cumpadre Nasermo* (1970); *Prosa Xucra* (1971); *Pialo Bagual* (1971); *Vento Brabo* (1971); *Rodeio da Saudade* (1974).

Isác Póvoas

[04/01/1886 – 1º/10/1970]. Ocupou a Cadeira 32. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do qual foi Presidente. Professor. Jornalista. Poeta. Político [Diretor de Instrução Pública do Estado (órgão precursor da Secretaria de Educação e Cultura. Chefe de Polícia (órgão precursor da Secretaria de Segurança Pública). Prefeito de Cuiabá. Presidente da Caixa Econômica Federal em Mato Grosso. Principal redator do jornal partidário *O Social Democrata*, escreveu para diversos jornais.

Ives Gandra da Silva Martins

Membro Correspondente. Advogado. Poeta. Juristas dos mais eminentes do Brasil. Com dezenas de livros publicados tanto na área do Direito, como de Poesia e História. Colabora em vários órgãos da imprensa brasileira e estrangeira. Professor emérito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutor Honoris Causa pela PUC/ PR. Conselheiro da OAB/SP. em várias gestões. Membro da Academia Paulista de Letras, da qual foi Presidente, da Academia Paulista de Letras Jurídicas, da Academia Brasileira de Filosofia.

João Antônio Neto

Ocupa a Cadeira 25. Membro Emérito da AML. Jurista. Poeta. Professor na UFMT. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Foi Desembargador do TJMT, tendo sido Presidente. Co-fundador da revista literária Ganga. Dentre os vários trabalhos na área jurídica e literária, publicou as coletâneas de poesias: *Vozes do Coração* (1941), *Poliedro* (1970), *Remanso* (1982), *Silhuetas & (in) Significâncias* (1989), *Palavras grávidas – três volumes* (2015). E ainda: *Dom Aquino, o orador et O modernismo em Mato Grosso – reencontro com Silva Freire*, e, *História do Poder Judiciário do Estado de Mato Grosso – 1719 – 1821*.

João Batista de Almeida

Ocupa a Cadeira 13. Professor. Político [Vereador em Cuiabá]. Colaborou com artigos na imprensa cuiabana. Procurador de Justiça de Mato Grosso.

João Villasbôas

[21/04/1890 – 04/05/1985]. Ocupou a Cadeira 35. Advogado. Jurista. Poeta. Jornalista. Político [Foi Deputado Federal e Senador da República, por três legislaturas em cada um dos cargos. Em 1932, foi preso por ter participado da Revolução Constitucionalista]. Polemista temido e brilhante, colaborou em vários órgãos da imprensa nacional, tendo dirigido o jornal O Republicano. Em 1979, saiu a coletânea de poesias *A canção da minha dor*. Na década de 1940 publicou um ensaio pioneiro na área jurídica: *A Hipoteca Naval*.

José Cidalino Carrara

Ocupa a Cadeira 9. Diplomado em Letras, Direito e Jornalismo. Cronista. Advogado. Professor universitário. Publicou: *Conflito entre o Poder Judiciário e a Imprensa*, e, *Cerimonial e Cerimônias – Manual Prático e Comunicação Jurídica*.

José Barnabé de Mesquita

[10/03/1892 – 22/07/1961]. Ocupou a Cadeira 19. Fundador do Centro Matogrossense de Letras, em 1921, e posteriormente, da AML, tendo presidido a ambas por 30 anos. Poeta, romancista, cronista, historiador. Autor de vários livros. Desembargador do Tribunal de Apelação. Presidente do Tribunal de Justiça de MT. por dez anos. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do qual foi um dos fundadores em 1919, e Membro Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Diretor do jornal católico "A Cruz", de Cuiabá, colaborou durante anos com a imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo. Publicou contos, romances, crônicas, relatos históricos e geográficos, biografias, discursos e poesias. O livro de contos *Espelho de Almas*, recebeu em 1932, o Prêmio Machado de Assis da ABL. De poesias publicou: *Poesias* (1919), *Terra do berço* (1927), *Epopeia Matogrossense* (1930), *Três Poemas da Saudade* (1943), *Escada de Jacó* (1945), *Roteiro da felicidade* (1946), *Poemas do Guaporé* (1949); de contos: *A Cavallhada – contos mato-grossenses* (1928), *No tempo da cadeirinha* (1946); de história: *Gente e Coisas de Antanho* (póstumo, 1978) e *Genealogia Matogrossense* (1992, edição comemorativa do centenário de nascimento), e o romance *Piedade* (1937).

Lenine Campos Póvoas

[04/07/1921 – 29/01/2007]. Ocupou a Cadeira 33. Foi Presidente por dez anos. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Filho do também acadêmico Nilo Póvoas. [Cad. 14]. Advogado. Professor da UFMT. Político [Deputado estadual, Vice-Governador, Conselheiro do Tribunal de Contas, Secretário de Estado, Presidente da Fundação Cultural do Estado de Mato Grosso – precursora da Secretaria de Cultura do Estado]. Publicou diversos livros, nas áreas de História de Mato Grosso, entre os quais: *Sobrados e Casas senhoriais de Cuiabá* (1980), *História da Cultura Matogrossense* (1982), *Influência do Rio da Prata em Mato Grosso* (1982), *Cuiabá de Outrora* (1983), *O Ciclo do Açúcar e a Política de Mato Grosso* (1983), *Síntese de História de Mato Grosso* (1985), *Cuiabanidade – Crônicas sobre Cuiabá e sua gente* (1987), *Os italianos em Mato Grosso* (1989), *Nilo Póvoas – Um mestre* (1991), *O Barão de Melgaço* (1994), *As raízes portuguesas de Cuiabá* (1988), *História Geral de Mato Grosso – 2 volumes* (1996). A Academia Paulista de História outorgou-lhe o Prêmio Clio de História pelo livro *Os italianos em Mato Grosso*.

Lucinda Nogueira Persona

Ocupa a Cadeira 4. Bióloga. Professora universitária da UFMT e da UNIC. Poeta, cronista. Autora de sete livros de poesia e de literatura infantil. Recebeu premiação da União Brasileira de Escritores. Publicou na literatura infantil e integra várias antologias. Colabora com jornais e revistas mato-grossenses escrevendo resenhas, crônicas e contos.

Maria Ponce de Arruda Müller

[09/12/1898 – 04/12/2003]. Ocupou a Cadeira 7. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Poeta e animadora cultural. Na década de 1920, foi co-fundadora do Grêmio Literário Júlia Lopes que, reunindo uma plêiade de intelectuais, em sua grande maioria mulheres, editou a revista *A Violeta*, que se tornaria uma das publicações mais longevas da nossa História, tendo marcado época na literatura estaduana. Foi colaboradora assídua de jornais e revistas de Mato Grosso. Como primeira dama do Estado teve destacado papel no estímulo à atividade cultural e a iniciativas de beneficência. Em 2002, o Ministério da Educação outorgou-lhe a comenda da Ordem Nacional do Mérito Educativo, no grau de Grande Oficial, em reconhecimento por seus excepcionais serviços em prol da educação brasileira. Publicou: *Família Arruda* (1972), *Cuiabá ao longo de 100 anos* (1994 – em co-autoria com Dunga Rodrigues), *Sons longínquos* (1998 – comemorativa de seu centenário).

Marília Beatriz Figueiredo Leite

Ocupaa Cadeira 2. Advogada. Professora da UFMT. Mestra em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Filha do também acadêmico Gervásio Leite [Cad. 2]. Jornalista, colabora, desde os anos 1970, com vários jornais e revistas de Mato Grosso.

Marta Helena Cocco

Ocupa a Cadeira 18. Graduada em Letras e em Zootecnia. Professora na UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso, onde leciona a disciplina Literaturas de Língua Portuguesa. Doutora em Letras e Linguística [UFGO.]. Publicou individualmente e/ou em co-autoria, entre outros: *O ensino da literatura produzida em Mato Grosso: Regionalismo e Identidades* (2006), *Antologia Poética Comentada* (2011), *Tópicos de Literatura & Contexto* (2011), *Nossas Vozes, Nosso Chão* (2014). Os livros de poesias: *Divisas*

(1991), *Partido* (1997), *Meios* (2001), *Sete dias* (2007), *Lé e o elefante de lata* (2013), *Doce de formiga* (2014).

Moacyr Freitas

Arquiteto, pela Faculdade Nacional de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Brasil [RJ. – 1960]. Desenhista profissional. Artista plástico. Escritor. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Professor fundador da Universidade Federal de Mato Grosso. Participou da construção de inúmeras obras de arquitetura, entre as quais, o Terminal Rodoviário de Cuiabá. Por vários anos contribuiu assiduamente na imprensa mato-grossense, sempre tratando dos temas urbanos que afligem a capital. Autor de livros, nos quais faz as próprias ilustrações, publicou, entre outros: *História Ilustrada de Cuiabá - Dias difíceis nos arraiais, ...; Fundação de Cuiabá - História ilustrada; Primeiros Tempos da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá; E o Tempo Passou!; História Ilustrada de Cuiabá - Primeiros tempos da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá; Fundação de Cuiabá; Cuiabá precisava de ajuda*. Produziu os livros – álbuns: *A arquitetura da Casa Barão de Melgaço; História Ilustrada de Cuiabá – Buscando índios encontraram ouro; No tempo dos Capitães Generais; Mato Grosso - Primeiros tempos da Província; História da Arquitetura de Cuiabá - Séculos: XVIII, XIX e XX; Gravuras Cuiabanas; Padre Raimundo Pombo; Capela de São Gonçalo do Porto*. Em ‘Mato Grosso e seus Municípios’, de João Carlos V. Ferreira, contribuiu com o capítulo *Considerações sobre o Patrimônio Arquitetônico de Cuiabá*.

Moisés Mendes Martins Júnior

Ocupa a Cadeira 8. Dentista. Poeta. Compositor. Cronista. Político [Vereador em Cuiabá. Candidato a Assembleia Legislativa e ao Senado da República]. Presidente do Conselho Regional de Odontologia. É membro da Academia Mato – Grossense Maçônica de Letras. Publicou os ensaios: *A força da fala no dizer cuiabano* (1985), *A imprensa como tribuna* (1989), *Trilogia Mato-Grossense* (2008), *Ruy Barbosa: escritor sempre atual* (2010). De poesia, entre outros: *Fragmentos* (1980), *À sombra da Acácia* (1994), *Dimensões* (1994), *Pássaros* (1995), *Sonhos / Poemas / Fantasia* (1995).

Newton Alfredo de Aguiar

[18/06/23 – 08/04/1987]. Ocupou a Cadeira 35. Radialista. Teatrólogo. Funcionário público. Foi o precursor da radiofonia em Mato Grosso. Publicou: *Sonata ao Luar* [peça teatral, 1947], *Miosótis* [quadras, 1968], *Rosas e ternuras para o berço de Rondon* (1969), *Rua do Tempo* (1977). Sobre esse autor, publiquei em ‘Perfis Mato-Grossenses’, o pequeno ensaio *Newton Alfredo: o arredio trovador cuiabano* (2002).

Nilza Queiroz Freire

Ocupa a Cadeira 14. Cronista. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Bacharel em Ciências Contábeis. Funcionária da UFMT. Tem publicado artigos e crônicas em jornais de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Publicou: *Crônicas da Cidade Verde* e *Professora Alina: uma educadora além de seu tempo*.

Odoni Gröhs

Ocupa a Cadeira 24. Poeta. Médico. Professor. Lecionou no Curso Médico para Doutorandos da Emescan e na Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – ES. Pertence a União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos, da Sociedade Gaúcha de Médicos Poetas. É membro de várias associações médicas do Brasil [São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Mato Grosso], do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, da Membership of American College of Physicians. Publicou: *Testamento – Viagem de um crepúsculo antecipado* (1997), *Acalanto lireal* (1997), *Meninos de rua* (1998). Participou das antologias: *Florilégio Poético – I e II* [Porto Alegre – RS. – 1997/1998], *Escriba da Poesia* [Piracicaba – SP. – 1998]. Sobre o autor publiquei, em 1999, *Uma Poesia comprometida com o Homem*.

Olegário Moreira de Barros

[06/03/1890 – 06/01/1969]. Ocupou a Cadeira 34. Advogado. Desembargador, foi Presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso. Político [Chefe de Polícia, o equivalente ao atual Secretário de Segurança Pública, Secretário Geral do Estado, Procurador Geral do Estado, Interventor Federal no Estado de Mato Grosso – 8/11/1945 – 8/07/1946.]. Jornalista. Colaborou em vários jornais e revistas do Estado, inclusive em *A Violeta*.

Pedro Dorileo [Benedito]

Ocupa a Cadeira 26. É membro Emérito. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Paulistana de História. Cronista. Promotor de Justiça. Político [Presidente da Câmara Municipal de Cuiabá] Historiador. Cronista. Professor [Fundador do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá e da Universidade Federal de Mato Grosso. Foi Reitor dessa instituição, tendo sido o primeiro a ser eleito diretamente pela comunidade universitária]. Publicou: *Miçanga* (1971), *Egéria Cuiabana* (1976), *Universidade, o Fazejamento* (1978), *Pensar para fazer* (1984), *Centenário da Egéria cuiabana* (1995), *Cholo* (2003), *Ensino Superior em Mato Grosso* (2006), *Zulmira Canavarros, a Egéria cuiabana* (2016), *Folhas Evocativas* (2019).

Ronaldo de Arruda Castro

[17/03/1941 – 28/07/2001]. Ocupou a Cadeira 12. Jornalista. Poeta. Cronista. Funcionário Público. Filho do também poeta e membro da AML Rubens Mendes de Castro [Cad. 3]. Publicou: *Cuiabanália* (1989).

Rubens de Mendonça

[27/07/1915 – 03/04/1983]. Ocupou a Cadeira 9. Jornalista. Historiador. Poeta. Cronista. Funcionário público. Filho de Estevão de Mendonça, historiador e membro da AML [Cad. 11]. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Pertenceu a diversas instituições culturais. Foi co-fundador da revista literária Pindorama e, ao longo dos anos, colaborou em diversas outras, como Cidade Verde, O Eco, Revista Genealógica Brasileira, [São Paulo]. Fundou e dirigiu os jornais: O Trabalhista, Brasil Oeste, O Social Democrata, foi secretário do jornal A Batalha e redator de O Correio da Semana, redator chefe do jornal O Estado de Mato Grosso, ainda colaborou no Jornal do Comércio, de Campo Grande, Atualidades de Corumbá. Publicou: em *Literatura: Aspecto da Literatura Mato-Grossense* (1938), *Álvares de Azevedo, o Romântico Sertanista* (1941); *Discurso de Posse na Academia Mato-Grossense de Letras* (1945); *Bilac - O Poeta da Pátria* (1965); *História da Literatura Mato-Grossense* (1970). De *História: Os Mendonças de Mato Grosso* [estudos genealógicos – 1945]; *Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça* (1949); *História do Jornalismo em Mato Grosso; Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*, (1952 e 1954); *Álbum Comemorativo no 1º Congresso Eucarístico de Cuiabá* (1952);

Dicionário Biográfico Mato-Grossense (1953 / 1970); *A Presença de Estevão Mendonça* (1959); *História do Jornalismo em Mato Grosso* (2ª ed. 1963); *A Espada que unificou a Pátria*, (1966); *O Tigre de Cuiabá* (1966); *História de Mato Grosso* (1967); *Estórias que o Povo Conta* (1967); *Sagas & Crendices da Minha Terra Natal* (1969); *Ruas de Cuiabá* (1969); *História do Poder Legislativo de Mato Grosso* (2 vol. – 1969), *História de Mato Grosso* (2ª ed. – 1970). De Poesias: *Garimpo do Meu Sonho* (1939); *Poetas Borôros* [Antologia de Poetas Mato-Grossenses – 1942]; *Cascalhos da Ilusão* (1944); *No Escafandro da Vida* (1946); *Dom Pôr do Sol* (1954); *Poetas Mato-Grossenses* (1958).

Silva Freire [Benedito Sant'Ana da]

[20/09/1928 – 11/08/1991]. Ocupou a Cadeira 38. Advogado. Jornalista. Professor na UFMT. Foi Presidente da OAB/MT. Publicou: *Os 13 Cadernos de Cultura*: 1º- *Meu chão, pássaro implume*; 2º - *Canção do Amor que te Quero*; 3º - *Rio - Equilíbrio e A Estrada*; 4º -. *Chão: Terra e Pasto*; 5º - *Campus de Universidade e Canto: Crespo – Olho – Alho*; 6º - *GOOOL, Círculo Azul ao Sul do Azul*; 7º - *Os Oleiros*, - 8º. *As Redes*, - 9º. *Giro do Couro Cru*, - 10º *Os Meninos de São Benedito*, 11º - *Os Boêmios*; 12º *encicloPEDRAS*; 13º *Rondon: Silêncio Orgânico de Flores; Águas de Visitação* (1981), *Silva Freire: Social, Criativo, Didático* (1986); *Depois da Lição de Abstração* (Discurso de posse na AML - 1985); *Barroco Branco* (1989), *Trilogia Cuiabana: Presença na audiência do tempo* - vol. I, *Na moldura da lembrança* - vol. II.; *A Japa e outros croni-contos cuiabanos* (2008).

Sueli Batista dos Santos

Ocupa a Cadeira 34. Jornalista. Poeta. Professora. [Lecionou na UFMT (1997) e no Instituto Várzea Grandense de Educação (2000). Dirigente do jornal Rosa Choque. Fundou o Instituto EcoGente - Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Socioambiental. Foi a primeira presidente da Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais - BPW Business Professional Women, de Cuiabá [ONG feminina de caráter internacional]. Publicou: *Pássaro Passará* (1996); *Da televisão no Brasil ao televisinho em Cuiabá. Um arsenal de Cultura*; *Centenário de História e de Desenvolvimento – Resgate Histórico, série Memória Empresarial – 100 anos da Associação Comercial e Empresarial de Cuiabá*.

Tertuliano Amarília

Ocupa a Cadeira 23. É membro Emérito. Funcionário público. Poeta. Publicou dezenas de livros de poesias, entre os quais: *Lira Mato-Grossense* (1955), *Pedras coloridas* (1981), *Sombras sobre o mundo* (1986), *Pérolas do meu Estado* (1991), *Vãos da imaginação* (1995), *Papoula Vermelha* (1998).

Valério de Oliveira Mazzuoli

Ocupa a Cadeira 36. Professor-associado da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Pós-Doutor em Ciências Jurídico-Políticas pela Universidade Clássica de Lisboa. Tem habilitação Plena em Música (instrumento Piano, desde 1996) e estuda há várias décadas a pianística em Chopin. Publicou mais de uma dezena de livros jurídicos.

Vera Iolanda Randazzo

[21/09/1927 – 14/02/1919]. Ocupou a Cadeira 19. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Correspondente da Academia Paulistana de História. Poeta. Cronista. Historiadora. Publicou: *Pagmejera, Pagmejera!* [Contos e crônicas]; *As cartas do grande chefe à sua esposa; Quando morreu Pascoal Moreira Cabral; Catálogo da exposição de documentos históricos em homenagem a Diamantino; Catálogo da exposição de documentos históricos em homenagem a Corumbá; Integridade territorial de Mato Grosso e o acordo com Goiás*. Integrou a antologia *Vozes Femininas*, vol. 6, da Coleção Obras Raras de Mato Grosso.

Virgílio Alves Corrêa Filho

[08/01/1887 – 11/09/1973]. Ocupou a Cadeira 29. Engenheiro. Historiador. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e do Centro de Letras de Mato Grosso, tendo sido sócio fundador de ambas as instituições. Exerceu diversos cargos públicos em Mato Grosso, inclusive o de Secretário Geral. Membro benemérito do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, tendo exercido, em seguidas gestões, cargos nas diretorias. Foi o responsável pela doação, pelo governo do Estado, do prédio onde residiu o Barão de Melgaço, para o IHGMT e a AML. Tem uma vasta bibliografia. Publicou: *Questões de ensino* (1925); *Evolução do Erário* (1925); *À Cata de Ouro e Diamantes* (1926); *Versatilidade Presidencial. Correspondência expressiva* (1926); *A Propósito do Boi Pantaneiro* (1926); *Depenando uma Galha Empavonada - resposta às injúrias do bacharel Manuel Paes* (1926);

Síntese de um Governo (1926); *Em Legítima Defesa* (1926); *O Siamês da Gralha Empavonada* (1927); *O Detrator Oficial - resposta às injúrias do dr. Mário* (1927); *Relendo a Mensagem - continuação da resposta às injúrias do dr. Mário* (1927); *Missões Brasileiras nos Arquivos Europeus, México* (1933); *A Propósito de Novos Territórios: Comentários Despretensiosos – Indústrias Mato-grossenses* (1945); *Viagem ao México* (1949); *Pedro Celestino* (1945); *Jonathas Serrano - in memoriam.* (1945); *História do Mato Grosso: A geografia como fator das vitórias diplomáticas do Barão do Rio Branco* (1946); *Joaquim Murtinho* (1951); *Evolução Ferroviária do Brasil; Aspectos da Formação e Evolução do Brasil* (1953); *Grandes Vultos da Nossa Engenharia Ferroviária, Centenário das Ferrovias Brasileiras* [IBGE: 1954]; *Fazendas de gado no pantanal mato-grossense* (1955); *Ervais do Brasil e Ervateiros* (1957); *À Sombra dos Ervais Mato-grossenses; As raias de Mato Grosso* [em 4 vols.]; *Alexandre Rodrigues Ferreira: Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro.* O IHGMT publicou a coleção *Monografias Cuiabanas*, na qual incluiu diversos trabalho do autor: [Questões de ensino; A evolução do erário; A cata do ouro e diamante; A propósito do boi; Indústrias mato-grossenses; À sombra dos ervais].

A ACADEMIA

BREVES INFORMAÇÕES PARA UMA HISTÓRIA DA AML

por Carlos Gomes de Carvalho

DEZ NOTAS SOBRE A HISTÓRIA

1. Foi fundada em 7 de setembro de 1932. Mas a sua história começa um pouco antes. Ela é herdeira direta do Centro Matogrossense de Letras, criado em 22 de maio de 1921 e oficialmente instalado no dia 7 de setembro desse mesmo ano. E, se quisermos ir um pouco mais além, podemos, com justeza, dizer que ela é descendente direta da Associação Literária Cuiabana, organizada em 1884, pelo Barão de Batovi.

2. Os fundadores do CML, depois Academia, eram intelectuais e políticos dos mais ilustres e importantes em Mato Grosso no início do século XX. Em número de 12, se reuniram pela primeira vez para discutirem a formação do Centro. Foram eles: Carlos Gomes Borralho, Cesário da Silva Prado, Estevão de Mendonça, Francisco de Aquino Corrêa [bispo e ex Presidente do Estado], Franklin Cassiano da Silva, João Barbosa de Faria, João Cunha, José Barnabé de Mesquita [presidente do Tribunal de Justiça], Lamartine Ferreira Mendes, Miguel Carmo de Oliveira Mello, Philogônio de Paula Corrêa e Virgílio Corrêa Filho.

3. Nessa mesma reunião, decidiram que os fundadores escolheriam mais 12 participantes, ficando assim o Centro composto por 24 membros. Posteriormente foram escolhidos os Patronos das 24 cadeiras. No dia 7 de agosto foi eleita a primeira diretoria, sendo eleito presidente José de Mesquita e D. Aquino Corrêa escolhido presidente de honra.

4. Em 1932, numa sessão realizada no dia 15 de agosto, foi aprovada a transformação do Centro Matogrossense de Letras em Academia Matogrossense de Letras, sendo instalada solenemente no dia 7 do mês seguinte. Nessa mesma data foi eleita a primeira diretoria, tendo como presidente José de Mesquita, vice Palmiro Pimenta, primeiro e segundo secretários Philogônio de Paula Corrêa e Francisco A. F. Mendes, e tesoureiro Franklin Cassiano da Silva. Oito anos depois, para se adequar à determinação da Federação das Academias, a qual havia se filiado, a AML aprovou novo estatuto e aumentou o número de Cadeiras para 30. Em 1944, novamente atendendo à orientação da Federação das Academias visando a adequação ao padrão da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1896, foram criadas mais dez vagas.

5. A Academia Mato-Grossense de Letras é, portanto, composta de 40 Cadeiras. Cada uma dessas Cadeiras tem um Patrono, que foi escolhido pelos fundadores e pelos acadêmicos que, sucessivamente, foram constituindo a instituição até ela ganhar, em 1944, a atual composição. O Patrono é um nome ilustre, nascido em Mato Grosso ou que por aqui viveu durante muitos anos, e que se notabilizou por ter dado importante contribuição à literatura ou aos estudos históricos deste Estado.

6. Objetivos institucionais: A Academia foi criada para ser uma associação literária e cultural que tem entre os seus objetivos primaciais o culto ao idioma pátrio, o estudo das literaturas nacional e regional, o debate dos problemas de interesse cultural que preocupam o mundo contemporâneo, além do conagraçamento e a aproximação entre os envolvidos nas atividades da cultura regional e nacional. Visa ainda a estimular e divulgar a produção cultural no Estado, em colaboração com os poderes estatais e com os organismos de cultura e de educação públicos, cuja ação na difusão cultural é uma determinação constitucional. Promover o resgate da memória cultural e histórica mato-grossense presentes no registro literário do Estado e que devem ser preservados como um legado às presentes e futuras gerações. Publicar livros importantes para o conhecimento e valorização da cultura e da literatura em Mato Grosso, e que se acham esgotados. Difundir, através dos cursos, a cultura e a literatura do Estado.

7. O lema da Academia, sugerido por D. Aquino Corrêa e aprovado por ocasião da sua fundação, é *pulchritudinis studium habentes*, expressão em latim, retirada do Eclesiastes, que significa ‘estudiosos da beleza’.

8. A eleição do acadêmico se dá pelo voto direto de todos os membros e o candidato é considerado eleito se alcançar metade mais um da totalidade dos votos acadêmicos. A titulação é vitalícia. Os pré-requisitos para a candidatura a uma Cadeira acadêmica são: **a)** ser mato-grossense nato ou estar residindo no Estado, no mínimo, há cinco anos; **b)** ter publicado, pelo menos, um livro de cunho literário ou histórico e/ou científico.

9. A Academia conta, presentemente, com 40 ocupantes. Para a eleição mais recente, ocorrida no último mês de junho, concorreram oito postulantes. Este foi o maior número de candidatos já inscritos para uma única vaga na história da Academia Mato-Grossense de Letras.

10. Informação jurídica: Pessoa jurídica sem fins lucrativos, registrada no Cartório do 1º Ofício sob o número 27, em data de 26 de maio de 1933, (fls. 57 a 59), declarada de utilidade pública estadual pela Lei nº 1.079, de 11 de julho de 1930, com o CGC/MF. nº 00.237.719/0001-40, e inscrita, em 7 de agosto de 1987, no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural - CNPJNC com o número 51.002028/87-51 (Lei nº 7.505 de 2/07/86), com sede à avenida Barão de Melgaço nº 3.869, tel. 3624-6782, Centro, nesta Capital.

Dos recursos financeiros da Academia de Letras: A instituição não conta, há muitos anos, com qualquer espécie de contribuição dos poderes públicos, feita de modo regular e sistemática. Em seus primórdios havia uma pequena dotação orçamentária anual, conseguida basicamente pela influência de seu Presidente de honra, D. Francisco de Aquino Corrêa, que depois cessou. Posteriormente, em 15 de junho de 1948, um grupo de parlamentares, tendo à frente o acadêmico Gervásio Leite, que propôs ao Governo do Estado, fizesse vigorar a lei, aprovada em 1930, destinando recursos para a Academia Mato-Grossense de Letras e para o Instituto Histórico e Geográfico, com a finalidade de realizarem atividades culturais, que, em última análise, são do maior interesse para toda a coletividade mato-grossense. Estas leis, porém, nunca foram cumpridas. E, anos depois, na década de 1966, foram revogadas.

Estatuto: Em 98 anos de existência a AML teve apenas três Estatuto. O que se encontra em vigor foi aprovado entre os dias 28 de setembro e 19 de outubro de 2012 e foi publicado no Diário Oficial do Estado em 8 de novembro de 2012 [edição nº 25.925]. Era Presidente da instituição Nilza Queiroz Freire e foram membros da Comissão de Redação Sebastião Carlos Gomes de Carvalho – Relator, Benedito Pedro Dorileo e José Cidalino Carrara.

DEZ PEQUENAS CURIOSIDADES

1. Pioneirismo: A Academia Mato-Grossense de Letras é uma das primeiras no Brasil a ter admitido uma mulher em seus quadros. Em 17 de julho de 1921, em uma das reuniões preparatórias para a fundação do Centro Matogrossense de Letras foi proposto, e por unanimidade aprovado, o nome da professora Ana Luiza da Silva Prado, que ocuparia a Cadeira 6. Com isso, a AML se anteciparia em mais de meio século à Academia Brasileira de Letras, que só elegeria uma mulher – Rachel de Queiroz – em 4 de agosto de 1977.

2. Parentescos na AML: Por méritos próprios alguns acadêmicos foram confrades, simultaneamente ou não, do pai, do irmão ou do tio e um deles, José Barnabé de Mesquita, da Cadeira 19, teve o pai, José Barnabé de Mesquita, escolhido como um dos Patronos da AML, para a Cadeira 27. Pai e filho: Estevão de Mendonça [Cad. 11] e Rubens de Mendonça [Cad. 9]; Nilo Póvoas [Cad. 14] e Lenine de Campos Póvoas [Cad. 33]; Rubens Mendes de Castro [Cad. 3] e Ronaldo de Arruda Castro [Cad.12]; Natalino Ferreira Mendes [Cad. 15] e Olga Maria Castrillon Mendes [Cad. 15]; Gervásio Leite [Cad. 2] e Marília Beatriz Figueiredo Leite [Cad. 2]. Tio e sobrinho: Virgílio Alves Corrêa Filho [Cad. 29] e Virgílio Alves Corrêa Neto [Cad. 29]; Isác Póvoas [Cad. 32] e Lenine Póvoas [Cad. 33]. Irmãos: Nilo [Cad. 14] e Isác Póvoas [Cad. 32].

3. Mais tempo na direção: José de Mesquita foi quem por mais tempo ocupou a Presidência. Ficou à frente da instituição por exatos 40 anos, de 1921, na fundação, até a sua morte, em 1961.

4. Os mais longevos: Maria de Arruda Müller foi a que por mais tempo permaneceu como acadêmica. Ocupou a Cadeira 7 por 73 anos. Foi também a mais longeva, tendo vivido por 105 anos. Luís Phillippe (Cad. 21) foi o segundo ocupante que mais tempo permaneceu: 54 anos e 5 meses.

5. O menor tempo: Aquele que menos tempo ficou na Cadeira foi José Eduardo do Espírito Santo (Cad. 13) por 1 ano, 4 meses e 7 dias.

6. Maior e menor numero de renovação: As Cadeiras que tiveram o maior número de ocupantes são as de número 14, 16 e 38, num total de

cinco e/ou seis, e as de menor número, com dois e/ou três ocupantes, são as Cadeiras 19, 21, 25, 30, 31, 32, 36, 37 e 40.

7. Os mais prolíficos: Os que publicaram o maior número de livros foram José de Mesquita e Rubens de Mendonça, com perto de 40 obras cada um. O mais versátil de todos foi José de Mesquita que escreveu poesia, romance, história, crônica, conto e jurídico.

8. Total de membros [1921 – 2019]: A Academia teve, incluindo os atuais ocupantes, 187 membros, dos quais apenas 15 são mulheres.

9. Proeminência pública de acadêmicos: **Governador do Estado:** D. Aquino Corrêa [1918 – 1921 - o título então era de Presidente] e Jary Gomes [1950 - era presidente da Assembleia Legislativa e assumiu em caráter definitivo]. **Vice - Governador:** Lenine Povoas. **Senador:** João Villasboas, Roberto de Oliveira Campos, Valdon Varjão [suplente eleito indiretamente pela Assembleia Legislativa]. **Marechal de Exército:** Joaquim Justino Alves Bastos. **General:** Ciro Furtado Sodré, Lécio Gomes de Souza. **Ministro de Estado:** Roberto de Oliveira Campos. **Ministro do Supremo Tribunal Federal:** Antônio Gonçalves de Carvalho [Patrono da Cadeira 23], Gilmar Ferreira Mendes. **Presidente do Tribunal de Justiça do Estado:** José Barnabé de Mesquita, Oscarino Ramos, Francisco Bianco Filho, Olegário Moreira de Barros, Amarílio Novis, Antônio de Arruda, Gervásio Leite, Domingos Sávio Brandão de Lima, João Antônio Neto, Benedito Pereira do Nascimento. **Presidente da OAB:** Agenor Ferreira Leão, Benjamin Duarte Monteiro, Benedito Sant'Ana da Silva Freire, Ernesto Pereira Borges, Gervásio Leite. **Deputado Federal:** Carlos Gomes Borralho, João Vilasboas, Valdon Varjão [suplente março/agosto 1985], Virgílio Alves Correia Neto. **Deputado Estadual:** Benjamin Duarte Monteiro, Carlos Gomes Borralho, Estevão Alves Corrêa, Francisco Leal de Queiroz, Gabriel Vandoni de Barros, Gervásio Leite, Humberto Marcilio Reinaldo, Jary Gomes, João Cunha, José Ferreira de Freitas, José Jayme Ferreira de Vasconcellos, Lenine de Campos Povoas, Luís-Phillippe Pereira Leite, Miguel Carmo de Oliveira Melo [classista], Philogônio de Paula Corrêa, Rosário Congro, Ulisses Azul de Almeida Serra [classista], Valdon Varjão, Virgílio Alves Corrêa Neto. **Prefeito:** Humberto Marcilio Reinaldo, Isac Póvoas, Rosário Congro, Valdon Varjão. **Vereador:** Benedito Pedro Dorileo, Demóstenes Martins, João Batista de Almeida, Moisés Mendes Martins, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho. **Candidato ao Governo:**

Raimundo Pombo (pe.). **Candidato ao Senado:** Leônidas Antero de Matos, Moisés Mendes Martins, Raimundo Pombo (pe.), Sebastião Carlos Gomes de Carvalho. **Reitor da UFMT:** Benedito Pedro Dorileo.

10. Membros de Instituições nacionais: Academia Brasileira de Letras [122 anos de existência]: D. Francisco de Aquino Corrêa e Roberto de Oliveira Campos; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro [162 anos de existência]: D. Aquino Corrêa, Virgílio Alves Corrêa Filho, José de Mesquita, Luís Philippe Pereira Leite e Elizabeth Madureira [Corresp.]; Instituto dos Advogados Brasileiros [163 anos de existência]: Sebastião Carlos Gomes de Carvalho.

NOMES ACADÊMICOS

Os Patronos

José Barbosa de Sá	Cad. 1
Joaquim da Costa Siqueira	Cad. 2
Ricardo Franco de Almeida Serra	Cad.3
José Manoel de Siqueira, pe.	Cad. 4
Antônio Pires da Silva Pontes	Cad. 5
Francisco José de Lacerda e Almeida	Cad. 6
José da Silva Guimarães, pe.	Cad. 7
Luiz d'Alincourt	Cad. 8
José Antônio dos Reis, bispo	Cad. 9
Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral	Cad. 10
João Augusto Manuel Leverger, Barão de Melgaço	Cad. 11
Antônio Cláudio Soído	Cad. 12
Antônio Corrêa do Couto	Cad. 13
Ernesto Camilo Barreto	Cad. 14
Joaquim Mendes Malheiros	Cad. 15

Antônio Augusto Ramiro de Carvalho	Cad. 16
João Severiano da Fonseca	Cad. 17
Francisco Antônio Pimenta Bueno	Cad. 18
José Vieira Couto Magalhães	Cad. 19
José Estevão Corrêa	Cad. 20
Manuel Peixoto Corsino do Amarante	Cad. 21
Alfredo d'Escagnolle Taunay (Visconde de Taunay)	Cad. 22
Antônio Gonçalves de Carvalho	Cad. 23
Aquilino Leite do Amaral Coutinho	Cad. 24
Amâncio Pulchério de França	Cad. 25
Joaquim Duarte Murtinho	Cad. 26
José Barnabé de Mesquita, sênior	Cad. 27
Caetano Manuel de Faria Albuquerque	Cad. 28
Antônio Corrêa da Costa	Cad. 29
Manuel Esperidião da Costa Marques	Cad. 30
José Delfino da Silva	Cad. 31
Francisco Catarino Teixeira de Brito	Cad. 32
Mariano Ramos	Cad. 33
José Tomás de Almeida Serra	Cad. 34
Joaquim Pereira Ferreira Mendes	Cad. 35
Pedro Trouy	Cad. 36
Antônio Vieira de Almeida	Cad. 37
Frederico Augusto Prado de Oliveira	Cad. 38
Antônio Tolentino de Almeida	Cad. 39
Armando Maria de Oliveira, pe.	Cad. 40

Os Fundadores

CML

Carlos Gomes Borralho
 Cesário Corrêa da Silva Prado
 Estevão de Mendonça
 D. Francisco de Aquino Corrêa
 Franklin Cassiano da Silva
 João Barbosa de Faria

João Cunha
José Barnabé de Mesquita
Lamartine Ferreira Mendes
Miguel Carmo de Oliveira Mello
Philogonio de Paula Corrêa
Virgílio Alves Corrêa Filho

_____ [22/05/1921]

Ana Luiza da Silva Prado Bastos
Antônio Fernandes de Souza
Augusto Cavalcanti de Melo *
Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa*
José Magno da Silva Pereira **
José Raul Villá
Leowegildo Martins de Mello
Manuel Paes de Oliveira
Manuel Xavier Paes Barreto*
Octávio da Cunha Cavalcanti
Palmyro Pimenta
Ulisses Cuiabano*

_____ [7/08/1921]

AML

Antônio Cesário de Figueiredo Neto
Isác Póvoas
Luís Feitosa Rodrigues
Ovídio de Paula Corrêa
Rosário Congro
Severino Ramos de Queiroz

_____ [1932]

Archimedes Pereira Lima
Arlindo de Andrade
Ernesto Pereira Borges
Gabriel Vandoni de Barros
Gervásio Leite
José Jaime Ferreira de Vasconcelos
Luís Philippe Pereira Leite
Nicolau Fragelli
Olegário Moreira de Barros

* Renunciou por ter transferido residência de Cuiabá. Na década de 40 Ulisses Cuiabano retornou à Cuiabá e foi eleito para ocupar a Cadeira nº 20, mais tarde transformada em 16, em substituição a Franklin Cassiano da Silva.

** Renunciou, alegando motivos pessoais.

As Presidências

1921 – 2019

Dom Francisco de Aquino Corrêa – Presidente de Honra [1921 – 1956]

José Barnabé de Mesquita [07/09/1921 – 15/07/1961]

Antônio de Arruda [31/10/1961 – 25/08/1962]

Vanir Delfino César, pe. [31/10/1962 – 06/07/1967]

Antônio Cesário de Figueiredo Neto [07/07/1967 – 07/07/1969]

Vanir Delfino César, pe. [07/07/1969 – 15/02/1974]

Gervásio Leite [16/02/1974 – 22/08/1981]

Lenine de Campos Póvoas [07/07/1981 – 28/09/1991]

Clóvis de Mello [30/11/1991 – 02/09/1995]

João Novis Gomes Monteiro [08/09/1995 – 31/01/2002]

Ubiratã Nascente Alves [1º/02/2002 - 31/06/2002]

Satyro Benedicto de Oliveira [Vice Presidente no exercício da Presidência - [31/07/2002 – 25/07/2004]

Sebastião Carlos Gomes de Carvalho [30/07/2004 – 29/10/2008]

Nilza Queiroz Freire [30/10/2008 – 30/10/2012]

Eduardo Leite Mahon [/ /2013 – 10/09/2015]

Marília Beatriz de Figueiredo Leite [10/09/2015 – 31/10/2017]

Sebastião Carlos Gomes de Carvalho [31/10/2017 – 30/09/2019]

Os Acadêmicos

Os atuais acadêmicos, e suas respectivas Cadeiras, por ordem de antiguidade, são:

Francisco Leal de Queiroz	Cad. 30
José Ferreira de Freitas	Cad. 32
João Antônio Neto	Cad. 25
Pedro Rocha Jucá	Cad. 22
Sebastião Carlos Gomes de Carvalho	Cad. 40
Benedito Pedro Dorileo	Cad. 26
Tertuliano Amarilha	Cad. 23
Moisés Mendes Martins Júnior	Cad. 08
Nilza Queiroz Freire	Cad. 14
Yasmim Jamil Nadaf	Cad. 38
Elizabeth Madureira Siqueira	Cad. 29
Benedito Pereira do Nascimento	Cad. 20
Gilmar Ferreira Mendes	Cad. 28
Ubiratã Nascentes Alves	Cad. 01
Odoni Gröhs	Cad. 24
Avelino Tavares	Cad. 17
Luiz Orione Neto	Cad. 21
José Cidalino Carrara	Cad. 09
João Batista de Almeida	Cad. 13
Louremberg Alves	Cad. 06
Amini Haddad Campos	Cad. 39
Wanderlei José dos Reis	Cad. 05
Eduardo Mahon	Cad. 11
Fernando Tadeu de Miranda Borges	Cad. 33
Marília Beatriz de Figueiredo Leite	Cad. 02
Ivens Cuiabano Scaff	Cad. 07
Aginaldo Rodrigues da Silva	Cad. 10
João Carlos Vicente Ferreira	Cad. 27
Lucinda Nogueira Persona	Cad. 04

Marta Helena Cocco	Cad. 18
Sueli Batista dos Santos	Cad. 34
Maria Cristina de Aguiar Campos	Cad. 15
Olga Maria Castrillon Mendes	Cad. 16
Flávio José Ferreira	Cad. 35
Luciene Carvalho	Cad. 31
Aclyse de Mattos	Cad. 03
Lorenzo de Jesus Falcão	Cad. 12
Valério Oliveira Mazzuoli	Cad. 36

Acadêmicos Eméritos

Francisco Leal de Queiroz
 José Ferreira de Freitas
 João Antônio Neto
 Pedro Rocha Jucá
 Sebastião Carlos Gomes de Carvalho
 Benedito Pedro Dorileo
 Tertuliano Amarilha

A Diretoria

A Diretoria, que tomou posse em outubro de 2017, eleita para o biênio 2017- 2019, está assim constituída:

Presidente: Sebastião Carlos Gomes de Carvalho - Advogado, diplomado em História, professor universitário, doutorando em Filosofia e Sociologia na Universidad Jaume I, de Castellón de la Plana, Espanha. Poeta, historiador, autor de vários livros na área jurídica, de poesia, de História e de ensaios literários. Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros – IAB (RJ), da Academia Paulista de Letras Jurídicas, do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional (SP), do Instituto Histórico e Geográfico de Mato

Grosso e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, da União Brasileira de Escritores (seccionais de Goiás e São Paulo).

1ª Vice-Presidente: Lucinda Nogueira Persona - Bióloga (UFMT), Mestre (UFRJ), Professora aposentada (UFMT / UNIC). É poeta e escritora de literatura infantil. Conta com sete livros de poesias publicados. Obteve, em dois deles, premiação da União Brasileira de Escritores. Integra várias antologias. Colabora com jornais e revistas mato-grossenses escrevendo resenhas, crônicas e contos.

2º Vice-Presidente: Fernando Tadeu de Miranda Borges. - Economista. Professor [UFMT]. Pró Reitor de Cultura. Ensaísta. Autor de vários livros de História e de Economia de Mato Grosso.

1º Secretário: José Cidalino Carrara - Professor universitário, jornalista, cronista. Publicou trabalhos em que analise a relação governo – imprensa.

2º Secretário: Sueli Batista – Jornalista. Professora universitária, comunicóloga.

1º Tesoureiro: Nilza Queiroz Freire – Contadora. Funcionária pública. Cronista.

2º Tesoureiro: Valério Oliveira Mazzuoli - Professor universitário. Pós-Doutor em Ciências Jurídico-Políticas pela Universidade Clássica de Lisboa (Portugal). Tem Habilitação Plena em Música (instrumento Piano, desde 1996) e estuda há várias décadas a pianística em Chopin. Tem vários livros publicados na área jurídica.

Conselho Fiscal

Moisés Mendes Martins - Poeta, músico, cronista.

João Carlos Vicente Ferreira – Historiador, jornalista, cronista.

Marta Cocco – Professora universitária, poeta, contista, crítica literária.

Conselho Editorial

Ives Cuiabano Scaff – Professor universitário, médico, poeta, contista.

Marília Beatriz – Professora universitária, poeta, cronista.

Olga Maria Mendes Castrilon - Professora universitária, historiadora, cronista.

Algumas das correspondências recebidas por ocasião da posse da Diretoria [2017 – 2019]

Parabenizo o prezado confrade pela recondução ao cargo, e pelos anos frutíferos à frente dessa Academia, fundada pelo saudoso confrade D. Francisco de Aquino Correia.

Domício Proença Filho – Presidente da Academia Brasileira de Letras

Expresso - lhe efusivos desejos de uma administração dinâmica, focada na valorização do escritor, aberta a intercâmbios com outras entidades do gênero e cunhada em inovações enriquecedoras. [...]. Reputo de importância enorme o estreitamento de relações entre as academias de letras, pois são elas o Órgão de maior representatividade cultural de um Estado, e a troca de informações e de ideias só as engrandece e fortalece seus objetivos.

Lêda Selma de Alencar – Presidente da Academia Goiana de Letras

Parabenizamos a todos, membros e diretores desta AML, e especialmente o notável presidente que ora assume: acadêmico Sebastião Carlos Gomes de Carvalho. [...] que a harmônica aproximação e o intercâmbio das nossas instituições irmãs continuem cada vez mais fortalecidos no compromisso recíproco em prol da arte/cultura e literatura.

Henrique de Medeiros – Presidente da Academia Sul Mato-Grossense de Letras

Convicto do acerto de vossa escolha para, mais uma vez, presidir a AML, uma deferência à condição de intelectual voltado, sobretudo para os termos mato-grossenses, concito o ilustre amigo e companheiro de juventude a estender as mãos às entidades congêneres da região Centro Oeste, secularmente marginalizada. Unidos, nossos intelectuais irão alcançar o destaque de que são merecedores.

Valterli Leite Guedes – Presidente da Associação Goiana de Imprensa

Cumprimento o eminente acadêmico professor Dr. Carlos Gomes de Carvalho por sua eleição para a Presidência da Academia Mato-Grossense de Letras, de que me orgulho pertencer como correspondente. Sua fecunda, densa e valiosa obra em prol da Cultura, principalmente de seu Estado, torna-o, hoje, um dos mais respeitados intelectuais do país, o que honra todos os seus confrades e confreriras e ao Estado a que pertence. Envio-lhe meus calorosos cumprimentos por sua posse, na certeza de que exercerá, mais uma vez, com denodo e brilho, sua presidência.

Ives Gandra da Silva Martins
Professor emérito da Universidade Mackenzie – SP.

Minha vida se alegra por ter um amigo que estimo e admiro nesta nova ascensão à Presidência da douta Academia Mato-Grossense de Letras. Estaria, portanto, muito feliz e, na condição de membro correspondente, orgulhoso de poder estar aí aplaudindo-o e abraçando outros ilustres acadêmicos, ao mesmo tempo que lhe desejo felicidades nas suas novas realizações culturais no Brasil Central.

Gilberto Mendonça Teles
Poeta e crítico literário. Professor titular emérito PUC – RJ e da UFRJ

ACONTECIMENTOS

Nestes últimos dois anos a AML realizou quatro eleições. Tomaram posse Lorenzo de Jesus Falcão [Cadeira 12] e Valério Oliveira Mazzuoli [Cadeira 36]. Foram eleitas, para posse em breve, Lindinalva Correia Rodrigues [Cadeira 37] e Neila Maria Souza Barreto [Cadeira 19]. Para a Cadeira 37, cujo Patrono é o jornalista Antônio Vieira de Almeida, oito candidatos se inscreveram, sendo este um recorde de inscrições a uma única Cadeira.

Eventos concorridos foram realizados: a primeira Sessão Magna da Saudade, em homenagem a acadêmica Vera Randazzo. No mês de março a Academia, com várias parcerias, homenageou as mulheres mato-grossenses.

Em 8 de março, em conjunto com a Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Cuiabá – BPW, coordenado pela acadêmica Sueli Batista, ex-presidente da Associação, foi realizado na sede da instituição o tradicional evento dessa entidade internacional denominado “17º Março é Mulher” no qual aconteceu a *Cerimonia das Velas*, um ato realizado simultaneamente em cerca de 100 países que procura “simbolizar a união, o esforço e o comprometimento de todas as mulheres por um mundo melhor”. Estiveram presentes várias autoridades, inclusive o Prefeito de Cuiabá, a primeira dama, uma das homenageadas, e secretários municipais.

No dia 14 de março, deu-se a realização da “*Mostra Cultural 300 Mulheres – Letras, História e Equidade*”. Coordenado pela acadêmica Amini Haddad, também magistrada, o objetivo foi o de reverenciar 300 mulheres [número em alusão a existência de Cuiabá] que, ao longo da história de Mato Grosso, promoveram significativas contribuições intelectuais e sociais. Contando com várias parcerias, inclusive com o Tribunal de Justiça de Mato Grosso e a Assembleia Legislativa, o evento reuniu grande número de pessoas, com presença de várias autoridades municipais, estaduais, dos Poderes Judiciário e Legislativo, dentre as quais o Governador do Estado, e a primeira dama, uma das homenageadas.

AGRADECIMENTOS

Diário de Cuiabá, por seus representantes: Adelino Praieiro, Gustavo Capilé e Antônio Souza; Marcus Crepaldi; Zilda Zompero, presidente da BPW – Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Cuiabá; Virginia Mendes, primeira dama do Estado; Márcia Pinheiro, primeira dama do Município; Allan Kardec – Dep. Estadual e Secretário Estadual de Cultura; Joílson Falcão; Elisabeth S. Madureira; Rita Luísa de Castro.

AS OBRAS RARAS

Seguramente uma das realizações mais significativas na história quase centenária da Academia Mato-Grossense de Letras foi a publicação, entre 2006 e 2009, dos dez volumes que compõem a *Coleção Obras Raras de Mato Grosso*, a republicação de obras representativas da literatura e da historiografia matogrossense, de há muito esgotadas e inacessíveis até mesmo aos especialistas.

Mas iremos um pouco além para afirmar, sem qualquer temor de exagero, que a *Coleção Obras Raras de Mato Grosso* representa talvez a mais importante, ampla e significativa iniciativa na área editorial já empreendida no Estado de Mato Grosso, seja pelo governo ou mesmo por qualquer outra instituição.

Em 2004, ao assumir a presidência da AML, começamos a idealizar projeto para publicar uma série de livros de real importância para a história cultural de Mato Grosso. A intenção era por começar a editar os mais antigos e já de há muito esgotados para chegarmos até aos contemporâneos. Mas como fazê-lo? Todos sabemos que existe distancia abissal entre a ideia e a realização. E, em se tratando de cultura em Mato Grosso, esse abismo é ainda mais acentuado. Como transpô-lo? A nossa instituição é paupérrima. Ao contrário do que acontece em alguns Estados, aqui não recebemos o mínimo apoio estatal, seja do Estado ou dos Municípios.

Então, de pires na mão, humildemente, como se estivéssemos pedindo em causa pessoal, batemos insistentemente em diversas portas. Vários e ásperos caminhos foram percorridos e, não obstante as repetidas negativas, a chama era mantida viva. Envidamos gestões em todas as direções. A iniciativa privada foi procurada, de igual modo os órgãos de governo, entre os quais os diretamente envolvidos no fazer cultural e educacional, isto é, as Secretarias Estadual de Educação e a de Cultura, inclusive o Conselho Estadual de Cultura. Em vão. Em duas ocasiões distintas, o Projeto foi apresentado nessas duas instâncias administrativas. Em ambas foi recusado. Nenhuma justificativa, porém, foi apresentada para tão inexplicável decisão. Promessas, indiferenças, inúmeros chás-de-cadeira, enfim, o que se tornou muito usual, entra-governo-sai-governo, quando se trata de projetos de envergadura cultural, notadamente aqueles voltados para a publicação de livros.

Finalmente, já em 2006, uma luz surgiu. Encontramos boa vontade e interesse na Secretaria de Ciência e Tecnologia, cujo titular, Helmuth Daltro, ex-Reitor da UFMT, demonstrou grande sensibilidade. E, num ato - por que não reconhecer - de coragem, tendo em vista a aridez intelectual reinante, apoiou integralmente o projeto. Na sequência, firmamos acordo com a Universidade do Estado - UNEMAT para participar da seleção dos títulos a serem publicados, da atualização ortográfica e dos estudos introdutórios. Nesse contexto, essa instituição dividiu conosco a escolha dos livros e manteve a parceria até o sétimo volume.

Então, com o decidido apoio da SECITEC e o empenho da equipe envolvida, tornou-se possível que, em tempo relativamente recorde, viessem à lume os sete primeiros volumes da *Coleção Obras Raras de Mato Grosso*. Assim, no dia 26 de agosto de 2006, na sequência de uma série de eventos culturais e artísticos que a Academia de Letras promoveu entre o final desse mês e princípios de setembro as obras foram lançadas numa concorrida e engalanada noite. Na sequência, no dia 2 de outubro a AML fez a doação de oitenta coleções, ao todo 560 exemplares, a oitenta escolas, sendo quarenta da rede pública estadual e quarenta da rede municipal da Capital e de Várzea Grande. A doação massiva desses livros ocorreu pela primeira vez na história da AML e representou uma contribuição marcante para o conhecimento e a divulgação da cultura matogrossense.

Porque Obras Raras

Pode parecer um estranho elogio à dubiedade ter intitulado a coleção de *Obras Raras*. Não deixa de sê-lo, devemos confessar. Algumas obras literárias conquistam o conceito de raridade pelo caráter de excepcionalidade de que se revestem, pelo marco literário que representam ou pelo significado que passam a ter para a história da literatura. Em outros termos, são consideradas como ‘obras primas’, seja do autor, seja de um determinado povo. Podem ainda ser tidas como raras igualmente no sentido de não serem facilmente encontráveis.

Ocorre que os livros incluídos nessa Coleção estão, tanto neste significado, quanto um pouco no primeiro. Na verdade, a intenção maior que motivou as suas republicações foi a de oferecer ao leitor contemporâneo alguns daqueles livros que se encontram entre os primeiros e principais escritos em solo matogrossense. Livros que marcam um período intermediário da história cultural de nosso Estado, ao mesmo tempo em que assinalam um momento chave da vocação literária de seus autores. Com este entendimento, a denominação de ‘obras raras’ que lhes atribuímos deixa bem evidente o peso muito específico e bem localizado de tais livros.

No sentido da raridade, da escassez, enfim da dificuldade em serem encontrados, deixarão de sê-lo na medida em que a presente edição os tornará mais facilmente encontráveis. E, quanto a serem ‘obras primas’, só o tempo e a leitura sob novos olhares poderá dizer se são obras a ficarem para a posteridade. Só colocadas sob esta perspectiva é que finalmente poderão ser consideradas como ‘obras primas’. Como nos lembra Pound “*o crítico honesto deve contentar-se em encontrar uma parcela muito pequena da produção contemporânea digna de atenção séria; mas deve também estar pronto para reconhecer essa parcela, e para rebaixar de posto uma obra do passado quando uma nova obra a supera.*”¹

A prosa de ficção é bem recente na história matogrossense, se a compararmos com a poesia.² A dramaturgia mesma, se considerarmos o

1 [POUND, Ezra. *Abc da Literatura*. SP: Cultrix, 1990].

2 Cujas primeiras manifestações já se registram desde meados do século XVIII, embora o primeiro poeta nascido em Mato Grosso, Antônio Augusto Ramiro de Carvalho [Cuiabá: 28/12/1833 – Cuiabá: 2/11/1891], só viesse a publicar na segunda metade do século XIX.

entremez de Joaquim Lopes Poupino, encenado no ano de 1790³, é muito mais antiga que o romance ou a crônica ficcional. Esta só viria a surgir comprovadamente a partir do final da segunda década do século XX, com os romances *Luz e Sombras*, de Galdino de Barros, de 1917, *Mirko*, de Francisco Bianco Filho, em 1927,⁴ e *Piedade*, de José de Mesquita, publicado dez anos depois.⁵ Deste modo é que, ao resgatar esses três romances fundadores da ficção em Mato Grosso, hoje praticamente desconhecidos e inacessíveis até mesmo aos estudiosos, a Coleção realizou, sem sombra de dúvida, tarefa das mais relevantes para a cultura regional.

Já na poesia, muito embora comparativamente sejam inúmeros os livros publicados desde meados do século XIX, com poetas de boa qualidade como, por exemplo, um Antônio Tolentino de Almeida ou um José de Mesquita⁶, para compor a Coleção foram eleitos dois pequenos livros, escritos por um jovem poeta que, além da intrínseca qualidade formal de seus versos, teve o notável valor de introduzir um elemento novo na poesia de Mato Grosso. Com efeito, Lobivar Matos, com *Areôtorare* e *Sarobá*, faz chegar ao Estado os ventos do modernismo, ainda que tardiamente. Numa poética ainda dominada pelo parnasianismo e pelo simbolismo ele representa sopro inovador. Trouxe no bojo de sua angustiada fatura literária não só os versos livres como a presença do homem simples do povo, até então alheio às criações de nossos poetas. João Antônio Neto, também poeta da melhor qualidade, observa com seu olhar de crítico: “a poesia de Lobivar já não tem, nem de longe, nuvens de opala, rosa purpurina, tapiz virente, longas veigas, névea gaze, trega noite, nem muito menos coma amorosa Ao contrário, aparecem: beco sujo, sentidos assustados, mulher magra, cabra danado, cadelinha sarnenta, samba gostoso”⁷ A inclusão de Lobivar nesta Coleção de Obras Raras, sem com isso querer desprezar outros poetas de significativo valor, tem o inequívoco sentido de chamar a atenção

3 CARVALHO, Carlos Gomes de. No distante Oeste a primeira crítica teatral no Brasil. Cuiabá: Verdepantanal, 2004.

4 N. em Bicas, MG., em 4 de junho de 1901. F. em Cuiabá, em outubro de 1947.

5 N. em Cuiabá, em 10 de março de 1892. F. em Cuiabá, em 22 de julho de 1961.

6 Ver a este respeito: CARVALHO, Carlos Gomes de. A Poesia em Mato Grosso. Cuiabá: Verdepantanal, 2003

7 ANTONIO NETO, João. O Modernismo em Mato Grosso – Reencontro com Silva Freire. Cuiabá: s/ed., 2001

das novas gerações para um poeta lamentavelmente desconhecido⁸ e que, de modo corajoso, “*com seus versos de linguagem inovadora e forte temática social, despertavam o leitor, tirando-lhe a placidez do comum versejar da época e desestabilizava a leitura romântica, parnasiana e simbolista ainda existente.*”⁹ Daí porque a escolha desses dois pequenos - grandes livros de poesias.

Os demais livros aqui incluídos são todos eles representativos de um gênero literário em uma determinada época. Nosso sonho seria poder divulgar todos os livros mais importantes, e não apenas os da área literária, já escritos em nosso Estado. Talvez não passassem de uma centena, mas eles nos dariam seguramente um autêntico e amplo painel de nossa cultura escrita.

As Obras Raras

Os livros que compõem a Coleção são: *Luz e Sombras*, romance de Feliciano Galdino de Barros publicado em 1917, no Rio de Janeiro, do qual, com segurança, pode-se afirmar que se trata do primeiro livro de ficção escrito por um mato-grossense; *Mirko*, romance de Francisco Bianco Filho; *Areôtorare* e *Sarobá* de Lobivar Matos, dois livros de poemas publicados na década de 1930; *Piedade*, romance de José de Mesquita; *Era um poaeiro*, romance de Alfredo Marien; *Vozes Femininas*, poemas de Arlinda Morbeck, Amália Verlangieri e Vera Yolanda Randazzo; *Caçadores de diamantes* de Luis Sabóia Ribeiro, uma narrativa histórico-sociológica sobre a região garimpeira do Garças; *Poetas Românticos* com Antônio Tolentino de Almeida, João Villasboas, Rubens de Mendonça e Newton Alfredo, poemas publicados entre os anos de 1933 e 1954, sendo que Tolentino teve sua única obra publicada uma só vez em 1910; *Marphisa* e *Crônicas Cuiabanas*, a primeira uma pequena novela e diversas crônicas de Dunga Rodrigues, e, *No Têrmo do Cuiabá*, um estudo sociológico-antropológico e cultural de Manuel Cavalcanti Proença sobre o homem ribeirinho pantaneiro.

Todos esses livros só haviam tido, até então, uma única edição, com exceção de *Caçadores de diamantes*, que teve duas edições. Vale dizer, porém, que grande parte deles foram publicados fora do Estado, sem

8 Título de um de seus versos: Destino do poeta desconhecido, em *Areôtorare*.

9 CARVALHO, Carlos Gomes de. A Poesia em Mato Grosso.

nenhuma edição anterior por aqui, isto sem se falar naqueles que nunca antes haviam sido publicados em livros, como é o caso de Arlinda Morbeck e Amália Verlangieri, que então o foram pela primeira vez.

A inegável importância histórica dessas obras são as soberbas razões que levaram a Academia Mato-Grossense de Letras, compenetrada de seu compromisso cultural e de suas responsabilidades sociais e históricas, a se empenhar num empreendimento que certamente marca época em nossa História.

A cultura é a manifestação mais duradoura e eloquente na vida de um povo. É através dela que esse povo adquire a sua identidade, revigora os laços da unidade coletiva, se posiciona diante das circunstâncias históricas do presente e lança as sementes do futuro. A publicação e divulgação de um conjunto de obras desse alcance tem um valor significativo para a vida de nosso povo daí porque um governo consciente de sua responsabilidade social jamais poderá deixar de refletir sobre essa questão. Oxalá possamos, em futuro não mui distante, desfrutar do convívio com governantes ciosos dessa grave e dignificante responsabilidade. No que diz respeito a nossa já quase centenária instituição esse desiderato vem sendo cumprido.

A CASA BARÃO DE MELGAÇO

O patrimônio cultural e histórico denominado ‘Casa Barão de Melgaço’ tem um significado ímpar para a história da cultura mato-grossense. Esse espaço tem um simbolismo que extrapola as suas paredes de cal e pedra, que vai além da sua argamassa, das suas madeiras, de seu piso e que está bem acima de seu telhado secular. É que, a par de ser um registro histórico de nossa arquitetura, é ele também o local onde, por muito tempo, viveu uma das personalidades emblemáticas de nossa História.

Além dessa particularidade, muitos anos depois viria a abrigar as duas mais antigas e respeitáveis instituições culturais – a Academia Mato-Grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico - elas mesmas constituídas por alguns dos nomes mais notáveis do cenáculo social, político e cultural deste nosso torrão. Assim é que esse ambiente tornou-se, simultaneamente, um patrimônio material e um bem imaterial pertencente a todas as gerações de mato-grossenses.

Como bem material, o solar do Barão de Melgaço, localizado na antiga rua do Campo d'Ourique, anteriormente chamada rua Nova, é, por assim dizer, testemunha de certa evolução de nossa arquitetura. Construída provavelmente em torno de 1777, receberia, ao longo dos anos, modificações, sendo atualizada com os conhecimentos arquitetônicos de cada época e, ao alcançar o século XIX, quando se tornaria propriedade de Leverger, se mostra como modelo de uma casa senhorial das mais representativas da Vila de Cuiabá. É, deste modo, testemunha, uma das poucas ainda existentes, da arquitetura e do modo de construir na vetusta Cuiabá. Mas há ainda que celebrar os elementos simbólicos que ele alberga. E comecemos por recordar que nele viveu por longos anos um dos mais ilustres e notáveis homens que já pisou este solo mato-grossense: Auguste Le Verger, francês nascido em 1802 e que, em 23 de novembro de 1830, chega a Cuiabá. A partir dessa data são inúmeros e notáveis os serviços que prestou ao Império. Foi Presidente da Província de Mato Grosso em cinco ocasiões, sendo que em uma delas, o foi por seis anos consecutivos. Ao falecer em 14 de janeiro de 1880, Augusto João Manoel Leverger, também cognominado, por Virgílio, de o “bretão cuiabanizado”, já estava definitivamente consagrado no panteão dos heróis da Pátria e na gratidão imorredoura de todos os mato-grossenses.

Em 23 de novembro de 1930, o interventor federal Antonino Menna Gonçalves assinou decreto cedendo a casa onde residira Leverger para ser a sede do Instituto Histórico e do Centro Matogrossense de Letras. A partir dessa data, notáveis mato-grossenses iriam se reunir nessa Casa para, dando seguimento ao labor intelectual de Leverger, pensar Mato Grosso, a sua história, a sua geografia e dar um criativo contributo na elaboração literária. Estevão de Mendonça, Virgílio Corrêa Filho, D. Francisco na Aquino Corrêa, José de Mesquita foram alguns deles.

Em 2006 foi concluída a obra de restauração tendo sido inaugurada em 28 de junho.

OS SÍMBOLOS DO ESTADO

A proclamação da República, instituindo o federalismo, autorizou a que os Estados, tivessem os seus próprios símbolos. Os símbolos oficiais do Estado são a Bandeira, o Brasão de Armas e o Hino.

A Bandeira

A Bandeira de Mato Grosso foi criada pelo Decreto nº 2, de 31 de janeiro de 1890, menos de três meses depois da criação da bandeira nacional [Decreto nº 4, do Governo Provisório da República, em 19 de novembro de 1889], pelo primeiro Governador, então com a denominação de Presidente, o general Antônio Maria Coelho.

Todavia, em 27 de setembro de 1929, os deputados Oliveira Meio, Jayme de Vasconcellos e Emílio Amarante apresentaram projeto de lei abolindo o Hino e a Bandeira do Estado, determinando que a única bandeira e hino fossem os nacionais. Aprovado, o projeto foi convertido na Lei nº 1.046, de 8 de outubro de 1929. Em 1937, com o golpe de Estado que se tornou conhecido como “Estado Novo”, as unidades da federação perderam o direito de possuírem símbolos oficiais, que só viriam a ser restabelecidos com a Constituição de 1946, (art. 195).

No ano seguinte, a Constituição Estadual, promulgada em 11 de julho de 1947, assegurou os símbolos oficiais do Estado. Pelo artigo 140 restabeleceu-se o Brasão de Armas, adotado pela Resolução Legislativa nº 799, de 14 de agosto de 1918, e a Bandeira passava a ser tal como fora estabelecida pelo Decreto Estadual de 1890.

À exemplo da bandeira do Brasil, a bandeira de Mato Grosso possui quatro cores: azul, branco, verde e amarelo, com o predomínio do azul e branco, mas com o devido destaque para o verde e o amarelo das cores nacionais.

A bandeira é azul, com losango branco, tendo no centro uma esfera verde e uma estrela amarela com as suas pontas tocando a circunferência da esfera. O azul corresponde ao céu, o mesmo que na bandeira do Brasil retrata o exato momento da noite de 15 de novembro de 1889, vista do Rio de Janeiro, cidade que serviu de cenário para a Proclamação da República.

Por sua vez, o losango branco lembra o culto à mulher, como símbolo fundamental da República, que o Positivismo de Augusto Comte, doutrina que influenciava os principais dirigentes do novo regime, eleva à condição de símbolo da Humanidade. O branco do losango, além da pureza que também simboliza, significa igualmente o zodíaco, faixa que na esfera celeste é enriquecida e valorizada pelos movimentos do sol, da lua e dos planetas, compreendendo um todo imenso formado por doze constelações: peixes, carneiro, touro, gêmeos, câncer, leão, virgem, balança, escorpião, sagitário, capricórnio e aquário. A esfera ou globo verde é a estilização da soberania, lembrando a dimensão territorial. A cor verde caracteriza a esperança. O amarelo da estrela é a cor que lembra o ouro, uma das riquezas de Mato Grosso. Na bandeira do Brasil, a estrela que corresponde a Mato Grosso é a de Sirius, de primeira grandeza, da constelação de Cão Maior, em comparação com a superfície dos Estados. Ela está localizada no lado esquerdo da esfera celeste-azul, logo abaixo da palavra Ordem, sendo a segunda em escala decrescente.

O Brasão

O Brasão de Armas só viria a ser instituído na segunda década do século XX, por iniciativa do então Presidente do Estado, Dom Francisco de Aquino Corrêa, através da Resolução nº 799, de 14 de agosto de 1918.

Em 6 de agosto de 1918, o Presidente do Estado enviou ao Legislativo Projeto de Lei propondo o Brasão de Armas, justificando a criação com a seguinte descrição: *“um escudo em estilo português, isto é, com a ponta redonda, ocupada por um campo de sinople, sobre o qual assenta, lado a lado, um morro de ouro com dois cabeços, sendo um no centro do escudo, e outro um pouco mais abaixo, para a sinistra do mesmo. O resto do escudo é um céu de blau, sobre o qual domina, em chefe, a peça heráldica ultimamente consagrada no Brasão da Cidade de S. Paulo, como símbolo do bandeirante, símbolo este que consiste em um braço armado a empunhar uma bandeira com a flâmula, quadridentada e ornada com a Cruz da Ordem de Cristo, tudo de prata, exceto a cruz que é de goles. O escudo tem por timbre uma fênix de ouro a renascer da sua imortalidade ou fogueira de goles, e por suporte dois ramos floridos, um de seringueira e outro de erva-mate, enlaçados na base por uma fita que traz a legenda: “Virtute Plusquam Auro”. [do latim: **Virtute Plusquam Auro**: Pela Virtude mais do que pelo Ouro].*

Os deputados estaduais atenderam prontamente e já no dia 14 de agosto de 1918 o Executivo estadual sancionava uma Resolução aprovando o Brasão de Armas. Posteriormente, o Decreto nº 5.003, de 29 de agosto de 1994, disciplinou o uso das cores do Brasão.

O Hino do Estado

O Hino de Mato Grosso é, ao lado da Bandeira e do Brasão, um dos símbolos do Estado. Cantá-lo e divulgá-lo é um dever cívico e demonstração de amor a esta terra tão generosa que nos acolhe a todos. A nossa instituição cumpre sua parte ao fazer a sua execução em todas as sessões solenes e comemorativas.

Um pouco de sua história: o Hino do Estado é um poema da lavra de D. Francisco de Aquino Corrêa publicado pela primeira vez em 1919, (com edições posteriores em 1922 e 1940), no livro *Terra Natal*, com o título de *Hino Matogrossense*. Posteriormente, na edição de 1940, essa poesia foi rebatizada de *Canção Matogrossense*. Na publicação comemorativa do centenário de nascimento do arcebispo-poeta, (1985), Corsindio Monteiro, o organizador da antologia e estudioso da obra aquiniana, restabeleceu o nome com que havia sido originalmente publicada.

A música foi lhe dada na época de sua primeira publicação pelo maestro Emílio Heine, então comandante da banda da Polícia Militar. Em 8 de abril de 1919, por ocasião das comemorações do bicentenário de Cuiabá, o Hino Mato-grossense foi executado pela primeira vez, pela manhã, durante a cerimônia principal, e a noite, na sessão solene que marcou a fundação e instalação do Instituto Histórico de Mato Grosso.

Embora da primeira metade do século, o Hino de Mato Grosso só seria oficializado mais de 60 anos depois, pelo Decreto nº 208, de 5 de setembro de 1983, que aprovou memorial elaborado por uma comissão, constituída pelos membros da Academia Mato-Grossense de Letras Adauto Dias Alencar, Arquimedes Pereira Lima, Pedro Rocha Jucá e ainda dos professores Marília Beatriz Figueiredo Leite [posteriormente também acadêmica] e Lídio Modesto da Silva, ambos da UFMT, especialmente designada para proceder estudos a respeito.

Questionamentos têm sido, vez ou outra, levantados quanto a oportunidade de o Hino representar o Estado de Mato Grosso, pós divisão, por, sobretudo, referir-se a lugares que hoje se encontram em Mato Grosso do Sul.

HINO DE MATO GROSSO

Limitando, qual novo colosso,
O Ocidente do imenso Brasil,
Eis aqui, sempre em flor, Mato Grosso,
Nosso berço glorioso e gentil!

Eis a terra das minas faiscantes,
Eldorado como outros não há,
Que o valor de imortais bandeirantes
Conquistou ao feroz Paiaçu!
Salve terra de amor,
Terra de ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!

Chova o céu
Dos seus dons o tesouro
Sobre tí, bela terra natal!

Terra noiva do Sol, linda terra,
A quem lá, do teu céu todo azul,
Beija, ardente, o astro louro na serra,
E abençoa o Cruzeiro do Sul!

No teu verde planalto escampado,
E nos teus pantanais como o mar,
Vive, solto, aos milhões, o teu gado,
Em mimosas pastagens sem par!

Salve, terra de amor,
Terra de ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!

Chova o céu
Dos seus dons o tesouro
Sobre tí, bela terra natal!

Hévea fina, erva-mate preciosa,
Palmas mil são teus ricos florões;
E da fauna e da flora o índio goza
A opulência em teus virgens sertões!

O diamante sorri nas grupiaras
Dos teus rios que jorram, a flux,
A hulha branca das águas tão claras,
Em cascatas de força e de luz!

Salve terra de amor,
Terra de ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o céu
Dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!

Dos teus bravos a glória se expande
De Dourados até Corumbá;
O ouro deu-te renome tão grande,
Porém mais nosso amor te dará!

Ouve, pois, nossas juras solenes
De fazermos, em paz e união,
Teu progresso imortal como a fênix
Que ainda timbra o teu nobre brasão!

Salve, terra de amor,
Terra de ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!

Chova o céu
Dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!

FATOS E PERSONAGENS REPRESENTATIVOS DA CULTURA DE MATO GROSSO NO ANO EM QUE ESTA REVISTA ESTÁ SENDO PUBLICADA

- 300** anos da lavratura da Ata de fundação do Arraial do Bom Jesus do Cuyabá, por Paschoal Moreira Cabral e vinte e um outros. (8 de abril de 1719)
- 291** anos das anotações a que Cabral Camelo, seu autor, denominou de “*Notícias Práticas das Minas do Cuyabá e Goiasés, que dá ao Revmo. Pe. Diogo Juarez, o capitão João Antonio Cabral Camelo, sobre a viagem que fez às minas do Cuyabá no ano de 1727.*” Estas, que são as primeiras notícias escritas sobre a nova região, seriam publicadas pela primeira vez em 1842.
- 250** anos da vinda a público dos “*Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais escritos nesta Vila Real do Sr. Bom Jesus de Cuiabá*”, escritos pelo cronista Joseph Barbosa de Sah.
- 247** anos da posse no governo da Capitania do Capitão-General Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o mais importante governante que Mato Grosso já teve. Cientista, político, estrategista, diplomata e humanista, governou por 17 anos.
- 244** anos em que J. Barbosa de Sah escreveu o relato cronológico da Capitania: “*Relação das Povoações do Cuyabá e Matto-Grosso de seos Princípios até os Presentes Tempos*”. (em 1775).
- 229** anos da realização de grandes festejos em Cuiabá, em comemoração ao aniversário do Juiz de Fora Diogo de Toledo Lara Ordenhes. A data é marco importante para a história cultural matogrossense porque nessa ocasião (final de agosto e início de setembro de 1790) são apresentadas inúmeras peças de teatro, recitais de poesias e números musicais. As primeiras poesias escritas nesta terra são apresentadas por aquele que é tido por alguns historiadores como o primeiro poeta aqui

vivendo: José Zeferino Monteiro de Mendonça. Da mesma maneira é encenada a primeira peça de teatro (um entremez) aqui escrita, sendo seu autor Joaquim Lopes Poupino, que igualmente deve ser considerado o primeiro autor teatral de nossa terra. E, graças aos comentários que a estes acontecimentos literários foram feitos pelo homenageado, deu-se, em Mato Grosso, a primeira crítica teatral escrita no Brasil.

197 anos do nascimento em Vitória, no Estado do Espírito Santo, de Antônio Cláudio Soído, o introdutor do romantismo em Mato Grosso. (26 de abril de 1822)

192 anos da chegada a Cuiabá da expedição científica russa comandada pelo Barão George Langsdorff.

189 anos da chegada a Cuiabá do oficial francês João Augusto Manuel Leverger, posteriormente consagrado como Barão de Melgaço. Militar brilhante, homem público dinâmico (que governou Mato Grosso em várias oportunidades), cientista e estudioso da natureza regional e, sobretudo, grande mecenas.

186 anos do nascimento, em Cuiabá, de Antônio Augusto Ramiro de Carvalho, o primeiro poeta nascido em Mato Grosso. (28 de dezembro de 1833)

180 anos do primeiro número de Themis Matogrossense, o primeiro periódico impresso no Estado. Era uma espécie de Diário Oficial. (14 de agosto de 1839).

145 anos de fundação do Real Gabinete de Leitura. Trata-se da primeira associação cultural criada na Província. Foi organizado e dirigido por José Miranda Reis, Presidente da Província, e Antonio de Paula Correia, advogado.

100 anos da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (8 de abril de 1919)

98 anos da fundação do Centro Matogrossense de Letras, precursor da Academia Mato-Grossense de Letras. (7 de setembro de 1921).

87 anos da instalação da Academia Matogrossense de Letras e lançamento da Revista da Academia. (7 de setembro de 1932).



Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras. - **Declaração Universal dos Direitos Humanos – art. XIX.**

É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença. - **Constituição da República – art. IX.**

Eia, pois, brasileiros avante! / Verdes louros colhamos louções! / Seja o nosso País triunfante, / Livre terra de livres irmãos! / Liberdade! Liberdade! / Abre as asas sobre nós! / Das lutas na tempestade! / Dá que ouçamos tua voz! - **Hino da Proclamação da República** - Medeiros e Albuquerque (letra) e Leopoldo Miguez (música).

Quando a liberdade de expressão nos é tirada, logo poderemos ser levados, como ovelhas, mudos e silenciosos, para o abate. - **George Washington**

Os verdadeiros artistas e criadores constituem sempre contra - governos, governos nas sombras a partir das quais vão impugnando as certezas, as retóricas, as ficções ou verdades oficiais e recordando, no que pintam, compõem, interpretam ou fabulam que, contrariamente ao que sustém o poder, o mundo vai muito mal, e que a vida real estará sempre abaixo dos sonhos e dos desejos humanos. – **Mário Vargas Lhosa - Diário de Notícias (2004).**



Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental a Editora Kelps, declara que este livro foi impresso com papel produzido de floresta cultivada em áreas degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da EDITORA
KELPS, no papel: Couche Fosco LD 90g/m²,
composto nas fontes: Cambria, corpo 18 e Minion
Pro - corpo 12;

Setembro, 2019

A revisão final desta obra é de responsabilidade dos autores